

LEONARDO COIMBRA

OBRAS COMPLETAS

I

(1903-1912)

TOMO I



COLECCÃO PENSAMENTO PORTUGUÊS

IMPRESA NACIONAL - CASA DA MOEDA

IMPRESA
NACIONAL

EDIÇÃO CRÍTICA
DAS OBRAS COMPLETAS DE LEONARDO COIMBRA

Coordenação científica: ÂNGELO ALVES
Fixação do texto: AFONSO ROCHA

*

CONSELHO CIENTÍFICO

ÂNGELO ALVES
ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA
ARNALDO DE PINHO
MANUEL FERREIRA PATRÍCIO
MANUEL BARBOSA DA COSTA FREITAS
MANUEL CÂNDIDO PIMENTEL

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DO PORTO

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA
2004

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Título: Obras Completas

Vol. I—1903-1912

Tomo I

Autor: Leonardo Coimbra

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: Departamento Editorial da INCM

Tiragem: 1000 exemplares

Data de impressão: Setembro de 2004

ISBN: 972-27-1334-5

Depósito legal: 216 775/04

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

LEONARDO COIMBRA

OBRAS COMPLETAS

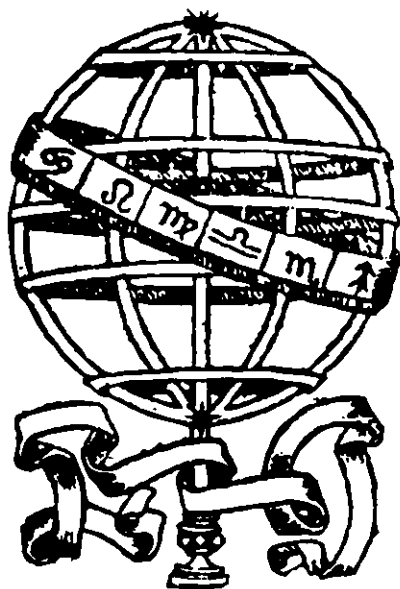
I

(1903-1912)

TOMO I

Introdução geral de ÂNGELO ALVES

Prefácio de MANUEL CÂNDIDO PIMENTEL



COLECCÃO PENSAMENTO PORTUGUÊS

IMPRESA NACIONAL - CASA DA MOEDA

IMPRESA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

ÍNDICE GERAL

<i>Introdução geral à edição crítica,</i> por ÂNGELO ALVES	9
<i>Fixação do texto</i>	53
<i>Prefácio,</i> por MANUEL CÂNDIDO PIMENTEL	55

OBRAS COMPLETAS DE LEONARDO COIMBRA

Sports — Galeria dos célebres	73
A doida	74
Guerra Junqueiro	80
Justiça e Liberdade!	84
O homem livre e o homem legal	88
Humor místico	92
O despotismo na família	94
Bibliografia	97
Por Ferrer e Nakens	100
Professores	104
As matrículas	106
Excerto inédito	108
A Inquisição positivista	115
O individualismo	119
O tempo científico	122
O padre liberal	125
O pensamento e a liberdade	127
O poeta Teixeira de Pascoaes	135
A fome do Douro	137
Os miseráveis	140
O materialismo	142

Anarquismo de escada	147
Excerto	150
O subconsciente	153
O reformismo	155
A autópsia dum imbecil	157
O princípio da conservação da energia	168
O pessimismo e o optimismo	173
Uma face do despotismo	177
O mistério	180
A Morte da Águia	184
Tolstoi	190
Sobre educação	192
Estudantes e operários	200
Carta	202
Natal e Novo Ano	206
O Poeta	211
«A Arte e a Medicina — Antero de Quental e Sousa Martins» — Jaime Cortesão — Coimbra — 1910	214
Guerra Junqueiro	217
A ressurreição	219
O infinito	221
O caso do Liceu Rodrigues de Freitas	224
A separação da Igreja e do Estado	226
O preconceito científico	229
A reforma do ensino	231
Palavras dum desconhecido	233
O padre e a educação	237
Um aspecto da Lei da Separação	240
A reforma do ensino secundário	242
A simpatia social	245
Nova monadologia	248
Por Camões	250
O «Senhor Diabo» e Antão	259
Aos poetas portugueses religiosos	261
Jaurès, filósofo	266
Augusto Martins	269
Radicais e conservadores	271
Uma fala de espíritos	274
Excerto	279
Mater Dolorosa	288
A filosofia da liberdade	292
Basílio Teles	301
A matemática e a realidade	304
Revista bibliográfica	309
<i>Índice onomástico</i>	317
<i>Índice sistemático</i>	319

INTRODUÇÃO GERAL À EDIÇÃO CRÍTICA

I

1 — *Necessidade de uma nova edição*

A necessidade de uma recolha dos escritos dispersos de Leonardo Coimbra e o plano de uma edição completa das suas obras foram aventados, entre os discípulos, logo depois da sua morte. Em carta de 14 de Janeiro de 1937, Álvaro Ribeiro indicava essa necessidade a José Marinho, juntando mesmo uma lista de artigos¹. A Álvaro Ribeiro se deve a primeira tentativa de biografia e bibliografia do Mestre portuense². E foi devido à sua insistência e à sua herança espiritual que J. Pinharanda Gomes, em 1980, iniciou a pesquisa dos Dispersos: «Quantas vezes Álvaro Ribeiro sugeria, e sugeria, e voltava a sugerir, esta e aquela tarefa que ele achava necessária, mas a que já não lhe era possível meter ombros. Foi assim que, nos fins de 1979, princípios de 1980, iniciámos a confecção do ficheiro, no sentido de satisfazer o plano que, já em 1937, indicava [...]»³.

Sant'Anna Dionísio, em 1950, no volume *Leonardo Coimbra. Testemunhos dos Seus Contemporâneos*, coligido por A. Casais Monteiro, Álvaro Ribeiro, José Marinho e ele próprio⁴, juntou uma «Biblio-

¹ José Marinho e outros, *Correspondência*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1989, p. 51.

² Álvaro Ribeiro, *Leonardo Coimbra (Apontamentos de Biografia e de Bibliografia)*, Lisboa, Editorial Império, 1945, p. 93.

³ J. Pinharanda Gomes, «Nota preliminar», in *Leonardo Coimbra. Cartas, Conferências, Discursos, Entrevistas e Bibliografia Geral*, Lisboa, Fundação Lusíada, 1994, p. 16.

⁴ AA. VV., *Leonardo Coimbra. Testemunhos dos Seus Contemporâneos*, prefaciado e organizado por Sant'Anna Dionísio, Porto, Livraria Tavares Martins, 1950, p. 427.

grafia e biografia de Leonardo Coimbra» (pp. 295-423). A bibliografia compreende «Obras, escritos dispersos, discursos e conferências» e em «Subsídios bibliográficos», a bibliografia sobre ele. A biografia (pp. 405-423), conquanto resumida, é a mais extensa até hoje publicada. Ambas permaneceram substancialmente intactas e serviram de base às investigações posteriores e aos estudos críticos da personalidade e do pensamento do Mestre portuense, entretanto surgidos.

A primeira tentativa de edição das *Obras Completas* de Leonardo Coimbra aparece em 1956, na Livraria Tavares Martins, do Porto, organizada por Sant'Anna Dionísio, cujo plano incluía catorze volumes. Destes, apenas foram publicados, até 1964, quatro volumes. «A deficiente capacidade de colaboração de Sant'Anna Dionísio e do P.^e Dias de Magalhães pode ter sido a principal causa do insucesso desta iniciativa. E também da perda de alguns inéditos»⁵. A informação é de J. Pinharanda Gomes, que junta algumas críticas ao plano: a troca do título de um livro — *Fundamento da Indução* em vez de *O Problema da Indução* — e a omissão do artigo noutra título de livro: *Pensamento Criacionista* em vez de *O Pensamento Criacionista*, e acrescenta: «Álvaro Ribeiro transmitiu a S. Dionísio a sua franca mas leal discordância quanto ao plano, que devia ter seguido a ordem crónica, e integrando desde logo os *Dispersos*»⁶. Estes seriam apenas concentrados no XIII volume, a seguir aos *Discursos*.

Gorada esta tentativa editorial, é de novo Álvaro Ribeiro, sempre vigilante, que, em 1977, ao aproximar-se o centenário do nascimento do Mestre admirado, nas *Memórias de um Letrado* (que giram substancialmente à volta dele), faz um alerta: «Não tanto para perpetuar a glória de Leonardo Coimbra, como para facilitar aos futuros estudiosos a leitura, a inteligência e a meditação de uma obra de inesgotável riqueza espiritual, conviria proceder à edição integral, metódica e rigorosa dos escritos do filósofo, em volumes modestos, ou de fácil movimentação comercial. [...] É de esperar que os herdeiros, os discípulos, os admiradores de Leonardo Coimbra não tardem a realizar um trabalho que, por solidário, difícil e delicado, não pode ser protelado até ao centenário do nascimento do filósofo»⁷.

⁵ J. Pinharanda Gomes, ob. cit., p. 343.

⁶ *Idem, ibidem*, p. 343, nota 1.

⁷ Álvaro Ribeiro, *Memórias de um Letrado*, Lisboa, Guimaraes e C.^a Editores, 1977, p. 12.

E continua, adiantando mesmo a necessidade de uma «edição crítica», pois que só ela poderia facultar um índice dos autores citados e dos livros consultados, «não só para avaliar os textos a que Leonardo Coimbra recorreu no volume exterior da sua leitura, mas também para ordenar cronicamente os elementos que permitam conjecturar a evolução da sua cultura científica, filosófica e religiosa»⁸.

Este desiderato e incitamento tiveram efeito apenas parcial. Em 1983, ano do centenário do nascimento de Leonardo Coimbra, apareceu a nova edição das *Obras de Leonardo Coimbra*, na Lello e Irmão — Editores, em dois volumes, papel bíblia, com «selecção, coordenação e revisão pelo Professor Sant'Anna Dionísio»⁹.

Não foi bem aceite pela crítica. De facto, do elenco das obras publicadas pelo autor, omite duas: *Guerra Junqueiro*, de 1923, e *A Filosofia de Henri Bergson*, de 1934; e acrescenta como «obra» dois artigos: «S. Paulo de Teixeira de Pascoaes», de 1934, e «O homem às mãos com o destino», inédito publicado postumamente na *Revista Portuguesa de Filosofia*, em 1950. Além disso, omite os artigos dos títulos de cinco obras, por exemplo, *Criacionismo*, em vez de *O Criacionismo*; apresenta os textos a granel, desfazendo o estilo paragrafado, característico de Leonardo; algumas notas de rodapé das edições *princeps* passam para o meio do texto e frases do texto aparecem em rodapé. Por isso, além dos reparos do Prof. Doutor Alexandre F. Morujão na recensão crítica de *Obras de Leonardo Coimbra*, em 1983¹⁰, Pinharanda Gomes faz este comentário e juízo severo: «Quanto aos aspectos técnicos e críticos desta edição, ela não deve ser utilizada para referência.» E, depois de apontar as principais deficiências, conclui: «Uma verdadeira catástrofe! Que começa pela própria sequência arbitrária dos títulos»¹¹.

Um ano depois, em 1984, embora com referência explícita ao ano do centenário, aparece a primeira grande realização a favor da acessibilidade dos escritos dispersos de Leonardo Coimbra: *Dispersos, I, Poesia Portuguesa*, compilação, fixação do texto e notas

⁸ *Idem, ibidem*, p. 128.

⁹ Leonardo Coimbra, *Obras de Leonardo Coimbra*, 2 vols., Porto, Lello e Irmão — Editores, 1983, 923 pp. e 1032 pp.

¹⁰ Alexandre Fradique Morujão, «Obras de Leonardo Coimbra», recensão crítica in *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, XXXIX, 4 (1983), pp. 480-484.

¹¹ J. Pinharanda Gomes e Paulo Samuel, in *Leonardo Coimbra. Cartas, Conferências, Discursos, Entrevistas e Bibliografia Geral*, Lisboa, Fundação Lusíada, 1994, p. 341, nota 1.

de Pinharanda Gomes, na Editorial Verbo, Lisboa. Aí se anuncia o propósito e o plano de reunir os muitos outros dispersos em três volumes diferentes, relativos à Metafísica, à Cristologia e à Questão Social. Mas o plano alargou-se. À investigação associa-se Paulo Samuel e são publicados mais quatro volumes de *Dispersos*, até 1994, na mesma editora Verbo, e um, na Fundação Lusíada, de registos de imprensa: *Cartas, Conferências, Discursos, Entrevistas e Bibliografia Geral*, também em 1994.

Estava finalmente acessível a informação sobre toda a obra de Leonardo Coimbra e publicados todos os textos em volume. Os estudiosos da sua vida e da sua obra tinham o caminho aberto para a investigação e análise crítica. Mas este facto avulta mais outras carências.

Verifica-se que falta ainda uma biografia completa e matizada do filósofo portuense, um estudo da sua oratória, bem como do seu pensamento e acção políticos.

E falta ainda, e sobretudo, uma edição crítica das *Obras Completas* verdadeiramente tais.

É a tarefa a que se lançou a Imprensa Nacional-Casa da Moeda, em conjugação com o Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa, depositário, por doação da família, da biblioteca pessoal e do espólio manuscrito do filósofo portuense.

Aqui, neste primeiro volume, se apresenta o primeiro resultado desta iniciativa, com o plano de conjunto e os critérios adoptados.

2 — Edição crítica

Edição crítica é, fundamentalmente, aquela cujo texto for fixado por confronto com os originais. No caso de Leonardo Coimbra, existem originais manuscritos de quase todas as obras; infelizmente, porém, mais ou menos incompletos. É possível, por isso, conferir com eles o texto da edição *princeps* e anotar as diferenças, certamente consentidas, ou mesmo por ele introduzidas.

Daí que o texto estabelecido nesta edição seja basicamente o texto da 1.^a edição, anotando-se em rodapé as discrepâncias com o manuscrito. Até porque apenas uma obra — *A Alegria, a Dor e a Graça* — teve 2.^a edição e uma tradução em língua espanhola, em vida do autor. Os critérios adoptados na fixação do texto são indicados em apêndice a esta «Introdução geral».

A história atribulada dos manuscritos inéditos de Leonardo Coimbra está confinada, quase exclusivamente, às referências de Sant'Anna Dionísio. Com efeito, o seu depositário e responsável pela publicação póstuma de alguns deles, diz-nos muito pouco acerca da sua identificação, selecção e fixação do texto. O P.^e António de Magalhães parece não ter sido, na verdade, um modelo de solicitude na conservação dos originais que lhe foram confiados e de metodologia na publicação dos mesmos.

Por três vezes aparecem inéditos de Leonardo Coimbra, sob a sua responsabilidade. Foram publicados na *Revista Portuguesa de Filosofia*: «Acção e pensamento» (I, 1, 1945, pp. 77-87); «O homem às mãos com o destino» (VI, 1, 1950, pp. 11-56); «Inéditos de Leonardo Coimbra» (XII, 4, 1956, pp. 360-402), anexos à conferência «A Perenidade do Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra», publicada também em separata (Braga, Faculdade de Filosofia, 1956, 71 pp.).

A primeira publicação contém um texto unitário, embora incompleto, e é precedido por uma breve nota de apresentação que informa: «O artigo de Leonardo Coimbra que honra o primeiro número desta *Revista* faz parte de escritos póstumos, recentemente encontrados. São eles: a segunda parte do estudo de Leonardo Coimbra sobre *A Filosofia de Bergson* — 'Interpretação e crítica' — e uma obra infelizmente incompleta — 'O homem às mãos com o destino'»¹². Continua, indicando a temática do primeiro inédito: «é um ensaio sobre a diástase sofrida na cultura ocidental no século XVI», e qualifica-o como «dos trabalhos mais acessíveis e interessantes da última fase do malogrado pensador»¹³.

Temos aqui a única informação global, que o P.^e António Magalhães nos deixou, sobre o conjunto de inéditos que lhe foi confiado. Os três originais mencionados na nota eram, sem dúvida, os mais longos e facilmente identificáveis, com título próprio aposto pelo autor, e com unidade temática. O primeiro, «Acção e pensamento», como veio a reconhecer, mais tarde, na publicação do terceiro, era «um momento para não dizer um capítulo, de 'O homem às mãos com o destino'»¹⁴. O segundo, a segunda parte

¹² António de Magalhães, «Nota do organizador» a Leonardo Coimbra, «Acção e pensamento», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, I, 1 (1945), p. 77.

¹³ *Idem, ibidem*, p. 77.

¹⁴ Leonardo Coimbra, «O homem às mãos com o destino», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, VI, 1 (1950), p. 6.

de *A Filosofia de Henri Bergson*, não chegou a publicá-lo, nem deixou alguma notícia acerca dele, nas duas publicações subsequentes. Mas o facto de, imediatamente a seguir, mencionar «O homem às mãos com o destino» como «uma obra infelizmente incompleta» faz supor que a segunda parte de *A Filosofia de Henri Bergson* não estava incompleta.

Quer dizer, o P.^e Magalhães acaba por revelar a existência apenas de duas obras inéditas: uma incompleta — «O homem às mãos com o destino» —, cuja publicação efectuou cinco anos depois, e na qual se deve incluir o texto publicado primeiro em 1945 — «Acção e pensamento»; outra é a segunda parte — «Interpretação e crítica» — de uma obra publicada em 1934 pelo autor — *A Filosofia de Henri Bergson*. Desta nada mais nos diz.

E dela também pouco mais sabemos. Sant'Anna Dionísio não se lhe refere, quando fala de outros manuscritos desaparecidos num pequeno incêndio, no Colégio das Caldinhas, Santo Tirso, onde residia o P.^e António de Magalhães; apenas mencionou como desaparecida uma «Teoria do ser ou ontologia»¹⁵.

Manuel Ferreira Patrício, num estudo de 1985, dá a seguinte informação: «Álvaro Ribeiro disse-me que, para além da cópia do segundo volume que ardeu no incêndio de Santo Tirso, havia outra que ele chegou posteriormente a ver, em mãos que deixou incógnitas para mim. Oxalá essas mãos conservem o texto de Leonardo e venham a propiciar, em futuro, que se deseje próximo, a sua publicação»¹⁶.

Por sua vez, Jorge Croce Rivera, no II volume — *Ensaio de Aprofundamento e Outros Textos* — das *Obras de José Marinho*, em 1995, edita um texto fragmentário deste discípulo de Leonardo Coimbra, sob o título: «Prefácio ao II volume de Bergson de Leonardo Coimbra». É o seu autor que no corpo do texto lhe chama «prefácio de um livro especulativo da categoria deste que o leitor vai estudar»¹⁷. Mas, paradoxalmente, começa deste modo: «Recomendar a leitura de Bergson e desta obra sobre ele, afigurar-se-á

¹⁵ Sant'Anna Dionísio, «Introdução» a Leonardo Coimbra, *Obras de Leonardo Coimbra*, vol. 1, Porto, Lello e Irmão — Editores, 1983, p. xxvi.

¹⁶ Manuel Ferreira Patrício, «Leonardo Coimbra e Bergson: semelhanças e diferenças», in *Leonardo Coimbra (Colectânea de Estudos)*, Lisboa, Instituto Amaro da Costa, 1985, p. 148, nota 13.

¹⁷ José Marinho, *Ensaio de Aprofundamento e Outros Textos*, vol. II de *Obras de José Marinho*, edição de Jorge Croce Rivera, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1995, p. 327.

neste momento intempestiva empresa.» E justifica dizendo que o pensamento de Bergson, por um lado, já é passado e, por outro, se fez excessivamente presente ao nosso íntimo para não precisarmos de o ler. Quanto a Leonardo, acrescenta, embora algumas centenas de pessoas no País sejam conscientes da autenticidade dos seus dons, a grande maioria deles ainda não encontrou fundamento seguro de uma valorização filosófica da sua obra. Isto parece desaconselhar a sua publicação. Terá este parecer influído no total silêncio à sua volta?

O estudo do espólio do filósofo português, doado pela família ao Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa, por ocasião da inauguração da Biblioteca Memorial Leonardo Coimbra, no início de 1992, levou à descoberta de duas cópias dactilografadas do manuscrito original, cuja autenticidade foi possível fundamentar¹⁸. O manuscrito, porém, não foi encontrado.

É mesmo o único original que falta do conjunto das três publicações de inéditos feitas pelo P.^e António Magalhães, atrás referidas. E, curiosamente, de «O homem às mãos com o destino», além do manuscrito, existe também uma cópia dactilografada e corrigida à mão, ao que parece, pelo mesmo revisor da «cópia A» da segunda parte de *A Filosofia de Henri Bergson*. Ambas foram feitas na mesma máquina, com o mesmo tipo de letra, decerto para publicação. O que é mais um sinal de autenticidade desta última, e da intervenção do P.^e António Magalhães nesta preparação, possivelmente na mesma altura, à volta de 1945.

Outro problema é o da sua completude. Manuel Ferreira Patrício opina que estará incompleta. Na recensão da obra que fizemos na revista *Humanística e Teologia*, defendemos que a cópia está ou pode considerar-se «praticamente completa, pois o discurso chega à fase conclusiva. Mas ninguém pode garantir que se não tenham perdido algumas das folhas finais»¹⁹.

Por último, as consequências do incêndio de Santo Tirso para o espólio de Leonardo Coimbra parece não terem sido tão catas-

¹⁸ Ângelo Alves, «Apresentação», in Leonardo Coimbra, *A Filosofia de Henry Bergson, Segunda Parte*, 1.^a edição, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994, pp. 157-160.

¹⁹ *Idem*, «Bibliografia de Leonardo Coimbra: edição completa de *A Filosofia de Henry Bergson*. Dois artigos não referenciados», in *Humanística e Teologia*, Porto, XVI, 1-2 (1995), pp. 275-277.

tróficas como insinua Sant'Anna Dionísio. Com efeito, na «Introdução» às *Obras de Leonardo Coimbra*, depois de citar alguns passos de um pequeno «papel inédito», interpõe este comentário: «Ao filho único do filósofo, o malgrado médico, de espírito evangélico, Leonardo Augusto, nosso aluno de Filosofia, há quarenta e sete anos, no velho Liceu Rodrigues de Freitas, devemos a consulta e a transcrição literal desse sugestivo apontamento inédito e de um dos poucos manuscritos do espólio que ele conservava do Pai, então professor do Liceu, espólio quase inteiramente destruído num fatídico pequeno incêndio ocorrido na água-furtada dum Colégio de Santo Tirso, onde um mal-avisado padre jesuíta os resguardava para sua exclusiva revisão e privativo estudo.» E acrescenta em nota 1: «Referimo-nos ao Padre Dias de Magalhães, que, a sós, procedia ao estudo desse espólio, do qual fazia parte (só após o incêndio o soubemos) um volumoso esboço de uma *Ontologia*, da qual o filho do filósofo não possuía cópia»²⁰.

E volta ao assunto, mais desenvolvidamente, no livro *Leonardo Coimbra. O Filósofo e o Tribuno*, em 1985, num capítulo que já tinha sido publicado no jornal *O Primeiro de Janeiro*, em 25 de Novembro de 1981. Aí reafirma duas coisas: primeiro, que o livro que Leonardo andaria a preparar, aquando de um encontro, no Porto, com Unamuno (o diálogo é ficcionado), «seria o único elemento do espólio de manuscritos do filósofo que, por sorte, escaparia ao fatídico incêndio destruidor do conjunto de manuscritos confiados ao padre jesuíta Dias de Magalhães»²¹.

Ora, não é verdade que este manuscrito fosse o único, dentre os confiados ao P.^e Magalhães, a escapar ao incêndio, pois que, como já foi dito, existem no Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa os manuscritos de todos os inéditos que o mesmo mencionou na *Revista Portuguesa de Filosofia*, com a excepção de um — *A Filosofia de Henri Bergson* —, de que existem apenas duas cópias dactilografadas.

Em segundo lugar, reafirma que nos últimos anos de vida, depois de voltar ao ensino liceal, «transe duro e atroz», o filósofo se dedicara, em rigoroso sigilo, à redacção de duas obras: «Teoria do ser» e «O homem às mãos com o destino». E acrescenta: «Infe-

²⁰ Sant'Anna Dionísio, «Introdução» a Leonardo Coimbra, *Obras de Leonardo Coimbra*, vol. 1, Porto, Lello e Irmão — Editores, 1983, p. xxxvi.

²¹ *Idem*, *Leonardo Coimbra. O Filósofo e o Tribuno*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985, pp. 365, nota 5, e 360-361, nota 4.

lizmente, nenhum desses trabalhos, íntimos e frementes, chegariam até nós. O primeiro, mercê de um estranho infortúnio, seria reduzido a cinzas pouco depois da morte imprevista e fatídica do filósofo eloquente. Queremos referir o que, segundo se presume, se encontrava mais próximo do pleno acabamento, ou seja, a apontada 'Teoria do ser'. O segundo, embora impressivo, estaria bastante longe da presumível plenitude. É o truncado e vigoroso solilóquio: 'O homem às mãos com o destino'²².

Ficamos a saber que o malfadado incêndio aconteceu pouco depois da morte do filósofo. E ainda que alguns dos seus mais íntimos, incluindo o seu filho único, já convalescente de grave doença, e alguns amigos e vizinhos, ajudavam na ordenação e no exame do confuso espólio de manuscritos deixado por ele. Mas não encontram entre esses inéditos serão os elementos dispersos da planeada meditação que é «O homem às mãos com o destino».

Continua informando em longa nota que «a apontada 'Teoria do ser' jamais passou sob os nossos olhos»²³. Foi somente José Marinho que lhe referiu a sua existência, tendo-a lido e folheado antes do P.^e Magalhães. Conforme transmitiu oralmente ao próprio Sant'Anna Dionísio, segundo o seu juízo, esse manuscrito era realmente «uma autêntica e impressionante Ontologia exemplar, vigorosa e nua». Isto aconteceu «não muito tempo depois da sua destruição». Quer dizer, acerca dela temos apenas um testemunho indirecto, *ex auditis*, que nem sequer foi confirmado pelo próprio José Marinho, quando, vinte e cinco anos depois, escreveu uma *Teoria do Ser e da Verdade*, como adverte o mesmo Sant'Anna Dionísio.

Mas, ainda há mais. Nem sequer o P.^e António de Magalhães esclareceu Sant'Anna com uma narrativa do funesto incêndio, quando se ofereceu uma oportunidade, no decurso de uma demorada viagem de comboio entre Porto e Lisboa. Verificou-se esse encontro vinte anos antes da publicação da nota, portanto, antes de 1965. «Mas», diz, «quase nulo foi o seu esclarecimento. Pelo contrário, o seu retraimento de certo modo nos persuadiu que o seu desejo seria o de não falar mais no assunto»²⁴.

E, assim, ficamos sem qualquer certeza acerca do incêndio de Santo Tirso e dos manuscritos aí consumidos pelo fogo, nomeadamente acerca da existência de uma «Teoria do ser». Uma teste-

²² *Idem, ibidem*, p. 360.

²³ *Idem, ibidem*, p. 361, nota 4.

²⁴ *Idem, ibidem*, p. 361, nota 4.

munha só, de segunda mão, *ex auditis a vidente*, apoiada numa só testemunha de primeira mão, não faz prova. Tanto mais que há outras hipóteses. O próprio Sant'Anna apresenta uma, explicativa do desaparecimento de muitos manuscritos: as transferências e deslocações domiciliárias, que durante uma década se sucederam. Três, pelo menos, do filho e da esposa do filósofo, sendo a mais grave a que se seguiu ao falecimento desta, vencida pelo infortúnio da solidude. O próprio filho lhe teria dito que muitos papéis e fascículos paternos teriam sido abandonados e sacrificados, nas usuais urgências e supressões das mudanças.

Em conclusão, esta edição crítica apoiar-se-á nos textos publicados sob o nome de Leonardo Coimbra, quer em livro, quer em periódicos, e nos manuscritos remanescentes, que apesar de todos os contratempos são mais relevantes do que seria de esperar. Em cada caso serão assinaladas as fontes, a sua autenticidade e os seus limites.

3 — *Edição completa*

Edição completa, além de crítica, porque serão publicados todos os escritos inventariados até hoje nas bibliografias citadas, com alguns mais que foi possível ainda encontrar, inclusive com indicações amigas.

Seguiremos a ordem cronológica, dividindo os volumes por períodos. Admitir-se-ão exceções quando conste que a data da redacção é anterior à da publicação ou quando o artigo tiver sido publicado parcialmente em datas sucessivas. Cada volume englobará os livros desse período e os dispersos: artigos, prefácios, cartas, e será acompanhado de um índice de autores, de um índice sistemático e de um índice geral.

II

QUEM FOI LEONARDO COIMBRA?

1 — *Excurso biográfico*

O percurso existencial de Leonardo José Coimbra (este é o seu nome de baptismo) decorre entre o final do século XIX — 1883 — e a primeira metade do século XX — 1936. Foi truncado abruptamente

te por um desastre de automóvel, junto a Baltar, em viagem de regresso ao Porto, que o levou à morte três dias depois (2 de Janeiro). Tinha 53 anos, plenos de experiência, de maturidade e vigor espiritual, de vontade de servir as causas nobres pelas quais havia lutado desde a juventude.

Nascido em Borba de Godim, hoje cidade da Lixa, concelho de Felgueiras, numa família da classe média culta, em meio rural do interior, em frente ao Marão, teve uma infância feliz. Seu pai era médico e a mãe, de educação esmerada, oriunda duma família tradicional. Foi o segundo de oito irmãos. Com o mais velho, fez o curso liceal no Colégio de Nossa Senhora do Carino, em Penafiel. Ficou com más recordações da disciplina do internato, mas revelou-se um aluno excepcional, tanto nas matérias científicas como literárias. As provas finais prestou-as no Liceu Central do Porto, englobando as cadeiras de Física, Química, História Natural, Filosofia e Matemática.

Ao terminar o liceu, Leonardo tinha 14 anos. Para a idade legal do ingresso na universidade faltavam-lhe três meses. Por isso, a sua matrícula foi precedida de uma portaria a dispensar a exigência da lei. Assim, em Setembro de 1898, entrou na velha Faculdade pombalina de Filosofia da Universidade de Coimbra, para cursar Ciências Físicas e Matemáticas.

Seu irmão mais velho frequentava já o segundo ano da Faculdade de Direito. A despeito da vigilância deste, o novel universitário obedeceu à tendência natural de todo o adolescente, liberto há pouco das constrições de um colégio: deu largas aos anseios de autonomia e experiência vital, consumindo o tempo em longos passeios pelos arredores da cidade, em conversas e discussões de acaso, e, sobretudo, na cultura física, que nesses anos se tornou a paixão dominante.

Frequentador de um ginásio da Estrada da Beira, dedicava-se a várias actividades desportivas: luta greco-romana, natação, remo e esgrima. Distinguiu-se como levantador de pesos e halteres, chegando mesmo a representar a Academia numa competição atlética, realizada em Coimbra, em finais de Junho de 1903, sob os auspícios do Real Ginásio de Lisboa. Tendo-se inscrito nessa competição, através de *O Jornal da Noite*, de Lisboa, viu publicitadas nele as suas *performances* atléticas da modalidade deste modo:

O Sr. Leonardo José Coimbra é ainda muito novo: conta apenas 19 anos. Atleta distinto, conseguiu, depois de um treino aturado e rigoroso — ele que era um enfe-

zado — em 4 anos, tornar-se forte e vigoroso. Os seus exercícios são notáveis e o Sr. Coimbra será, sem dúvida alguma, um temível adversário²⁵.

Seguem as medições atingidas em cada exercício.

Como vemos, estes quatro anos de académico coimbrão não foram passados na boémia estudantil, tão frequente então, mas, em grande parte, na preparação física que julgava necessária para entrar na Escola Naval. Que este era o seu grande empenho.

Também não aderiu às praxes académicas que regulavam as relações entre caloiros e veteranos, cheias de grosseria e irracionalidade, nesse início do século xx, como noutros tempos. Chegou, certa vez, a usar a força física para libertar um caloiro das mãos de uma «trupe» de veteranos que, certa noite, se preparava para tosquiar um novato e castigá-lo com as clássicas palmatoadas. Frequentava já o terceiro ano da Faculdade. Num repelão, desfez o grupo de embuçados e levou consigo o caloiro. Para alguma coisa lhe servira a sua preparação e robustez atléticas.

Nestes quatro anos de estudo universitário, de 1898 a 1903, Leonardo cursou apenas as cadeiras que eram necessárias para ingressar na Escola Naval: Física, Matemática e Desenho. Demorara quatro anos a fazer o que poderia ter sido feito num só. Por exigência curricular, aparece na Faculdade de Direito a frequentar, como voluntário, as cadeiras de Economia Política, no ano de 1900, e de Direito Económico, em 1902. Começa aqui a emergir, provavelmente, uma nova paixão — a política.

Seguidamente, concretiza-se o que parece ter sido o seu fito principal: entrou na Escola Naval em 1903 e foi promovido a aspirante da Marinha em 1904. Aí encontra Mendes Cabeçadas, que viria a ser almirante e do qual se torna amigo, e António Sérgio, que foi, por algum tempo, seu instrutor de remo e mais tarde se tornaria seu opositor ideológico e político.

Em breve, porém, Leonardo se desiludiu. A primeira viagem num navio-escola, em cruzeiro pelo Atlântico, tornou-se-lhe invulgarmente penosa; sofreu um estado permanente de enjoo. A vida de bordo, excessivamente hermética e monótona, chocava com o seu temperamento expansivo e irrequieto. Convenceu-se de que não fora talhado para homem do mar. Pediu, pois, a demissão e voltou

²⁵ AA. VV., *Leonardo Coimbra. Testemunhos dos Seus Contemporâneos*, ob. cit., p. 409.

aos estudos universitários, agora com a intenção de se dedicar ao ensino. Assim, no ano lectivo de 1905-1906, matriculou-se como voluntário na Academia Politécnica do Porto e começou a frequentar as cadeiras preparatórias do Curso de Habilitação ao Magistério.

Ainda, desta vez, se não comporta como bom aluno e à medida das suas capacidades. Atrasou a conclusão dos estudos pelo menos um ano. Talvez, porque neste período se tenha dedicado a resolver a sua vida afectiva, casando-se civilmente com Maria Amélia Coimbra, sua companheira de infância e parente do poeta António Nobre. Por outro lado, deixou-se dominar por outra paixão: a política, aderindo à ideologia e ao movimento libertário ou anarquismo utópico.

Nesta fase, aos 23 anos, inicia a sua actividade literária, escrevendo os primeiros artigos de índole doutrinária e de intervenção político-social, em jornais e revistas.

O primeiro escrito que se lhe conhece data de 16 de Abril de 1905, publicado no jornal *O Diário*, de Lisboa. É um pequeno conto, de inspiração huguesca, com nítida intenção moralizante.

Em 1906, estão referenciados apenas dois artigos, aparecidos no jornal republicano *O Norte*, do Porto. O primeiro, intitulado «Guerra Junqueiro», é uma defesa da viragem do poeta para a poesia lírica, em *Oração à Luz*, e uma crítica literária de toda a obra, indo ao seu mais fundo pensamento metafísico-religioso²⁶. O segundo, sob o título «Justiça e Liberdade! Francisco Ferrer», tem o carácter de intervenção humanitária e política, pugnando pela libertação de Ferrer e de Nackens, a contas com a justiça espanhola, como implicados num atentado contra o rei da nação vizinha. Esta campanha internacional reacende-se em 1907 e em 1909, tendo Leonardo publicado outro artigo e participado, como orador, numa série de comícios.

Em 1907, funda e dirige com Jaime Cortesão, Cláudio Basto e Álvaro Pinto a revista *Nova Silva*, de orientação libertária. Teve pouca duração, de Fevereiro a Abril, e apenas cinco números; aí publicou o seu primeiro artigo doutrinário — «O homem livre e o homem legal» —, fazendo a defesa da autonomia da consciência frente à lei; manteve colaboração em todos os números.

Em 1908, com Jaime Cortesão e Álvaro Pinto, dá início à sociedade de «Os Amigos do ABC», no Porto, destinada a combater

²⁶ Ângelo Alves, «Bibliografia de Leonardo Coimbra», art. cit., in *Humanística e Teologia*, Porto, XVI, 1-2 (1995), pp. 280-283.

o analfabetismo (note-se a alusão ao «l'abaissé», o povo, de Vítor Hugo).

No mesmo ano, com Jaime Cortesão, Rodrigo Solano, Gil Ferreira e A. Correia de Sousa, constitui um grupo político-literário denominado «Nova Seara».

No ano lectivo de 1907-1908, participa activamente nas greves académicas, iniciadas na Universidade de Coimbra e estendidas às restantes universidades, e mesmo às escolas secundárias, sob a ditadura de João Franco. Começou então a revelar os seus dotes oratórios, passando das assembleias escolares para os comícios políticos ou de propaganda anarquista.

No ano de 1909, termina, finalmente, os estudos preparatórios do Curso de Habilitação ao Magistério Secundário e muda-se para Lisboa, acompanhado pela esposa e o primeiro filho, a fim de frequentar as cadeiras do Curso Superior de Letras. Acolhe como hóspede, em sua casa, Jaime Cortesão, a frequentar então a Escola Médico-Cirúrgica.

Na capital, afastado da vida política, vive absorvido pelos estudos, conseguindo classificações, finalmente e pela primeira vez, à altura das suas capacidades intelectuais: distinção a todas as disciplinas — Pedagogia, História da Pedagogia, Lição para Alunos e Filosofia — e unanimidade na dissertação. Recebeu mesmo demonstrações públicas de admiração da parte de alguns professores, como Adolfo Coelho e Silva Cordeiro.

No fim do ano lectivo de 1909-1910, e munido de uma licenciatura, Leonardo regressa ao Porto, conseguindo ser colocado, por concurso, no Liceu Central do Porto, como professor de Matemática.

Estava encontrado o seu rumo profissional e, porventura, a sua vocação específica: ser formador de jovens e adultos — pedagogo e antrop pedagogo; ser educador, na escola, na política, nas actividades cívicas e culturais, com um elevado sentido de missão, dentro dum horizonte espiritualista, moralizante, metafísico e religioso.

Nunca mais deixaria de ser professor, até ao fim da vida: professor liceal, no Porto, com um breve interregno em 1911, em que foi director do Colégio dos Órfãos, em Braga, cargo do qual se demitiu por incompatibilidade pedagógica com o provedor e com os professores; depois, na Póvoa de Varzim, em 1914, onde se efectivou e lhe nasceu o segundo filho; em Lisboa, no Liceu Gil Vicente, de 1915 a 1919; professor e director da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, por ele criada, quando Ministro da

Instrução em 1919; novamente professor liceal, em 1931, depois da extinção da Faculdade de Letras do Porto, voltando ao Liceu Rodrigues de Freitas, onde leccionava, quando a morte o surpreendeu.

O magistério oficial, porém, não o impediu de retomar a sua acção cívica, cultural e política; antes, a vemos potenciar-se, com as naturais variações, impostas pelos condicionalismos nacionais e europeus.

Assim, aparece, em 1912, como fundador do movimento cultural «Renascença Portuguesa», a par de Jaime Cortesão, Teixeira de Pascoaes, Raul Proença, António Sérgio e outros. Tendo sede no Porto, tornou-se o pólo cultural mais dinâmico do País, com a revista *A Águia*, o jornal quinzenário *Vida Portuguesa*, uma editorial muito activa e uma Universidade Popular.

Também em 1912, Leonardo decide concorrer ao lugar de professor assistente do Grupo de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Para tal, escreveu o seu primeiro livro — *O Criacionismo*. Por incompatibilidade com o arguente, Professor Silva Cordeiro, que se lhe mostrou muito adverso, desistiu, no decurso das provas públicas, tendo o lugar sido preenchido por Matos Romão.

Quando acabava de redigir o seu livro, adoece o primeiro e então único filho, ainda infante, e em poucos dias chega à morte. Este acontecimento marca-o profundamente e, como fruto da sua reflexão, surge o opúsculo intitulado *A Morte*, em 1913.

A sua obra escrita vai crescendo, com os anos, pela publicação de novos livros e de numerosos artigos, provocados uns e outros, ora pelas suas actividades docentes e culturais, ora pela sua reflexão pessoal sobre acontecimentos e problemas de índole nacional ou universal. Os livros são de índole científica e filosófica, em número de 18. Os artigos, mais voltados para o imediato, são predominantemente de intenção doutrinária, também de intervenção político-social, de crítica literária ou artística; atingem o número de 243, nas bibliografias mais actualizadas.

Os livros mais sistemáticos e representativos da evolução do seu pensamento filosófico são *O Criacionismo* (1912), *A Alegria, a Dor e a Graça* (1916), *A Razão Experimental* (1923), *A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre* (1935).

Pronunciou também inúmeros discursos e conferências, nas mais variadas circunstâncias, desde comícios na praça pública a sessões académicas e parlamentares, de homenagens oficiais e populares a festas de caridade e de bombeiros, de elogios fúne-

bres a apresentação de livros, filmes e peças de teatro. Estão registados nos periódicos 163. Leonardo foi considerado o maior orador do País, depois de Alexandre Braga.

Há ainda referenciadas 27 entrevistas e 25 cartas, publicadas ou arquivadas.

A sua acção política em estruturas partidárias e governativas não foi relevante, porque se mostrou sempre inconformado e idealista. Iniciada no movimento anarquista, antes da República, começa formalmente com a adesão ao Partido Republicano Português (PRP), em 1914, pelo qual foi eleito deputado em 1922; tem como momentos destacados a entrada no Governo da República, para Ministro da Instrução, por duas vezes, em 1919 e em 1922, ambas por poucos meses, mas o tempo suficiente para demonstrar a sua vontade reformista; culmina com o abandono do PRP, em 1925, e o ingresso na facção dissidente, a Esquerda Democrática, não tendo conseguido ser eleito deputado.

A partir desta data, afastou-se gradualmente da vida política. Começou a aprofundar a temática teológica, entrando em contacto com autores neotomistas, como Rousselot, Maréchal, Sertillanges e Maritain, aproximando-se progressivamente da ortodoxia católica. Acaba por professar publicamente a Fé católica e regressar à prática sacramental da Igreja, no dia 23 de Dezembro de 1935.

Alguns dias depois, a 30 de Dezembro, no regresso de uma visita à casa de sua Mãe, em Borba de Godim, é vítima de um despiste de automóvel, na descida de Baltar. Transportado ao Hospital de Santo António, no Porto, aí vem a falecer no dia 2 de Janeiro de 1936. O seu funeral, com trajecto a pé para a Igreja da Lapa, foi a mais grandiosa manifestação de pesar até então vista na cidade, segundo testemunham os jornais diários, nas suas reportagens.

2 — *Personalidade rica e multifacetada*

Afinal, quem foi Leonardo Coimbra?

Este excurso biográfico, apesar de breve²⁷, mostra-nos a riqueza e a polivalência da sua personalidade. Vimo-lo como escritor,

²⁷ Este resumo biográfico apoia-se fundamentalmente na «Biografia de Leonardo Coimbra», de Sant'Anna Dionísio, já citada, in *Leonardo Coimbra. Testemunhos dos Seus Contemporâneos*, pp. 405-423.

jornalista, filósofo, orador, político, professor. Qual destas facetas foi a predominante, ou mais distintiva?

Teixeira de Pascoaes, no seu testemunho intitulado *Lembrança*, de 1950, dá uma resposta: «Leonardo Coimbra é uma Trindade: o orador, o professor e o filósofo. Qual destas três pessoas é verdadeira?» Continua, observando que a pergunta deve ser feita noutros termos, isto é: qual das três pessoas a mais verdadeira, porque todas elas são verdadeiras. E acrescenta: «Para mim, é a do orador, que eu tenho de confessar a minha pouca simpatia pelos filósofos profissionais, por todos os críticos, ou da razão pura, à Kant, ou da razão impura, à Bergson»²⁸.

Justifica-se com o estádio a que tinha chegado então o relacionamento entre ciência, filosofia e poesia: «a ciência domina hoje o mundo objectivo, enquanto o mundo subjectivo pertence cada vez mais à poesia; o advento da ciência... científica lançou a filosofia para um plano secundário». E confessa: «Prefiro em Leonardo Coimbra a eloquência poética do orador, pois, entre o orador e o poeta, há sobretudo uma diferença musical»²⁹.

Pascoaes revela nesta posição dois preconceitos: o positivismo, que concebe a ciência moderna como ultrapassando e superando a filosofia, como se fosse válida a lei dos três estados de Comte e a metafísica não fosse de sempre e, portanto, contemporânea da ciência, e o esteticismo, que atribui à poesia, exclusivamente, a intuição da verdade subjectiva e da verdade transcendente, como se a poesia, na via do conhecimento, se situasse depois da ciência e da filosofia, superando-as e envolvendo-as pelo contacto directo com a realidade, que só a ela pertenceria, mesmo a realidade infinita, inefável, transracional — quase uma mística. Diz expressamente noutro lugar: «A Poesia (a verdadeira poesia) é a síntese superior da Religião, das artes e da filosofia. [...] O mais essencial é adquirir os sentimentos superiores e delicados que a Poesia, abrangendo todas as artes, religiões e filosofias, transmite à nossa alma»³⁰.

Por outro lado, o poeta do Marão não tem em conta que Leonardo foi mais do que uma trindade: além de orador, professor e

²⁸ Teixeira de Pascoaes, «Lembrança», in *Leonardo Coimbra. Testemunhos dos Seus Contemporâneos*, ob. cit., p. 17.

²⁹ *Idem*, *ibidem*, p. 17.

³⁰ *Idem*, «Conferência», in *A Saudade e o Saudosismo*, Lisboa, Assírio e Alvim, 1988, pp. 195 e 197.

filósofo, foi literato e político. O valor poético da sua escrita foi salientado, por exemplo, por Óscar Lopes, que, no meio de um *mare magnum* de prosa rítmica saudosista, comum a outros autores da Renascença Portuguesa (Cortesão, Casimiro, Pina de Moraes, Vila Moura, etc.), distingue Leonardo Coimbra «como o mais interessante poeta da prosa lírica, graças aos melhores passos de *A Alegria, a Dor e a Graça, Adoração, Do Amor e da Morte*»³¹.

Assim, podemos discordar de Pascoaes, respeitando embora a sua preferência, que é questão de gosto. Leonardo foi, antes de mais, em toda a sua obra escrita, como nas suas lições e discursos, um filósofo, no verdadeiro sentido da palavra, um amante e pesquisador da sabedoria, procurando-a com afã, acima de tudo, e comunicando-a com generosidade, com sentido de missão; foi um intelectual comprometido, buscando humildemente a verdade e transmitindo-a apaixonadamente, para bem dos concidadãos, elevação moral do povo, espiritualização do Homem e do Universo. Por isso, granjeou não apenas admiradores, mas discípulos, que o tomaram como Mestre, pois despertou neles a vocação para o pensamento especulativo. António Quadros considerou-o mesmo o maior filósofo português da primeira metade do século xx.

Não é aqui o lugar, nem o momento, para comprovar o valor filosófico das suas obras, principalmente as mais sistemáticas. Está patente desde o início. Basta analisar, e sintomaticamente, os dois primeiros artigos ideológicos, aparecidos em 1906. Mas sobretudo o primeiro, intitulado «Guerra Junqueiro». Inicia aí um confronto intelectual com o Poeta, que terá o seu ponto culminante em 1923, na publicação do livro com o mesmo título, *Guerra Junqueiro*, na Renascença Portuguesa.

Seguiremos aqui este confronto, porque ele nos permitirá divisar os traços dominantes do pensamento filosófico de Leonardo, por ele apelidado de sistema criacionista, e os primeiros passos da sua transmutação, no sentido da metafísica de inspiração cristã.

³¹ Óscar Lopes, *História Ilustrada das Grandes Literaturas*, VIII, *Literatura Portuguesa*, 2.º vol., III, *Época Contemporânea*, Editorial Estúdios Cor, Lisboa, 1973, p. 510.

III

O SISTEMA CRIACIONISTA E A SUA TRANSMUTAÇÃO

1 — O primeiro artigo filosófico-literário

O referido artigo é uma crítica literária e uma interpretação filosófica da obra poética de Guerra Junqueiro. Defende o lirismo metafísico de *Oração à Luz*, face aos seus detractores, que apontavam este livro como sinal de decadência e de arrependimento, ou mesmo de penitência pública pela poesia da fase polémica e revolucionária.

Leonardo distingue na obra de Junqueiro duas fases: uma em que predomina a sanha destruidora, blasfema e iconoclasta; ele só acredita na Razão e pede à Ciência o sentido da vida. Embora esteja aí presente um sentimentalismo precursor, fazendo-o entrever um fim sublime a atingir e um imenso Ideal a escalar, é a Razão que impera, destruindo ingenuamente todas as crenças do catolicismo da infância e deixando apenas dúvidas no coração e anseios de ideal na alma. É a fase positivista e negativista. Nela a intelectualidade vence a afectividade; e esta contenta-se com o Ideal — Humanidade.

Mais um passo, e uma nova fase se inicia. O amor da Ciência, que lhe desfez as crenças e lançou a alma na aridez e na solidão, ilumina-lhe o coração com a Fé na solidariedade humana, leva-o a lançar os fundamentos de uma Sociedade nova, de justiça, de paz e de bondade. E acende nele o amor que, liberto agora dos limites da Razão, se revela, imenso, infinito, estendendo-se a todo o Universo. A solidariedade humana, pelo sentimento irmanado com a inteligência, transforma-se em solidariedade cósmica. E o poeta, na própria Natureza, sente palpitem os afagos do amor infinito.

Assim, para Leonardo, a *Oração à Luz* é o mais sublime de todos os gestos de Junqueiro, a prova da sua vertiginosa ascensão espiritual, «um evangelho de *Moral Cósmica*». Não é uma metafísica ditada pela Razão, mas uma vivência que brota do sentimento e enche a alma de suavíssima esperança, de serenidade e de crença. «É um panteísmo transcendente, em que as coisas são vivificadas pelo sentimento.» Não é um panteísmo logicista, monista, estático, mas um panteísmo intuitivo, pluralista, evolutivo. «É o socialismo universal comungado no Amor.»

Este socialismo universal distingue-se do socialismo humano, à imagem do qual é concebido, porquanto o transcende totalmen-

te. O socialismo humano é limitado pelo horizonte da vida e, por isso, é um egoísmo zoológico. O socialismo terrestre, transcendente, relativamente, porque se estende a toda a natureza sublunar. Mas também este é limitado ao Cosmos, tornando-se, por isso, um egoísmo cósmico. «Só o socialismo universal é verdadeiro, absoluto, perfeito»³².

Esta cosmovisão, que faz da realidade, no seu todo, uma pluralidade de seres naturais, penetrada e unida por uma energia que é o amor divino, apresenta-se como um dinamismo pampsiquista. Assim, o passado evolutivo da Natureza abre ao poeta o «caminho da Eternidade», pois vê nela a matéria irmã e imortal, animada de sentimentos de esperança e desespero, semeando luz e germinando dores. E, na Vida, vê um ciclo eterno, em que os átomos se comportam como entidades psíquicas, que se desejam, sentem, procuram e amam, sonham quimeras e frutificam virtudes. Mas na Natureza e na Vida não está o amor perfeito, pois este há-de ser infinito. O amor animal como o amor humano são acompanhados pelo seu contrário — o ódio; só o amor cósmico é justiça, verdade, luz, semente de Vida.

Leonardo assinala a união constante, em Junqueiro, do amor e da dor, mas restringe-a à experiência humana. Parece não dar conta de que ele vai ao ponto de os eternizar, o que equivale a admitir em Deus um dualismo antitético, que lhe retira a infinitude e o torna um deus diminuído, necessariamente em evolução reintegradora. Esta é fundamentalmente a posição gnóstica e maniqueísta, que parece não advertir, indicando apenas o anor e a dor humanos, como caminho de ascensão para Deus, perfeição infinita.

E interroga-se: «É a *Oração à Luz* obra metafísica?» Não — responde, porque é fruto da força interior da alma que carece do outro, fruto do sentimento, que só o Infinito pode conter, e não fruto do pensamento.

«Negação da obra anterior?» Também não — responde; antes coroação soberba, que os homens não podem apreender, porque é fruto de um jorramento divino, de uma revelação interior e, por isso, infinita e divina. Pertence à experiência do divino em nós, dum amor infinito que nos incita a transcender-nos invencivelmente, e se manifesta numa aspiração ilimitada, num Ideal insaciável. Por isso é a suprema arte.

³² Leonardo Coimbra, «Guerra Junqueiro», in *Humanística e Teologia*, Porto, XVI, 1-2 (1995), p. 282.

E Leonardo termina, propondo dois princípios ético-metafísicos.

Que o caminho para o amor Infinito é o amor da Humanidade: «O amor é incorruptível, leva-nos a viver no Infinito, mas havemos de muito ter vivido na Humanidade»³³.

E que, em ordem à acção, o sentir tem primazia sobre o pensar: «Pensar sentindo é cumprir, realizar. Olhar o problema social com o cérebro é resolvê-lo em possibilidade, *senti-lo com o coração é resolvê-lo em realidade*»³⁴.

Quer dizer, Leonardo detecta na obra poética de Junqueiro, especialmente em *Oração à Luz*, e expressa neste seu primeiro artigo de hermenêutica filosófica, as traves mestras de uma gnosiologia e de uma metafísica religiosa, que hão-de estruturar o seu futuro sistema criacionista: a superação do cientismo, que dominou a primeira fase destruidora e negativista da obra de Junqueiro; a experiência estética e moral, concretizadas na poesia e na prática do bem, no amor à humanidade, como únicas vias de acesso ao Amor infinito, à Perfeição infinita ou Deus; a visão da realidade como um *Todo uno e plural* — a ontologia será uma monadologia — como uma sociedade em que as almas se buscam e procuram, para se fundirem no Amor infinito que penetra a Natureza e as almas, unindo-as e fraternizando-as, e se apresenta a estas como foco irradiante e pólo de atracção, como Ideal insaciável e Bem inatingível.

O «panteísmo transcendente» que atribuí a Junqueiro contém alguma ambiguidade, porquanto o panteísmo implica a imanência divina no Universo; e dizendo-se transcendente, só o pode ser relativamente, isto é, transcendente em relação ao Homem, mas imanente em relação ao Cosmos, e porque o horizonte do Cosmos se identifica com o horizonte divino, é inultrapassável, estamos em pleno panteísmo. Mais tarde, em 1910, este panteísmo comum a outros poetas, como Teixeira de Pascoaes, Correia de Oliveira, Lopes Vieira, Augusto Casimiro e Jaime Cortesão, é classificado preferentemente de «paganismo transcendente» e «paganismo espiritualista»³⁵, próprio dos poetas cósmicos, em contraponto com os poetas humanos, ou exclusivamente sociais.

³³ *Idem, ibidem*, p. 283.

³⁴ *Idem, ibidem*, p. 283.

³⁵ *Idem, Dispersos, I, Poesia Portuguesa*, Lisboa, Editorial Verbo, 1984, p. 110.

Finalmente, em 1923, no volume *Guerra Junqueiro*, este panteísmo é diagnosticado e criticado por Leonardo como panteísmo palingenético, evolutivo, naturalista, panteísmo de ascensional evolução, e contraposto, em seus fundamentos e argumentos, ao teísmo de inspiração cristã — este devidamente explicitado, quer metafisicamente, quer teologicamente, dentro da ortodoxia católica.

2 — A relação pessoal e ideológica com Junqueiro

Desde o primeiro encontro intelectual com a obra de Junqueiro, o Poeta tornara-se para Leonardo, ainda estudante, uma figura tutelar. Sant'Anna Dionísio parece situar em 1909 o primeiro encontro pessoal entre os dois: «Um dia, à saída de uma aula da Politécnica, Guerra Junqueiro esperou-o para o conhecer e o saudar, como autor de um artigo seu, que acabara de ler»³⁶. Desde então o relacionamento tornou-se mais íntimo: Leonardo faz um discurso na homenagem ao Poeta, realizada no Porto, à janela da sua casa, a 8 de Novembro de 1911; igualmente, na homenagem, no mesmo lugar, em 20 de Junho de 1922; refere-se ao Poeta nas suas obras principais: *O Criacionismo* e *A Alegria, a Dor e a Graça*; passam a encontrar-se com relativa frequência, para longas conversas, em que se influenciam mutuamente, indicando leituras e discutindo problemas científicos e filosóficos. Escreve, em 1923: «convém declarar, que fomos, desde estudante, dos nossos vinte anos, da intimidade de Guerra Junqueiro e que isso mais imperiosa torna nossa obrigação de tentarmos um crítica inteiramente despida de exageros e lisonjas»³⁷. Nos últimos anos de vida do Poeta, acompanhou-o assiduamente; sobretudo, durante a sua longa doença, a ponto de ele lhe pedir para, «logo que a saúde lhe permitisse o trabalho, lhe dar uma ou duas horas por dia para o auxiliar na ordenação de manuscritos, que ele vinha escrevendo desde anos»³⁸. Tratava-se da *Unidade do Ser*, obra que até hoje não chegou a ser publicada.

³⁶ Sant'Anna Dionísio, «Biografia...», in *Leonardo Coimbra. Testemunhos dos Seus Contemporâneos*, ob. cit., p. 414.

³⁷ Leonardo Coimbra, *Guerra Junqueiro*, Porto, Lello Editores-UCP, 1996, p. 17.

³⁸ *Idem, ibidem*, p. 40.

Leonardo manifesta-se também admirador de Teixeira de Pascoaes, seu vizinho das beiras do Tâmega, desde 1906, apresentando-se ao Poeta do Marão num encontro ocasional, na Praça da Batalha, no Porto. Escreve sobre ele um artigo, em 1909³⁹. Tornam-se amigos e colaboradores na *Renascença Portuguesa*, em 1912. Mas Pascoaes é para ele, somente, um irmão mais velho, nas lides do pensar e poetar. Fez uma crítica à primeira edição de *Regresso ao Paraíso* (1912) e um prefácio para a segunda edição (1921)⁴⁰. E ainda uma crítica ao livro *S. Paulo* (1934), na perspectiva, já claramente, da ortodoxia católica.

Mas, sobre Junqueiro, publicou uma colectânea de artigos, escritos logo após a sua morte, que o mostram como o melhor crítico da obra e da personalidade do Poeta de *Os Simples*, sobretudo como o mais profundo intérprete do seu pensamento filosófico.

Aqui revela Leonardo ter assimilado, nos anos 1922 e 1923, a metafísica que apelida de cristã e a doutrina católica, com a clareza e a profundidade que não se encontram em escritos anteriores.

Assim, a longa doença de Guerra Junqueiro e a convivência com ele mantida levaram-no a rever, simultaneamente com o Poeta, as suas posições filosóficas e atitudes afectivas face ao Cristianismo. Mas com uma diferença, por ele mesmo assinalada. Enquanto Junqueiro «viveu dolorosamente a grande tragédia da existência», quando a longa e dolorosa doença o fez defrontar-se com o problema do próprio destino, mas não resolveu intelectualmente os grandes problemas metafísicos, Leonardo aprofundou-os, a ponto de confrontar o seu *Criacionismo*, com a «metafísica cristã» e a doutrina católica; e transmutou o seu pensamento, passando de um panteísmo idealista e monadológico, de um dinamismo panpsiquista, para o verdadeiro «teísmo cristão».

Eis o que nos diz sobre a evolução religiosa do Poeta:

Sem que tivesse sido originariamente um pensador sério, revela-se já na doença, uma alma de interesses especulativos universais; refez em meses a profundidade infinita da visão cristã⁴¹.

³⁹ *Idem*, *Dispersos*, I, *Poesia Portuguesa*, ob. cit., p. 75.

⁴⁰ *Idem*, *ibidem*, pp. 75-81 e 83-103.

⁴¹ *Idem*, *Guerra Junqueiro*, ob. cit., p. 96.

Os grandes problemas metafísicos não os resolveu, antes os escondeu na floresta tropical do seu verbalismo magnificente; mas pensou-os e acabando por os viver e sentir ⁴².

[Do naturalismo radical e ingênuo] saiu apenas pela viva experiência da dor na crise da sua demorada doença ⁴³.

Durante essa doença, ele pensou corrigir toda a obra de acordo com a sua crescente intuição e o seu aumento amor cristão! ⁴⁴

Junqueiro era demasiadamente intelectualista-naturalista e leitor de assuntos filosóficos e científicos para imaginar, fora duma experiência pessoal, as experiências vitais, que façam quebrar alargando-os e não desfazendo-os, os modelos filosófico-científicos ⁴⁵.

Junqueiro entra na vida literária sem personalismo religioso e sem profundidade metafísica ⁴⁶.

A inteligência de Guerra Junqueiro desde sempre lhe impusera o problema da alma e de Deus, o problema do destino humano, em suma ⁴⁷.

Mas, quer a sua inteligência filosófica, quer a sua emotividade poética, não lhe tinham posto, nu e doloroso, o problema do seu próprio destino. Eis o que fez a doença, a longa e dolorosa doença. [...] Foi aí que, pela primeira vez, porventura, o Poeta se viu face a face com o destino, com o problema da sua própria alma, sem a interposição deformadora do público ⁴⁸.

Ele acabou por acreditar, duma crença viva, sofredora, concreta e trágica, naquela vida eterna e infinita, que tantas vezes servira apenas para o alongamento misterioso, a ressonância abismática, da solenidade do seu verbo;

⁴² *Idem, ibidem*, p. 96.

⁴³ *Idem, ibidem*, p. 89.

⁴⁴ *Idem, ibidem*, p. 31.

⁴⁵ *Idem, ibidem*, p. 29.

⁴⁶ *Idem, ibidem*, p. 19.

⁴⁷ *Idem, ibidem*, p. 15.

⁴⁸ *Idem, ibidem*, p. 15.

[...] é agora o Homem em face do destino procurando Deus [...], mas Deus amante, pessoal, piedoso, conhecendo toda ansiedade de amor e toda a pobreza de vontade da pobre alma humana ⁴⁹.

Leonardo, porém, não se limitou a acreditar na e a testemunhar a evolução religiosa de Junqueiro, até pouco antes do momento em que «deixou tombar a sua cabeça entre os braços amorosos de um crucifixo» e «colocar o seu coração em repouso, de encontro à imagem de S. Francisco de Assis» ⁵⁰. Seguiu-lhe os passos através de toda a sua obra, quer da fase da polémica, destrutiva, quer da fase de repouso lírico, de reconstrução espiritualista, e consignou a sua interpretação no livro a ele dedicado.

No começo, era simplesmente poeta humano, isto é, um analista da vida social, à Vítor Hugo. Depois, passa a poeta cósmico, inserindo a vida social humana nas relações universais, por influxo do espírito científico, também importado de França, que o leva a adoptar uma mundividência naturalista, espiritualizante, panteísta, evolucionista.

A primeira crise de doença, que precede e o fez transitar para *Os Simples*, para a fase de repouso lírico, marca a sua evolução do deísmo huguesco para o panteísmo de evolução ascensional dos naturalistas, claramente vincado nas *Orações* (ao Pão e à Luz). Deus deixou de ser pura abstracção vazia, de estar fora do mundo, como pura transcendência, para ser imanente à Natureza, um impulso criador, desdobrando-a, à Espinosa, em naturada e naturante.

Leonardo situa esta cosmovisão no pensamento moderno europeu, apontando-lhe as fontes e as influências: desde o naturalismo da Renascença, ao evolucionismo científico de Darwin e de Haeckel, ao idealismo evolucionista de Hegel recebido de Antero, à concepção sociológica do Universo de Fouillée, ao dinamismo pampsiquista de Leibniz, ao «misticismo naturalista» da teosofia ou gnose moderna. Nesta última radica a concepção maniqueísta de Deus, definido por Junqueiro, contraditoriamente, como «o amor infinito vencendo infinitamente a infinita dor». Solução para o problema do mal, que o leva ao eterno retorno ou a um proces-

⁴⁹ *Idem, ibidem*, p. 16.

⁵⁰ *Idem, ibidem*, p. 31.

so sem fim de uma natureza eterna e infinita, e o afasta radicalmente da redenção cristã:

É este naturalismo da teosofia, do budismo e até em parte do velho bramanismo, que explica que os homens dos séculos XIX e XX, como Schopenhauer, Antero de Quental, Oliveira Martins, e actualmente os adeptos das numerosas sociedades teosóficas, se aproximem mais simpaticamente da velha Índia com maior facilidade que dum regresso a Cristo. Veja-se a travessia de Huysmans pelo espiritismo, ocultismo, kabala, gnose e teosofia, antes do regresso ao cristianismo ⁵¹.

Leonardo repete algumas vezes que exerceu grande influência em Junqueiro a leitura do livro *De la Réalité du Monde Sensible*, de Jean Jaurès, levando-o à platonização das sensações. Mas conheceu-lhe outras leituras:

As predilecções da leitura eram J. Jaurès (*De la Réalité du Monde Sensible*), Espinosa (*Ética*), um pouco de Bergson e muita leitura de livros de biologia (Guillemot, Dantec, Dastre, A. Gautier, etc.), anatomia e fisiologia do sistema nervoso e teorias físicas da constituição electromagnética da matéria ⁵².

Não se limitou, porém, a situar a cosmovisão junqueiriana no contexto filosófico europeu e a assinalar-lhe a evolução — do deísmo, ao panteísmo, até ao teísmo cristão. Mas criticou-o à luz da «metafísica cristã» e dentro da ortodoxia católica.

3 — *Crítica do evolucionismo naturalista e panteísta*

No deísmo, Deus é «abstracção vazia»; a transcendência é concebida como pura exterioridade e inoperância, em relação ao cosmos.

Mas Junqueiro deixa vagamente um Deus, que (não sabendo bem se um resíduo do passado deísmo) é um

⁵¹ *Idem, ibidem*, p. 83.

⁵² *Idem, ibidem*, p. 93.

abstracto da Personalidade, a pairar inactivo sobre a Evolução, que se fez num Tempo, que, por incompreensão do melhor do bergsonismo, é coisa bruta existindo em si ⁵³.

Deixa o deísmo, para se lançar no panteísmo evolutivo ascensional:

De modo que ou Deus nada faz, simples obra do ser, ou ele não existe no princípio e se vai fazendo na Evolução, e, como o Tempo é uma forma vazia, e na Natureza só o homem se apresenta consciente, essa Evolução só poderá ser uma simples projecção cósmica do ideal humano ⁵⁴.

É este Deus, fruto do evolucionismo naturalista, que aparece no prefácio de *Os Pobres* de Raul Brandão. Como aí a Natureza deixou de ser amoral para ser imoral — «a vida é o mal...»; «A Natureza é a iniquidade...» —, a solução do problema do mal, dentro deste evolucionismo naturalista, tornou-se impossível, mesmo logicamente. Pois leva a pôr o mal em Deus, isto é, a uma concepção dualista de Deus — o Amor, o Bem, em luta eterna com a Dor, o Mal. Na expressão de Junqueiro: «Deus é, pois, o amor infinito vencendo infinitamente a infinita dor.»

E Leonardo comenta: «A última frase [...] é a confissão plena e incontestável do puro verbalismo da solução dada ao problema do mal» ⁵⁵.

E contrapõe, ao imoralismo da natureza que coloca no seu coração o Bem e o Mal, a admissão de dois planos de ser diferentes, tocando-se e influenciando-se: a natureza inconsciente e a consciência humana; a primeira é amoral e só a segunda é moral. Com toda a realidade planificada e exposta em natureza, nada se resolverá. Como a natureza é eterna e infinita (e não simplesmente indefinida), o processo da luta entre dor e amor, mal e bem, não tem fim no espaço e no tempo. E este processo sem fim chama-se Deus, mas também podia chamar-se Satanás.

⁵³ *Idem, ibidem*, p. 86.

⁵⁴ *Idem, ibidem*, p. 86.

⁵⁵ *Idem, ibidem*, p. 87.

Temos de nos interrogar por que vence sempre o amor e é sempre vencida a infinita dor:

Mas a indeterminação deste infinito não nos permite saber se em qualquer momento no tempo se passa a fase da posição da dor ou a sua deposição pela actual vitória do Amor: logo Deus e Satã equivalem-se: sem fim, irreduzíveis, sempre em luta nos campos de batalha do infinito ⁵⁶.

Assim a solução de Junqueiro aparece como solução inferior:

solução inferior ao próprio maniqueísmo, pois que, sendo este de inspiração persa, pode receber do zoroastrismo a ideia da derrota final de Ahriman e da criação da nova terra e do novo céu ⁵⁷.

Podemos acrescentar que ela é fruto da persistência da gnose antiga na época moderna, que Junqueiro não superou intelectualmente.

Mas Leonardo não se limita a desvelar «as mediócras contradições de pensamento» desta solução, a ilusão das «grandíloquas sugestões do verbo» e a ausência de uma escatologia, ou sistema de fins, que existe em todos os povos como simples encerramento naturalista dos processos naturais, e em todas as religiões superiores, como conclusão ética de tais processos; ele confronta-a repetidamente com a metafísica ideo-realista e com a escatologia cristã.

Ao Deus naturalista, fruto da evolução das forças infinitas da natureza e simples projecção da luz ideal do amor para o Infinito mudo e apagado, feita pelo cérebro ou alma do homem, ele opõe o Deus «*Acto puro, dando, de graça*, às almas, aquele acréscimo que lhes falte para a vitória da harmonia, e nunca *sofrendo, em Si*, os combates da dor e do amor» ⁵⁸.

E explica em termos ontológicos de rara clarividência: «a existência divina não tem modos nem tempos: *Deus é*». Quer dizer,

⁵⁶ *Idem, ibidem*, p. 87.

⁵⁷ *Idem, ibidem*, p. 88.

⁵⁸ *Idem, ibidem*, p. 89.

em rigor, Deus nunca foi, nem será, mas pura e simplesmente *é*, ou *é* desde sempre e para sempre, ou seja, eternamente. Sem esquecer que o «*é*», como verbo no presente do indicativo, significa acção em concreto, ou na realidade. Portanto, «*Deus será* é uma frase insensata, que resulta de sobrepor o tempo, condicionalismo da acção das criaturas, ao Acto que as criou»⁵⁹.

Este Deus *Acto puro* é necessariamente e absolutamente transcendente ao cosmos, ao tempo e a qualquer evolução. Por isso, não pode ser a conclusão naturalista duma evolução cósmica ou espiritual humana.

Aqui está todo o absurdo ou contradição latente no evolucionismo panteísta naturalista. Deus é simplesmente posto no fim da evolução natural, que d'Ele não partiu, pois se quis dispensá-lo.

Argumenta Leonardo interrogando:

Como do zero chegamos ao infinito, se nem do menos poderá sair o mais, senão por acção duma nova actividade que fecunde aquele menos juntando-lhe o necessário acréscimo de ser?

E qual o ser cujo acréscimo fará de zero o infinito?

O Ser infinito, Deus somente; e assim regressamos ao Deus, que pretendêramos dispensar⁶⁰.

Toda a tentativa de substituir a acção de Deus no cosmos ou natureza pela evolução, pelo tempo, ou pelo acaso, resulta neste absurdo: a evolução física sem fundamento ou razão suficiente. Do mesmo modo, a tentativa de pôr a evolução em Deus, sujeitando-o a um processo infinito, introduz nele a contradição: porque, ou o processo seria por diminuição e aumento, por queda e redenção, tomando a forma circular e conduzindo ao eterno retorno do mesmo, sempre inacabado, imperfeito, ou a eterna reintegração do mesmo no Absoluto, ou o processo seria rectilíneo, planificado em superfície, ou em ascensão espiralada, e seria indefinido, podendo prolongar-se sem termo, e consequentemente sem princípio, pois não se fundamentaria a si mesmo. Em qualquer das hipóteses, Deus não seria a plenitude da perfeição de ser, mas um contínuo

⁵⁹ *Idem, ibidem*, p. 88.

⁶⁰ *Idem, ibidem*, p. 88.

«vir a ser», isto é, Deus não seria Deus e as criaturas, reduzidas a modos e manifestações temporárias ou eternas da Substância infinita e eterna.

Por isso Leonardo assinala:

A *Oração à Luz* [...] sofre do defeito de todo o evolucionismo panteísta: do vago, do indefinido numa evolução sem termo, nem clara finalidade. [...] É dessa modalidade aquela célebre definição de Deus como Amor infinito vencendo infinitamente a infinita Dor.

Quem vence?

Deus ou a Dor?

De que serviria cada vitória de Deus, se há sempre momentos do tempo em que a Dor se pode inserir?

Este infinito de Deus e da Dor é um pouco a ressurreição do maniqueísmo e resulta daquele indefinido da Evolução, que todo o século XIX tomou como infinito.

Hoje a ciência, com Einstein, tende a suprimir esses infinitos, que mascaravam o indefinido, para deixar apenas o determinado e o finito do que se conhece e o indefinido do que ainda se não determinou ⁶¹.

É fundamental, na crítica ao evolucionismo panteísta, esta distinção entre infinito e indefinido. Infinito é somente Deus; o cosmos, como a natureza, é indefinido e não infinito, como pretendia Giordano Bruno; e Leonardo apoia-se nas teorias científicas da entropia e da relatividade para o afirmar. Mas não só, pois, noutra passo, recorre à teoria da causalidade metafísica, implicando, no plano ontológico ou do essente finito como tal, o exercício das três causas: eficiente, exemplar e final. Vejamos o seu raciocínio.

Começa por descrever o evolucionismo panteísta de Junqueiro, na *Oração à Luz*:

Teremos, pois, uma realidade inicial, que, por uma evolução excedente, vem da rocha à areia, ao lodo, à seiva, ao fruto, à carne, ao sangue, ao pensamento ⁶².

⁶¹ *Idem, ibidem*, p. 30.

⁶² *Idem, ibidem*, p. 73.

Há duas perguntas que necessariamente se põem, para compreender o sentido e a causa desta evolução: donde vem? Para onde vai? São as perguntas que afligiram Antero, mas às quais Junqueiro responde com um indefinido simplesmente verbalista: «Vieram do infinito e infinitamente caminham para o infinito»⁶³.

Leonardo mantém a resposta a nível ontológico, pois não se trata do lugar donde nem para onde, mas de uma exigência de inteligibilidade de toda a evolução em si mesma, que consiste na actualização do que estava virtualmente contido no seu início:

Nesse ser inicial estava virtualmente o todo que a evolução actualiza?

Porque se não estiver, a evolução ascensional é absurda, pois do menos não pode provir o mais, do zero não pode provir o infinito, como foi dito atrás. Terá, portanto, de recorrer-se a um ente exterior à evolução, que a causasse pela comunicação do ser ao ente móvel, em evolução.

Mas como se trata, para Junqueiro, da evolução universal que vem do infinito, de um evolucionismo panteísta, «teríamos primeiro Deus oculto, depois Deus manifestando-se pelo Universo e regressando a si após a manifestação».

Mas então põem-se duas perguntas: «Para que foi esta manifestação», que começa e se consuma em Deus? E as almas, no primeiro momento inexistentes, por que existirão no momento final?

Junqueiro não apenas não responde, como apresenta outras indeterminações e algumas contradições.

Leonardo esclarece tomando uma comparação:

A vida é uma árvore; a luz é o solo que a alimenta, as raízes são rochas de luz condensada, antes luz morta e petrificada, o tronco é a vida, as folhas os homens, a flor a consciência e o fruto será Deus.

E posta a pergunta: «e donde veio a árvore», responde:

Mas a árvore nasce de uma semente, isto é, dum fruto que a contenha ou duma ideia que a crie: sempre será Deus antecedente e nunca simples consequente.

⁶³ *Idem, ibidem*, p. 73.

Aqui não tem lugar o círculo vicioso: o fruto contém a semente e a semente contém o fruto — qual está primeiro? Porque Deus, que é, no tempo, fruto da árvore da vida em crescimento (evolução ascensional), contém a semente, mas não é da mesma ordem ontológica, pois n'Ele, a semente é «a ideia que a crie» (à árvore e consequentemente ao fruto). Portanto, «sempre será Deus antecedente e nunca simples consequente». E pode sê-lo simultaneamente, sem contradição, pois que o é (antecedente e consequente) ao mesmo tempo, mas não na mesma ordem ou nível de ser: não na ordem cósmica, física, biológica, psíquica e consciente, mas sim na ordem metafísica ou do ser puro.

E este Deus antecedente, que contém «a ideia que crie a árvore da vida» (a evolução criadora, conduzindo ao Deus consequente), como actua?

Aqui Leonardo atinge não só a causalidade metafísica, que recusara, nomeadamente, em *O Criacionismo*, na esteira da crítica de Kant, via Hannequin, mas expressa a teoria da interdependência das causas na produção consciente de qualquer efeito — consequentemente no acto criador de Deus:

E Este, se existe, (e para Junqueiro existia em evolução na Natureza) é, na virtualidade primitiva, a causa e a ordem da evolução: causa consciente e ordem consciente darão uma evolução finalista e não o eterno indefinido do evoluir, do morrer para renascer ⁶⁴.

Quer dizer, na virtualidade primitiva, no início da evolução que contém virtualmente o seu fruto, está uma acção eficiente. Mas a sua causa, que tem de ser consciente, isto é, inteligente e livre, para orientar a evolução, não age senão movida por um fim ou bem preconcebido e desejado, ou ideia a atingir e realizar, e não age senão segundo um modelo ou exemplar, que é a mesma ideia que foi escolhida como fim e enforma ou guia a causa eficiente na sua acção realizadora. Por isso, a virtualidade primitiva da evolução ascensional e de toda a evolução tem Deus, em última análise, como causa, ordem e fim, isto é, como causa eficiente, causa exemplar e causa final, ou simplesmente, como causa criadora metafísica, inteligente e livre, isto é, pessoal.

⁶⁴ *Idem, ibidem*, p. 74.

Mais imediatamente, esta correlação «virtualidade-actualização» leva a conceber Deus como Acto puro, incompatível com qualquer forma de dualismo e de evolução perfectiva:

Mas de Deus *Acto puro, dando, de graça*, às almas, aquele acréscimo que lhes falte para a vitória da harmonia, e nunca *sofrendo, em Si*, os combates da dor e do amor ⁶⁵.

Melhor seria dizer «Agir puro», porque acto ou acção significa o agir em abstracto, substantivado, sem exercício concreto da perfeição ou forma da actividade; «Agir» que, por sua vez, é próprio de todo o verbo, e, por consequência, é implicado no «Ser» (verbo), como exercício da perfeição ou forma esseedade.

É que, para Leonardo Coimbra, Deus é também o «Ser infinito» ou simplesmente o «Ser»:

E qual o ser cujo acréscimo fará de zero o infinito?
O Ser infinito, Deus somente ⁶⁶.

E, criticando o panteísmo de Junqueiro, à Espinosa, em que os seres seriam apenas modos da Substância, modos da *Unidade do Ser*:

Os seres não podem, com efeito, coexistir no mesmo plano de realidade com o Ser. O Ser ou Deus é sem modo, é eminentemente; os seres existem ⁶⁷.

Mas o infinito de Deus não se pode confundir com o indefinido da imaginação ou da evolução natural, dentro da ordem espaço-temporal:

O erro aqui está em ter confundido o indefinido (termo negativo duma certa definição — a grega no caso) com o infinito (termo positivo), confusão que com Giordano Bruno entrou no pensamento da Renascença e alastrou sempre dominadora até aos sérios golpes de Einstein ⁶⁸.

⁶⁵ *Idem, ibidem*, p. 89.

⁶⁶ *Idem, ibidem*, p. 88.

⁶⁷ *Idem, ibidem*, p. 93.

⁶⁸ *Idem, ibidem*, p. 75.

Esta distinção fulcral, que marca a passagem gnosiológica da ciência para a metafísica e é condição de possibilidade da afirmação de Deus transcendente, assenta, para Leonardo, na própria ciência física:

Qualquer que seja o futuro das teorias científicas de Einstein, demonstrado ficou que sempre que se tente definir o Universo físico, de modo a que a palavra possa entrar em proposições gramaticais como sujeito de verbos ou de atribuições, se terá de passar do indefinido (e não infinito) para o determinado, definido e finito ⁶⁹.

Mas, além de Acto puro e Ser infinito, Deus é Amor infinito:

O verdadeiro amor é infinito, e, quando esse infinito lhe falta (e só em Deus ele existe), o homem terá de fingir esse Infinito pela ilusão do indefinido ⁷⁰.

E ainda Amor incriado e criador do ser real e do ser lógico:

O Amor incriado é a fonte do ser, só nele, ou em chispas do seu fogo, poderemos apreender o ser que é a substância, a essência do conhecimento ⁷¹.

A coexistência do Ser e dos seres parece contradizer a Unidade do Ser, pressuposta pelo panteísmo de ascensional evolução e que Junqueiro sonhava defender no livro que teria esse título. A solução seria, para Junqueiro, reduzir os seres a modos de uma única substância, ou, para Leonardo, defender o sociologismo universal, que nos dá, não a unidade, mas a pluralidade unificada, subjectivamente, pelo nosso espírito, no conhecimento experimental. Agora, Leonardo supera a monadologia da metafísica criacionista inicial e opta:

Os seres não podem, com efeito, coexistir no mesmo plano de realidade com o Ser. O Ser ou Deus é sem modo, é eminentemente; os seres *existem*. Para que estes coexis-

⁶⁹ *Idem, ibidem*, p. 76.

⁷⁰ *Idem, ibidem*, p. 26.

⁷¹ *Idem, ibidem*, p. 67.

tam com Aquele necessário se torna que a natureza suba a supernatureza ou glória⁷².

A experiência não dá a Unidade, a experiência recebe, melhor ou pior, a unidade que lhe impõe o nosso espírito: não é unidade, mas pluralidade unificada.

A única unidade compreensível é a convivência social do Amor.

E Junqueiro dirá muitas vezes que «viver é conviver», mas, porque não atinge o Deus pessoal, esta convivência será apenas o caminho do Amor para a absorção de todos os modos na única Substância⁷³.

Não assim para o teísmo cristão, para o qual Deus é o «ser amante e misericordioso que socorra e ampare», «Deus amante, pessoal, piedoso, conhecendo toda a ansiedade do amor e toda a pobreza de vontade da pobre alma humana»⁷⁴. Não há a absorção reintegracionista das almas na Unidade do Ser, mas sim, «unidade do amor de convivência, sem as desfazer numa substância absorvente, antes resgatando-as para uma nova vida de melhor companhia em seus corpos glorificados»⁷⁵.

4 — *Do teísmo metafísico ao teísmo cristão*

Mas aqui, nesta unidade do amor de convivência com Deus pessoal, estamos já a ultrapassar as barreiras do teísmo metafísico, mesmo de inspiração cristã, para entrarmos no campo da revelação e da Graça. E Leonardo faz a transição imperceptivelmente, sem pôr o problema, porque o Deus em que Junqueiro acabou por acreditar no final da sua longa doença não é o Deus dos filósofos, Ser metafísico, impessoal e distante, mas o Deus de Jesus Cristo, «Pai amoroso, a cuja casa podemos regressar pela bondade com que o desejamos, pelo arranco de Saudade com que, por fim, saberemos erguer as asas... ou as almas...»⁷⁶.

⁷² *Idem, ibidem*, p. 93.

⁷³ *Idem, ibidem*, p. 41.

⁷⁴ *Idem, ibidem*, p. 16.

⁷⁵ *Idem, ibidem*, p. 42.

⁷⁶ *Idem, ibidem*, p. 43.

A experiência não dá a Unidade, a experiência recebe, melhor ou pior, a unidade que lhe impõe o nosso espírito: não é unidade, mas pluralidade unificada.

Quer dizer, para Leonardo, de harmonia com a revelação cristã, o homem natural nunca existiu:

Deste modo é claro que, despida a Natureza dos artifícios e falsificações que acompanharam a obra da civilização, ficaria apenas o homem natural em sua pureza primitiva, isto é, sem o pecado que acompanhou a cultura humana, mas também sem as virtudes dessa cultura.

Esse homem natural é um ideal teórico, evidentemente inatingível: e eis porque Junqueiro pára e se demora nos simples, nos corações dos nossos camponeses ingênuos e profundamente cristãos ⁷⁷.

O homem real, histórico, encontra-se desde o início ou nas origens, em estado de graça, de supernatureza ou glória:

A matéria vai morrendo à medida que o espírito vai nascendo: o termo da primeira é o Nada; o termo do último é o Infinito ⁷⁸.

Isto mesmo verificou-o experimentalmente no plano individual, no acompanhamento que fez de Junqueiro, na fase da doença. Mas também acontece no Universo, como o mostra a ciência e a história do planeta.

Esta é a lei da continuidade da vida natural, e, se a graça pode exceder e excede a Natureza, é ainda para aumentar o Espírito e transformar, espiritualizar os corpos, glorificando-os ⁷⁹.

Ou ainda, em contexto ontológico, precursor da heideggeriana diferença ontológica:

O Ser ou Deus é sem modo, é eminentemente; os seres *existem*.

⁷⁷ *Idem, ibidem*, p. 36.

⁷⁸ *Idem, ibidem*, p. 33.

⁷⁹ *Idem, ibidem*, p. 34.

Em virtude desta diferença entre ser e existir (um, próprio de Deus e o outro, das criaturas),

os seres não podem coexistir no mesmo plano de realidade com o Ser.

Por isso, é necessário que a natureza seja elevada a supernatureza, e só assim será possível a convivência no Amor, a que o Homem é chamado, e a visão de Deus ou glória, a que é destinado:

Para que estes coexistam com Aquele necessário se torna que a natureza suba a supernatureza ou glória ⁸⁰.

5 — O mal, o maniqueísmo e a redenção cristã

O problema do mal, que é a matriz de todo o gnosticismo e maniqueísmo, antigo e moderno, recebe agora, de Leonardo, uma solução no plano ético e dentro da revelação cristã, e não no plano puramente metafísico (ontológico e teológico), fazendo recuar a origem do mal ao próprio Deus, quer seja concebido evolutivamente, quer dualisticamente, como acontece nas doutrinas mencionadas e encontramos em Sampaio Bruno, Junqueiro e Teixeira de Pascoaes:

Não; o problema do mal não pode resolver-se numa natureza planificada.

O próprio Espinosa pelos graus de conhecimento subia pelo espírito a vários planos de existência até à visão em eternidade, e só aí desapareciam as desarmonias do mal.

O mal é a desarmonia dos seres, a dor é, nas consciências, o sinal dessa desarmonia.

Daí a função cósmica da dor, análoga à sua função biológica. [...]

A dor moral e metafísica anuncia uma desarmonia na sociedade das consciências ou almas, a ameaça de uma perda no tesouro dos valores espirituais.

⁸⁰ *Idem, ibidem*, p. 37.

Vencer essa dor é refazer a harmonia, é, por isso, que a vitória só pode ser uma obra do amor.

Essas vitórias anunciam a chegada de reforços espirituais, e é, por isso, que a dor atraindo os influxos do Alto, é a grande reveladora de Deus.

Mas de Deus *Acto puro, dando, de graça*, às almas, aquele acréscimo que lhes falte para a vitória da harmonia, e nunca *sofrendo, em Si*, os combates da dor e do amor⁸¹.

Excluindo o dualismo maniqueísta em Deus, a origem do mal só pode estar nas criaturas — mal ontológico. E então ou está na própria matéria, simples aparência da verdadeira realidade — realidade invisível e ideal —, e estamos no platonismo e consequentemente no dualismo ontológico e antropológico, ou o mal está no mau uso da liberdade pelo homem (e pelos anjos) e será apenas ético, ou do domínio da acção, e não da constituição ontológica das criaturas.

No primeiro caso, a libertação consiste na apreensão desse mundo ideal da Verdade, da Beleza e do Bem e na tentativa de dar-lhe o predomínio, enquanto realidade superior, através da libertação progressiva do corpo, até à sua destruição na morte.

No segundo caso, estamos ou em naturalismo redentorista gnóstico ou em pleno sobrenaturalismo bíblico-cristão, segundo o qual o homem nunca poderá libertar-se do mal moral por si mesmo, como vemos ser tentado em todo o paganismo (processos médicos naturais, magia, gnose), mas que só pelos reforços espirituais, pela graça, vindos de Deus, desde que o homem se abra, em inteligência e vontade, à Iluminação e à Caridade de Deus — é a redenção operada por Deus através de Cristo:

No cristianismo este mundo é doente e nenhuma força nele contida e nenhum prolongamento das suas virtudes naturais o podem curar; pois ninguém cura uma doença com o aumento das toxinas que a produzem.

Mas este mundo é o mundo criado por Deus e desaranjado pelo mau uso das liberdades angélicas e humanas.

⁸¹ *Idem, ibidem*, pp. 88-89.

O recurso está apenas num excesso da piedade divina, chamando as vontades hostis a um novo amor: é uma reconciliação do homem com a Harmonia [...]

Eis a diferença entre o platonismo e o cristianismo. [...]

O platonismo resolve-se por nós, o cristianismo pelo socorro de Jesus. [...] E, com Jesus, o alimento e a bebida, o filtro mágico é tão-somente o seu coração de infinito amor e piedade ⁸².

Jesus Cristo é, pois, mediador e redentor, mas para que a Sua redenção tenha a eficácia desejada, isto é, reintegre a natureza manchada na sua pureza originária, é necessário que Ele seja o Verbo Encarnado, a Luz que brilha nas trevas, em linguagem joanina, que Leonardo utiliza:

Platão ligava o mundo sensível ao mundo ideal pela ideia, e a força desta era o influxo do alto na relativa passividade de baixo.

Aqui as ideias só tinham de se encher do amor de uma alma, que as pensasse, para serem anjos, missões do Céu, e, quando virtualmente contidas no coração que as gera, e, por isso, sempre as excede, o próprio Verbo Encarnado, o senhor Jesus...

O platonismo era, pois, um idealismo a que podia corresponder um profundo realismo espiritualista ⁸³.

Ou em linguagem mais teândrica, a expressão do mistério de Jesus, como momento supremo de exaltação da dignidade e beleza do homem, perante o Universo mudo, feita por Junqueiro, em *Oração à Luz*:

Origem (do homem) que aliás seria belíssima se pudessemos interpretar este homem como um homem pós-adâmico, caminhando para o supremo milagre do Amor, da união de Deus à carne do homem no mistério de Jesus ⁸⁴.

⁸² *Idem, ibidem*, pp. 90-91.

⁸³ *Idem, ibidem*, p. 70.

⁸⁴ *Idem, ibidem*, p. 77.

Mas, a redenção, como resolução definitiva do problema do mal, não aparece desligada da escatologia cristã, contrariamente ao que pensa Junqueiro. Ele acha que Cristo é um redentor cósmico e que o processo cósmico é infinito e, por isso, terá de se repetir, nas almas e nos seres, indefinidamente; para a escatologia cristã, haverá o fim do mundo e a Ressurreição corporal:

Se a matéria é um mal no que se oponha ao instrumentalismo das almas, a redenção será para estas o amor eterno e para aquela a sua glorificação, seja a morte do que nela é a guerra e o mal. É o que o catolicismo resolve com a sua escatologia: o fim dos mundos e a Ressurreição em carne glorificada.

E o infinito do processo religioso, é, assim, um infinito de amor para as almas, servidas por corpos glorificados ⁸⁵.

Como consequência imediata desta mundividência cristã, e contrariamente a Junqueiro, que era um otimista imanente ou naturalista e um pessimista transcendente ou gnóstico, sentindo dolorosamente a tragédia do ser, o homem cristão é um pessimista imanente e um otimista transcendente, vivendo desde já na esperança de uma nova vida, na Unidade do amor de convivência:

Um cristão é um pessimista, em termos de imanência, porque sabe este mundo corrompido e sem remédio em si, mas ele, e este sem contradição, é um otimista transcendente, porque sabe que, por amor de Cristo, a Graça pode erguer as almas à pura Unidade do amor de convivência, sem as desfazer numa substância absorvente, antes resgatando-as para uma nova vida de melhor companhia em seus corpos glorificados ⁸⁶.

6 — *A transmutação do criacionismo*

Este excursão sobre a crítica de Leonardo Coimbra à obra de Junqueiro poderia continuar, através dos escritos posteriores a 1923: dois relatos de discursos, dois artigos, algumas páginas de

⁸⁵ *Idem, ibidem*, p. 78.

⁸⁶ *Idem, ibidem*, p. 42.

uma conferência, inéditas até 1950. Mas nada traria de novo, nem mesmo o comentário ao livro póstumo do Poeta, muito incompleto — *O Caminho do Céu* (1926) —, onde reafirma a diversidade dos planos ontológicos — matéria, vida e consciência —, com base na história da filosofia e na ciência moderna, e aponta as contradições, aí persistentes, do evolucionismo panteísta e gnóstico.

Justifica-se, porém, este excurso devido à importância da sintonia intelectual de Leonardo com Junqueiro, tornado figura tutelar. O primeiro encontro com a obra do Poeta, assinalado pelo primeiro artigo de hermenêutica filosófica (e apenas o segundo escrito por ele publicado), marca uma companhia intelectual, que se tornou, com o tempo, uma amizade, até à convivência confiante dos últimos anos e da doença do Poeta.

Aqui, na recta final, os papéis inverteram-se. Junqueiro deixou de pensar e escrever para o público e para a fama. Passou a sentir e viver os grandes problemas do sentido da existência e do destino pessoal, interiormente, para si mesmo.

Leonardo pensou-os desde o início da sua actividade de escritor, e foram tema constante em todas as suas obras, mesmo nas mais científicas, e tema exclusivo em algumas delas. E também os viveu, existencialmente, nalgumas circunstâncias dramáticas da sua vida, como a morte prematura e inesperada do primeiro filho, precisamente ao concluir o primeiro livro.

Mas agora pensa-os numa outra direcção. Leonardo viu-se na necessidade de aprofundar a «visão cristã da vida», a que Junqueiro se acolheu somente nos últimos meses, mas que já vinha renunciando há alguns anos. Por isso, estudou e assimilou a metafísica ideo-realista, que ele apelida de cristã, aliás em conformidade com o uso da época, e a que chama «o mais alto pensamento»; estudou e assimilou o núcleo essencial da revelação cristã, dentro da ortodoxia católica, que exprime fora das categorias e linguagem escolástica, bem como da formulação dogmática, mas com rigor e percepção original, sempre em contraponto com o pensamento filosófico de Junqueiro. O que o Poeta desejara fazer, fê-lo ele próprio com respeito, generosidade e coerência.

Não precisou de abandonar totalmente a sua metafísica criacionista, assente numa gnosiologia idealista-fenomenista (o pensamento construtor da realidade para nós, enquanto a realidade em si, a intuição permanente, é inacessível), e caracterizada por uma ontologia monadológica e uma teologia panteísta, em que a realidade é constituída por Deus e os seres, ou seja, uma pluralidade unificada (o Ser é uno-plural), sendo Deus o princípio dinâmico

do Universo. Este é, pois, construído pelo nosso pensamento sintético e dialético, a partir da experiência científica, que sobe da matéria até à consciência ou pessoa, e a partir desta, pela experiência estética, moral e religiosa, sobe até à realidade metafísica, em gradação ascensional assintótica, mas sem poder atingir a transcendência absoluta de Deus, em virtude do princípio de imanência gnosiológica, embora mitigada, admitido no início da sistematização.

Leonardo transmutou o seu criacionismo, aprofundando e desenvolvendo alguns dos seus pressupostos, o que lhe permitiu superar certas limitações e restrições teóricas, menos compatíveis com a mundividência cristã.

Passou do idealismo fenomenista, dialético, construtivista do real, para um ideo-realismo em que o ser que faz os entes reais se identifica com o ser da sua afirmação real, no acto do conhecimento. Mas em que o ser de cada ente, e de cada afirmação do mesmo ente, não é o Ser, pura e simplesmente. Porque o Ser sem mais é infinito, puro, pleno, a perfeição das perfeições, a perfeição absoluta, e, por isso mesmo, a condição insubstituível para que os entes existam: nele encontram a sua razão última, enquanto sua causa eficiente, exemplar e final, por exigência incoercível da inteligência, sob pena de esta se finar no absurdo, no vazio e no não-ser.

Daí que tenha passado de um panteísmo — em que todos os seres estão em Deus, são por Ele unificados e sustentados na realidade, enquanto Amor infinito, princípio dinâmico dos mesmos, em permanente evolução (quer indefinida, quer progressiva e circular ou espiralada), mas que, portanto, não pode ser sem eles, nem eles, os seres, podem ser sem Deus — para o puro teísmo, conforme com a visão bíblico-cristã da transcendência absoluta de Deus, criador de todos os entes, não por necessidade, mas por amor e liberdade.

Leonardo evitara o panteísmo estrito, substancialista, à Espinosa, bem como o panteísmo evolutivo dialético do idealismo absoluto, à Hegel, e passou do criacionismo humano, do idealismo criacionista, na ordem do pensamento científico, para o criacionismo divino, na ordem da realidade metafísica, para o Deus Amor infinito, Ideal de Beleza e de Bondade, pela via da experiência estética, moral e religiosa. Mas não podia afirmar coerentemente a transcendência absoluta do Deus pessoal do teísmo cristão, do Deus Acto puro, ou, preferentemente, Ser puro (implicando o Agir puro), devido ao idealismo mitigado e à unidade plural da monadologia.

Eis por que Leonardo transmutou o seu sistema criacionista, aprofundando-o e complementando-o, à luz «da profundidade infinita da visão cristã» com que Junqueiro, na sua inquietação e amizade, o fez defrontar-se e que com ele partilhou intimamente.

ÂNGELO ALVES

FIXAÇÃO DO TEXTO

METODOLOGIA

1. O texto base utilizado nesta edição crítica é o texto da 1.^a edição de cada obra ou da primeira publicação de cada disperso, confrontado com o manuscrito original, sempre que exista.

2. Cada página da edição crítica das obras, além da própria numeração, tem assinalada na margem a numeração das páginas da 1.^a edição, assumida como texto base. O começo da página é indicado por duas barras.

3. É sempre actualizada a ortografia, exceptuando as palavras que sejam tidas como nomenclatura específica de Leonardo dada a sua importância sistemática (por exemplo: *cousa*, *cousismo* e derivados).

4. As diferenças de texto, por omissão ou por acréscimo, verificadas no manuscrito original são sempre assinaladas em nota de pé de página, com a sigla **M**.

Estas notas relativas ao manuscrito são indicadas no corpo da página pelas letras do alfabeto grego, entre parênteses curvos.

Algumas notas explicativas do organizador da edição crítica também serão numeradas no corpo e em pé de página com as letras do alfabeto grego, entre parênteses curvos.

5. Algumas vezes não se adopta o texto da 1.^a edição nem do manuscrito, porque visivelmente se trata de erro em ambas as fontes.

Os erros tipográficos em palavras e concordâncias são corrigidos.

6. Mantêm-se as notas de pé de página do Autor com a numeração árabe sequencial, somente em cada página, como na 1.^a edição.

Porque a numeração das páginas da edição crítica nem sempre coincide com a numeração das páginas da 1.^a edição e, por consequência, também, não coincide a numeração das notas do Autor, resolveu-se juntar, sempre que tal aconteça, no corpo da página, à numeração das notas desta edição a numeração das notas na 1.^a edição, entre parênteses rectos.

7. Também são assinaladas as divergências nas notas do Autor em pé de página entre a 1.^a edição e o manuscrito, quer quanto à sua existência num texto e não no outro, quer quanto ao respectivo conteúdo, quer quanto à ausência da numeração no corpo da página, quer quanto à sua troca na 1.^a edição.

8. O manuscrito contém correcções a lápis negro e a tinta. Somente as que se reconhecem pela caligrafia como sendo do Autor serão assinaladas em nota de pé de página, se divergirem da 1.^a edição, como foi dito.

9. Os critérios de fixação do texto utilizados neste primeiro volume são susceptíveis de alteração nos volumes seguintes.

MANUSCRITOS ORIGINAIS

O manuscrito original de *O Criacionismo* não está completo. Faltam as folhas 1 a 57, 59 a 60, 274 a 276, 651 a 671, 917 e 918 e duas folhas finais.

Não possuímos manuscritos dos dispersos publicados pelo Autor, mas apenas de alguns dos inéditos publicados pelo P.^e António de Magalhães, como foi referido.

DISPERSOS NÃO REFERENCIADOS

Por amável deferência do Dr. Joaquim Domingues, que agradecemos, juntam-se aos dispersos já referenciados e novamente publicados mais os seguintes, ainda ausentes das bibliografias e recolhas já feitas:

«Excerto inédito», in *O Povo de Felgueiras*, Felgueiras, ano I, n.º 26, 18 de Agosto de 1910.

«Excerto inédito II», in *O Povo de Felgueiras*, Felgueiras, ano II, n.º 28, 15 de Setembro de 1910.

«Guerra Junqueiro», in *Semana Tirsense*, Santo Tirso, 13.º ano, n.º 4, 22 de Janeiro de 1911.

PREFÁCIO

Nenhum povo tem o direito de abandonar os seus homens de mais alto espírito à simples admiração passiva dos que nas memórias somente trazem a lista de seus nomes.

LEONARDO COIMBRA

Foram as palavras em epígrafe escritas em 1921, na introdução de O Pensamento Filosófico de Antero de Quental. Aqui se recordam no momento em que iniciamos este prefácio ao primeiro volume da edição crítica das obras completas de Leonardo José Coimbra, nascido, a 30 de Dezembro de 1883, em Borba de Godim, actual cidade da Lixa, concelho de Felgueiras, o maior filósofo da primeira metade do século xx português. Quiseram os ventos nem sempre favoráveis da nossa cultura, atreita a colocar nas prateleiras da falta as suas mais características fontes de pensamento, que se encerrasse a precedente centúria sem a publicação integral da sua obra. Sessenta e oito anos após o trágico acidente de viação que prematuramente o vitimou a 2 de Janeiro de 1936, cumpre-se finalmente o designio pela mão ilustrada da Universidade Católica Portuguesa, que pela presente edição crítica vem pôr a filosofia criacionista ao alcance do grande público e, em particular, dos investigadores.

Ao dispor-me a prefaciá-lo o primeiro volume, que corresponde ao período de 1903-1912¹, pareceu-me que deveria assumir a tarefa de dar aos leitores uma imagem, ainda que nalguns traços perfunctória, dos percursos da escrita e do pensamento leonardinos, desde a génese lite-

¹ As citações da obra leonardina seguem os dois tomos do presente volume.

rária e filosófica, ou seus iniciais tentames, até à concretização sistemática da ideia pela qual o pensador deu baptismo à sua filosofia, imprimindo-lhe o nome logo no primeiro livro, *O Criacionismo: Esboço de um Sistema Filosófico*, saído, em Agosto de 1912, das oficinas da Tipografia Costa Carregal, no Porto, sob a chancela da Renascença Portuguesa.

Redigido no mesmo ano, segundo informação do autor, de 5 de Maio a 20 de Junho, na terra que o viu nascer, o texto foi, como consigna a memória inserta no frontispício da 1.^a edição, «Tese de concurso para professor assistente do grupo de filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa». Deste concurso desistiu o filósofo no termo de um processo de mal-entendidos com o júri, entre os quais se deve contar como principal motivo a sua figura avessa à ideologia institucional, contra cuja ortodoxia cedo bramiu o antipositivismo e o antimaterialismo que publicamente manifestou, quer na oratória política, quer nos escritos filosóficos. Foi com tal fama que se apresentou o concorrente, o bastante para que o júri o considerasse alheio aos requisitos exigidos pela defesa da dogmática ou nele visse o provocador, o vulto da diatribe e do desafio. Não se havia coibido o candidato de, na tese, atacar de modo frontal a filosofia positivista vigente, defender a metafísica, ressuscitar o espiritualismo! Apelo ao diálogo intelectual? Essa a intenção de Leonardo. Os acontecimentos provaram-na romântica ².

O significado deste registo biográfico é muito amplo. Se entremostra a coragem do pensador na defesa das próprias ideias, indica também, com a mesma suficiência, que o percurso intelectual que o trouxe até à tese de 1912 o enxerta, por continuidade, na metafísica idealista que transita do século XIX para o século XX, vinda sobretudo de Antero de Quental e Amorim Viana até Sampaio Bruno, em cujo veio o jovem Leonardo Coimbra encontrou os primeiros instrumentos para o terçar de armas contra os materialismos.

Antero e Bruno são seguramente primeiras referências nas leituras juvenis do pensador e nutrientes das ofensivas antimaterialistas dos textos da Nova Silva, de 1907. Neles está possivelmente uma das explicações para a insatisfação espiritual de Leonardo ao aproximar-se das teorias libertárias tradicionais, que efectivamente abraçou, mas para delas retirar o que nelas não é antagónico da realidade do espírito e da crença no absoluto divino.

² Sobre esse processo amargo se pronunciou o próprio em «Porque abandonei o concurso» [p. 398 (tomo I)] e a nota manuscrita de 13 de Dezembro de 1912 [p. 397 (tomo I)].

O exame dos artigos leonardinos da fase juvenil (entre 1907 e 1909) e a comparação dos seus conteúdos com as obras de Antero e de Bruno não deixam dúvida de que foram eles mestres da sua juventude. A crítica contra as filosofias materialistas que neles encontrou deve ter precedido o contacto com a linha do espiritualismo francês, nomeadamente com a obra bergsonista, cuja primeira referência escrita é de 10 de Janeiro de 1909³. No testemunho de um dos seus mais insígnis discípulos, Álvaro Ribeiro, Bruno predomina cronologicamente sobre Bergson, pois que, a partir da data em que o estudou, não mais teve o pensador necessidade de se referir aos livros de Bruno para a crítica do positivismo⁴.

Não indica Álvaro a data do primeiro convívio com Bergson, que deve ter ocorrido entre 1908 e 1909. A aceitar a datação de Leonardo, que dá o artigo «Excerto inédito», publicado, em 1910, em *O Povo de Felgueiras*, como sendo de 1908, aí a referência a Bergson recua o contacto para data anterior a 10 de Janeiro de 1909⁵. Ainda em abono do depoimento do seu discípulo, foi pela edição de 1908 que Leonardo meditou *Matière et Mémoire*. Provavelmente, neste mesmo ano, terá lido *L'Évolution Créatrice*, publicada em 1907. Estas datas tornam satisfatória a nota sobre a presença de Bruno nos inícios da reflexão leonardina, cujas principais obras se publicaram em 1898 e 1902 (respectivamente, *O Brasil Mental* e *A Ideia de Deus*), e de quem Leonardo menciona o nome, pela primeira vez, em 1906⁶.

Quanto a Antero, o ciclo de 1907-1909 mostra ser errado o asserto de José Marinho de que as alusões de Leonardo ao pensador açoriano apenas aconteceram a partir de 1915-1916⁷. A reconstrução da bio-

³ Cf. «O tempo científico», p. 122 (tomo I).

⁴ Cf. Álvaro Ribeiro, *Os Positivistas*, Lisboa, Livraria Popular de Francisco Franco, 1951, pp. 180-181.

⁵ Cf. p. 108 (tomo I).

⁶ Cf. «Justiça e Liberdade!», p. 84 (tomo I). Para uma compreensão aprofundada das relações do criacionismo com o bergsonismo, cf. Manuel Ferreira Patrício, «Leonardo Coimbra e Henri Bergson: semelhanças e diferenças», in AA. VV., *Leonardo Coimbra: Filósofo do Real e do Ideal*, Lisboa, Instituto Amaro da Costa, 1985, pp. 145-183; *idem*, «Prefácio», in Leonardo Coimbra, *A Filosofia de Henri Bergson*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994 pp. 9-34; Manuel Cândido Pimentel, «O fundamento social e religioso da ética criacionista: em torno de Leonardo Coimbra e Henri Bergson», in *Odisseias do Espírito: Estudos de Filosofia Luso-Brasileira*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1996, pp. 165-186; António Braz Teixeira, «Criacionismo e evolução criadora: Leonardo Coimbra perante Henri Bergson», in *Ética, Filosofia e Religião: Estudos sobre o Pensamento Português, Galego e Brasileiro*, Évora, Pendor, 1997, pp. 185-193.

⁷ Cf. *O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra*, Porto, Livraria Figueirinhas, 1945, p. 55.

grafia intelectual do nosso filósofo, para a qual importam os dispersos «O materialismo» e «Excerto»⁸, de 1909, documenta que a obra anterior está presente no conjunto das fontes detectáveis neste período, o que sublinha o ter Antero influído nas origens do espiritualismo leonardino.

O ano de 1909 é ainda momento revelador de uma intensíssima evolução intelectual e espiritual. O universo de textos, por comparação com o de 1907, acusa uma real maturação da escrita, um domínio mais profundo das problemáticas filosóficas e científicas e um explícito alargamento de fontes, destacando-se, além de Comte, Bergson, Boutroux, Duhem e Poincaré. Embora não seja possível dizer com absoluta certeza quando Leonardo Coimbra travou conhecimento com estes autores, que serão referências maiores de O Criacionismo, eles foram seguramente estudados no período de finais de 1907 a Julho de 1909⁹, período que corresponde ao mais enérgico labor de leitura e de meditação, o primeiro de que temos notícia, não só explicativo da mudança qualitativa no mundo textual entre 1907 e 1909, mas que de forma definitiva colocaria Leonardo Coimbra na senda da filosofia, afastando-o dos primeiros indicadores que pareciam assinalar-lhe uma trajectória de carreira literária, para que se estreou, por 1905, com a crónica romântica «A doida», no entanto prenunciadora do estro literário que lhe caracterizaria a obra filosófica e que, nesta, viveria na tendência estilística para o uso abastado da metáfora, a vivacidade eloquente — ora retórica e grave, ora leve, graciosa e com espírito — e a expressão poética e emotiva.

O acervo de textos dispersos por jornais e revistas, disposto no presente volume por ordem cronológica, reveste-se da maior importância para a genealogia da ideia do criacionismo. Indica 1908 como a data provável da sua génese, já que é num artigo publicado no dia 3 de Janeiro do ano seguinte, «A Inquisição positivista», no jornal A Vida, que aparece, pela primeira vez, uma alusão à hipótese criacionista, dita a mais viável de todas as hipóteses filosóficas¹⁰. Este realce da hipótese por exclusão das demais acentua que, no espírito do pensador, era o criacionismo um dado adquirido, pelo que a intuição filosófica desenvolvida em 1912 se encontra epocalmente circunscrita à fase doutrinária do anarquismo, ideário filosófico-político que o então estudante da Escola Politécnica do Porto, entre 1905 e 1906, publicamente abraçara, parti-

⁸ Cf. pp. 142 e 150 (tomo I).

⁹ Data do último artigo de 1909, intitulado «Uma face do despotismo». Cf. p. 177 (tomo I).

¹⁰ Cf. p. 115 (tomo I).

lhando a mesma utopia libertária com outros moços da sua geração, tais como Jaime Cortesão, Augusto Martins, Augusto Casimiro, Cláudio Basto e Álvaro Pinto.

A intensa propaganda anarquista a que o novel pensador se deu no burgo portuense repartiu-se entre comícios, necessários à doutrinação da classe proletária, e a ilustração particular dos membros que compunham a sociedade Os Amigos do ABC¹¹, criada em 1908. Este grupo, agora reunido sob a égide daquela sociedade fraterna, já em 1907 criara, sob o impulso de Leonardo e Jaime Cortesão, o órgão político de orientação libertária Nova Silva — a que também se encontram associados Cláudio Basto e Álvaro Pinto —, de que se publicaram cinco números (entre 2 de Fevereiro e 10 de Abril daquele ano).

O protagonismo reformista da sociedade portuguesa, espelhado pelo grupo nas colunas daquela folha e continuado na segunda série do semanário portuense A Vida — Leonardo publicou aqui mais de uma dezena de artigos no ano de 1909 —, encontraria novos rumos a partir da revolução republicana de 5 de Outubro de 1910, quando muitos dos que compunham o agrupamento intelectual anarquista, aproximando-se ou abraçando o novo credo revolucionário republicano, iniciavam, a 1 de Dezembro de 1910, a publicação da revista A Águia, sob a direcção de Álvaro Pinto, futuro órgão da Renascença Portuguesa a partir da segunda série (1912-1932).

Percorrendo as páginas da primeira fase de A Águia, damo-nos imediatamente conta da orientação republicana lado a lado com valores intelectuais oriundos do socialismo e do anarquismo, reflectindo o espírito antimonárquico, antiburguês, contraclerical e anticatólico dos tempos conturbados da instauração da República. Não se furtou o jovem pensa-

¹¹ A designação da sociedade corresponde a uma transposição do nome do grupo Les Amis de l'Abaisé que aparece na obra *Les Misérables*, de Vitor Hugo. O *l'abaisé* era o povo. Cf. o depoimento de Manuel Couto Viana, «Já lá vão quarenta anos!», in AA. VV., *Leonardo Coimbra. Testemunhos dos Seus Contemporâneos*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1950, pp. 153-158, em especial, p. 155. Além da evocação de Couto Viana, têm interesse os textos seguintes, onde se podem colher informações sobre este período da doutrinação anarquista de Leonardo: Álvaro Ribeiro, «Leonardo Coimbra e a política do seu tempo», *ibidem*, pp. 137-150; Sant'Anna Dionísio, «Biografia», *ibidem*, pp. 405-423, e *Leonardo Coimbra: O Filósofo e o Tribuno*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985. A consulta do já clássico *Leonardo Coimbra (Apontamentos de Biografia e de Bibliografia)* (ob. cit.), de Álvaro Ribeiro, continua a ser imprescindível. Veja-se ainda Manuel Cândido Pimentel, «A filosofia criacionista de Leonardo Coimbra», in AA. VV., *História do Pensamento Filosófico Português: o Século XX*, direcção de Pedro Calafate, vol. v, tomo 1, Lisboa, Editorial Caminho, 2000, pp. 55-63.

dor a ser um dos doutrinadores veementes do novo credo, sincera e esperançosamente acreditando que seria possível com o Estado republicano moralizar as instituições e os homens, rasgar o futuro com o verbo da fraternidade, almejar o advento do novo homem, encarnação da Liberdade ¹².

Provam-no os textos por esta altura escritos (1911) sobre a reforma do ensino e da educação, bem como a intervenção na questão pública da separação da Igreja e do Estado, motivada pelas reformas sociais de Afonso Costa, então Ministro da Justiça do Governo Provisório. Com efeito, o Governo publicou, a 8 de Outubro de 1910, um decreto sobre a questão religiosa, que fazia revigorar as leis pombalinas de 1759 e 1767 sobre os jesuítas, e o Decreto de 28 de Maio de 1834, sobre as ordens religiosas, de Joaquim António de Aguiar, anulando ainda o Decreto de 18 de Abril 1901, que permitira que as congregações religiosas se restabelecessem em Portugal. Seguiu-se a extinção do ensino cristão nas escolas. Mais tarde, o Decreto de 31 de Dezembro de 1910 passou a regular a posse estatal dos bens das congregações extintas. A 20 de Abril de 1911, o Governo Provisório veio finalmente a publicar o decreto com força de lei a consignar a separação da Igreja e do Estado. Precisamente, dias antes da promulgação deste decreto, Leonardo publicava, a 8 de Abril de 1911, nas páginas do jornal A Montanha, o artigo intitulado «A separação da Igreja e do Estado» ¹³.

Concordando ser a separação uma obrigação jurídica e «moralmente obra de libertação e virtude para todos», chamava a atenção para o valor da religião. Não certamente a religião como «domínio dogmático das consciências», mas a religião obra do espírito e obra de amor. Propunha então o doutrinador que a separação, abolindo do ensino a dogmatização das consciências, deveria, no entanto, consolidar nas instituições educativas o sentimento religioso. Via neste sentimento a obra de religação cósmica do indivíduo com o todo, com o outro e com a sociedade (argumento também para o que há de religioso no sentimento pátrio), para tal sendo necessário que a reforma social de Afonso Costa não esquecesse a educação ética e especulativa do povo. O sentimento religioso é essa or-

¹² Álvaro Ribeiro dá-nos notícia da transição política do Mestre, escrevendo: «A proclamação da República, como que despertasse o povo para o chamar à realização do sonho, reconciliou muitos dos acratas com o aspecto irracional da actividade política, e Leonardo Coimbra, julgando possível inserir valores espirituais nas instituições que iriam ser remodeladas, transitou de anarquista a republicano.» («Leonardo Coimbra e a política do seu tempo», ob. cit., p. 140.)

¹³ Cf. p. 226 (tomo I).

dem superior para que cada homem está vocacionalmente destinado, «a aspiração da vida moral para a divina e fraternal unidade» ¹⁴.

Era o repto leonardino contra a materialização da sociedade portuguesa e suas instituições. Por isso escrevia: «É preciso levar ao povo, amorosamente, a luz do espírito e não as letras do alfabeto. O problema não está em acabar com o analfabetismo. Isso é fácil; mas, só por si, inútil se não prejudicial.» Compreenda-se: «É preciso ensinar este povo a pensar, a trabalhar e a amar. [...] E cada um será, então, capaz de subir até Deus, e em cada alma correrá inesgotável a fonte da religiosidade. Fora da órbita traçada pelos outros povos e dentro da órbita da alma lusitana viveremos ainda uma civilização nossa» ¹⁵. Estão aqui os argumentos longínquos por que mais tarde, quando Ministro da Instrução Pública pela segunda vez (1923), resolveu o filósofo, contra a proibição legal, defender a educação religiosa nos estabelecimentos de ensino particular, acção que levaria ao encarniçamento dos ódios contra si e ao seu pedido de demissão da pasta ministerial.

O compromisso público de Leonardo com o republicanismo não foi, todavia, suficiente para libertá-lo do epíteto de anarquista, que aqui e além o vulgo proferia sob a forma de ultraje. Álvaro Ribeiro presenciou-o pessoalmente num comício político em que Leonardo era um dos oradores. À acusação, proferida por um dos ouvintes, de que havia sido anarquista, o pensador respondeu com espírito e humor: «— Sim, senhor. Também mamei, também gatinhei, mas, palavra de honra, não fiquei toda a vida a andar a quatro patas. E agora que tenho os braços livres para os erguer em prece, dou graças a Deus por me ter feito à sua imagem e semelhança» ¹⁶.

O episódio, circunstancial e anedótico, grave, porém, pelo que ocultava de malícia alheia, tem ainda significativo valor simbólico. Provava que a vulgaridade das opiniões sobre o reputado anarquismo de Leonardo se detinha apenas no conceito tradicional ou ordinário de anarquismo, usado como arma de arremesso contra a sua dignidade de homem, de pensador e de político, sem descer a uma real compreensão do que efectivamente era a sua doutrina anarquista. Certo é que a distância temporal dos seus contemporâneos não lhes permitia a acuidade da visão sobre

¹⁴ P. 227 (tomo I).

¹⁵ Pp. 227-228 (tomo I). Cf. ainda o artigo «Um aspecto da Lei da Separação», de 29 de Abril de 1911, p. 240 (tomo I).

¹⁶ Álvaro Ribeiro, ob. cit., p. 141. Por um estudo biográfico de Leonardo, cuidadosamente elaborado por Pinharanda Gomes (*Leonardo Coimbra na Póvoa de Varzim*, sep. do boletim cultural *Póvoa de Varzim*, vol. xxvii, n.º 1 [1990], p. 84), sabemos que o filósofo, em 1912, era ainda conhecido como afamado anarquista.

as linhas do jovem pensador, em dispersos artigos de jornal registando a sua aparente fidelidade ao credo anarca ordinário ou mais bombasticamente gritando nos comícios iradas palavras de ordem contra a sociedade burguesa.

A insciência da opinião ignora a ingenuidade primaveril dos jovens temperamentos turbulentos, como o de Leonardo, irrequietos pela sede de justiça, e apenas colhem das suas acções os movimentos de superfície. Ainda os mais ilustrados rapidamente o enxertavam no tronco do anarquismo comum a Stirner, Nietzsche, Kropotkine e Bakounine, caldeado em leituras de Büchner, Darwin e dos dramas sociais contraburgueses de Hugo, Zola, Tolstoi, Gorki e Dostoiewsky. Todavia, conhecedor profundo da doutrina anarquista, não a abraçou na forma e no conteúdo dos principais doutrinadores.

O anarquismo, em juízo, nada mais era do que o revestimento exterior da inquietação espiritual do jovem, sincera de ideais, viva de esperança nas reformas sociais, veículos para a instauração de uma nova ordem moral e democrática. Como palavra, anarquismo significava «reforma», «revolução», «justiça social» para os mais pobres, praxe de combate contra a hipocrisia colectiva. Como ideia, era um universo de valores cuja axiologia se fundava na nascente da liberdade, a essência metafísica da vida, de onde Leonardo Coimbra extraía uma ética para o homem livre. Antimaterialista e antipositivista no primeiro artigo teórico publicado na Nova Silva e intitulado «O homem livre e o homem legal»¹⁷, estas inclinações do seu pensamento, que o futuro assinalaria permanentes, já denunciavam que eram valores espirituais os que defendia. Pregando pelo pão para as bocas famintas, chamava a atenção dos homens para a universal estima dos reinos do Espírito.

O anarquismo leonardino só muito indirectamente pode ser reconduzido ao tronco do anarquismo dos finais do século XIX. A doutrina anarquista conheceu diferentes formas, mas a matriz ateia, fundamentalmente materialista, e a tendência para a acção revolucionária directa resumem a fórmula dos seus principais fundadores e sequazes. Leonardo não era partidário desse tipo de acção. Muito menos era materialista. Trata-se, na realidade, de um anarquismo romântico o seu, repassado de religiosidade cósmica e de visão transcendente da liberdade. No ponto de vista sócio-político, embora respire a atmosfera política do ideal rebelde das acraçias e do anti-autoritarismo, não é o anarquismo de Kropotkine — cujos princípios filosóficos o ideólogo russo derivara de Spencer, de

¹⁷ Cf. p. 88 (tomo I).

Darwin, de Cabanis e de Auguste Comte —, como também de modo diametral se afasta do egoísmo associativista de Stirner e da doutrina da anarquia positiva de Bakounine.

A antropologia e a cosmologia que encontramos nesses teóricos, alicerçadas numa ontologia da matéria, dá-nos pela simples inspecção a ordem dos motivos por que o anarquismo era, na realidade, mais um símbolo juvenil, na mesma secção reservada à capa-e-batina e à gravata «à Lavallière» do uso académico. Aceitar a redução do universo a matéria e a visão imanentista do homem, que encontramos em Kropotkine e Bakounine, significava para Leonardo aniquilar o sentido superior que concebia para o destino do homem e do cosmos.

O antiteísmo, para onde o anarquismo ortodoxo conduzia, desde logo se tornara incompatível com o seu cristianismo, movimento por ele classificado como torrente viva da vida espiritual, e que marcava ao juvenil pensador a rota especulativa para a transcendência, inapagável em todos os subseqüentes itinerários. Se com empenho opunha a exuberância da vida cristã¹⁸, outro avatar da liberdade, ao catolicismo como a sua forma dogmática e degradada — compreensão da doutrina católica, nesta altura, psicologizante e corrosiva, a lembrar as ofensivas de Nietzsche —, o certo é que foi este cristianismo que, nunca negado, o levaria progressivamente a libertar-se das fórmulas psicológicas passageiras da crítica anticatólica para uma nova consciência, a visão que do catolicismo nos deu em A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre (1935).

À concepção anarcomaterialista do homem, Leonardo opõe uma concepção antropológica que, sendo libertária, mergulha a prumo numa metafísica cósmica da vida e da liberdade, princípios, entretanto, ganhos, que aprofundaria, na tese de 1912, no ponto de vista noético e ontológico. A coincidência da essencialidade humana com a liberdade configura a antropologia anárquica dos primeiros escritos como uma antropologia de raiz idealista, incompatível com a concepção empiricista do homem, fosse a de Kropotkine e dos demais anarquistas, fosse a de Comte e seus seguidores.

O citado artigo «O homem livre e o homem legal», onde opõe o princípio criador da liberdade ao princípio de autoridade simbolizado no homem legal da sociedade burguesa, é verdadeiro manifesto desta antropologia emergente, por sinal suspensa do «ponto de encontro de todas as almas ansiosas, indagadoras da vida»: Deus. Um Deus que, ainda em seu dizer, se realiza pelo amor, «que é a linguagem pura das atrações

¹⁸ Cf., por exemplo, o artigo «Natal e Novo Ano», p. 206 (tomo I).

cósmicas»¹⁹. Reconhecemos aqui o estilo leonardino cativante quando analogamente sobre Deus se expressa em *O Criacionismo*. Este Deus que se realiza como amor e este amor como linguagem pura das atrações cósmicas virão a ser a abóbada que fecha a concepção monadológica da sociedade criacionista, precisamente a de 1912.

A monadologia, entre 1910 e 1911, era já um dado teórico adquirido. Com efeito, num artigo de 1910 sobre a educação, o filósofo, repensando Leibniz, definia o indivíduo como mónada²⁰ e, numa conferência proferida na festa do Sindicato dos Professores Primários, no Teatro de Sá da Bandeira (Porto), de que temos o registo jornalístico no jornal *A Montanha*, proclamava publicamente, a 6 de Abril de 1911, a sua perspectiva monadológica²¹, acrescentando ser uma verdade científica e filosófica o universo concebido como uma sociedade. É esta sociedade cósmica fraterna que, no mesmo mês de Abril daquele ano, pretende apresentar aos poetas portugueses religiosos.

O panteísmo é uma das observações pertinentes que há a fazer a certa corrente da poesia portuguesa contemporânea de Leonardo, a saída da motivação filosófica de poetas como Guerra Junqueiro e Teixeira de Pascoaes. O filósofo, num texto muito posterior ao do ciclo a que nos dedicamos, «*A poesia e a filosofia moderna em Portugal*», de 1917, publicado na revista *Atlântida*, classificaria essa tendência como panteísmo amoroso, o qual intui, não uma abstracta unidade, mas a unidade do amor onde as almas comunicam. Porém, a grande aporia que a imanência panteísta amorosa gera é a da contradição entre o monismo e a afirmação da existência das pluralidades.

A saída estaria em conciliar a imanência com a transcendência, facto tornado possível no teísmo de linha criacionista, concebido como o pluralismo imanente do ser e transcendentemente unificado pela fraternidade das consciências monádicas na consciência divina. Assim, apenas no teísmo a sociedade plural, que já existe no panteísmo, não se anularia. Tornam-se, então, claros os motivos íntimos que levaram Leonardo, em 1911, a propor aos poetas portugueses religiosos que se inspirassem nos traços criacionistas da sua monadologia, o que guiaria a poesia para a passagem filosófica do panteísmo amoroso ao monadismo teísta, marcado este por uma nova doutrina do Amor e da Pessoa, aquela que desenvolveria em 1912.

¹⁹ «O homem livre e o homem legal», p. 91 (tomo I).

²⁰ Cf. «Sobre educação», pp. 192 e segs. (tomo I).

²¹ Cf. p. 403 (tomo II).

Leonardo foi, desde o início, fiel a esta máxima da fraternidade cósmica dos indivíduos, muito antes de a ter consubstanciado como personalismo monadológico. Em 1909, ciente do seu individualismo libertário, criticava o que dizia ser uma falsa noção de individualismo, que é propriamente o egoísmo. Defendendo uma moral individualista como sistema de ideias, notava que o sentido desta moral estava em ser imensamente sociável, chegando a designar a consciência religiosa como nível supremo da fraternidade humana. Superiorizava assim a sociabilidade universal das consciências religiosas; erguendo-a por sobre a sociabilidade gregária dos indivíduos, ao mesmo tempo contrariava a exaltação nietzschiana dos valores da personalidade biológica.

A moral individual, que vem a opor à moral do individualismo egotista, é já muito próxima da sua posterior concepção personalista: ela é a «expressão integral e única das relações do indivíduo agente com o seu mundo». A evolução moral torna-se proporcional ao progresso do homem no conhecimento do ser, uma vez que, sublinha, «a moralidade é esse mesmo conhecimento»²². Tanto na aproximação feita entre a evolução moral do indivíduo e o conhecimento do ser de que é evolutivamente capaz como na identificação da moralidade com esse mesmo conhecimento, temos duas notas características desta ética anarquista que coloca no plano da universalidade do ser e do seu conhecimento a própria ordem regradora da acção, fonte, pois, do universalismo moral.

O pretensão egoísmo anarca de Stirner não podia deixar de ser condenado. O seu solipsismo do Eu único é indirectamente atacado pelo pensador na crítica corrosiva feita, em 1909, ao livro Factos Sociais de Alfredo Pimenta, então positivista. Pimenta procurou fundir o positivismo de Comte com o individualismo de Stirner e de Nietzsche, e Leonardo, tomando a atitude por teoricamente absurda, dedicou-se a minar-lhe os supostos. A associação de Stirner com Nietzsche não era, todavia, inovadora, mas habitual entre os círculos anarquistas dos finais do século XIX e inícios do século XX²³, sendo igualmente corrente a fusão da ideologia anarquista com princípios fundamentais do cientismo positivista.

Cumprir ver nesta crítica a Pimenta que Leonardo, fiel ao seu próprio pensamento, recusava um anarquismo comprometido quer com o positivismo, quer com a mais geral tendência materialista, quer ainda

²² «O individualismo», p. 120 (tomo I).

²³ Cf. Américo Enes Monteiro, «Ecos do pensamento nietzschiano na obra de Leonardo Coimbra», in AA. VV., *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*, Porto, Fundação Engenheiro António de Almeida, 1994, p. 281.

com qualquer forma suspeita de sensismo, ficando líquido que o pensamento anárquico que exprimia não encontra real filiação em Kropotkine, Bakounine e Stirner. O constante apelo ao homem moral, característico do anarquismo leonardino, mais próximo está em verdade do socialismo utópico de um Fourier, do socialismo moral de um Antero, do democratismo de Sampaio Bruno e, com razão se pode acrescentar, do moralismo de Tolstoi e do humanismo de Hugo.

Do anarquismo ortodoxo recebeu apenas o travestimento exterior do ideal político-revolucionário e antiburguês, nele revendo-se o ideal juvenil que intransigentemente se opõe ao princípio de autoridade, ao dogma e ao valor que crucificam o homem ou a ele se substituem. A crítica à tendência cousista do pensamento e dos valores, que, como se sabe, constitui um dos vectores mais salientes da sua futura obra, tem sem dúvida uma raiz neste idealismo libertário da juventude.

A evolução intelectual de Leonardo não se deu no anarquismo ortodoxo, que nunca assumiu. Meditando e criticando os teóricos anarquistas, a sua vida intelectual contra eles reagia, moldando uma concepção espiritual e vitalista do homem, do mundo e da vida.

A gênese da ideia do criacionismo está, como dissemos, epocalmente circunscrita à fase anarquista do filósofo. Ao terceiro dia de Janeiro de 1909, insurgindo-se, no citado artigo «A Inquisição positivista», contra a defesa que Alfredo Pimenta fizera da pena de morte, falava da sua hipótese criacionista. Assim posto a título adjectivo, sem substantiva afirmação, o criacionismo, que com certeza se começou a formar no seu espírito no decurso de 1908, abria os olhos para a mais profunda problemática ontognosiológica: o «Ser», escrevia, «é irreduzível a fórmulas e [...] tentá-lo é sistematicamente empobrecê-lo, desprezando o que, por mais profundamente vivo e criador, mais longínquo está da inércia e da quietude»²⁴.

Quem cotejar os dispersos de 1909 com os anteriores a 1908 verifica facilmente que a actividade reflexiva de Leonardo Coimbra deu um salto extraordinário no trânsito que vai de Março e Abril de 1907 — ou dos últimos artigos da Nova Silva — para Janeiro de 1909. Entre aquele mês de Abril e este último apenas encontramos o circunstancial «Professores» publicado em Azorrague, a 5 de Junho de 1907²⁵. Desconhecemos, em 1908, qualquer publicação em jornais e revistas. Algumas circunstâncias terão contribuído para este silêncio: o ambiente de agita-

²⁴ «A Inquisição positivista», p. 117 (tomo I).

²⁵ Cf. p. 104 (tomo I).

ção estudantil em 1907-1908 contra a ditadura franquista, a interrupção da Nova Silva em Abril de 1907, a participação em manifestações escolares e comícios públicos de propaganda social, o casamento, a 11 de Julho de 1907, com D. Maria Amélia, o nascimento do primeiro filho a 25 de Maio de 1908, a criação da sociedade Os Amigos do ABC e o término do curso da Escola Politécnica no ano lectivo de 1908-1909. Só por finais de 1908 terá Leonardo recebido convite — ou ter-se-á determinado a responder ao convite — para colaborar no semanário de doutrinação anarquista A Vida, onde publica «A Inquisição positivista», e na Ilustração Popular.

No período de silêncio público da escrita²⁶, da segunda metade de 1907 até finais de 1908, apesar de o terem absorvido as circunstâncias apontadas, não deixou Leonardo Coimbra de parte os interesses filosóficos. Só isso justifica a mudança qualitativa no domínio dos mesmos, como se disse. Só isso explica que em tal período se houvesse dado a intuição da ideia do criacionismo. É, pois, o artigo «A Inquisição positivista» o marco que sinaliza a aventura filosófica que o levaria à tese de 1912.

A intuição amadureceu entre 1909 e 1911. Leonardo leu, reflectiu, escreveu. Depois de deixar expressas nas páginas dos jornais e revistas reflexões sobre temas, poetas e pensadores, de que sempre se ocuparia — entre outros, o mistério do ser, a cultura, a história, o homem, a liberdade, o cristianismo, Kant, Bergson, Nietzsche, Comte, Pascoaes —, a 9 de Março de 1911, no jornal A Montanha, no texto «O preconceito científico», definia, pela primeira vez, o substantivo criacionismo: «A filosofia, visto ter de abranger todo o real, não será um intelectualismo fossilizado, nem um pragmatismo empírico, mas o que chamo o criacionismo — criação de conceitos científicos e símbolos artísticos, que, sem nunca esgotarem o real, sempre o organizam sob as mais altas aspirações do espírito»²⁷.

²⁶ Silêncio público, porque o filósofo deixou registo de algo ter escrito em 1908. Referimo-nos ao citado «Excerto inédito», publicado em duas partes em *O Povo de Felgueiras*, com a promessa de que continuaria. Cf. p. 108 (tomo I). Para este artigo, pela primeira vez recolhido na presente edição, deve volver o olhar o investigador que queira penetrar na evolução intelectual de Leonardo Coimbra. Constitui a única prova documental da reflexão leonardina em 1908. É nele presente a teoria dos equivalentes culturais que reaparecerá nos artigos «A Morte da Águia, de Jaime Cortesão» (1910), «Guerra Junqueiro» (1911) o «O preconceito científico» (1911) — a que a seguir nos referiremos por nele se conter a primeira definição de *criacionismo* —, «A reforma do ensino» (1911) e «A reforma do ensino secundário» (1911).

²⁷ «O preconceito científico», p. 230 (tomo I).

Por esta altura lhe havia surgido o criacionismo como sistema de pensamento abrangendo a vida intelectual e activa do ser humano e a totalidade das suas actividades espirituais, cujos equivalentes são a ciência (equivalente técnico), a filosofia (equivalente especulativo) e a arte (equivalente emotivo). A filosofia criacionista compreenderia, sem nada excluir, todas estas dimensões, não sendo os designados equivalentes senão, no todo, o processo de unidade e diferenciação do espírito na sua acção criadora e conhecitiva. O pensamento caminha no sentido de sucessivas adaptações do mundo ao espírito e do espírito ao mundo, uma dinâmica que se faz pela vida conceptual da inteligência que, através das suas criações (conceitos científicos e símbolos artísticos), organiza o real, sem, todavia, chegar a exauri-lo absolutamente.

No dia 6 de Abril de 1911, na acima citada conferência na festa do Sindicato dos Professores Primários, em pleno coração do Porto, completava a sua comunicação pública do criacionismo. O jornalista registou as palavras do orador: «A filosofia moderna será, pois, aquela que, admitindo a actividade criadora ou liberdade, se serve dos conceitos feitos para exaltar e erguer a vida a novas riquezas económicas, intelectuais e morais. É o que chamo o criacionismo. [...] Conhecer é caminhar no sentido da unificação cósmica. O criacionismo é uma doutrina elevada e disciplinada. Como fim — a amplificação do amor, da justiça e da beleza. Como meios — os conceitos continuamente criados pelo espírito na sua actividade cognitiva»²⁸.

A maturação da ideia do criacionismo é comprovadamente plena em 1911, como, aliás, se pode depreender do «Programa de conferências no Brasil», publicado no jornal A Montanha, a 2 de Agosto desse ano, onde o «criacionismo filosófico do conferente» (como aí vem escrito) constituía uma das conferências, sem dúvida, fundamentais²⁹. Leonardo não chegou a realizar este plano de conferências no Brasil nem na Argentina, onde projectou repeti-lo. O programa era vasto — um total de vinte e quatro conferências versando temas filosóficos, científicos, pedagógicos e literários. Abrangendo a filosofia e a ciência europeias e as diversas expressões da cultura portuguesa dentro dos temas apontados, o filósofo pretendia ainda render homenagem ao Brasil e à Argentina dedicando duas conferências à obra de Coelho Neto e de Ingnieris.

Provavelmente no decurso de 1911, instado pela iminência das conferências no Brasil, se dedicou Leonardo Coimbra a substancial redacção das linhas do seu sistema. Conjectura que não considero inverosímil aten-

²⁸ P. 405 (tomo II).

²⁹ P. 407 (tomo II).

dendo ao compromisso a que um tal projecto obrigava, que justifica, por exemplo, a existência de um impressivo resumo do seu pensamento, intitulado «A filosofia da liberdade», texto de conferência proferida, a 19 de Março de 1912, no Ateneu Comercial do Porto, que abriu o ciclo de conferências promovido pelo Comité Portuense da Renascença Portuguesa, e integralmente publicado no jornal A Montanha, a 20 de Março de 1912³⁰. É uma notável introdução à tese de 1912. Este escrito, dado a público cerca de um mês e alguns dias antes do início (5 de Maio) da redacção de O Criacionismo, comprova, pela sistematicidade de ideias que contém, que Leonardo Coimbra trabalhou sobre a sua filosofia no período que abrange a divulgação da sua ida ao Brasil e à Argentina até a esta conferência. Documentarão estas deduções que existia um texto primitivo que entrou na redacção da obra de 1912? Estou em crer que sim.

Em suma. Os escritos anteriores a 1912 mostram que Leonardo é já antipositivista e anti-intelectualista, definindo uma posição anticientista e uma concepção irracionalista do conhecimento do ser, no sentido em que o pensamento jamais esgota o real, irreduzível que é a fórmulas ou conceitos, aspectos dos mais fundamentais da filosofia criacionista e que a evolução intelectual e espiritual do filósofo se encarregaria de progressivamente aprofundar.

Podemos, finalmente, concluir que algumas teses do anarquismo singular e heterodoxo da sua juventude preludiam de forma incipiente a sua futura doutrina criacionista.

Julgamos ter provado a existência de uma linha de continuidade de pensamento entre os primeiros textos do anarquismo espiritualista ou romântico de Leonardo Coimbra e a intensa reflexão que o moveu, no fim da primeira metade de 1912, a elaborar o seu primeiro livro, assim largamente precedido por aturado esforço, meditação e estudo.

MANUEL CÂNDIDO PIMENTEL

³⁰ Cf. p. 292 (tomo I).

OBRAS COMPLETAS
DE
LEONARDO COIMBRA

Sports — Galeria dos célebres ^(α)

Sr. redactor.

Peço o favor de me inscrever como atleta amador para o próximo concurso.

De v. etc.

Coimbra, 20 de Junho
de 1903

Leonardo José Coimbra

(O *Jornal da Noite*, ano I, n.º 50, Lisboa, 24 de Junho de 1903.)

^(α) Este título corresponde ao título da secção do periódico em que a carta-inscrição foi publicada.

A doida

Ao meu amigo J. M. Cabeçadas

A lua poisava pérolas de luz nas lascas graníticas duma enfezada e doentia casa na rua de C... na cidade do Porto. A uma janela reclinava-se debruçada uma sonhadora criança, acariciando um gato felpudo, que estremecia ao contacto do veludo daqueles dedos.

A rua descia, serpenteando, ao rio, onde bebia a neblina parada, que a saturava de uma humidade acre e penetrante.

O luar, peneirado nos frocos da névoa, abandonava-se em pálidos revérberos de luz fria e fustigante.

Empertigado num apurado requinte de dandismo, repuxada a cabeça ao alto por uns impiedosos colarinhos, descia, com passos impertinentes e calculados, um rapaz alto, loiro, cabeça «exteriormente» bela, olhos azuis perversamente expressivos, «linha severa de conquistador irreversível».

De passagem nessa cidade, casualmente à janela duma casa próxima, vi o «leão», que soube depois chamar-se Sebastião, falar com a gentil criaturinha, que o esperava naquela fria noite de Janeiro.

Deslumbrado na contemplação de um céu, que, por entre a bruma, dardejava cintilações dum brilho húmido e voluptuoso, esquecido de misérias, pairava, num sonho de ventura, por essas humanidades longínquas, porventura elevadas a um máximo de felicidade para nós inatingível.

Irritado contra o importuno, que estouvadamente vinha arrançar-me a estes devaneios do cérebro, sublimados pelo coração, não pude furtrar-me a um intenso mal-estar íntimo. Não percebi o que disseram, mas a impressão que me ficou dessa noite, ainda hoje a

sinto profunda, a retalhar-me em crispações duma dor verdadeira. Pareceu-me ver nele um declamador galante de amabilidades oficiais e, nela, uma doce ingenuidade, uma infantilidade agastada de admirável mimalhice. Lembrei-me involuntariamente de uma ave tímida e enfeitada, que eu visse debater-se na impotência de se libertar da atracção hipnótica do olhar persistente de uma cobra.

Passados dias fui apresentado ao Sr. Sebastião de... que se mostrou um cavalheiro de uma delambida e artificiosa correcção, pimpão convencional com um abundante repertório de façanhas, pessimamente copiadas de folhetos de crimes de feira. A sua capacidade intelectual afirmava-se por uma negação absoluta, uma idiotia banal com alucinações de talento emprestado. A sua moralidade era bem a moralidade burguesa nas suas mentirosas convenções. Costumava banhar-se em vinho e espicaçar a mioleira com o fortim estimulante das baiucas de vadios profissionais. Tive a amarga certeza de que era o tipo comum de burguês e que a sua baba peçonhenta de devasso queimaria os lábios coralinos daquela encantadora criança.



Um papel rabiscado de garatujas oficiais impunha-me, às tantas horas, minutos e segundos do dia seguinte, uma majestosa apresentação de espada e colarinho da «ordem». Parti a ^(α) apresentar-me com o apuro de um militar brioso e catita. Entrei na despreocupada vida de Lisboa, deixando o tempo comer as recordações daquela esguia rua do Porto.

Não prenderei cruelmente o leitor às banalidades insípidas desses meses que precisei estragar para conseguir uma licença de alguns dias, descanso da fadiga, que me derreava pelo aturado esforço de rins, que me metia numa postura majestosa na marcialidade imponente das minhas formaturas diárias.

De volta ao Porto, escravizado por deveres de família, achei-me magnificamente mal instalado na rua de C...

(α) O artigo omite o «a» mencionado.

A impertinência bisbilhoteira de uma velha tagarela atou-me ao suplício de ouvir as novidades da vizinhança:

A filha da D. Josefa casara com um boticário, o filho do Costa estrear-se na defesa de um furto de farinha falsificada ao merceiro Ribeiro, único pai de toda uma filha, que usava vestidos caros «mas credo é tão desenxabida... Ah... é verdade aquela menina, que tanto lhe deu no gotto,... aquela... a dali desapareceu». A toada monótona desta sacramental estopada tinha-me entorpecido, e em significativos bocejos começava a abrir a boca, espreguiçando os nervos tensos pela brutalidade da maçada.

Estas últimas palavras «a dali desapareceu» sobressaltaram-me tão desastrosamente que uma galheta de azeite, descida das alturas em que era empoleirada, inundou, dum universal dilúvio, a branca toalha de linho. Concluiu esta desengraçada cena um ataque de nervos da supersticiosa velha, que gritava deitassem sal no azeite senão morreria alguém na casa.

Saí a espairecer o aborrecimento para um teatro, onde um muito amável e noticioso cavalheiro me quis contar a história da D. Margarida... que o Sebastião... (e aqui franzindo os lábios numa contracção de gulodice «aquilo é que é sorte, um verdadeiro peixão») tinha raptado. Retirei-me fugindo a este descarado e gorduroso idiota.

.....
Mais tarde soube, com toda a verdade cruel, a tragédia daquela infeliz, tragédia que eu vira começar à luz puríssima dum luar casto e formoso.

Desde aquele dia o namoro tinha continuado com uma febre sempre crescente. Ela amava-o com um amor sublime de candura, torturante de nervosa adoração.

Ele ambicionava apenas possuí-la.

Uma tarde encontraram-se num bosque de uma quinta dos arrabaldes para onde ela tinha ido com uma amiga do colégio. A Primavera enchia de vibrações de vida toda a vegetação, que, ébria de amor, se vestia das mais belas folhagens, e emanava os mais estonteantes perfumes...

Cercados de flores, cobertos por um formosíssimo dossel de verdura, aspiravam, de mãos dadas, a inebriante languidez daquela hora.

.....
Os juramentos duma afeição eterna eram gemidos num ciciar de loucas carícias...

Desmaiada, foi levada para uma carruagem, que a desceu numa deliciosa casa de campo.

Aí sentiu as alegrias esfaceladoras duma felicidade asfixiante, até que o tédio lhe veio roubar o amante, que ela adorava ao extremo de sentir desejos de o beijar de joelhos, como em pequena fazia a uma imagem, que ainda trazia ao seio. Ele, cevada a sua paixão brutal, abandonou-a, saindo de Portugal para fugir à mulher que tanto o estremecia.

As estações dolorosíssimas do Calvário desta infeliz foram as de todas as vítimas da covardia infame desses devassos canalhas, que fazem da infâmia uma profissão e da honra um vazadouro, onde vomitam a podridão da sua indignidade. Percorreu toda a miséria, empurrada de abismo em abismo. A memória afogava-a em aguardente, e para não sentir a lama em que chafurdava atolava-se até à asfixia.

Uma noite tenebrosa de aguaceiro e ventania, narcotizada pelo álcool, encostava-se às grades do cais; quando uma mão forte a sacudiu, e uma voz avinhada ronquejou:

«Que fazes por aqui a estas horas?»

Voltou-se e viu luzir na treva uns olhos de gato cioso. Empurrada, ouviu roncar «Vamos lá prò meu bote».

A manhã afogando em luz o carrancudo aspecto da noite, envolvia da sua frescura sadia e vivificadora o barqueiro, que agora aparecia com uma insinuante expressão de franqueza no olhar de valentia, no arcaboço de atleta, de brandura na singeleza infantil do seu todo. E foi com uma docilidade suave e quase terna que ele a convidou a ir com ele para a praia de Espinho, como sua companheira. Ela deixou-se levar com o ar de indiferença peculiar dos larvapos...

Os primeiros tempos levou-os ele a tratá-la como convalescente de um embrutecimento alcoólico. Reconhecendo os cuidados afectuosos que ele lhe prodigalizava, começava a sorrir-lhe e sentir-se-lhe afeiçoada.

Parecendo esquecida do passado, gozava a felicidade do presente, deixando-se animar por aquele latagão tostado pelo mar, que a embalava nos braços com delicadezas dum amante apaixonado...

Chegou o tempo da pesca, e todos os dias ele saía, para vencer a miséria a que a opulência dos outros o condenava. Ela ficava a rezar e vinha esperá-lo à praia, acenando-lhe com o lenço, quando ele ainda era ao largo.

E assim a felicidade, que um burguês obeso de dinheiro e vazio de consciência lhe roubara, era-lhe restituída por aquele faminto cheio de coração.

Que suaves horas de amor na praia ao luar, vendo o mar, espreguiçando-se-lhes aos pés, desdobrar-se em toalhas de nácar e espuma!...

Uma tarde de céu sereno e brisa mansa, os barcos fizeram-se ao largo num casquinar de francas alegrias.

Ao crepúsculo, uns farrapos de nuvens começavam a condensar-se e uma forte viração de N. W., açoitava rijamente o mar, que começava a encolerizar-se, encrescando-se em ondas rugidas e revoltosas. Atirava-se de encontro à praia e entrando pela terra dentro num delírio de raiva e fome, envolvendo nas garras das suas ondas, arrastava tudo para o covil da sua imensidade.

Os barcos mostravam-se no horizonte como aves enormes tentando inutilmente ensaiar as asas partidas. Um suplicar humilde elevava-se, em gemidos angustiosos, da praia, onde uma multidão esfarrapada esperava os pescadores. De repente a este choro abafado sucedeu um estridente grito de desespero, mordido na raiva de uma maldição. Alguns barcos acabavam de ser devorados pelo dragão esfaimado e cruel. No dia seguinte, poucos sobreviventes, salvos milagrosamente, procuravam os companheiros, raivosos a cada nome que ficava vazio.

O mar começava a oferecer os restos do banquete, vomitando cadáveres mutilados. Entre esses foi encontrado um, que apertava na mão direita uma medalha...

Viu-se então uma mulher pálida, desgrenhada, olhar vago de cega, agarrar essa medalha, beijá-la e cair inteiriçada ao lado do cadáver. Acabava de endoidecer!

Os pescadores todos a conhecem e lhe sabem a triste história, amam-na com todos os carinhos rudes das suas belas almas. Conhecem o estado da atmosfera pelas oscilações da sua loucura. A proximidade da tempestade irrita-a, percorrendo-lhe os nervos arrepios horrorosos, que a desfiguram. A sua sensibilidade nervosa é tal que à menor alteração da atmosfera os nervos torcem-se em convulsões esfaceladoras e o seu olhar fixo no horizonte enche-se de alguma coisa, que grita em todo o ser a iminência da tempestade.

Então é furiosa, urra, despedaça-se, e o seu rosto decompõe-se, transfigura-se em esgares aterradores.

Pobre louca!...

Passada a tempestade serena, e é quase feliz na inconsciência da desgraça.

Lisboa.

(*O Diário*, Lisboa, ano v, n.º 939, 16 de Abril de 1905.)

Guerra Junqueiro

Aqui ao lado, entre um mau fumo e um péssimo café, ouvimos o nome de Guerra Junqueiro numa voz melíflua, gélida, pegajosa; olhamos, e um arrepio singular põe-nos nos nervos uma dolorosa impressão de cólera e tédio.

Numa salivação dispéptica dois mastodontes felpudos grunhem misérias:

— Ah! O Guerra Junqueiro de outrora! Hoje está por baixo... até *carola*.

Um sorriso lorpa, um rebolar de olhos pretensioso de expressivo e o outro patusco regouga:

— Está esgotado... mas devia ter-se poupado à vergonha duma penitência pública.

Ouvimos. E, na imaginação como no sonho *daquele* da bíblia, uma escada de luz envereda ao céu, e numa auréola mais intensamente luminosa.

Alguém sobe

Guerra Junqueiro aparece-nos, na sua fase revolucionária, um destruidor atlético, derrubando, ao camartelo da ironia, todos os vícios e prejuízos, erros e crimes duma sociedade pulha, falsa e assassina. É um pensador hercúleo, indomável, feroz, crendo só na Razão, pedindo à Ciência a definição da Vida, entrevendo em visões dum sentimentalismo precursor um fim sublime a atingir, um imenso Ideal a escalar. A Razão derruba impiedosamente todas as ingénuas crenças do catolicismo da infância, e, na aridez desoladora dessas ruínas, o coração sangra dúvidas, a alma anseia ideais. Mas nela a intelectualidade vence e a afectividade satisfá-la, por agora, o Ideal — Humanidade.

É um vendaval ciclónico, que arranca, torce, despedaça tudo o que é importuno, tudo a que a inteligência se recusa dar expressão.

Sentimentos vagos, desejos incoerentes, fluxo e refluxo de crenças, sonhos vaporosos, anseios místicos, o mundo infinito de seres recebido pela linha ancestral, tudo é soberbamente esmagado pelo raciocínio incorruptível e titânico.

Às vezes referve, represa, uma alma imensa de Poeta como, depois de Camões e João de Deus, jamais viram olhos portugueses. Às vezes, num débil gemido de criança magoada, o metafisicismo ancestral interroga o Infinito, as pernas dobram-se e o joelho rasa a terra; mas a espinha dorsal é inflexível, e, num leonino gesto de soberbia, a cabeça ergue-se ao céu, majestosa, olímpica, divinizada num nimbo de revolta, que sai em chispas dos olhos negros e profundos.

A implacável, a rígida Ciência é despótica, é cruel; mas é bela e o Génio é o seu amoroso criador.

Dessa fúria destruidora é toda uma obra admirável, enorme, cheia de ardor e de febre, vibrante como um clarim de guerra, feroz como a gargalhada dum deus.

Procura o preconceito, olha-o de frente e esse homem, fisicamente pequeno, possui a heroicidade antiga, electriza-nos num calafrio de assombro pelo seu arcaboço de lutador invencível e selvagem.

Procura o padre na adega, no confessionário, no púlpito, na cama... no alfaiate, e o padre precisa de benzina, fêmea, alfabetismo, vergonha, amoníaco.

Procura o homem debaixo da sotaina, e encontra-o adormecido, morto, deformado...; mas possui o talismã de o acordar, resuscitar, compor, e daí a suprema culminância da fase negativa — o *Melro*.

Mais um passo e o Ideal — Humanidade entranha-lhe na alma uma sede ardente de felicidade, uma infinita e bondosa esperança.

Por amor da Ciência dilacerou a alma, abandonou crenças, esfacelou-o o espinho do desânimo, cortou-o a agonia da solidão, fez do coração um cemitério frio de ilusões mortas, sonhos desfeitos, ideais estrangulados, aspirações esmagadas.

E estas agonias espirituais são, oh! nédios burgueses a quem vislumbro um odioso sorriso de infame imbecilidade, bem piores que as vossas dores de calos. É doloroso ter de falar de Guerra Junqueiro num país onde a intelectualidade cristalizou nessas bestas *graúdas*, que por aí andam rotuladas de talentos. Estou a ver o risinho sonsa de alguns, o aparvalhado encolher de ombros de alguns outros. Ficai sabendo rubicundos burgueses: não falo às vossas almas graníticas, aos vossos *cérebros ausentes*.

Adiante...

A Ciência ergue-o nos braços, e, abraçando-o amorosamente promete-lhe todo um poema de verdade e luz. É pela Ciência que empreende os fundamentos duma Sociedade nova, de justiça, de paz e de bondade.

É à luz da ciência que o coração se lhe ilumina de Fé. E no coração esta fulgurante verdade: *A humanidade, arrastada pelo crescente sentimento de solidariedade, para garantir a existência há-de torná-la a expressão dessa solidariedade.*

E uma onda suavíssima de esperança e ventura enche aquela alma de serenidade e crença.

A energia desperta, e intensa, tenaz, contínua, encaminha a vida para a Verdade, para o Bem, para o Ideal sonhado pela Consciência, resolvido agora pela Ciência.

E, numa vertiginosa ascensão espiritual, sobe sempre, arrasado pelo sentimento irmanado agora com a inteligência. Atinge o ápice dessa esplendorosa órbita no menos compreendido e no mais sublime de todos os seus gestos, — *A Oração à Luz.*

O amor enredado ao princípio nas mentiras da sociedade actual é limitado pela Razão, que procura o sentido da Vida, a verdade do Preconceito, e que é a energia factora da fase negativista, posta em relevo na *Velhice do Padre Eterno*, na *Pátria*, que é o clamor de revolta de um povo, o brado vingador duma raça, e na *Morte de D. João*, a mais poderosa síntese dos vícios duma época gangrenada e pútrida.

A Ciência, legitimando o amor, libra-o palpitante, imenso, infinito, estendendo-se ao Universo, acariciando a Natureza nos afagos da sua ansiedade.

As possibilidades da sua complexidade orgânica, o turbilhão das infinitas vidas n'Ele integradas, os atavismos da sua alma múltipla são compostos numa resultante fecunda, esplêndida, divina — o Amor.

A Oração à Luz é um evangelho de *Moral Cósmica*. Não é uma doutrina de filosofia hirta, é um panteísmo transcendente em que as coisas são vivificadas pelo sentimento. É o socialismo universal comungado no Amor. O socialismo humano é um egoísmo zoológico, o socialismo terrestre um egoísmo cósmico, só o socialismo universal é verdadeiro, absoluto, perfeito.

Prendendo-o ao passado, rasga-lhe o *Caminho da Eternidade* na imortalidade da matéria irmã soluçando desesperos, cantando esperanças, semeando luz, germinando dores. E no ciclo eterno da Vida, os átomos desejam-se, sentem-se, procuram-se, amam-se e

desabrocham quimeras, florescem virtudes. Amor perfeito há-de ser infinito: amor animal!-ódio, amor humano-ódio, amor cósmico-justiça, verdade, luz: semente da Vida.

Lábios que se colam-poema de Amor, ascensão sublime, perfeição infinita-Deus. Olhos que choram-balada de saudade, linguagem de Amor, rosário de Dor-Deus.

Uma lágrima reflecte um astro, o céu é o espelho da alma. Um beijo resume um astro. Um sonho que morre é uma estrela que nasce. Transformação eterna, vida eterna: órbita-Infinito, foco-o coração.

Metafísica? não, explosão duma alma que se não basta, inundação dum sentimento que só o Infinito pode conter. Negação da sua obra anterior? não; coroação soberba que os homens não tocam porque é infinita, que os homens não vêem porque é divina.

Suprema Arte! genésica, fecunda, hino de Luz, canção de Vida.

Pondo-nos no peito um infinito amor, ergue-nos invencíveis a uma aspiração ilimitada, a um Ideal insaciável. E só um caminho leva ao país d'eiro da sua Bela Crença — o do Bem. O Amor é incorruptível, leva-nos a viver no Infinito mas havemos de muito ter vivido na Humanidade.

Está mais perto do coração e todo o amor que afaga o Universo envolve-a nos estos das suas carícias de fogo.

Algures Vítor Hugo chamou à pena de morte uma amputação bárbara; o egoísmo social em nome do *senso prático* é uma amputação besta.

Sonhar quimeras é trabalhar realidades futuras. Amar o Universo é perscrutá-lo, estudá-lo, preparar uma revelação. A indiferença é o crime máximo. O sentimento é a mais poderosa alavanca do homem. Pensar sentindo é cumprir, realizar. Olhar o problema social com o cérebro é resolvê-lo em possibilidade, *sentí-lo com o coração é resolvê-lo em realidade*.

A chama do pensamento extingue-se, se a não atija um grande anseio de alma. Um Newton que descobrisse a lei da gravitação social precisaria um Cristo, que a traduzisse na linguagem do Amor.

Porto, 14 de Maio de 1906.

(O Norte — Diário Republicano, Porto, ano VII, n.º 1850, 16 de Maio de 1906.)

Justiça e Liberdade!

Francisco Ferrer

Pela voz do generoso publicista e erudito eminente Sampaio Bruno um apelo, portador do brado mundial, foi feito à mentalidade portuguesa.

Trata-se dum afago à humanidade, partido de corações generosos e erguendo revoltadas as inteligências ciosas da liberdade de se alarem pelo infinito do pensamento, do dever de se garantirem como garantia que são da dignidade humana.

Que o perigo do pensamento encarcerado, da dignidade moral estrangulada, da consciência mutilada por leis repressivas una os homens livres de todo o mundo e faça do fogo das suas almas puras um clarão imenso onde fulgura radiosa a Justiça, onde abra os seus olhos de luz a Bondade!

Na profunda inconsciência da humanidade actual erguem-se de longe em longe astros de verdade, que alumiam um horizonte infinito de esplêndidas realidades. São os homens em que se revela a consciência do seu destino cósmico.

E não é uma lógica sem *contrôle* experimental que os inebria num teleologismo sedutor, é o fenómeno concreto da evolução progressiva que se revela no foro da consciência pelo imperativo sublime da aspiração igualitária, do sonho edénico. A adaptação orgânica verificável é a exterioridade do sonho, da aspiração, da quimera sensíveis. As asas da ave são o sonho da serpente. A ave de hoje é o réptil do homem sonhando o céu. As concepções quiméricas são a linguagem dum arranjo orgânico que as contém.

Na espontaneidade poética criadora não há deuses perfeitos, porque não há homens perfeitos e os deuses são homens expnenciados.

Aqueles homens onde a Natureza adquire voz e fala amor, cria olhos e reza lágrimas, lábios e beija, ouvidos e escuta a harmonia do amor, são os santos, os profetas, os mártires, os apóstolos do Bem, os sonhadores do eterno ideal da simpatia cósmica, que lhes leva o coração em estos inflamados do homem à planta, à mulher, ao astro, à flor, à criança. São os homens máximos, neles o anjo balbucia, sim, o homem vale pelo amor, pela maior quantidade do universo que disser em amor. Todos os seus gestos religiosos, poéticos ou científicos procuram a linguagem da Natureza, aspiram a piedade das coisas.

Pela experiência individual aprendeu o egoísmo na luta pela vida, pela experiência social aprendeu o altruísmo no amor do homem. Como ser finito no livro da Natureza leu a contingência e só viu uma luta feroz de interesses, como ponto da órbita infinita da matéria eterna traduziu o Universo em perfeição e teve a visão radiosa do progresso moral cósmico. No homem finito são elementos estáticos constituintes orgânicos, diferenciados nos seus estádios diferentes de evolução pelos caracteres mesológicos e etnológicos, o egoísmo (ou antes um altruísmo débil, porque nos animais sociais não pode haver o egoísmo puro) e o altruísmo humanitário. Estas duas feições antagónicas são objectivadas no espírito do bem e no espírito do mal de todas as religiões, deus e o diabo. Entre estes dois pólos oscila a animalidade humana.

Com esta indefinida série de possibilidades vem o dinamismo da fenomenalidade exterior compor-se na determinação de todos os actos humanos.

Da existência única da consciência sensível destas dinamizações volitivas vem o estado acima referido, da actual inconsciência da humanidade activa.

Na ponderação dos factores determinantes, forças componentes da actividade humana por uma consciência crítica está a superioridade moral de alguns iluminados benditos, que pelo calvário das suas amarguras presentes riscam do sol a venturosa estrada da humanidade futura. É a posse dessa *consciência moral*, librandos acima de sanções postiças e illusórias, que os determina em actos de solidariedade e ternura, imunes sempre ao contágio leproso das infâmias legais, de preconceitos falsos, de idolatrias imbecis, de servilismos degradantes.

Nesta organização social realizada pelo empirismo inconsciente de aspirações antagónicas apenas um aparente equilíbrio físico é mantido pela violência da Lei, expressiva do egoísmo dos reis, das famílias ou classes privilegiadas. Daí os numerosos con-

flitos entre os actos morais que a consciência dita aos homens emancipados e os deveres imorais que a Lei impõe aos cidadãos legalizados. É o caso recente do pensador, jornalista e pedagogo Francisco Ferrer.

A Lei mandava-o ser delator carrasco, a consciência mandava-o ser homem piedoso e bom. O choque fez aquilatar da sua moralidade: traduziu-se em verdade porque foi honesto, revelou-se santo na imensidade do seu piedoso coração. A honra humana foi o crime oficial, a exaltação do homem foi a afronta da Lei. O gesto que o revela santo na consciência é o acto que o define criminoso no código.

E nós, humildes e grandes, sábios e ignorantes, todos os que amamos os homens, que temos na alma o fogo sagrado da solidariedade, ergamos a nossa voz num clamoroso grito de protesto; que, quando não seja a conquista da sua libertação, é pelo menos a bênção de todos os homens dignos que chega aos ouvidos do mártir num soluço de amorosa simpatia, numa prece de venturosa esperança! Todos os que no coração sentimos um amor candente e enternecido pela humanidade, temos o direito e o dever de ensinar aos homens a vida, de iluminar de bondade o coração do sábio hirto, que secou a alma na catalogação dos factos gerais duma muito particular e restrita área do Universo.

Se o sábio pode dar-nos *uma imagem* da fenomenalidade duma parte da actividade podemos nós dar-lhe a visão esplendorosa da vida infinita na concepção panteísta da afectividade universal. Falemos a todos com a eloquência do nosso amor e os homens não-de ouvir-nos pelo muito que lhes queremos.

Jornalistas, homens de letras, médicos, advogados, engenheiros, filósofos, pensadores, em nome da liberdade do vosso pensamento, das carícias longínquas do vosso berço, da vossa misteriosa e ingénua quimera de crianças; poetas, operários e miseráveis, pelas vossas dores e pelas vossas aspirações, pelos vossos farrapos e pelo pão de vossos filhos, pelos vossos sonhos espezinhadados e soerguidos em ânsia libertadora, por toda a miséria, por toda a dor, pela nobreza, pelo amor, pela justiça, pela liberdade, pela aurora redentora e pelas trevas da vossa escravidão, pelo que sofreis e pelo que vos amo; seja a vossa alma toda uma impetuosa torrente que alague e inunde em marés de ternura e piedade essa generosa vítima da lealdade e da honra, Francisco Ferrer; e nos seus rugidos de cólera e nos seus soluços de angústia leva à humanidade dolorida a crença na nossa união, a esperança num futuro preamar de amor, de bondade e de paz!

Unamos as nossas vozes a esse coro de almas, que da generosa França se ergue pedindo a liberdade de Francisco Ferrer.

Que todas as associações de literatos e jornalistas, professores e operários, médicos e advogados, comerciais, etc., todas as colectividades representativas da actividade humana dêem a esses heróicos combatentes, que da França e do mundo clamam justiça, o esforço de suas almas e esse santo humano, mártir do pensamento livre e da consciência livre, há-de ainda para já ver sorrir-lhe o bondoso Sol das suas manhãs doiradas!!

Lixa, Setembro de 1906.

(*O Norte* — Diário Republicano, Porto, ano VII, n.º 2052, 11 de Setembro de 1906.)

O homem livre e o homem legal

A Lei, que presume de perfeita, concede o cidadão.

O cidadão é o homem mutilado. Cérebro livre no cárcere estreito e tenebroso da ignorância, coração livre de sentir os mais profundos enternecimentos no horizonte oculto do subjectivismo inacessível, ventre livre de digerir... o respeito pela propriedade alheia — eis a *Bera* liberdade do homem legalizado!

Alma de herói em corpo de truão está o homem na jaula miserável da Lei. A Lei, por onnipotente, é omnisciente, e por isso incompatível com o critério científico de relatividade em que diz fundamentar-se. Sejam claros e tenhamos a coragem da opinião.

A observação histórica, confirmada pela observação actual, mostra-nos a trajectória humana como um esforço contínuo para a liberdade, um penoso esforço de emancipação das castas escravizadas, vindas do escravo-objecto ao proletário-animal.

O progresso feito é obra de cinemática social.

As forças sociais, fadoras desse progresso, têm sido, por desconhecidas, desaproveitadas. A evolução inconsciente obedecia apenas às forças selvagens da consciência sensível. Reveladas essas forças na linguagem cuidada da já agora elaborada consciência crítica, o estudo dos fenómenos sociais será, por um comum artifício científico, feito pela aplicação das energias sociais conhecidas à actualidade estática das sociedades observáveis.

Assim, o começo de qualquer tentativa sociológica será a observação psico-fisiológica da humanidade presente. Posteriormente o estudo da humanidade histórica nos explicará o presente evidenciando as forças sociais dele construtoras.

O homem moderno destaca nitidamente uma antinómica característica, produto dum necessário desdobramento de personalidade. Intelectualmente elevado a culminâncias estonteadoras, é para ele a civilização uma fascinadora fada de mágicos poderes, a

ciência uma gigantesca águia, que, firme nas suas vigorosas asas, corta rápida e audaz pelo infinito da actividade cósmica e à luz da razão lhe vem decifrar os segredos maravilhosos.

Mas o movimento é o desequilíbrio de forças e o progresso humano intelectual tem-se feito com prejuízo do homem moral. Assim, a constituição orgânica da sociedade moderna foi elaborada por forças desencontradas, sendo predominante a especulação racionalista. O homem moral desatendido começa hoje a pedir, insistente e imprescritivelmente, lugar na civilização e dar o antagonismo entre as duas entidades componentes que resultam o homem moderno, vaidoso e insolente pela certeza da sua potência intelectual, e contemporaneamente aflito e macambúzio, curvado como pelo peso dum oculto remorso, ansioso e hesitante, neurótico e suicida. Vemos então o angustioso esforço para a tranquilidade, tentado diferentemente pelos caracteres diversificados pela preponderância do homem-cérebro ou do homem-coração. Uns tentam escapar à voz da consciência moral pela inteligência indagadora do valor positivo dessas impertinentes exigências.

São os cépticos, superficiais e egoístas, burgueses ociosos, escritores canalhas sem ideais e sem higiene, a mocidade medíocre com a alma mirrada e o corpo nédio e bem cuidado, os bem instalados no banquete da vida e os solitários neuróticos, os estômagos de difíceis digestões e os cérebros de estagnadas ideias. É o imenso pântano dos indiferentes só sensíveis aos prazeres do estômago e às voluptuosidades da carne. Estes desconhecem os motivos que o sentimento dá à inteligência para a elaboração dos conceitos. São cadáveres e só a muita luz das almas superiores os poderá galvanizar.

Outros tentam fundamentar as suas concepções positivas pela observação da fenomenalidade social, olhado o homem como unidade social e atendida a sua integralidade orgânica.

Procuram uma base positiva para a Moral humana, constataam a sua existência, proclamam a religião da humanidade e esperam tranquilamente o momento da revelação desse novo Deus. Assim, o momento revelador surgirá no dia em que a democracia (fórmula social em que *teoricamente* governa a maioria) acabe com a minoria governada pela sua incorporação na maioria governadora. Supondo que a humanidade seguia esse absurdo caminho, o fim ideal, tradutor do homem integral psíquico, jamais seria atingido, porque nessa luta feroz e contínua de cada classe e cada indivíduo pela sua entronização governativa, era certa a extinção violenta da humanidade.

A plena florescência do homem, desenvolvendo todas as suas energias, expandindo-se livre e impetuosamente, tendo por limite de liberdade as leis da solidariedade apenas, empregando toda a sua inteligência na indagação da vida, na compreensão da Natureza, abrindo a sua alma encarcerada ao sol fecundo do amor universal, respeitando o homem porque é seu semelhante, amando-o porque é seu irmão, sentindo a sinfonia misteriosa da vida na melancolia feliz e sonhadora da criança, adorando a mulher pelo que ela revela da Vida, pela religiosidade da sua ténida candura; eis o Ideal luminoso que afagam no mais puro de suas almas os homens sinceros e bons, que querem ouvir a consciência moral, que os torna solidários com a Vida infinita e a inteligência que procura amorosamente interpretar a linguagem dessa Vida e ensinar-lhes o caminho, que, na órbita da matéria, conduza à mais perfeita harmonia, à mais íntima comunhão, à mais pura forma!

Preconceitos de ordem nenhuma os prendem. À força atávica dum passado de opressão opõem a força imensa dum futuro de liberdade real, que, pelo próprio condicionalismo da liberdade humana, será a harmonia de todas as actividades convergindo para a plena, a ampla e luminosa criação duma humanidade superior realizada pela sinergia orgânica de todos os homens livres.

Então esta sociedade que tomou ao pé da letra o vago princípio de Darwin não mais esgotará os homens numa produção irracional e disparatada; mas, pelo aproveitamento útil de todas as energias, organizará uma produção inteligente, honesta e fecunda, determinada pelas necessidades do consumo, acabando assim com o espectáculo degradante e imbecil das crises de abundância, que tão repetidas hoje, concluem pela fome das classes obreiras espezinhadas. É o que os factos dizem, é o que começam de ver os mais míopes, é o que todo o homem de são critério e honesta consciência não oculta.

O direito divino de conduzir povos não pertence a homens. Deus pela palavra da consciência o pode somente fazer.

E esta ideia de Deus é hoje, não já um engano do nosso espírito tomando-se para medida do Universo; mas a expressão da solidariedade do homem com a Natureza.

A ortodoxia comtiana, decretando a abolição desse sentimento de solidariedade cósmica, revela somente a existência de espíritos disciplinados ao ponto de, por imposições de métodos, desprezar o que lhe é estranho e insubordinável. Deus é o ponto de

encontro de todas as almas ansiosas, indagadoras da vida. Realiza-se pelo amor, que é a linguagem pura das atracções cósmicas.

Ouvida a voz da consciência moral, o homem livre será a unidade bela da sociedade livre.

Que o desequilíbrio gerador do progresso se faça à custa das energias animais retrógradas, que fazem do homem um animal bastante imperfeito para o Dr. Metchnikoff afirmar a sua origem simiana teratológica.

Porto.

(*Nova Silva* — Revista Ilustrada, Porto, ano I, n.º 1, 2 de Fevereiro de 1907; também in *A Vida*, Porto, série II, n.º 11, 14 de Março de 1909.)

Humor místico *

Eu vi a Vida gloriosa erguer-se no horizonte da minha alma oculta. Por um recolhimento contemplativo e extático tinha esquecido o homem e quase acendia a estrela do meu destino cósmico. Nesse momento criador vi a essência, a unidade original e eterna, através da accidentalidade humanamente sensível.

Eu era envolto em sonho e em luar. O meu corpo conhece a lua, lembrava-se e a alma era cheia de saudades.

Em mim um clamor ardente de vida, em minha carne um gesto criador, de balbuciante mistério.

Senti então o poder da carne reveladora.

Já viram essa terra seca e mirrada que um estilo voraz queimou com beijos de fogo?

Aquela desolação inquieta não lembra uma face severa que sente, e inutilmente procura falar, uma alma inundada de enternecimento?

Eis o que é uma virgem amorosa. Terra estéril e mísera e que impetuosa torrente de vida não refere e tumultua adentro do cárcere de mentiroso pudor!

Assim era então junta a mim a mais próxima irmã do meu destino.

Os seus flancos vibráteis, o seu ventre misterioso, os seus peitos húmidos, os seus olhos de fogo, as suas húmidas pálpebras

* Este artigo aparece registado algures como «Amor místico», talvez porque o Autor, na fase anarquista, grafou *umor* em vez de *humor*, como refere Píñaranda Gomes (cf. Leonardo Coimbra, *Cartas...*, Lisboa, Fundação Lusíada, 1994, p. 344).

diziam o mais eloquente pedido, erravam, na órbita fatal da matéria, para os meus braços trémulos e magnéticos!

.....

E eis o que ouvi ao seu corpo sonoro e luminoso:

«Na eternidade copularam as estrelas e geraram-me em sonho.

Sou o Sonho. Falo luz, são astros os meus gestos. Das entranhas da terra subi em luar, na terra fiquei em sonho e sou o luar das almas.

Numa noite tempestuosa, cheia do clamor das formas rezando a imperfeição, fulgurei nos olhos dum tigre.

Oh! Que pavor e assombro havia na minha prece!

Iluminei um dia uma serpente e subi aos céus nas asas duma ave. Criei uma alma, indaguei a vida e fui homem. Como tem sido dolorosa e bela a minha peregrinação humana! Esqueceu-me o passado, ignoro a vida, não compreendo o Universo, e, no entanto, há em mim, insofrida e insaciável, uma imensa ânsia de luz, de verdade, de comunhão.

Criei a alma e fui sua vítima. Como as há estreitas, tenebrosas e mirradas! Aspiro, soluço, sofro e não posso revelar-me, o cárcere é opaco, não posso revelar-me. Há almas ligeiras, simples, etéreas, puras e luminosas. Aí floresço as flores eternas do Ideal.

Sou a nuvem que leva o povo de Moisés à Terra da Promissão. Sou o sorriso da criança e a suavidade de Cristo, a timidez da virgem e a humildade do mendigo, a quimera do poeta e a loucura do herói.

Incendeio as almas e ergo-as na plenitude da sua beleza, aproximoo-as na nudez da sua absoluta verdade. Por mim se conhecem as almas, num olhar possuem-se no inais completo contacto».

.....

Assim falava a sua carne numa harmonia tangível, sensual e quente. Eu era tão exíguo que me sentia inexistente, diluído em sonho. O luar sonoro e fluido inundava a terra.

As plantas bebiam gulosamente luar e construíam flores.

.....

(*Nova Silva* — Revista Ilustrada, Porto, ano I, n.º 2, 17 de Fevereiro de 1907.)

O despotismo na família

A família é a molécula social. Imperfeita como a actual organização da sociedade, é perfectível através dos tempos. Os espíritos conservadores e ronceiros, encerrados nos acanhados limites duma actualidade efémera e ignorante, vêem as organizações presentes como fórmulas absolutas e imutáveis, independentes do tempo e da evolução. O espírito indagador do filósofo procura o conjunto de circunstâncias que determina um facto, marca uma época, descobre um mundo, escreve um poema.

Assim as organizações actuais são apenas transitórios elos de ininterrupta linha de evolução.

O casamento monogâmico é o princípio basilar da família moderna. A sua falsidade resulta clara e patente do afã com que as nações civilizadas decretam o divórcio. O divórcio é a emenda do casamento. O casamento é, pois, um erro. A família é a miniatura da Sociedade moderna com todo o seu despotismo sincero e com toda a sua hipócrita liberdade.

Há duas classes políticas antagónicas: governante e governada — o marido ditador, a mulher escrava.

A Sociedade é francamente tirânica, quando, na ignorância do maquinismo volitivo, descreve, pela Lei, o campo da actividade individual consentida.

O homem é francamente ditador, quando traça o plano da vida doméstica, desprezadas completamente as modalidades exclusivas da psicologia feminina. É ele quem tudo manda, ela quem sempre obedece. As leis domésticas são ainda mais opressivas que as leis sociais, já pelo seu carácter de sentenças indiscutíveis e sem recurso, já pela ausência da ideia da opinião pública, consciência vigilante da espécie, que tão grande poder inibitório exerce nos arranjos volitivos solicitados por poderosos factores egoístas.

As classes governantes possuem a vida, o estômago, o cérebro e o coração dos governados; mas dão-lhes a lisonjeira alegria de lhes pedir o voto, alcunhando-os de livres, soberanos, verdadeiramente autores de todos os seus males.

As mulheres, impossibilitadas absolutamente de o fazer, têm a doce ilusão de constituir a família, nomear o dono por uma escolha sexual livre. O paralelismo é completo. A autoridade tem o direito de vida e morte sobre os súbditos de cujos actos se constitui onisciente juiz. O homem é juiz onisciente da vida sexual feminina e, em respeito a esses juízos, acreditam-lhe os códigos direito de vida e morte sobre a mulher.

Nunca a mulher foi mais escravizada que hoje.

Solteira deve conservar-se virgem. Casada, por uma escolha com as probabilidades de acerto de qualquer tentativa casual, deve ao marido o sentido dum sorriso, o motivo dum sobressalto; e, se o acaso a uniu a um homem que não pode amar, dois únicos trágicos destinos a esperam:

O sacrifício inteiro da sua vida, prostituindo-se a toda a hora com as carícias do marido, que odeia; ou o desprezo mesquinho, aviltado e aviltante da sociedade, se, fugindo do impuro leito conjugal, vai lançar-se nos braços dum outro homem, que o seu espírito sonha, o seu coração ama, o seu corpo deseja.

Quando não seja vendida pela família a qualquer devasso de ossos cariados e cofre recheado, à cobiça mórbida de qualquer libertino, à exterioridade berrante de qualquer janota com as finanças maltratadas e a alma cheia de cinismo e miséria, como escolherá marido? Solicitada pelos direitos imprescritíveis da espécie, no terror de sentir-se aniquilada para toda a sua missão natural, na inquietação dolorosa duma situação falsa e desolada, na expectativa duma vida solitária e estéril, sem amparo e sem arrimo, quantas vezes sem pão e sem afecto garantidos, como procurar serenamente as qualidades que possam dar-lhe esse conjunto de sensações, produtoras do estado psíquico feliz que é o amor?

A artificiosa ilusão do sufrágio mascara a tirania; a fingida liberdade de escolha sexual convence, de livremente unidas, as mulheres, absolutamente sem defesa perante o menos engenhoso galanteador, o menos habilidoso farsante.

Solteira, a mulher deve conservar a virgindade. Para Mantegazza a virgem é o *anjo incipiente*, por nela começar a diferenciação de dois órgãos sem necessária dependência fisiológica.

Para nós a beleza evocada por esse nome refere-se apenas ao ingénuo abandono, à exagerada sensibilidade dessa época ansiosa

e tímida da vida da mulher. A mulher destrona a virgem do céu da poesia balbuciante e eleva-a ao altar da fecundidade, transformada em mãe.

A idealização da maternidade virginal é a mais aberrante criação dos delírios místicos da humanidade.

Concepção transcendente, vagamente perceptível pelo sincretismo indisciplinado, que faz do parto dum homem a aurora duma Ideia.

A virgindade é natural no período da sexualidade encaracterizada, é o mais desnaturado suplício, a mais degradante mentira, quando, na puberdade, a Mulher sente a imensidade de força e vida que possui, o impulso criador, a ânsia de se espalhar em flores de carne, de lançar raízes por essa terra fora penetrando mais intimamente a vida, espargindo alma, semeando formas, construindo pensamento.

A evolução da família é determinada pela evolução da propriedade (Engels). Consequentemente, na apreciação espontânea inconsciente, as agressões a uma forma de família são reputadas imorais pelos desarranjos causados no maquinismo económico contemporâneo.

Quando, como hoje, a organização económica é insustentável por iníqua, empírica, improdutiva, condenada pela Ciência e pela Moral, a família está em dissolução e uma nova forma se elabora correlativa com a revolução económica a fazer. O casamento pelo divórcio, o celibato pela prostituição proclamam vigorosamente o advento dessa reforma da família.

(*Continua*) ^(a).

(*Nova Silva* — Revista Ilustrada, Porto, ano 1, n.º 3, 5 de Março de 1907.)

^(a) Este artigo não teve continuação.

Bibliografia ^(α)

[Para a Vida, de Augusto Casimiro]

Recebemos um livro de versos do Sr. Augusto Casimiro, subordinado ao título — *Para a Vida*. Duas palavras despreziosas e sinceras. A tentativa de Augusto Casimiro é simpática e prometedora. O primeiro soneto é de conceito elevado e de forma harmoniosa.

Neste momento humano de mercantilismo utilitário é de receber amorosamente toda a alma que, elevando-se acima do meio, procure a beleza pura da poesia. A poesia pela emoção é um elemento superior de progresso e conhecimento. Augusto Casimiro tem por vezes emoção, o que é bastante para lhe dar possibilidades artísticas. Eduque-se, discipline-se, viva na esfera espiritual da arte reveladora e será um belo poeta. Muito lhe falta para o ser, mas muito é já mostrar que pode sê-lo.

Estes dois ingénuos versos, ^(β)

Não sei, não sei. Mas sinto vagamente
Revelações em tudo quanto existe,
.....

são duma espontaneidade admirável, duma religiosidade profundamente visionária.

^(α) Este título é o único usado no periódico e corresponde ao título da secção em que o artigo foi publicado.

^(β) No periódico aparece «.» em vez de «,».

A páginas vinte e duas vemos quatro harmoniosas quadras dum sincretismo panteísta soberbamente espiritualizado: ^(a)

.....
Montes despídos, nus, às ventanias,
Gosto de os ver, eu gosto de os olhar,
Todos gelados pelas noites frias
Dentro dum pranto que andam a chorar...

Negras torrentes a rolar no abismo,
Raivas uivando trágicas loucuras,
Nervosas convulsões de cataclismo,
Talhando a terra em trágicas posturas;

.....

O autor precipitou-se; talvez numa compreensiva ânsia de publicidade, e daí a irregularidade flagrante da obra, que é cheia de mediocridades banais ao lado de verdadeiras concepções artísticas. Por vezes ergue-se à Arte; mas, voltando à vida quotidiana material, escreve no propósito de fazer um livro e é inferior, trivial e constrangido.

Veste-se de poeta sem estar inundado de emoção; daí poesia sem beleza.

Tem versos mudos, sem vida, inertes como soldados de chumbo.
A páginas vinte e cinco:

.....
Da matéria subtil que, agindo, anseia,
.....

Páginas vinte e sete:

.....
Que os vulcões urram num furor insano.

Páginas vinte e oito:

.....
Ânsia de titã que talvez vã seja,
.....

(a) No periódico aparece «.» em vez de «:».

E não é a forma coisa desprezível em Arte. A ciência que traduz aspectos contingentes e acidentais do Universo usa símbolos de valor meramente convencional.

À Arte que tenta a visão intrínseca da vida não são indiferentes os símbolos representativos.

Pela combinação harmoniosa dos aspectos sensuais fragmentários das coisas realiza a emoção, o êxtase, fórmula suprema do conhecimento humano.

(*Nova Silva* — Revista Ilustrada, Porto, ano 1, n.º 3, 5 de Março de 1907.)

Por Ferrer e Nakens

Vai finalmente realizar-se no Porto um movimento colectivo de revolta contra a Reacção, que em Espanha procura estrangular a voz do Progresso nas pessoas envolvidas *judicialmente* no célebre processo Ferrer-Nakens.

Em Agosto do ano findo pedia eu a colaboração de todos os portugueses na benemérita obra de afirmar o protesto de todas as consciências dignas contra a imoralidade que permite exigir dum homem um acto de delator e carrasco. A sinceridade da minha revolta não encontrou expressões que arrastassem, inexorável e impetuosamente, a opinião pública a actos de indiscutível reprobção, de imediato e vigoroso protesto.

Nas consciências elaborava-se lenta mas profundamente a convicção da infâmia da autoridade e agora surge esse gesto fatal e indomável, que por Portugal fora ergue todos os braços, exalta todos os cérebros, revolta todas as consciências.

A história deste processo é fecunda em ensinamentos flagrantes. Deu-se por ocasião do casamento do rei de Espanha um trágico e infrutífero atentado contra a sua vida.

Não obedecendo aos impulsos espontâneos da nossa subjectividade inconsciente que nos fazem ver num assassino um inimigo da espécie e por isso um possível agressor pessoal, temos de, postos de parte inconscientes e injustificados ódios, procurar os factores que, no estreito condicionalismo fisiológico, determinaram o fenómeno criminal. Assim, veremos que a obsessão duma ideia, implicando estados psíquicos correlativos, deve determinar resultantes volitivas harmónicas com a preponderância energética de certos arranjos cerebrais.

Numa época aceleradamente transitiva, como a actual, são vulgares as determinações indisciplinadas, isto é: determinações a que não preside o critério disciplinado do senso moral. Por ata-

vismo e por educação respeitamos preconceitos morais, que nos aparecem ridículos e falsos à mais ligeira indagação racional.

Sentimos até um vago respeito místico por gastos axiomas de consciência pelos quais concomitantemente sentimos o desprezo da inteligência e a reprovação da afectividade. Na transigência do presente com as velharias do passado se encarceram os conservadores, almas mirradas, áridas, pantanosas, verdadeiros fósseis da história da psicologia humana. A preponderância da aspiração do ideal (revelação subjectiva dos correspondentes arranjos orgânicos) manifesta-se no revolucionário, que, por uma natural auto-sugestão, pode ser levado a actos desesperados e disparatados pela falta de serenidade intelectual quando os prepara.

A possibilidade do acto reside na estrutura psíquica tendencial, a realização depende de qualquer impulso director. O acto será para sempre no estado potencial se esse impulso é suprimido.

É o caso de Morral.

O acto de Morral é explicado pelo estado indisciplinado do seu espírito, é desculpado pela moral, porque é apenas um desvio de senso moral, resultante do conflito tumultuoso da sua alma cheia de humanidade e amor contra a injustiça da sociedade actual cheia de egoísmos, de vilezas, de ódios, de misérias, de opressões e de infâmias.

A moral burguesa que deixou os evangelhos pelos artigos do código não o entende assim, e *vinga-se* mostrando a inconsciência dos seus sentimentos, o empirismo ininteligente dos seus juízos.

Morral furtou-se à vingança. Por ele teriam de pagar parentes ou amigos.

Foi preso Ferrer porque o conhecia, foi preso Nakens porque não entregou aquele que indefeso, humilde e confiante ainda na *consciência dos homens* se lhe entregou na hora suprema de aflição e angústia. E todos os que apertaram a mão desse homem na hora da desgraça, os que não tiveram a fácil e cómoda *honra* de o denunciar foram consecutivamente presos.

Ferrer, ilegalmente preso, foi roubado com prejuízos materiais e pedagógicos que são irreparáveis.

Nem um único facto concreto que insinue a sua cumplicidade, uma única indicação vaga. As mais ardilosas manhas do Sr. *Becerra del Toro* eram desfeitas terminantemente pela lógica serena, e pela consciência recta do insigne *pensador*.

Mas Ferrer é uma vontade decidida ao serviço duma inteligência lúcida; a sua figura de missionário da Luz incomodava sobremaneira os morcegos fradescos, as escolas livres fechavam

as portas às jaulas jesuíticas, formava consciências que sabiam dirigir-se sem confessores, homens que caminhavam seguros pelo caminho do dever, espíritos que recebiam insubmissos as sugestões dos dogmas. Era preciso aniquilá-lo, oferecia-se oportunidade: era de aproveitar, embora a sua inocência ressaltasse luminosa como o sol, pura como um sorriso infantil. É o que acontecerá, se neste duelo entre o passado e o futuro, o passado sair vitorioso.

Nakens, venerando e santificado ancião, é preso, porque não entrega à polícia o homem que se confia ao seu acolhimento salvador. É preso legalmente e o mundo inteiro olha-o comovido mas curvado perante a Lei, como se ela fora um cataclismo doloroso mas inevitável. Que belo ensinamento para os fabricantes da felicidade humana, em *pílulas de jurisprudência!* Que edificante exemplo, que reveladora lição!

Os mais nobres sentimentos de abnegação e desinteresse, as mais generosas manifestações de altruísmo, o amparo incondicional no momento do perigo, o sacrifício da tranquilidade, da ventura duma vida conchegada e suave, da felicidade dum lar, das mil coisas consoladoras que cercam a vida dos trabalhadores retos dum ideal de justiça e libertação, tudo isso é punido pela Lei colocada em flagrante e irredutível conflito com os mandatos imperativos da consciência moral.

Nakens é uma vítima da beleza irradiante da sua alma. Querendo salvar um homem, é castigado pela humanidade a quem de verdade são dirigidos os seus afagos.

Santo e venerando velho!

De toda a sua vida de pioneiro da justiça é este gesto de piedade e amor, esse abrir de braços para receber no peito o infeliz que na sua queda o apunhala, o mais grandioso feito, a mais sublime conquista, a mais fecunda heroicidade!

E todos, os que sentem o impulso dum destino purificador a polarizar a vida para a incessante perfectibilidade moral, saibam cumprir o dever, caminhando sem desfalecimentos nem dúvidas para a frente, para a verdade, para a luz, para a fraternidade universal.

Tentemos Deus, fazendo obras de amor... A fraternidade infinita é Deus. A matéria dissociada lembra-se, ignora-se, procura-se ansiosamente.

Essa ânsia é a oração.

O amor une a matéria, identificando-a.

Há tanto estremecimento na matéria, que se comunica num beijo de crianças!

Os átomos resumem séculos no contacto dum instante.
O amor infinito é a fraternidade infinita:
conhecimento completo — Deus.

(*Nova Silva* — Revista Ilustrada, Porto, ano 1, n.º 4, 24 de Março de
1907.)

Professores

Agora que esta dessorada mocidade portuguesa parece, vencido o marasmo secular, querer levantar-se ciosa das suas prerrogativas e cônica dos seus deveres, vem ao propósito corrente uma investigação da validade do ensino oficial. Arredados a um canto da Europa, desconfiados e rotineiros, rebeldes a progressos inovadores, pachorrentos e madraços, resistimos heroicamente às solicitações do mundo civilizado. Assim, enquanto o ensino oficial estrangeiro vai sofrendo as modificações exigidas pela evolução do critério filosófico, o ensino português vive ainda nos moldes e processos metafísicos.

O ensino escolástico e enfatuado fabricando papagaios e meninos prodígios é hoje a característica do senso pedagógico oficial. Pondo de parte a rançosa faculdade de direito e indo procurar o critério dominante no ensino das ciências de aplicação é ainda evidente o mesmo espírito de *paroleiros* superficiais e pretensiosos. O nosso engenheiro, vencido pelo tino de qualquer construtor de província, é no entanto, um prodigioso dicionário de todas as ciências.

O nosso médico, afastado da observação aturada, destituído da intuição, que a reflexão quotidiana, sobre exemplares palpantes cria, sai das escolas trôpego, tímido, falho daquela decisão instantânea que, no *momento preciso*, é a característica das altas individualidades profissionais.

Este descalabro do ensino resulta do recrutamento empírico e casual do professorado. O professor é procurado, não entre aqueles que garantam o mérito pedagógico por provas concretas dadas num proveitoso curso de ensino; mas entre aqueles, que, em fantásticas provas públicas, apresentarem maior número de conhecimentos quantas vezes fortuitos e acidentais.

Quem mais sabe, melhor pode ensinar — é o princípio falsíssimo e ridículo que determina a escolha do professorado. Depois

o professor, que, de salto, galgou toda uma tarimba, pertinazmente demorada para outras profissões, é naturalmente levado a julgar-se perfeito e adormece nas delícias de Cápua duma vida pacata e regalada. Quando um aluno permanece renitente à assimilação dum assunto mal exposto, o professor perfeito atribui a falta de aptidões do explicando àquilo que é sempre e somente ausência de faculdades pedagógicas no explicador. Obrigado a uma vasta, desconexa e difusa erudição, sem possibilidade de aprofundar e metodizar uma especialidade, este moderno *sábio da Grécia* ensina indiferentemente qualquer ciência. Sem o amor pela profissão que somente a convivência íntima e demorada duma especialidade lhe poderia dar, vê nela apenas um modo de ganhar a vida, que acaba por se lhe tornar impertinente e maçador.

Os professores hoje são governadores civis, deputados, chefes de repartições, em disponibilidade. Os ministros são professores em disponibilidade. Quando um governo sobe uns reverterem a lentes, outros saem para governadores civis.

O último ministério, por pouco, despovoava as cátedras. Ao mesmo tempo, em Espanha, Ramón y Cajal respondia a uma oferta política: *não tenho tempo para essas coisas.*

(*Nova Silva* — Revista Ilustrada, Porto, ano 1, n.º 5, 10 de Abril de 1907.)

As matrículas

Aos canalhas — que, mentindo os mais elementares princípios da lealdade e da honra, fugiram covardemente diante das consequências naturais do seu procedimento, me dirijo, não como apelo à sua *dignidade ausente*, mas somente como aclaração das falsas razões, que aduzem para motivar a sua tão miserável atitude. É de clara e de indubitável condenação. Fazem ontem *greve* e fogem hoje à responsabilidade desse acto. Duas qualidades de carácter revelam: imbecilidade e covardia.

Individualmente verberam o procedimento da Academia e, num verdadeiro delírio de metafisicismo, um escolástico, arranjam essa entidade impossível, que é a verdadeira culpada das *suas* (deles) culpas. No determinismo *consciente* das suas volições aparece esta directriz suprema — a Maioria, e aqueles que, até em públicos manifestos, afirmaram individualmente uma conduta de inexorável intransigência, ajoelham no altar da *Deusa*. E assim fazem «*porque o sacrificio pessoal é inútil à causa*».

É um caso sintomático, como revelador de aberrações de critério, que só a nossa educação teológica pode explicar. A Academia não é uma associação de entidades pessoais concretas, é, para eles, uma abstracção metafísica, puramente verbal. Essa Associação, resolvendo declarar-se em greve, fê-lo com o assentimento pessoal de cada estudante; a cada estudante, individualmente, compete coonestar o seu procedimento com as suas anteriores afirmações.

A lama não mancha a Academia portuguesa, mancha e indelevelmente os estudantes, que, votando a greve, recuam agora como incontestáveis canalhas, que são. Eis o que é preciso dizer-se para que cada um não iluda as exigências da sua consciência ancestral (visto que a consciência moral crítica não a têm)

com habilidosos transportes de responsabilidade, que assim passada de mão em mão viria a caber apenas à entidade verbal — *Academia*.

(*Azorrague* — Semanário dos Estudantes Intransigentes, Porto, ano 1, 5 de Junho de 1907.)

Excerto inédito

.....

As religiões correspondem, pois, a um conjunto de necessidades individuais e sociais tão complexo que abrange as mais altas necessidades estéticas, morais e especulativas e as mais elementares necessidades orgânicas e de protecção. Desde as simples regras de higiene regional até às grandes sínteses metafísicas, aos dramas da virtude, à tragédia do destino. A religião como principal meio de cultura de um grande número de povos, envolve no seu complexo sincretismo original os elementos que, diferenciados, constituirão a cultura do futuro. Assim o problema do desaparecimento da religião é mal posto por muitos homens que pretendem ter o pensamento livre, quando, vendo na religião uma tola intrujice, admitem a sua supressão catastrófica¹. Mais atilado é o grande Comte procurando numa lei da evolução do homem social o motivo da morte da teologia e da metafísica. E verdadeira seria a sua teoria, se verdadeira fora a sua lei.

Como em outro lugar demonstrámos, Comte, que à primeira vista parece uma mentalidade tranquila e olímpica, é uma personalidade mental unificada violentamente, com hesitações e revoltas interiores algumas até exteriormente reveladas.

Nele ainda se não verifica a lei. E não colhe o argumento de que não é preciso conhecer uma curva toda para a traçar, porque a vida, e ainda mais a vida social, não é uma abstracção matemática, mas sim o concreto vivo, real, onde imensas correntes de pensamento e acção se entrosam, se misturam e se confundem. Isto bastaria para diminuir a filúcia científica dos positivistas.

¹ Por analogia com a teoria catastrófica de Cuvier para a geologia, chamo catastrófica por desconhecer a evolução natural.

De resto é com a hereditariedade, que contam para lhes realizar os vaticínios; ora o que permite a previsão física é o que Pícaro chama o princípio da não-hereditariedade.

Se assim não fosse só o conhecimento da *origem*¹ bastaria para se alcançar a mais simples previsão científica. (Seria interessante mostrar aqui, como nesta diferença de inércia² ou de ritmo evolutivo está a desproporção do avanço das ciências do inanimado e do atraso das biológicas. Será feito mais tarde).

Como provado seja (e para ampla discussão da lei dos três estados é proveitosa a leitura d'O *Brasil Mental* de Sampaio Bruno) que a humanidade não é positivista; permanece o problema. E é ele assim: as religiões correspondem a verdades e trazem mentiras; o espírito mais amplo e rico do homem espalhou-se pela filosofia, pela arte e pela ciência e estas criações do homem incompatibilizaram-se em parte com a religião. O que sucederá?



Pode o homem desprezar a ciência e encerrar-se numa impenetrável concha de misticismo cataléptico?

Não. Porque a vida é acção, é luta e a melhor arma para a vitória é a ciência. Qualquer que seja o valor de verdade que a crítica filosófica determine à ciência, é incontestável, como a materialidade de um pau que nos apalpe as costelas, que a ciência e só ela permite o domínio da natureza.

E hoje que a indústria e a agricultura deixam a rotina e se dirigem à ciência a pedir governo, mais ostensivo se torna o poderio desta. É vulgar até ver os antigos escravos da religião escravizados à ciência, procurando, hoje nesta, como ontem naquela, o *absoluto*, que nem uma nem outra podem dar; mas que a ciência não só não promete nem procura mas até desfigura e *refracta*³.

O próprio Bergson, o mais original e profundo dos metafísicos modernos, patriarca do anti-intelectualismo, acha que a nossa inteligência, e com ela a ciência, é dirigida no sentido da acção e que, por isso mesmo, é imprópria para a tarefa especulativa. A ciência tem

¹ Em qualquer sentido: no próprio ou significando todo o passado.

² Inércia científica é abstracção, por isso digo mais ou menos.

³ Isto é (sem malícia) um adiantamento, é já o resultado da crítica filosófica aplicada à ciência.

por si a prática, a vida, a luta. Permanecerá. Um antigo crente podia, no meio duma batalha, cair de joelhos orando, porque acreditava na eficácia *imediate*¹ da reza para o seu fim prático. Hoje, ninguém abandonará, no campo de batalha, a melhor espingarda para ir rezar.

Portanto no conflito entre a ciência e a religião, quando a ciência reclama por si o conhecimento conceptual do Universo é certa a derrota da religião, como já o confirma a verdade histórica.

O sincretismo confuso da religião já se vê diferenciado no ramo especulativo, que contém o conhecimento conceptual da ciência e o conhecimento filosófico. Como equivalente especulativo da religião já vimos que ficará de um lado a ciência, veremos que, sob outro ponto de vista mais geral e realista, ficará a filosofia. A cosmofísica que existia indiferenciada na nebulosa religião pertence já à ciência para os espíritos cultos, e, em todos os espíritos, se vai admitindo a autoridade da ciência.

A metafísica, o conhecimento da natureza intrínseca dos seres, o significado da vida, pertence à filosofia. Por este lado encontra a religião o seu *equivalente metafísico* na filosofia. Há dois meios de actividade, visto que há as energias físicas e as energias morais. Sob o ponto de vista da acção, terá a religião como equivalentes a ciência, a metafísica e a arte. A ciência ensina os meios de acção sobre a natureza — *equivalente do conhecimento físico do cosmos*.

A moral dá os princípios humanos de conduta, que a metafísica procura justificar dando-lhe sentido universal (divino) — *equivalente ético*.

A arte exaltando a vida, dará a emoção para os grandes lances dramáticos ou para a sublime coragem dos humildes deveres da vida consuetudinária — *equivalente emotivo*.

1908

P. S. — Na ordem do trabalho, que transcrevo, segue-se a demonstração do que acima fica afirmado para a ciência, filosofia e arte e só demonstrado para a ciência. A seguir virá a demonstração da necessidade, possibilidade e valor duma metafísica e do valor da arte como equivalente emotivo da religião. Só então se verá como é necessário que se dê o desdobramento da nebulosa religião nos seus

¹ Também acredito na eficácia para a acção duma crença metafísica; mas não é directamente que actua, actua sobre a vontade do crente exaltando-a e erguendo-a em fecundidades novas.

equivalentes citados com o único meio de garantir a harmonia e unidade da vida mental.

(O Povo de Felgueiras, Felgueiras, ano 1, n.º 26, 18 de Agosto de 1910.)

II

Há já hoje um cantão do Universo, que é posse exclusiva da ciência. O homem moderno durante uma trovoadas prefere o abrigo de um pára-raios ao de uma igreja; ao entrar num túnel ou numa ponte faz uma afirmação de confiança, não de confiança na Virgem, Maomé ou Buda, mas de confiança moral na sociedade e indirectamente na respectiva engenharia de construção; perante uma invasão epidémica defende-se cientificamente confiando na profilaxia e na terapêutica. E é tal a atmosfera de radicada confiança na ciência que o crente sincero *hesitará*, no momento terrível, entre S. Jerónimo e Franklim. O conhecimento intelectual da natureza começou por um empirismo grosseiro em que ainda hoje se debatem certos capítulos da biologia e a imensidade do campo sociológico.

Ainda hoje a par da especulação científica, que, alada por sobre as necessidades imediatas, as resolve por «*surcroit*», cresce o conhecimento rotineiro e empírico. As generalizações populares são quase sempre feitas por *analogia*, processo lógico, que só dá certezas quando haja, entre os dois grupos de fenómenos analógicos, um fenómeno comum que se *demonstre* ser a causa dos outros. Significa isto que a analogia, como processo lógico só serve em mãos de quem já pense logicamente. Ora o homem vulgar (onde está muito doutor) é ainda pré-lógico. Chamarei objectivas às analogias rigorosas, para as distinguir do raciocínio *emotivo, prático*, que vulgarmente constitui esse processo e que chamarei *analogia subjectiva*. É a analogia subjectiva que dá ao povo ingénuo esse grande poder de metáforas, que tão bem o irmana com o poeta. O verdadeiro poeta tem a ingenuidade da criança e a sensibilidade da mulher, os dois seres que nos enchem a casa de *tagarelíce* enternecedora e que tantas vezes quebram angelicamente, com um beijo ou com um sorriso, a rigidez e a secura da nossa vida de *acção* e *lógica*¹. Nenhum homem, que possua o sen-

¹ Não se veja contradição entre o facto de eu dizer acima que o homem vulgar é ainda pré-lógico e aqui lhe chamar o *animal* lógico. Acima falo do ho-

timento da vida universal, que tenha o *sentido do mistério*, deixará de passar por esse sublime e trágico momento em que um sacrifício humilde da mulher amada (e tão cegos somos que excepcionalmente vemos, com olhos verdadeiros esse ente que passa na terra em busca da *nossa* felicidade) ou a gargalhada cristalina de um bambim travesso deitam por terra o nosso sistema filosófico.

E nesse momento divino dois caminhos se nos oferecem: encolher os ombros; escrevendo um zero sobre essas sublimes coisas e deixar, assim, intacto o nosso sistema filosófico; ou ter a grandeza de alma bastante para perceber que ao nosso sistema filosófico faltava aquilo e que esse aquilo e tudo, porque é o amor, que, nós, *animais lógicos*, tínhamos esquecido ou desprezado por ser irreduzível a silogismos correctos.

Vinha falando muito serenamente e deixei-me arrastar ao que os *homens de juízo* costumam chamar declamações sentimentais. Não importa.

Já disse que nada desaparecerá do que uma religião possui de verdadeiro sem que deixe os seus equivalentes. Nada mais fiz que falar dalguns desses equivalentes.

Disse ao homem, que levava os olhos pregados num céu vazio, que os descesse sobre esta terra de sacrifício e virtude, dilacerada por tanta dor, divinizada por tanto sonho. Que também a terra é céu escreveu algures o nosso gigante Antero. É certo; e miserável é a alma que pode acreditar num céu de ventura, estranho a esta terra humilde, fecundada pelo suor da angústia. «O meu reino não é deste mundo» é falso. O Cristo verdadeiro, o redentor perfeito, diria «eu, que sou o amor, reinarei no mundo». Amor perfeito tem de ser infinito, alcançar o Universo na sua visão redentora. Mesquinha compensação a que outorga a felicidade individual. Resgatar o mundo, iluminar mundo, acender consciências onde só vemos astros, lançar sobre o Universo corações em labaredas é o sonho do homem, e, porque é o sonho do homem, é o seu dever. O homem é alguma coisa de terrível e sublime. Mergulha no *mistério* como o naufrago no oceano. É como o naufrago que se sentisse arrebatado para cima por invencível força, assim o homem sente, no que dentro dele mesmo o *excede*, uma força que o arreba-

mem que pretende ser activo pela lógica e ainda está preso à vida natural, mais raciocina com o coração que com o cérebro. Aqui falo do homem que desenvolve as suas virtualidades, chegou ao *modo típico*.

ta para a luz, tanto e tão alto que nas infinitas alturas ele se dissolverá em pura e eterna luz. E esse arrebatamento é o Ideal e esse ideal é a fonte da vida, do progresso e da verdade.



Revertendo. Disse que o processo mental originário é principalmente a analogia subjectiva. Ela é, com efeito, duplamente subjectiva, personificando o mundo, isto é, dando às cousas modelos vivos, e tomando simples uniformidades de sucessão, algumas vezes verificadas, por verdadeiras ligações causais.

Neste processo de pensamento explica-nos como o pensamento originário foi essencialmente *mitogénico* e animista. Como as religiões primitivas são o convívio do homem com os seres naturais de que ele depende e cuja benevolência procuram conseguir por oferendas e atitudes especiais (ritos), que ainda o mesmo *post hoc ergo propter hoc* lhes fez supor eficazes após algumas experiências casualmente felizes. Este *jeito* de pensamento ingénuo vai também mostrar-nos como o estabelecimento do pensamento científico, fazendo-se por um trabalho consciente de abstracção, vai afugentando dos quadros científicos tudo o que é emoção e sentimento, e vai desprezando aquilo do real, que se não submete a certos postulados particulares para cada ciência e necessários à sua afirmação. Esse resíduo do real, fica para oportunamente ser assimilado, ou dando lugar a uma nova ciência ou ficando (como no fim vem sempre a ficar) como irreduzível ao trabalho científico do pensamento.

Aqui aparece o trabalho filosófico verificando a realidade desse irreduzível dado e procurando integrá-lo num sistema do Universo. Tudo isto será desenvolvido a seu tempo. Para que o homem deixasse o *pensamento emotivo* era preciso que fosse crescendo a sua confiança na estabilidade da natureza e que por uma prolongada herança se lhe inscrevesse na estrutura do cérebro essa confiante tranquilidade.

Como poderia ele cercado de mil perigos desconhecidos, continuamente assediado por imperiosas necessidades imediatas, libertar-se do jugo do presente e especular? A consciência é, por assim dizer, um excedente psíquico dos actos biológicos, como que um luxo da vida animal. Ela desaparece quando a vida é encarada no presente, ou por excesso de trabalho material (o operário das minas, etc.) ou por excesso de trabalho digestivo e sensual (o

burguês inculto). Estes factos confirmam a impossibilidade do luxo especulativo nos seres escravizados ao presente. Ora nós sabemos pela pré-história que as condições de vida do homem primitivo o prendiam à contingência do acaso e às dificuldades do presente. Temos, pois, uma prova que o homem primitivo devia proceder no pensamento pela via emotiva e esta via foi a analogia subjectiva pela razão (de M. de la Palisse) que o desconhecido se exprime em função do conhecido. Se portanto ele assim devia pensar e se o animismo é o vestibulo universal das religiões históricas, é claro que é certa a lei, que acima fica, como presidindo à laboração psicológica do primitivo sentimento religioso. Não quer isso dizer que seja hoje esse o motivo psicológico do sentimento religioso. Não o é. Ele evolucionou com o progresso do conhecimento científico, com o progresso moral e filosófico, e muitas transformações sofreu explicáveis pela lei psicológica da heteronomia dos fins. Mas é preciso conhecer-lhe o motivo inicial para se compreender o desdobramento desse originário *pensamento emotivo* nos seus diferentes equivalentes e para compreendermos o estudo que se segue da deformação e empobrecimento do real pelo conhecimento científico.

(*continua*) ^(α)

(*O Povo de Felgueiras*, Felgueiras, ano II, n.º 28, 15 de Setembro de 1910.)

^(α) Este artigo não teve continuação.

A Inquisição positivista

Consta-me (porque o não leio) que o advogado Alfredo Pimenta tem defendido a pena de morte como necessária terapêutica do organismo social ameaçado. Assim deve ser; porque, em uma revista positivista, por ele exposta aos olhares da admiração indígena, eu, de relance, vi um Maioral dessa escola defender a pena de morte ou uma nova pena mais terrível que a prisão perpétua, se a estratégia política tal concessão exigisse. É difícil fazer uma análise serena de tais afirmações; porque, em face delas, tudo o que há de mais profundo em nós é abalado por uma tempestade de pavor e indignação.

A mão recusa-se a pegar serenamente na pena e instintivamente se apresta para a defesa.

O rugido do tigre não pode deixar indiferente a nossa carne. Todos os nossos músculos se aprestam para a luta trágica e definitiva.

Mas quando esse tigre tem a força humana e se abona com a infalibilidade do seu vasto saber, é toda a nossa alma que estremece como árvore que fosse abalada desde as raízes, sofregamente coladas à terra fecunda, até aos mais altos ramos, elevando orgulhosos aos céus, sem fim, os seus sonhos floridos, as suas promessas, as suas esperanças.

Nunca mais veremos os olhos profundos e nostálgicos de uma criança erguerem-se para nós cheios da curiosidade ansiosa da consciência que desponta, sem que dentro de nós alguma coisa terrivelmente espessa e negra vagarosamente talhe espectros e maldições. Nunca mais uma cabecita loira adormecerá confiante e feliz em nossos braços sem que algo nos diga surdamente «cuidado: não a estrangules, fera».

Mas esquecia-me que estas *pieguices* são estranhas à vida e à linguagem dos positivistas, que refiro.

Há dois pontos de vista essenciais na questão.

Primeiro: Afirmando que, quando houvesse a fatalidade orgânica do crime, era inadmissível a pena de morte.

Segundo: É uma afirmação gratuita e altamente improvável a da fatalidade do crime.

Admitida a existência do tipo criminal, seria ainda preciso o conhecimento completo dos seus *AA* e dos seus *BB*, falando a lúcida linguagem mecanista do Sr. Dantec ¹.

Ora os *AA* dependem dos *BB*; assim $A_n - A_{n-1} \frac{1}{1} (A \times B)$ define o estado do agente no momento *n*. Ora, como para o animal agente os momentos do tempo não são exteriores uns aos outros, é inextricável a parte determinante, que cabe a cada factor *A* e a cada factor *B*.

Isto na hipótese determinista onde se colocam todos os sábios a valer e portanto todos os sábios a fingir.

A hipótese criacionista, aliás a mais viável filosoficamente, está naturalmente afastada na discussão de uma doutrina, que trata os homens como pontos materiais inertes destinados a todas as construções a que a força exterior — a Lei — os conduza. Ora, se é como vimos, impossível discriminar na resultante volitiva os *AA* e os *BB*, como pode um juiz em nome da ciência (que prostituição!) decretar a responsabilidade da tara orgânica do agente, isto é, do *A* contemporâneo do crime? E, não o podendo saber, por cientificamente ser absurdo, como o decreta? E, quando fosse possível sabê-lo, como compatibilizar a irrevocabilidade da pena com a falibilidade do juiz ou juízes? Como se vê deixei falar Dantec, o único determinista que conhece a sua língua. Nem assim se sustenta a filáucia dos tais sábios de pechisbeque. Não vou discutir o próprio postulado de Dantec por ser inoportuno. Ele se reduziria a isto:

O Universo resolve-se integralmente em mecanismo, e *eu conhecendo* todo o mecanismo cósmico, *conheço-o*.

A minha segunda tese é admitida por todos os pedagogistas e é uma verdade do domínio comum. O homem nasce sem ideias ou sentimentos predeterminados. O seu primeiro saber é orgâni-

¹ Por *A* entende-se o estado orgânico actual do agente, por *B* o conjunto actual dos factores do meio.

co, palpável e, como o prova a experiência, modificável, senão na forma da acção na finalidade da acção. O saber psíquico e o temperamento psíquico consequente é, dentro do amplo e *souple* quadro humano, imensamente modificável. O homem quase se pode dizer um princípio activo cuja trama de acção o meio, dentro das possibilidades humanas, determina. Mas eu esquecia-me que discuto com sábios, possuidores das equações do Ser. O que acima dissemos e o mais que íamos a dizer tendia a provar que o meio solicita o crime, quando o não cria.

É ou o factor causal ou o factor ocasional, mas sempre indispensável.

Mas eles conhecem os factores *AA* (pois afirmam o tipo criminal); como vimos só os podem conhecer, determinando igualmente os factores *BB*; ora sendo os *AA* efeitos dos *BB* porque não modificam na relação precisa as condições do meio, os *BB*?!

Ah! A lógica dos inquisidores era de bem melhor quilate. Eles possuíam a verdade que a bondade misericordiosa de um Deus lhes tinha feito graça. Eles possuíam o verdadeiro sentido da Vida, tinham o direito de nos salvar ainda pela morte. Não sendo sinceros intimamente, mentindo à sua consciência para conquistarem temporalmente o mundo, tudo perderam: o mundo, a consciência e as almas.

Perdeu-os o demoníaco orgulho, a estólida vaidade, quiseram deter o universo na sua evolução, os homens no seu incessante conhecimento de mais avançadas verdades, no contínuo aperfeiçoamento da sua religiosidade. O que cientificamente representa de improgressiva e perigosa qualquer doutrina dogmática, bem alto o dizem os excomungados do papismo de Roma e do papismo cosmopolita de Comte. De um e outro ficou o grande ensinamento que o Ser é irreduzível a fórmulas e que tentá-lo é sistematicamente empobrecê-lo, desprezando o que, por mais profundamente vivo e criador, mais longínquo está da inércia e da quietude. De um e outro ficou a obra positiva do método e o exemplo das monstruosas aberrações a que levam todas as tentativas, que pretendem impor-se como verdades eternas. Bem sei que é consolador para a nossa insaciável sede de verdade, acreditarmos que, de vez e para sempre, entramos nas regiões puríssimas da claridade, onde ao nosso olhar inquieto toda a vida presente nus os seus segredos, todo o Universo presente resolvidos os seus alucinantes enigmas.

Bem sei que a subordinação de vida a um princípio superior donde dimane, para a acção e para a luta, unida e harmoniosa a

nossa individualidade, é uma profunda e iniludível necessidade biológica. Mas que maior orgulho para o homem, confiante no seu grandioso destino cósmico, que subir acima da escabrosa montanha dos seus instintos e daí, senhor da terra e da vida, alar-se pelo céu da Ideia e sublime, divino gritar à terra mísera: «Eu sou o Criador; por mim brilharão, no céu escuro e frio, as grandes sentenças morais, por mim a harmonia das esferas será a palavra de Deus; porque eu soube ir além da contingência do meu egoísmo e, em vez de me debruçar sobre o passado morto, fazer em mim a eclosão do Futuro que gerei com as minhas dores, reguei com o meu pranto, fecundei com os meus sonhos!».

(*A Vida*, Porto, ano v, série II, n.º 1, 3 de Janeiro de 1909.)

O individualismo

Corre mundo uma falsa noção de individualismo, que convém analisar. Afirmam-se individualistas, reclamando-se com Ibsen e Nietzsche, certos temperamentos mórbidos, insociáveis e egoístas. Aqui, como em tudo, a palavra tem indefinidos sentidos, percorrendo toda a série de possíveis caracteres e tendências morais. Sendo a moral a expressão, o governo e a valorização da conduta individual, ela é variável com o grau de riqueza e harmonia da personalidade. Assim, quando a moral se define e resume numa religião, dentro do mesmo dogma as mais diferentes moralidades individuais podem existir.

É a refração do dogma através da personalidade.

Resumida a moral em sistema de ideias, sempre a diferenciação virá pela interpretação pessoal.

A moral individualista, se é a afirmação do egoísmo, a exaltação dos valores da personalidade biológica, não passa de um imbecil contra-senso.

A moral individualista no seu elevado sentido é imensamente sociável.

A sociabilidade biológica para as naturezas pobres, a sociabilidade universal para as naturezas profundas e religiosas. Não é então a moral católica o tipo ideal? não realiza ela a máxima sociabilidade dos homens, fraternizando-os em Deus? Não.

Cria um dualismo irreduzível, dentro da consciência, entre um ideal perfeito e eterno (petrificação de uma concepção humana imperfeita e temporal) e a própria imperfeição da vida, evolutindo e, num certo sentido, negando-se. Opondo ao paganismo sadio, contente adorador da natureza, a liberdade do Espírito, senhor da natureza, algo novo e fecundo lançou na terra. Mas, definindo a obra do Espírito, deu-a por concluída, e encarcerou-se na Torre sagrada do Dogma.

A lógica matou a moral. A inteligência construiu *um* mundo, e a vida, fonte pura da moral, tendo de adaptar-se, apoucou-se e, mutilada e exigua, foi-se fenecendo na contemplação de Deus.

Qual o sentido de uma individualidade? Fisicamente: o de um sistema material isolado no espaço e com consciência desse isolamento. O que lhe garante a consciência desse isolamento? O conhecimento do não-eu, isto é, o convívio. Esse isolamento, como compreendê-lo? Se fosse completo, como explicar o indivíduo? O próprio isolamento nós o compreendemos pela noção de sociabilidade: laços ténues, laços íntimos, laços fraternais. A moral individual é a expressão integral e *única* das relações do indivíduo agente com o seu mundo. É violenta, falsa e degradante toda a moral que proclama regras universais. Um indivíduo é naturalmente estranho a outro indivíduo, só do indivíduo deve partir o esforço para a fraternização, porque só ele possui e define as suas relações com o ser. Ele necessariamente irá modificando a sua moralidade com o seu progresso no conhecimento do ser, pois a moralidade é esse mesmo conhecimento.

Quer isto dizer que não haja descobertas no mundo moral, que não haja, subjacente ao fenómeno, uma lei moral que lhe revele a sua profunda realidade metafísica?

As próprias descobertas do mundo científico (não se opõem metafísica e ciência, completam-se) não traduzem relações, formas do Ser?

Há verdades morais que o pensamento do homem descobre, mas a sua garantia está na consciência individual. Eu posso ser levado a perscrutar a profundidade da minha alma, pela voz sugestiva de um revelador, mas essa voz só encarna e vive, quando se ergue apaixonada e fremente da minha consciência iluminada. As relações científicas são também significativas quando me servem para decifrar o enigma do Ser, para procurar o sentido, a *realidade* da vida. Quando recebo uma fórmula moral, posso sentir-me esclarecido; então ela é bem o meu ser, a minha consciência; posso aceitá-la por inércia, serei então o escravo de quem ma ditou.

Uma verdade estranha ou nos possui ou, sendo já na nossa inconsciência, vem-nos alargar o horizonte moral, enriquecer e embelezar a vida. O individualista, que o é para legitimar a sua clausura egotista, regressa para a matéria.

O moralista, que apregoa a sua moral eterna, é, na verdade, carcereiro de almas, fabricante de consciências.

O uso metódico de uma ética, ginástica de Ling do espírito, levaria ao automatismo moral, que é a negação do *homem*. Trágica franqueza a de Spencer ao presumir a organização da moral humana em instintos!

(*A Vida*, Porto, ano v, série II, n.º 2, 10 de Janeiro de 1909.)

O tempo científico

A noção da permanência do ser, através dos mil acidentes da vida de relação, é a garantia e o fundamento da individualidade psíquica. É a afirmação imediata do tempo, organizador da vida física e mental. O progresso subjectivo do ser é o próprio tempo. Sendo, pois, o tempo psicológico a expressão íntegra da noção de continuidade, como tirar do tempo psicológico conhecido (presente e passado) uno, existindo apenas organizado e completo, a noção de tempo científico, extenso, infinitamente divisível, precário e convencional? Como aparece a noção de instante, que, por familiar, tão clara é? Se o tempo é a vida, como decompor o tempo? Será um composto a vida? Esta vida, a minha vida que escreve e pensa estas reflexões, será exterior e estranha, portanto, à vida que servindo-se dos meus órgãos aprendeu o ABC?

Poincaré inverte a ordem genética natural, quando diz que o tempo psicológico imediato é descontínuo. Depois, para responder à própria pergunta: «De onde nos vem o sentimento de que entre dois instantes quaisquer há outros instantes?» confessa a existência do tempo como forma preexistente no espírito. O erro provém de ter querido construir desde logo um tempo híbrido, meio psicológico e meio físico. Constrói o tempo com recordações apagadas de certas sensações (passado) e com as sensações complexas e fortes (presente). E o futuro? E a recordação não implica já a noção de tempo? Assim se faz uma primeira aproximação do tempo uno e indivisível de quantidade extensa e divisível. Por isso, este tempo, que Poincaré nos apresenta como o tempo psicológico, é já uma degeneração espacial do tempo. A queda espacial do tempo psicológico explica-a brilhantemente Bergson partindo do postulado que o homem é um centro de actividade (*Matière et Mémoire*).

Reduzindo o tempo psicológico a tempo físico, resta introduzir a medida e definir o tempo científico. Poincaré faz, como aplicação apresentativa e demonstrativa do seu criticismo filosófico-científico, um estudo das dificuldades que apresenta a noção de tempo científico. Assim: como definir a igualdade de dois intervalos de tempo? Os físicos definem postulando o isocronismo das oscilações: círculo vicioso. O postulado lógico é este: «Causas mais ou menos idênticas gastam o mesmo tempo para produzirem, pouco mais ou menos, os mesmos efeitos»: aproximado e convencional. O que garante v. g. que a velocidade de rotação da Terra não varia? E, se varia, variam já as circunstâncias do fenómeno. Como aplicar então o postulado referido? Supor a rotação da Terra constante é supor já o conhecimento do tempo científico (Calinon), além disso os astrónomos negam tal hipótese. E qual é a unidade de tempo que usam para o estudo das variações da rotação da Terra? As marés pelo atrito produzem calor, consomem, portanto, força viva. A aceleração secular da Lua, para estar de acordo com a teoria newtoniana, precisa de uma correcção relativa ao atraso da rotação da Terra. Assim, os astrónomos definem o tempo de modo que sejam verdadeiras as leis da conservação da energia e a de Newton.

Esta definição é *necessária*? Não é; aquela que simplifica as equações da mecânica. Muitas são as dificuldades da questão e todas provam que, escolhendo uma certa definição, apenas obedecemos à necessidade de construir a síntese científica mais simples. O tempo científico é uma grandeza linear. O tempo psicológico é a própria continuidade da vida. O primeiro, considerando apenas simultaneidades no espaço, é arbitrariamente divisível, homogéneo e, por isso, sempre presente. O tempo psicológico é a própria vida em actividade criadora.

Como explicar então as previsões astronómicas, se o tempo científico é sempre presente? Não será o meu futuro psicológico que há-de ver o eclipse calculado pelo astrónomo em função do tempo científico? Por o tempo científico ser homogéneo e apenas cuidar dos pontos-intervalos é que o astrónomo, admitindo que o Universo não *vive*, pode calcular as posições relativas dos astros, simultaneidades no espaço, para uns certos pontos do tempo, que ele coloca no tempo à vontade, respeitando apenas as suas posições relativas. Como não resultam para a nossa vida grandes alterações do desacordo entre o tempo científico e o tempo psicológico? Porque é, afinal, a nossa

vida orgânica, a nossa duração, que marca o ritmo do tempo pela escolha de coincidências exteriores síncronas do fluxo da nossa economia biológica.

(*Ilustração Popular* — Semanário de Vulgarização Artística, Literária e Científica, Porto, 1.º ano, n.º 11, 10 de Janeiro de 1909; também publicado in *A Vida*, Porto, ano v, série II, n.º 23, 6 de Junho 1909.)

O padre liberal

Eis uma interessante mentira na qual muita gente finge acreditar.

Padre liberal é um absurdo, os termos repelem-se, é como se disséssemos um malandro honrado. Se se é padre não se é livre, se se é livre não se é padre. O homem livre só aceita (como só afirma) verdades demonstradas, o padre aceita e afirma erros demonstrados. O homem livre, sendo o senhor da sua consciência, respeita a consciência alheia; o padre, tendo por consciência própria a infalibilidade do Papa, fabrica gazuas para devassar as consciências dos outros. Mas o padre que, atravessando serranias e descampados, vai ao lar frio e sem pão levar o pão e o afecto, a palavra de amor e o gesto da esperança?

O padre que, por entre o ódio dos homens, passa erguendo a cruz do perdão, pronunciando palavras de paz, tendo para o crime a indulgência do forte, para a virtude ternura e carinho de irmão?

O padre confidente e amigo da família, feiticeiro do coração humano, que sabe levar ao lar alanceado a intimidade, a alegria sã, o são aconchego que dá a presença da bondade, a força de vida, a esperança que dá a presença da virtude?

Pode o padre ser isto?

Podia tê-lo sido e por excepção, foi-o.

Quando a razão humana se não tinha ainda incompatibilizado com o dogma, quando o dogma ainda não tinha declarado guerra ao pensamento, quando ainda a alma ingénua do povo guiava a mão simples e a alma pura do pastor; o padre ideal, cheio de poesia e de *religião*, era na verdade o herói familiar, o amigo certo, o manto do nu, o pão do faminto, o enfermeiro das almas.

As tempestades levantadas no Vaticano mal atingiam o solitário pastor da Montanha. O alto clero intrigava; o padre curava

doentes, visitava tristes, via alvoradas e primaveras, falava aos homens e às aves, rezava a Deus e às estrelas.

Hoje a tempestade estremece por toda a terra, um vento genésico abala as montanhas, encrespa os mares, fustiga as árvores e os homens. A terra revolve as entranhas, e, de serra em serra, a voz do vento, pregando criação, revela energias ocultas, levanta forças indomáveis, grita o ritmo selvagem das formas novas ansiosas, loucas da proximidade da criação. O homem concebeu um novo Ideal, quebrou os moldes acanhados do antigo mundo e aflito, hesitante ainda, procura a nova *Terra da Promissão*.

Desfeitas, desmoronadas estão as catedrais e as mesquitas. As religiões morreram, com elas levaram os seus deuses, que, analisados de perto, se viu serem de barro. Nenhuma religião está segura, todas condenadas. Caíram as catedrais gigantes porque as abalou o vento de criação, como hão-de ficar em pé esses grotescos edifícios civis, que albergam o deus-humanidade?

Os homens perderam *um* Deus.

Não seria a retirada de um Deus falso e intruso a quem o verdadeiro Deus expulsou?

A morte do Deus das religiões é o prelúdio do advento do verdadeiro Deus, integração do indivíduo no Universo, individual, evolutivo, efectivando-se na acção contínua e infinita, no progresso eterno do amor e da justiça.

O padre, delegado daquele Deus morto, como pode ser livre?

A quem há-de ouvir?

Ao passado que o prende, ou ao futuro que o impele e ilumina, ao papa que o manda olhar para as Trevas ou a ciência à filosofia que lhe apontam o sol, as estrelas, o mar, a montanha, a vida, o homem, o Universo?

Ao dogma que lhe prega a morte, a maldade da alegria, a impureza da criança, o pecado da mulher ou à vida que lhe prega a saúde da alegria, a bondade do riso, a eterna glória da mulher, a suprema beleza da criança, a grandeza do amor e das flores, do céu e da terra, da alma e do corpo, do pensamento e dos astros?

(*A Vida*, Porto, ano v, série II, n.º 3, 17 de Janeiro de 1909.)

O pensamento e a liberdade

I

Deixando, por agora, discussões filosóficas sobre o sentido e o alcance da liberdade humana, fixemos claramente a extensão e o conteúdo da liberdade que vamos estudar.

Dizemos que actuamos livremente quando o acto por nós realizado é acompanhado de um sentimento geral de acordo e plenitude, quando nos parece que a nossa actividade se distendeu na direcção de uma persistente contracção prévia. Objectivamente dizemos livre o acto que nos parece a expressão íntegra e perfeita do carácter do agente. Eis uma primeira condição de liberdade — o carácter.

Subjectivamente, a plenitude orgânica e moral, que acompanha o acto livre, mostra-nos que toda a nossa personalidade foi interessada. Objectivamente, a ausência de imposições físicas e de sugestões morais, a regularidade e a segurança da vontade do agente, dizem-nos que: não tendo sido a sua personalidade desviada por uma dificuldade irreduzível ou minguada por uma ideia *centralizadora*, é toda a riqueza interior do indivíduo que se revela e impõe no acto.

O acto livre é então a harmonia da vida interior, concorrendo uma ^(a) e indecomponível, vibrando desde o cume faiscante da Ideia até às profundezas misteriosas do sentimento, acordando a inteligência que decifra os gestos do cosmos como o coração que os interpreta e ilumina!

Aperfeiçoar a vida inteira, enriquecendo-a e harmonizando-a, chocar uma ideia, debatendo-a e purificando-a, não deixar nunca

(a) No periódico figura «uma» em vez de «una».

um sentimento isolado, exterior, sem contacto com a alma, eis a verdadeira escola da liberdade, da grandeza, do progresso, da vida. Que a nossa vida possa generosamente oferecer as mais puras flores da emoção e da bondade ao tocá-la o sofrimento! Como o rochedo de Moisés seja a nossa alma a fonte piedosa do amor, onde todos os humildes da terra possam vir curar as suas feridas, apagar a sua eterna sede de justiça e de carinho!

Escravos, míseros escravos, todos esses que nasceram com profissão e ideias, com mulher e bens, com religião e *futuro!* Aque-la criança cujos olhos dizem tantas e tão sublimes promessas, cuja alma é a possibilidade infinita, cujo corpo hesita e procura a forma, será cega, porque aos seus olhos será vedada a luz; será passiva e escrava, porque, com o leite e com os mimos, lhe será feita uma alma vulgar, mesquinha, que deslize e rasteje; será bem educada, antiga, melancólica e dobrada, porque ao seu corpo vigoroso e altivo, onde freme a seiva da vida, a decência convencional saberá impor a regra, a maneira, a delicadeza, o tom. O homem só pode ser livre tendo carácter, e só a vida impetuosa, sincera, natural, pode criar um carácter.

Ter uma consciência moral feita de sentimentos dispersos e anónimos, uma mentalidade ornamentada de ideias exteriores e estranhas, é ser escravo do sentimento mais impertinente ou da ideia mais vistosa.

A vida deve criar o carácter. A vida humana é impulso e consciência. A consciência, quando há dificuldades de adaptação, é o guia da vida.

É, pois, o pensamento o criador da liberdade. Assim a educação é a máxima força de progresso e renovação. É certo que, aqui, vai grande discussão entre os sociólogos. Uns, como Le Bon, chamam empíricos aos que querem reformar as sociedades, porque o homem é escravo dos seus antepassados pelo atavismo.

Outros, como Guyau, afirmam a possibilidade de criar instintos pela educação.

É discussão que deixo para outro estudo. Somente direi que Le Bon se limita a constatar o facto da permanência secular dos costumes para concluir um atavismo activo, agente dessa permanência.

E porque não será a inércia, a passividade portanto, que permite tal permanência? Ao incontestável facto da demora secular dos costumes não se opõe o facto não menos incontestável de históricas revoluções de costumes? E se depois reaparecem por ve-

zes os antigos costumes, não será ainda a passividade de algumas almas fracas, rebeldes ao trabalho contínuo da consciência moral, crítica, reguladora da vida?

É, pois, pelo pensamento que o homem se há-de libertar, é o ensino o que os revolucionários devem renovar e refazer.

O ensino actual é a mais perfeita máquina de autómatos.

Sendo apenas ou técnico (no melhor caso) ou descritivo, é somente um ornamento da inteligência.

A verdadeira educação deve ter em vista a criação do carácter, pelo acordo de todas as faculdades. Deve criar pensadores e não eruditos, cérebros instrumentos de conhecimento e não cérebros depósitos de erudição.

Lançar nos espíritos vulgares uns tantos conhecimentos científicos, cujo valor e alcance filosófico não suspeitam, é fabricar esses pedantes cínicos que todos conhecemos, recitando fórmulas abstractas abstrusas sobre qualquer caso concreto, interessando profundamente a vida. Levados para um mundo oco de conceito, cuja *realidade* não farejam, aí vivem secos, afastados dos homens e da vida. Uma paisagem é-lhes indiferente, do mar sabem que tem muitas espécies de animais, das flores que têm muitas formas, da terra que é um planeta, do homem que é um primata, da alma que tem nevroses. Ignoram a emoção do camponês que ama as árvores, que plantou a seara que o seu trabalho fez florir; a terra que as suas mãos revolveram e que dos seus flancos fecundos lhe dá o pão e o vinho, a saúde e a alegria.

(*A Vida*, Porto, ano v, série II, n.º 4, 24 de Janeiro de 1909.)

II

Só o que no mais íntimo da alma acalenta as altas aspirações dignificadoras do homem, só o que ama profundamente a vida e sente presente sempre o obsidiante enigma do ser, aquele que, ao erguer nos braços uma criança, ergue uma alvorada no coração, o que compreende o sorriso macerado do humilde, a agonia do sonhador infecundo, tudo o que há de grande, trágico e inexprimível; esse só pode ensinar a vida. Gerado no ventre fecundo da vida gloriosa e dominadora, ei-lo a semear pelo espaço e pelo tempo

novas audácias, novas formas, novas quimeras, mais erguidos ideais. Tu, que te julgas perfeito, modelando os teus pensamentos no barro humano, quanto és inimigo da vida! É acaso educar talhar na pedra tosca um elevado e imorredouro pensamento? Será perfeito o educador, que modela o aluno segundo um tipo de perfeição preconcebido? Inimigo da vida é todo o que encarcera, amesquinha, envilece a vida! Educar esculpindo tipos ideais é hipotecar o futuro ao presente, dar à vida por alto e último destino a morte.

É belo no seu desvairamento demoníaco o grito de Nietzsche contra a ciência envenenadora da vida. A ciência é amiga da vida, Nietzsche confunde-a com o falso cientismo de armazém.

É um grito de guerra da vontade forte, heróica, criadora, contra o preconceito, o respeito idólatra do passado.

Nietzsche aponta as figuras sinistras e cambaias do tédio, da transigência, da oferta do *eu* ao ídolo moral a rastejarem cautelosas e sumidas para deitar o veneno mortal nas fontes puríssimas da vida.

Vós outros fariseus do raciocínio, castrados do sentimento, mutilados da vontade, sois o mal da vida, e joio da seara, o simóun devastador e sinistro!

Educar é dar ao presente toda a força, toda a grandeza, toda a dolorida experiência do passado, num beijo e num sorriso, simplesmente, amorosamente, devotadamente inclinados para o futuro que se anuncia.

O único educador que respeite e ame a vida será o poeta. Há-os que não fazem versos, saiba-o o leitor irónico e superficial!

Disse no artigo anterior que não discutiria o determinismo. Assim farei. Duas palavras elucidativas apenas. O problema no seu alcance filosófico seria verificar se os *determinismos* científicos (propositadamente ponho o plural) não implicam a noção de liberdade e se o determinismo filosófico não obriga consequentemente ao fatalismo e fazer então a análise do paralógico fatalismo.

Uma análise menos pesquisadora basta. O determinismo, onde os Hamon encarceram o homem, é artificial.

O homem sendo no concurso de muitos fenómenos hierarquicamente diferentes (A. Comte) sofre os *determinismos* de cada âmbito fenomenal; a descontinuidade irreduzível (pela irreduzibilidade das ciências a uma substância comum) da própria seriação científica introduz contingência na determinação humana.

Eis um primeiro postulado a fingir de verdade certa. Mas além.

Escolhamos o determinismo psicológico que é mais em voga, por causa das consequências sociais da responsabilidade criminal. O homem determina-se por motivos, o motivo mais forte vence, o acto é a resultante mecânica da composição dos motivos etc., etc.

Assim falam os tais palradores. Bem, mas o primeiro acto animal também foi o resultado da luta dos motivos? Não, foi uma resposta ao meio.

Essa resposta foi a resultante mecânica dos movimentos últimos que se nos mostram nas propriedades físicas e químicas?

Se sim; eis-nos fora da ciência, que verifica relações entre fenómenos diferentes; embora use, para estrutura teórica, da quantidade, composta segundo leis que diferentes levam em si a diferença imanente no fenómeno. E assim seria sempre e todo o efeito seria a repetição simples da causa e o Universo seria a identidade pura, $A = A$; então era flagrante a tautologia: o Universo é o Universo.

Se na resposta ao meio o animal é factor concorrente, eis no acto a liberdade do agente.

«Mas tem de valer às dificuldades do meio, tem de se adaptar, pois».

Muito bem. Mas que ideia se pode fazer de liberdade senão essa de alguma coisa que pesa, cria, vive e vale no oceano imenso do ser? Será liberdade a faculdade de podermos fazer e deixar de fazer uma dada acção?

Se assim fora, fácil seria o triunfo do Sr. Dantec, como realmente fácil foi em seu livro o *Conflito* por assim propositadamente ter posto a questão. Não se verá que, assim posta, tal questão não tem sentido; porque, por definição sugerida por necessidade do organismo do conhecimento, o tempo exclui a coexistência dos contrários? Tornemos ao princípio. Em linguagem determinista o indivíduo psicológico é determinado pelos motivos. Mas os motivos não são tão-somente o reflexo na consciência das realidades objectivas, mas o resultado da adaptação progressiva do indivíduo conceitual ao mundo exterior.

Há sempre a tal parte activa, de valor e existência tão concreta como um astro; que é a característica da vida activa e criadora, que pelo método residual deu a matéria inerte. Pode-se usar o artifício cómodo da continuidade e fazendo do tempo concreto vivo e real (de cuja existência real as mulheres, pelo menos, nunca tiveram a madureza de duvidar) o espaço matemático, ir diferenciando o tempo para depois ao integrar encontrarmos, con-

soante os limites da integração, a monera ou o homem. Mas a arbitrariedade é flagrante, recaímos na identidade $A = A$. E não se diga que as matemáticas alcançam o real e são a homogeneidade; porque, Poincaré o diz, tal poder o devem às sugestões da experiência heterogénea. E o seu alcance é simbólico em certos limites. Existe; só, por necessidade de sistema, se poderá negar; tão realmente o Eu como o Não-Eu, quebrem o Eu em fragmentos de ideias, sentimentos, sensações, etc. ... e é claro que ele será múltiplo e função portanto dessas ideias, desses sentimentos, dessas sensações. Mas na sua unidade activa, irreduzível, ele é ele, íntegro e uno, profundo e original.

(*A Vida*, Porto, ano v, série II, n.º 6, 7 de Fevereiro de 1909.)

III

A mulher

Procurado em anteriores artigos o verdadeiro critério de liberdade, vamos examinar o problema da emancipação da mulher à luz do referido critério. É difícil encontrar mais rico manancial de tolices que o da literatura feminista. Dos mais ronceiros portadores da Reacção até aos mais fogosos clarins da Revolta, a gama da asneira tem sido percorrida.

Os libertadores generosos, que por sua conta querem libertar tudo e todos, reclamam para a mulher todos os direitos do catálogo das liberdades humanas. Reclamando para a mulher os direitos do homem, garantem a justiça da sua pretensão com a falsíssima, mas no caso necessária, afirmação da igualdade do homem e da mulher.

O processo para conseguir tal dislate é naturalmente um amesquinamento de um e outro, aproximando-os de um limite comum pelo propositado desprezo de certas irreduzíveis qualidades. De um lado a mulher e os feministas querem determinados direitos como o do voto (liberdade de escolher o senhor), o do exercício das chamadas profissões liberais, como a de médico, engenheiro, advogado, etc.

Do outro lado o burguês grave diz que a mulher se fez para a vida doméstica e nada mais. É curioso como todos estes sábios

decretam o âmbito da vida alheia. Como sabe o demagogo que a vida acentuadamente social é a mais apetecida pelas mulheres? Como sabe que a actividade feminina encontrará a natural finalidade da sua actividade em orgias políticas ou no uso das profissões liberais? Como sabe também o nosso encantador burguês que a mulher não pode elevar-se na ciência ou na arte?

Quantas riquezas perdidas pelos homens e quantas vidas para sempre inutilizadas não terão sido as consequências do embrutecimento secular da Mulher? Porque uma planta tem vivido, embora enfezada e frágil, isolada do grande sol fecundante, pode concluir-se que uma nova vida em pleno ar e pleno sol não despertará nessa planta energias adormecidas, não erguerá possibilidades maravilhosas até aí ocultas e desconhecidas? O vício radical do demagogo e do conselheiro é a eterna imposição dos nossos valores subjectivos como medida de realidade. A mulher não há-de ser livre, porque o homem, convencido da sua igualdade, lhe ceda os mesmos direitos que possui. Há-de ser livre, porque a ânsia libertadora dos grandes espíritos faz dos nossos tempos tempos de luz e revolta, em que a verdade anda em peregrinação pelo mundo, encarnando em mil formas, traduzindo-se no romance, na poesia, no teatro. A mulher poderá educar-se e, educando-se e adquirindo individualidade, será verdadeiramente livre.

Será pintora, música, poetisa e ao mesmo tempo a eterna companheira do homem, afectuosa e dedicada, sublime na tenacidade dos seus permanentes sacrifícios; a Mãe cheia de abnegação, admirável nos desvelos, nos mimos, nos afagos da sua amorosa imaginação.

Não discutirei, particularizando, os pormenorizados argumentos em favor da identidade homem-mulher.

São grosseiros, falsos, e por vezes conscientemente falsos.

Uma diferença essencial entre os dois sexos reside na diferenciação da inteligência e do sentimento, predominando a primeira no homem e o segundo na mulher.

A inteligência do homem é mais ampla e mais profunda que a da mulher. Esta pensa por agudezas, por subtilidades epidérmicas, tem menos poder de abstracção; por isso mesmo tem mais vivo o sentimento complexo da realidade concreta, natural, sente mais e melhor a poesia, a vida enfim.

Tem-se dito que a mulher é manhosa e traiçoeira muito mais que o homem. É esquecer facilmente a história e sobretudo perder a vista a pequena distância do nariz.

Já ouvi a alguém, ocupando uma alta cota no nosso meio intelectual, admirar o grande poder de realidade do *Pai* de Strindberg ^(α).

Esse alguém ficou muito surpreendido, ouvindo-me dizer que o autor tinha feito um honesto estudo social demonstrativo da falsa situação da mulher na actual sociedade.

Reduzida pela ignorância e pela fraqueza à mais completa escravidão, colocada num meio consciente ou inconscientemente hostil, proibida de lutar com nobreza, apertada na gargalheira de uma vida doméstica que ela apenas sofre, sem valor no conselho, mãe de filhos cuja educação não pode, por ignorância sempre e quantas vezes por lhe não darem tal importância, dirigir, a Mulher havia necessariamente de desenvolver a manha como única arma de algumas garantias para a sua fraqueza e para a sua situação inferior.

(*A Vida*, Porto, ano v, série II, n.º 9, 28 de Fevereiro de 1909.)

^(α) O periódico refere por lapso «Steingberg» em vez de «Strindberg».

O poeta Teixeira de Pascoaes

Nesta época amoral, de grosseiro materialismo e leviandade, destaca a figura acentuada de Teixeira de Pascoaes.

O poeta não vai desfibrar o Universo e revelar-nos a sua estrutura ou a sua significação intrínseca. Não esperemos dele uma fórmula intelectual do mundo; ele possui a verdade na riqueza maravilhosa da sua consciência. Na sua alma sensível e generosa, o Universo veio confiar os seus segredos, abrigar as suas saudades e as suas esperanças.

A sua poesia supõe uma filosofia, não a procura; traduz na palavra ritmada a exuberância da sua vida interior. Por isso, ela é a imagem fiel da vida; daí, a frescura, a bondade, a saúde, a fluidez sonhadora, vaga, dos seus versos.

A ciência anula a criação, mutila a vida, dispersa, fragmenta, reduz a categorias teóricas.

A vida permanece, evolute, quebra os símbolos e, senhora da ciência, ajusta-a de novo ao real.

A poesia é o impulso do ser, sentido, vivido no ritmo do indivíduo. Dionísios criando Apolo.

Quem há aí que não tenha alguma vez sentido o contacto perfeito da sua vida com a criação?

Quantas vezes na primavera, perdidos, alheados no meio do campo, o ouvido perto do tronco que carrega o sangue para a flor, esquecidos, recebendo em pleno rosto as lufadas genésicas da criação que trabalha; sentimos de repente o espasmo da vida, e o nosso eu, desvairadamente arrastado na corrente impetuosa do Ser, ouve-lhe as pulsações do seu imenso coração e o seu murmúrio criador dizer: «para além, para o sonho, para o porvir». «Melancolia de provinciano», dizem-me ter chamado o Sr. Teófilo Braga à poesia de Teixeira de Pascoaes. Melancolia, sim. Mas a melancolia do *encarcerado do homem* que quer ir a Deus; nostalgia

sideral, saudade do seu espírito luminoso pelo éter irmão. Ouvir a voz do vento, sentir o arfar convulso do oceano imenso, tentar a noite côncava e negra, ver o astro que brilha e a flor que abre radiosa as suas pétalas de luz, os beijos do luar e o silêncio penetrante e angustiado do céu longínquo; com todo o sonho disperso, com toda a dor, com todos os destroços do Ideal vencido encher o coração humano e traduzi-lo comovido e deslumbrado, é melancolia sim; mas melancolia religiosa, metafísica, fora do alcance dos que propositadamente se fizeram imunes contra tal doença.

O último livro de Teixeira de Pascoaes, *A Senhora da Noite*, é um poema místico e pagão; onde, como sempre, o poeta procura pela espiritualidade vivificar a matéria, integrando-a na universal aspiração redentora. Suaves, puros, virginais são os seus amorosíssimos versos.

(*Ilustração Popular* — Semanário de Vulgarização Artística, Literária e Científica, Porto, 1.º ano, n.º 16, 14 de Fevereiro de 1909.)

A fome do Douro

O auxílio à fome

Para quem nunca pensou na estúpida extravagância da organização económica actual deve ser um quezilento enigma este da fome devida a riquezas acumuladas sem saída para o mercado, ou este não menos arreliante caso da fome assolar regiões trabalhadas por um incessante e porfiado esforço por demais capaz do valor económico necessário à própria sustentação. A disparatada organização burguesa claramente se mostra, no entanto, como a única diabólica providência criadora de tanto e tão estúpido mal.

Está ao alcance de um bacharel, que uma produção, tendo por finalidade e norma não as necessidades do consumo, mas a ganância exclusiva de uma habilidosa vitória comercial, há-de, pela sua própria organização, criar vencidos que, pletóricos de certos falsos *valores*, se vêm na miséria fatal, irreductível e impiedosa.

Mas não era bem um artigo meramente doutrinário que tinha em intenção escrever.

Sirva o que fica dito de base para as futuras lucubrações dos estudantes que por acaso, desfastio, curiosidade ou lorpa vaidade (porque fala deles) me vierem a ler. E é de estudantes que quero tratar. Esta triste e grotescamente célebre Academia portuguesa, heróica nas suas afirmações de hombridade e desassombro, imaculada no cumprimento abnegado das suas mais esforçadas *promessas*, pertinaz e corajosa na tenacidade da sua luta pelas conquistas do progresso, não pode ficar indiferente à crise duriense como anteriormente não tinha podido ficar alheia à catástrofe italiana. Às vítimas desta enviaram o seu auxílio moral com uma visita de pêsames, correcta, provavelmente de capas e batinas escovadas, ao cônsul de Itália.

Com a crise duriense houveram-se mais concretamente, e um *brilhantíssimo* sarau académico, com meninos e meninas, foi levado a efeito na passada segunda-feira.

Ora reflectamos: A mocidade *radiosa*, que tomou a iniciativa dessa festa de caridade, foi porventura essa lavada minoria de moços, que ainda não alugaram as consciências à Política? Não foi. Acidentalmente alguns desses elementos colaboraram no sarau. Então é natural a pergunta: Esses rapazes ainda novos e já cheios de transigências miseráveis, curvados perante o lente, acalcanhados, hipocritamente humildes, sem um acto alto e desinteressado, sem um gesto altivo e ousado, sem uma irreverência, sem uma revolta, coçados e puídos de tanto rastejarem, foram sinceramente movidos por um sentimento, embora irreflectido e desorientado, mas generoso, puro, humano, verdadeiramente humano? O seu gesto é o abraço que estreita coração com coração, dignifica, fraterniza, o abraço que levanta carinhosamente o irmão caído, ou o gesto solene, espectacular da *caridade* que reclama, o engodo, a lisonja do rico que se *garante*, ou somente o snobismo pulha de uma mocidade que veste um pouco as ideias do seu tempo, um pouco de tolstoísmo encaixilhado na madeira duma força? Dentro do critério vulgar (ao alcance até de qualquer desses estudantes) do estado providência, não é clara e patente a culpabilidade completa e exclusiva dos governos, que desse problema regional têm feito porta falsa das suas prestidigações políticas lucrativas? Como tomar a sério esses rapazes que, uns pelo seu pessoal concurso, quase todos pelo auxílio do seu mutismo cúmplice, pela criminosa indiferença pelas coisas do seu tempo e da sua terra, têm responsabilidades em todas as desgraças presentes e nas mais negras e impiedosas desventuras do futuro? É então aquele patusco, feliz na tranquilidade da sua vida parada e bem medrada, capaz de um acto de piedade comovida que não humilhe, nem manche? E esse trabalhador duriense, feito na faina daquele solo hostil e reservado, com a alma batida pelo vento daquelas serranias titânicas, crestado por aquele sol cru, gigante da montanha, altivo e indomável como a águia sua companheira, há-de viver um dia da facécia desopilante deste ocioso brunido, olhar para os braços musculosos, heróis de tanto feito valoroso e de tanta riqueza por outros esbanjado e dizer no desespero da sua trágica impotência:

Sou então um vilão, que nada vale? Por esmola hei-de viver, eu, que sinto em mim a estuar e fremer a impetuosidade da força, que seria capaz de derrubar a mon-

tanha, de lhe atravessar as entranhas, de ir ao próprio coração da terra buscar o pão dos seus filhos, a alegria do seu lar, o sorriso do seu deus familiar e modesto?

Como havemos de acreditar na bondade consciente e segura desses rapazes que não procuram uma vida mais simples e sincera, mais fraternal, mais pura?

Se eles pelo carácter, pela seriedade, pela reflexão, por um esclarecido e impoluto espírito de justiça merecessem a confiança plena do nosso afecto, poderíamos discordar do seu sarau (como *auxílio da fome* que é e não dos famintos que pretendem ser), mas o acto de espontânea e nobre generosidade seria belo. Mas não, abertas consoladoras mas minguadas excepções, eles são os eternos académicos das tunas, das estroinices pífiás, das guitarradas delambidas, da capa e batina, do reclamo, do snobismo, enfim.

(*A Vida*, Porto, ano v, série II, n.º 8, 21 de Fevereiro de 1909.)

Os miseráveis

Somos a fome, a desventura, a dor. Vítor Hugo, imortal coração, foste a palavra pura do nosso sofrimento. Não nos queixamos, é o orgulho, a dignidade da nossa grandeza que falam. Somos a fome sim, mas a fome das mil sonhadas venturas que nunca possuímos e que o nosso sofrimento gerou. A desventura, mas a desventura da imensa bondade insatisfeita que nos enche a alma e nos inunda o coração. A dor sim, mas a dor fecunda dos criadores, dos apóstolos, dos heróis. Somos o eterno sofrimento, a insaciada aspiração, o irrealizado sonho. Fantina, encarnação sublime da dor maternal, tu és o futuro, a esperança, o *Amor* vitorioso. João Valjean, atleta da angústia, símbolo da força invencível, da incorruptível bondade, tu venceste; e o calvário da tua dor elevou-te à Montanha da claridade e da justiça perfeita. Venceste, a tua generosidade submergiu Javert. O clarão do teu sorriso de santo desfez as trevas, os erros, as torpezas dos homens. Somos a vida, a beleza, a verdade, a força, a justiça, o amor. Tu sacerdote da religião, doutor do dogma, que sabes, que vales, que criaste? Quem te revelou Deus, quem te ensinou a vida, quem te deu as tábuas da Lei? Nós os miseráveis, os famintos, o mar convulso do sofrimento, a altivez gigantesca da nossa humildade.

Poeta, meu irmão, quem és tu, sombra quimérica, coração intangível e presente? És a voz da nossa alma, a forma irrealizável e no entanto exacta do nosso sonho, a luz da treva, a palavra do mundo, a claridade do cego. Sábio, desgraçado esqueleto da Vida, és tu acaso uma verdade mais alta, possuis porventura mais realidade, mais certeza que as nossas lágrimas ou que os nossos beijos? És o eleito, o preferido da verdade? Não. Há mais alta ciência que os teus catálogos; bem mais profunda, mais vasta, mais generosa, livre, independente, criadora

de ti, da ciência de Deus é a vida eterna gloriosa, imortal! Somos pois a verdade, a beleza, a justiça, o direito porque somos a Vida. O que nos quereis ensinar a nós que somos a Criação? Covardes da inteligência não compreendeis o progresso. Pois ele seria, mesmo que ilógico fosse.

O que vos garante que a realidade é lógica?

Não vedes que o ser é incomensurável com a lógica? Mesquinha realidade essa vossa que só é a face negativa do Ser. Não compreendeis, eu sei. Que tendes para opor às nossas certezas? Os vossos interesses, os vossos preconceitos, o vosso esqueleto do mundo.

Sábios e poetas nós, só nós compreendemos a Vida. Sábios conhecemos o passado, desarticulamos o *criado*; poetas, através da forma presente vemos a força original criadora, temos em nós a liberdade, a audácia, a fecundidade, o futuro. Como és interessante, escravo do teu corpo, dos teus apetites, dos teus desleixos, quando proclamas a utopia do nosso *querer*!

Quem te leu o livro do futuro, imbecil burguês? És a revolta da matéria contra o verbo divino! É tua a morte, é nossa a vida. Irmãos! Pelo ideal, por aquela beleza nova que já é em nossas almas, pelos frêmitos de emoção dos silêncios siderais, pela auro-ra livre e harmoniosa da vida universal, pelo sorriso aberto das crianças!

O futuro é nosso. Somos a bondade, a beleza, o amor, a impetuosidade da própria Criação!

[*Miséria*, Porto, número único (Carnaval 1909); também publicado in *A Vida*, Porto, ano v, série II, n.º 31, 1 de Agosto de 1909.]

O materialismo

I

O materialismo é a doutrina filosófica mais admitida pela mocidade em geral, e em especial, pela mocidade revolucionária. A razão é, para a maioria, a sua clara elegância e sensual eloquência.

Para os revolucionários valoriza-a o seu papel histórico de dogmática revolucionária contra a dogmática católica. Em todos a preguiça mental dá-lhe um inestimável preço, como satisfatória resposta à medíocre curiosidade filosófica.

A filosofia materialista é uma construção do Universo com a matéria eterna e a força imanente. É o atomismo universal. É, pois, a universalização de uma hipótese científica geral, comum a todas as ciências.

Um problema ameaçador se levanta desde já. Será o atomismo científico uma *imagem sensual*, ou uma tradução conceitual da realidade? O criticismo científico de Stallo, Mach, Duhem e, com especial brilho, Poincaré, estabeleceu o simbolismo *económico, cómodo*, etc., das teorias científicas, desde a matemática até às ciências físico-químicas. O progresso e o alcance de uma ciência pode dizer-se medido pelo afastamento das suas teorias da esfera meramente sensual.

A realidade não se ajusta com as nossas determinações cognitivas, não é, nem pode ser, a duplicação do nosso conhecimento. As formas da intuição sensível são outros tantos absurdos na sua existência objectiva.

As antinomias kantianas são insolúveis no terreno empírico-materialista. O espaço infinito actualizado, o átomo extenso e indivisível, indivisível e elástico, são absurdos que derrubam a objectividade do espaço e do átomo, portanto da matéria geométrica e mecânica. A matéria só pode ser, não um *a priori* sensível, mas

uma determinação da inteligência, introduzida na intuição amorfa para construir o mundo conceitual do conhecimento científico.

Então a filosofia materialista tem um sentido bem diferente daquele que, à primeira vista, apresenta.

Se a matéria é uma determinação cognitiva, afirmar a existência exclusiva da matéria é afirmar o processo intelectual como a única garantia e o único instrumento de alcance do real.

É o positivismo de A. Comte com o criticismo que neste falta por completo, é o reino do *facto*, mas do *facto* conceitual e não do *facto objectivo*¹, que ou é somente o *facto* bruto (nem esse coincide com a realidade, Kant) ou um falso *facto* científico, pois este é sempre teórico e conceitual, contra A. Comte. Chegados aqui, resumindo, aclaremos.

Ou o materialismo se dá por medida exacta e objectiva da natureza, ou não.

Na primeira hipótese o materialista tem, como base do seu sistema, de definir completamente o que seja a matéria.

Na segunda hipótese sendo a matéria a soma das determinações cognitivas ela é variável, evolutiva, consoante o caminhar das ciências.

A única afirmação, neste caso, dos materialistas é que a *realidade* se resolve em *intelectualidade científica*.

Vamos à primeira hipótese, aliás aquela em que vulgarmente se colocam os materialistas, embora de *instinto* baralhem um tanto com a segunda no decorrer de uma discussão.

A qualidade primordial da matéria é a extensão.

Com ela quis construir Descartes o Universo.

A sua tentativa foi, embora falhando, o mais vasto e monumental sistema que jamais tentou a especulação humana.

O fluido contínuo homogêneo de Descartes seria o Nada, por impossibilitar o movimento.

Pois como o movimento na extensão contínua e, portanto, cheia? O movimento circular é possível, respondia Descartes. À parte discussão adiada, está bem para o movimento do todo extenso; mas o movimento dos corpos precisa de anterior determinação dos corpos e essa só a pode fazer o movimento; recaímos, pois, na primitiva dificuldade.

¹ Claro que digo *objectivo* no sentido materialista ou positivista. No criticismo tem sentido preciso, embora outro.

A impossibilidade da individualização dos corpos, num tal meio, pelo movimento é manifesta.

Hannequin diz que a homogeneidade absoluta dum anel, suposta a sua individualização, impede o seu movimento; ou, melhor, o movimento dum tal anel, sendo a substituição a uma dada porção desse anel de uma porção idêntica, seria o equivalente da imobilidade. Como conceber tal movimento, colocado o anel no fluido contínuo homogêneo? Onde e porquê uma quebra do equilíbrio? Quais os limites do anel, perdido no fluido? E então, como a transmissão do movimento o não perderia no infinito?

E a impossibilidade correlativa da diferenciação dos corpos pela impossibilidade do movimento não mostra a falsidade de *esta* matéria?

Como a concentração, aqui, dum núcleo, num espaço contínuo? As cosmogonias? Laplace e Kant? A mecânica sem massa? A física sem mecânica, sem cinética dos gases, sem o éter luminoso atômico, sem o éter eléctrico-atômico, sem o átomo electrónico?

E os materialistas-realistas (os da 1.^a hipótese) têm de assegurar a continuidade; sem ela, adeus realidade! Que me dizem duma matéria descontínua real? Divisível-indivisível, dura-elástica, unida-isolada? Mas a continuidade não se deixa esgotar ou encher pelas nossas determinações.

A matéria é contínua: todas as ciências estão assentes em princípios falsos e valem — mistério! A matéria é descontínua: o real é ilógico, é mesmo o propositado escárnio da lógica; então os nossos conhecimentos são burlas e o que será a realidade? — mistério!...

(*A Vida*, Porto, ano v, série II, n.º 12, 21 de Março de 1909.)

II

No anterior artigo ficou dito que ou o materialismo é a afirmação da intelectualidade intrínseca do Cosmos, ou a definição do Universo por uma *característica* particular, insuficiente e contraditória até, quando suposta a estrutura *real* do mundo. «Tudo é matéria», diz tal filosofia.

Mas o que é a matéria?

Se é a extensão, é a continuidade, é a impossibilidade natural do movimento inicial e o próprio Deus só poderia o primeiro movimento pela anulação desta matéria e criação da matéria da nossa mecânica — força, massa e aceleração.

E como não ver o carácter abertamente conceitual desta matéria?

Tal materialismo seria, não uma filosofia, mas uma irreflectida e arbitrária generalização; não a crítica, a avaliação, a pesquisa das condições implícitas, do sentido dum método fecundo e *obrigatório*, mas o erro palmar e infantil de colocar subjacente a cada abstracção uma realidade imediata, sempre mais ou menos antropomórfica. A matéria é tudo o que conhecemos, como em frase sibilina me dizia, há dias, um publicista contraditor?

Nesse caso — é claro — tudo o que conhecemos é matéria. Mas quem não vê que se não adiantou um único passo, que se fez somente uma estéril definição? Banal e indiferente rótulo, mas escorregadio, perigoso e enganador, porque a palavra tem sentido mais ou menos definido embora vago (e é essa nublosidade que ilude) e, pouco a pouco, eis-nos a dizer não já que a matéria é tudo mas que tudo é matéria, e entendendo por matéria uma realidade, a mais grosseira realidade sensual. Há uma saída e é esta a realidade é toda exclusivamente intelectual.

A palavra matéria traduz apenas o total da realidade conhecida (dirão os positivistas heterodoxos à Roberty); da realidade cognoscível, (dirão os ortodoxos discípulos de Comte).

Para os primeiros, ainda há a esperança longínqua de esgotar o real pela inteligência, para os segundos há a confissão plena da impotência da inteligência perante uma face do Ser ¹.

Para estes últimos, a filosofia é apenas o feixe das verdades científicas hierárquicas.

Tudo o que lhes é essencial e fundamental é a irreduzibilidade da seriação científica; nada de unidade interior, nada de filosofia, pois.

A síntese é exterior, é na inteligência do filósofo e na sua estreita finalidade utilitária a posse contemporânea da erudição fundamental hierárquica.

Não é a necessidade intrínseca dos conceitos que os liga, como, por exemplo, a trilogia progressiva de Hegel: — tese, antítese, síntese. O nexa é exterior, não é gravitação, é *atilha*.

¹ Preciso dizer que esta interpretação do materialismo é minha e não atitude dos autores, que cito. L. C.

Não há convergência para um conceito central e absorvente, há reunião da diversidade irreduzível num cérebro erudito. Presinto reclamações, lembrando a atitude agressiva de Comte contra a erudição dispersa. Mas isso em nada prejudica o que fica escrito. Comte revolta-se contra o encarceramento numa especialidade do saber, mas impede isso que a sua filosofia seja, a despeito do progresso teórico da sua escala científica, falha de centro de gravidade, de foco, de unidade interior essencial e intrínseca?

Deixo para ulterior artigo os monistas intelectualistas (Roberty) que não pertencem a essa outra variedade de falsos filósofos, cuja filosofia consiste em resolver as dificuldades (como um celeberrimo professor da Escola do Exército resolve os integrais) apagando-as — o psicomonismo: Vermorn, v. g.

Voltando à primeira parte deste estudo, isto é à filosofia que nos pretende dar o mecanismo real do Universo, referir-me-ei ao monismo de Haeckel.

Para artigo especial mais aturada análise reservo; quero, por agora, apenas dizer que esta filosofia se resolve em atomismo ou fica em vaga e indeterminada promessa.

Já, há anos, o nosso grande filósofo e o nosso maior génio moderno (a despeito de umas esquisitas vesânicas com que têm querido explicá-lo) em cinco artigos do jornal a *Província* o demonstrou. Com efeito: o princípio basilar do monismo haeckeliano é o princípio mecânico da conservação da energia. Ora tal princípio ou é posto pelo que se chama a teoria energética da física, ou o é pela teoria mecânica. No primeiro caso, perde o valor filosófico, o que os próprios criadores da energética declaram, pois não querem saber do fundo real, oculto, do fenomenismo. Aqui seria interessante mostrar como a energética se resolve afinal numa mecânica diferente, mas com átomos afinal.

No segundo caso, tal princípio assenta no atomismo; afirmá-lo é afirmar o atomismo.

Assim, o monismo haeckeliano ou se aniquila como filosofia, ou se reduz a atomismo.

(A *Vida*, Porto, ano v, série II, n.º 15, 11 de Abril de 1909.)

Anarquismo de escada

Há uma duvidosa doutrina que consiste em definir o progresso como uma enorme escadaria, que a humanidade sobe, ofegante e vagarosa, conquistando a cada degrau subido mais dignidade, mais virtude e mais felicidade. É o anarquismo de escada. «O anarquismo é um ideal sedutor, o progresso não pára, a verdade faz sempre valer os seus inalienáveis direitos, a razão triunfa, etc., etc.; mas não se pode chegar ao fim de um salto, é preciso subir os degraus, é preciso fazer a evolução». Vários motivos psicológicos organizam esta *subtil* doutrina. A miopia intelectual, aliando a uma feroz, reaccionária e fanática idolatria de seita, um falso espírito de novidade, a um tempo máscara cómoda e pimponice ruidosa.

A filúcia científica de certos sistematizadores estreitos, consciente ou inconscientemente levados à justificação de um progresso evolutivo pela atmosfera de regalo e pacatez, que lhes envolve a vida quotidiana. Principal motivo — o fatalismo visceral da vida, consequência da inércia sempre presente a todo o ser vivo. É este último motivo sempre a causa profunda de todo o conservantismo. Acima do egoísmo está a inércia, a preguiça, a doce paz do repouso, o abandono, a sonolência, o torpor. O egoísmo, o exclusivo interesse de um indivíduo está muitas vezes num gesto de decisão e energia; pois triunfa a inércia visceral da natureza. Anterior, superior, dominadora dessa inércia só a força impulsiva original, o próprio *élan* do progresso, que é a essência profunda e completa da vida.

Assim, o sábio, que afirma necessárias tais e tais estações ao caminhar do progresso, obedece directa ou indirectamente à preguiça mental, acima de tudo à preguiça ou, melhor, à covardia moral. Directamente, quando a sua inconsciência, antes a sua subconsciência o dirige. Indirectamente, quando por necessidade de

sistema filosófico acha *a posteriori* uma doutrina *a priori* postulada. Assim, quando se postula a legitimidade do método¹ abstractivo na sociologia, encontra-se possível a fundação de uma mecânica social. Admitida tal possibilidade, os *génios* cosmopolitas decretam a órbita social e eis traçada a curva da evolução, construídas as estações centrais do comboio da civilização. Muito tínhamos a discutir desde a continuidade física, isto é objectiva, de qualquer curva.

Mas o que aqui colhe em absoluto e flagrante ajuste é a crítica do filósofo metafísico (ouço latidos raivosos) Bergson ao falso evolucionismo dos mecanicistas.

Quem quiser conhecimentos completos sobre o referido estudo leia *A Evolução Criadora*.

Aviso útil: os positivistas não metem dente. Aí se mostra que o tempo científico é a coincidência ou simultaneidade no espaço, que é indiferente às equações da mecânica uma duplicação, triplicação... de *écoulement* do tempo... etc. Aí se mostra e se diz, em elegante expressiva frase, que a ciência estuda os sistemas nos quais o tempo não morde.

Aí se vê a impossibilidade radical de esgotar pelo mecanismo a biologia, daí se conclui a sua impotência perante a sociologia. Não há uma evolução preformada porque isso é contradizer o que se diz, é negar o que se afirma.

O progresso é criador, tem novidades, tem sempre algo inédito a tentar, flores feitas frutos, idealidades volvidas realidades.

O caminho concreto do progresso biológico não é a adaptação mecânica da vida ao meio, é antes a co-adaptação da vida e do meio. O meio impõe condições mas o animal introduz determinações.

O caminho concreto do progresso humano é andar para a meta a direito, ou de través; mas enfim caminhar para a meta. Ora ir para a liberdade pela escravidão não se entende.

Ir para a Anarquia pela República é, metafisicamente, avançar recuando. Aqui lembra-me uma brincadeira do Sr. Júlio de Matos numas obscenidades escritas algures a despropósito da libertação do proletário.

Diz que a sociedade livre dos anarquistas é racional, seria a sociedade de homens científicos; mas, acrescenta, do facto de um

¹ Claro que se podem fazer abstracções em matéria social, mas o método abstractivo é caracterizado pelo simbolismo da física, v. g.

homem ilustrado escrever sem dicionário pode concluir-se a inutilidade do dicionário para a aprendizagem? Ora... A violência dicionário da liberdade, a delegação aprendizagem da afirmação da personalidade, a prostituição templo do pudor, o crime escola da virtude?!

(*A Vida*, Porto, ano v, série II, n.º 13, 28 de Março de 1909.)

Excerto (α)

.....
Quando o seu peito transborda de riqueza e o seu coração generoso sente o frémito do espaço, o homem é uma invencível afirmação da fecundidade da vontade, do sentido divino da audácia e do esforço libertador. Então a floração tropical das cosmogonias e dos mitos, então o soerguer dos peitos oprimidos, a encarnação da beleza nos grandes símbolos, o despontar da justiça nova e heróica. Passa a primavera e aquelas flores são os frutos seculares das civilizações. Do acto criador, da interioridade expansiva comunicando ser, resta apenas o gesto de pedra do criado, a forma inerte e muda, a cauda luminosa do astro desaparecido, o sorriso vindo do coração e agora petrificado na face morta.

O que era fluidez e espontaneidade, o que era esforço e liberdade, o que era vida e criação é agora fixidez e inércia; o que era deus é agora matéria, o que era anseio e ardor é agora a morte.

E se do coração ideal do mundo brotasse eternamente a beleza e a criação? Se o mundo fosse a epopeia do espírito e, por isso mesmo, o drama da matéria? O Espírito é o herói perfeito; não pode, por isso, dar-se a invulnerabilidade do encarceramento. O seu valor é na luta contínua, eterna, e na eterna e contínua vitória. Por isso, o mundo é nele o drama. Neste sentido, deus necessita o diabo, o bem necessita o mal. Se agora cairmos no quietismo, no universal nirvana, é absurdo deus como o diabo, é absurdo o mal como o bem. Não há deus e diabo, não há mal e bem. Deus afirma-se pelo drama da natureza.

(α) O periódico não indica o texto original donde foi retirado.

Não há uma quantidade de mal — o diabo, e uma quantidade de bem — deus, lutando. Se assim fosse, no infinito do tempo seria algum vitorioso e o Universo estaria reunido em deus ou no diabo. Se há duas forças opostas em guerra, a vitória é da mais forte.

Ora, é mais forte a que vencer: portanto, só o resultado da luta nos permite valorizá-las. Quer dizer: não só o universo já devia ser deus ou diabo como se nos mostra bem precário um deus que pode ser devorado pelo diabo.

O Universo é não a queda divina (outro absurdo) mas o acto infinito de um deus activo e criador. O Universo mecânico só existe pela continuidade do espírito que o afirma. O espaço só dá o número pela actividade do espírito que o corta e determina. O átomo só vive pela garantia dum espírito que o ligue ao átomo exterior e por si indiferente, por irreduzível. O mundo mecânico é (por e para ser determinado) descontínuo, é (por e para ser activo) contínuo. E não digam que é descontínuo materialmente e contínuo pela força, porque a força é na matéria ou se eleva a conceito metafísico, sendo precisamente a consciência unificadora. Afirmar o mundo mecânico: ou é reduzi-lo a um subjectivismo desolador e artificial, ou postular na Natureza uma consciência superior e completa que a unifique. Assim, o mecanismo resolve-se em idealismo ou em espiritualismo. Mas, como a quantidade se presta a todas as formas, a receber todas as determinantes, a ser composta segundo todas as intenções; todas as formas e todas as leis são traduzíveis na quantidade. Por isso, os mecanistas dizem que o mundo não postula uma consciência unificadora, mas sim tal consciência é o resultado dum certo mecanismo, que no homem é o mecanismo cerebral.

Porém, a dificuldade não está em arranjar para cada lei uma representação mecânica. Isso é fácil pela indeterminação da quantidade. A indiferença de quantidade é bem clara no facto (absurdo para os filósofos materialistas) de serem possíveis muitas explicações mecânicas desde que o seja uma. A dificuldade está na possibilidade da lei sem a interdependência dos fenómenos tornada possível e eficaz por uma unidade envolvente e íntima, por uma essência fraternal e amiga. Conhecida uma atitude do ser, para o ser, sabida uma lei, fácil é dar-lhe estrutura mecânica; mas, para a conhecer, preciso é a existência duma unidade que seja a vida, a harmonia, a beleza e a verdade do Ser. Se o mundo fosse pura causalidade mecânica (e como vimos nem esta se compreende sem uma unidade essencial presente ao universo) teria cada

retalho do universo a sua determinação completa, e então como a diversidade, como e para quê a evolução, como e para quê o próprio movimento? O Universo seria ou o *aboutissement* de uma linha causal ou de muitas linhas causais concorrentes. O caso de linhas causais paralelas fica afastado; porque, se há séries independentes, já o Universo, não é causalidade pura. No primeiro caso, como uma causa possui a riqueza dos seus efeitos e não os actualiza num acto único, valoroso e completo? Onde a razão dessa contínua, sucessiva e eterna *défaillance*?

Na segunda hipótese, sendo as séries causais concorrentes e convergentes, como não conseguem uma resultante única? Como não conseguem a afirmação completa dos seus poderes e a actualização do efeito resultante?

«Que a série é infinita», — mas quer isso dizer que é indeterminada e então lá vai o determinismo mecânico.

«Que é finita, mas desconhecidos os seus termos», — de nada vale a nossa ignorância contra o raciocínio feito. E mesmo se é infinita: ou é já realizada na predeterminação universal, e temos o absurdo do infinito actual realizado; ou o seu infinito é na possibilidade sem fim do tempo, e eis a Criação, a Liberdade, o Deus generoso, fecundo, activo, eterno esforçado da Beleza, eterno victorioso e eterno Artista.

.....

(A *Vida*, Porto, ano v, série II, n.º 16, 18 de Abril de 1909.)

O subconsciente ^(a)

I

Dentre os fenómenos chamados espiritas há uma classe de fenómenos estranhos, onde o poder do Eu normal é excedido.

Conhecimentos fora do tesouro da mentalidade consciente são por vezes conquistados pelo *eu* mediúnico. Admitidos os imensos factos comprovativos, citados por autores de segura honestidade, como explicá-los? Eis um problema interessante e sobre o qual as experiências imaginativas são fortemente solicitadas. Duas hipóteses surgem: uma materialista, outra espiritualista. Dizem os materialistas, apresentando-se com pretensões científicas, que o solo orgânico da consciência possui filões ocultos, que certas condições orgânicas (sugestões, histerismo, etc.) colocam a descoberto.

Aqui aparece a invalidar a hipótese o vício radical do materialismo: a confusão entre as condições materiais do pensamento e o pensamento. Erro que obriga o epifenomenismo da consciência. Se um poder superior ao da consciência normal existe na hereditariedade, como e por que essa modéstia, essa inacção? E, como um acidente (por vezes infeliz para o indivíduo) é causa de exaltação mental? A imagem do filão é pura metáfora, mais nada. Se a matéria é inerte, como a simples ausência de um estorvo a põe em movimento? Porque esse estorvo era tendência oposta a tendência: assim temos tendência activa do pensamento estorvada por tendência oposta — o lógico e o ilógico.

A hipótese espiritualista explica os referidos fenómenos por uma metempsicose ascendente. O espírito aprende e lembra-se, e, em dadas condições, revela os seus conhecimentos siderais.

^(a) Este artigo não teve continuação.

Mas como esse eclipse normal do conhecimento? Como conhecimentos dum mesmo espírito são duma eficácia arbitrária e, por vezes, estupidamente desigual?

Só substituindo à sua existência a existência de um Ser exterior, que se dê, por doses, consoante o mérito do primeiro.

É isto a revelação e é também o fundamento da reza.

Eis o absurdo do espiritualismo clássico: inversamente do materialismo é agora o mundo, a árvore, a criança, o riso, o regato, as estrelas... puro epifenomenismo.

Os dois pólos do quietismo encontram-se na comum fatalidade da vida, no seio de Deus ou no turbilhonamento da matéria.

O princípio comum às duas metafísicas é o que em comum as torna incapazes na explicação dos fenómenos da subconsciência. Esse princípio é a ausência de liberdade.

É, pois, na liberdade que vou procurar a explicação desejada.

Eis o que emito:

A consciência não tem limites. A consciência é uma força utilizando uma dada matéria para criar. A potência interior da consciência utiliza o tesouro do seu organismo.

Uma consciência que esgotasse as infinitas possibilidades da sua matéria, isto é, a consciência que determinasse o infinito, seria Deus.

A potência interior é a vontade. A subconsciência pensante é o infinito da consciência orgânica actualizado mais largamente por uma vontade mais pesquisadora, por uma vida mais ampla e generosa.

(*A Vida*, Porto, ano v, série II, n.º 18, 2 de Maio de 1909.)

O reformismo ^(a)

I

A propósito dumas recentes regalias, concedidas pela actual Câmara Municipal de Lisboa aos seus operários, li certas considerações que me chocaram por um comum desprezo do lado moral da questão. Aí se prevenia o operariado que a sua situação não melhoraria pelo facto de lhe diminuírem as horas de trabalho, visto que fariam o mesmo trabalho nesse tempo.

Parece-me que encarar assim o reformismo é deixar à margem a questão essencial, para cuidar de ridicularias eterna e inutilmente discutíveis. O perigo do reformismo é todo numa simples, fundamental e inabalável verdade. «A liberdade nem se pede nem se dá». O pedido faz um escravo, a esmola faz dois. Quem esmola um direito é indigno dele, quem concede um direito é incapaz de ser livre. A liberdade conquista-se. Em tudo isto vive como erva daninha a subtileza da antiga escolástica verbalista e oca. A liberdade não é uma substância, uma coisa que se dê ou que se receba, como se dá e como se recebe um vintém.

A liberdade é a harmonia de um processo psicológico progressivo, que cria e efectiva a cada momento a personalidade. Só é livre quem cria a sua personalidade.

E não venham malevolamente confundir estas reflexões com a velha querela entre o necessitarismo e o voluntarismo.

É um facto irreduzível que o homem se atribui os seus actos.

A isto se chama personalidade.

^(a) Este artigo não teve continuação.

É claro que uma análise da personalidade implicando a exaustão de todo o progresso cognitivo sintético seria uma filosofia inteira; trato, pois, da mais superficial intuição da personalidade.

Continuando: é também um facto que a atenção exalta a personalidade, que o desinteresse deprime e empobrece a personalidade. Ora receber mecanicamente uma dada *liberdade* é deixar o seu sinal exterior boiar à superfície da consciência e nunca possuí-la como carácter da personalidade.

Em concreto e na circunstância: um direito social *concedido* nunca é *possuído*.

Não precisamos de saber se a burguesia *concede* para iludir e para se garantir. O perigo não é esse, esse é o lado exterior visível, *berrante* do perigo e nada mais. Quando só isso fora, bem remediável seria o mal.

O operário logrado não tardaria a aprender à sua custa e a defender-se. Mas o perigo é outro e sem remédio. O operário é *envernizado* com os seus pretendidos direitos, mas de verdade não os possui. A sua moralidade degrada-se. A nobreza da sua individualidade desce e de criador de mais lúcida consciência, de profeta de mais luminosa aurora, ei-lo explorador ganancioso e *político* da instabilidade burguesa. E aqui é a sociedade inteira que periga. E é, bem diferentemente do que pensam alguns acanhados doutrinários, a sociedade inteira que há-de revolucionar-se e entrar na Cidade do Futuro.

O reformismo sendo uma esmola (admitindo-a mesmo sincera e de boa vontade) é uma hipocrisia, um carnaval da virtude, uma prostituição da justiça.

Assassina as mais santas e redentoras cóleras, faz, nunca homens livres, mas mendigos importunos e temidos, que amanhã poderão ser aberta e violentamente os novos salteadores do poder. Eles serão novamente a opressão e a injustiça. A moral é o fundamento e a norma da vida: só ela poderá dar a harmonia, a coerência e a riqueza de personalidade livre, criadora da justiça, da beleza e do amor.

(*A Vida*, Porto, ano v, série II, n.º 20, 16 de Maio de 1909.)

A autópsia dum imbecil

O sociólogo Alfredo Pimenta

Devagar e com paciência, que o caso é aborrecido mas necessário. Tenho o dever social de esfrangalhar um parvo perigoso e o dever pessoal de arreentar um patife. Começemos pelo fim. É patife o nosso sociólogo.

Vamos ver. No primeiro número desta série *Vida* escrevi um artigo a propósito da pena de morte, na *Voz Pública* defendida pelo hábil sociólogo.

O hábil sociólogo respondeu que não discutia porque nada de proveitoso poderia sair da nossa discussão. Boa ou má era uma atitude definida, que lhe cumpria manter com decoro. Poucos dias passados começava a esfaquear-me com equívocas insinuações pelas colunas da *Voz Pública*.

Possuiu-o uma raiva louca, um rancor canino contra a minha exígua mas tranquila e honesta personalidade literária. Nem um discurso, um artigo, uma conversa particular que não dirija, ao meu nome, o punhal venenoso do seu rancor e de sua mesquizez.

O sociólogo proclama a minha idiotice aos seus admiradores boquiabertos. Açula-os e ei-los que partem raivosos a procurar-me as canelas.

Aqui fica o aviso: cuidado com os dentes. Nada sacia o seu orgulho de ridículo diabo. Faz aos editores Lellos a proclamação da minha ignorância e da minha estupidez e, em reticências miseráveis, baba peçonha de lacrau irritado. Com uma manifesta e incontestável falta de honestidade trunca-me a prosa, cita-a como a medo, às escondidas. Atira o coice e finge ignorar o alvo. Eis o irritante lado pessoal, que fui obrigado a aclarar e que vou resumir e concluir. Ataqueei doutrínaria, leal e decentemente o sociólogo.

go, respondeu-me canalhamente o fadista. Procurei aclarar ideias, procurou anavalhar-me a seriedade e o carácter.

Dirigi-me a um homem; encontrei um balão de vaidade e peçonha. Deixo-o com a prevenção seguinte. Quer uma discussão doutrinária séria e leal, vamos a ela. Não quer, então nem mais uma facada, quando não *abano-lhe as orelhas*.

Adiante. Vamos ao sociólogo. Tenho aqui, na minha frente, o seu livro *Factos Sociais*. Em rápida e pitoresca viagem respigaremos inéditas paisagens. No prefácio se declara o autor liberto das peias metafísicas e teológicas, etc. ...

Está certo e estimamos quanto à metafísica e à teologia, mas com respeito às *peias* não acreditamos em semelhante libertação.

Ele aí vai, de peias: as orações do Junqueiro são, pelo que se refere à sua substância, uma regressão pasmosa, a prova de uma ideação degenerativa e nebulosa, de um misticismo atrasado. Antero de Quental deixa uma mera obra autobiográfica, indecisa e desencontrada, tendo apenas a ligá-la um cronologismo simples.

O suicídio de Camilo foi a sua única obra definitiva.

O *Brasil Mental* e *A Ideia de Deus* são a prova de que o gérmen de filósofo que há em Bruno se desenvolveria e apareceria na vida normal e grande, se à sua laboração presidisse um critério positivo e construtivo, etc., etc. Deste não percebeu *A Ideia de Deus* e d'*O Brasil Mental* ficou-lhe o atordoamento daquela, verdadeiramente gigante, análise crítica do positivismo.

Bem. Isto consta da Introdução. Vamos ao livro. Primeiro capítulo: determinismo e crime. Na página 22, diz que entre o determinismo e o fatalismo há uma diferença enorme. O último supõe tudo previsto, o primeiro afirma que os actos do homem dependem de sua vontade já determinada por causas anteriores.

Quanto ao fatalismo está certo.

Quanto ao determinismo vamos ver. Três soluções comporta a questão. O indivíduo agente é causa concorrente com todas as outras causas exteriores que condicionam o acto.

O indivíduo é a história viva de um conjunto de reacções físico-químicas, que a herança conserva e que o meio determina. Neste caso um acto é determinado pela resultante entre as acções do meio e o automatismo do indivíduo.

Estes dois casos têm por fundamento a possibilidade ou impossibilidade do mecanicismo biológico. Há um terceiro caso mais radical: a liberdade de indiferença.

Afirmar a primeira solução é garantir a liberdade humana, que é precisamente o poder de conseguir os fins pelos competentes meios. O homem estuda os determinismos dos diferentes sistemas e, com este conhecimento e o conhecimento do seu valor como factor determinante, actua modificando a natureza, criando isso, que os castrados do sentimento chamam as quimeras da generosidade, as ilusões da beleza e do amor. A segunda solução é o fatalismo mascarado.

Assim na página 25 o nosso sociólogo, tão cuidadoso na distinção *verbal* dos dois termos, supondo-se a afirmar o determinismo, diz que o homem faz de mero juguete entre milhares de forças que sobre ele actuam, desde as qualidades hereditárias até às influências mesológicas. — O que é estreme fatalismo. A terceira solução é ilógica e para o caso não interessa.

A falsidade da segunda solução resulta clara pelo absurdo do mecanicismo biológico. Pois não é uma lei fundamental da vida a herança? Pois não é a condição «sine qua non» da mecânica o princípio da não-hereditariedade?

Sem igualdade da acção e da reacção como determinismo previsor, isto é determinismo mecânico? Não se argumente que um complexo ignorado de movimentos mecânicos poderia gerar a vida. A dificuldade permanece, a irredutibilidade é flagrante, o contra-senso claro, a antinomia manifesta, evidente.

O nosso (agora é filósofo e metafísico) doutor reduz tudo a movimento mecânico e conclui o absurdo do espontâneo. Pois é claro: se de uma alquilaria, onde há um só burro, um colega filosofante tirar um burro não fica lá nenhum.

Quer isto dizer: que movimento mecânico é por definição o movimento da matéria inerte.

Mas isto não quer dizer que a matéria seja na realidade inerte, pois que ela mexe-se. Apenas quer dizer que, por artifício científico, damos à matéria inércia e atrelamos-lhe forças, dignificadas assim por um nobilíssimo emprego muito para enobrecer certos infelizes parvos.

Na página vinte e seis temos esta. «Se o princípio de causalidade se não aplicasse em toda a extensão a todos os fenómenos, o princípio de inércia de Kepler perderia o seu carácter de lei».

Mas que série de dislates!

Que tem o módulo estrutivo da nossa lógica (a causalidade) com o princípio da inércia? A inércia (espécie) não é garantia do princípio de causalidade (género generalíssimo), mas sim às avessas.

O filósofo não viu a primeira solução de que falei; por isso atira-se à liberdade de indiferença e, arremedo cômico do trágico D. Quixote, derruba homericamente fúteis moinhos de vento.

Depois desta claríssima, *completa e empolgante* análise do determinismo trata de definir crime e aplicar as teses do determinismo ao estudo da responsabilidade.

Faz a fácil crítica das faltas de mil e uma definições de crime e dá, a seguir, uma completa e boa.

Esta: «Ofensa inteligente a um costume nociva para alguém».

Isto foi uma partida do advogado Pimenta ao filósofo Alfredo. É costume na minha terra «*talhar o bicho*» para curar o sarampo. Eu tenho sarampo e não talho o bicho, daí ofensa inteligente ao costume, nociva para a bruxa profissional — ergo: *crime*.

O filósofo sorriu-se, sentiu o inefável... ah! a guilhotina para certos desorientados retóricos de comícios...!

A propósito de responsabilidade o filósofo repete, página 35, que o homem é «absolutamente um autômato».

Diz que, à parte as leis naturais, há as leis pessoais, onde a responsabilidade, não correspondendo a um fenómeno real, existe a fim de manter o equilíbrio social.

Isto é puro Doutor Assis:

«A responsabilidade começa por não existir».

Passo em claro as divagações sobre as origens do crime e sua terapêutica, porque tenho de seguir viagem e é tarde. De resto, sobre as origens, cópia, sobre a terapêutica é agora mais sumário — pena de morte.

Uma observação desconexa, mas elucidativa de audácia do nosso sábio, quero fazer. Na página 43 lê-se: «Assim como para prevermos o lugar onde uma pedra cairá temos de saber o caminho percorrido até nós, também para entrarmos no campo das previsões sociológicas, temos de estudar a fundo o passado».

Donde eu concluo que Newton assistiu à *Criação*.

O filósofo não sabe o que diz, nem o que quer. Por falta de espaço tenho de ficar por aqui neste número.

É pena porque os capítulos seguintes são os mais interessantes. Vou terminar este primeiro artigo pela análise da afirmação pertencente ao capítulo determinismo e crime, estampada na página 70... «quando a Sociologia se encontrar organizada, nós, conhecendo as leis que regem os fenómenos sociais, saberemos remediar, prevenir ou resignar-nos consoante os males, que aparecem. Nestes intuitos o nosso homem berra agora em todos os seus

discursos, cheio de mágoa: porque é que ninguém vai discutir matemática com um matemático, medicina com um médico etc. e todos se atrevem a falar de Sociologia?»

É questão que suponho de utilidade para os *sociólogos* de todas as nuances.

Vou por isso tratá-la. Esperando farei mais uma citação do nosso doutor.

A seguir às últimas linhas anteriormente citadas, lê-se que «para isso é preciso que os homens se cinjam à extrema realidade e abandonem a pretensão de se substituírem às leis naturais e invariáveis a que todos os fenómenos estão submetidos».

Todos os fenómenos estão sujeitos a leis fixas e invariáveis logo os fenómenos sociais estão sujeitos a leis fixas e invariáveis.

Isto é um problema complexo, que demanda, para ser tentado sequer, verdadeiras aptidões filosóficas. Revolver *a priori* o problema pela liberdade arbitrária de um deus manobrando caprichosamente a matéria, ou resolvê-lo pela afirmação da matéria universo sujeita a leis eternas e invariáveis é a mesma audácia metafísica, incoerente e banal. O Universo sujeito a leis eternas e invariáveis. Mas o que é que sujeita o Universo a leis? É o próprio Universo, dir-se-á. Mas se o Universo se sujeita a leis fixas e invariáveis ele será a necessidade pura, isto é a identidade $A = A$. Como então a evolução, a natureza enfim?

Se os fenómenos são no encontro de causas concorrentes, elas convergiriam para uma causa única que seria o fim do Universo, pois, sendo única, actualizaria a virtualidade completa dos seus efeitos.

Se essas causas concorrentes constituem esferas separadas da fenomenalidade, temos então tantos universos separados quantas essas esferas. Assim este caso reduz-se ao primeiro, pois só pode haver um Universo que será aquela esfera de fenomenalidade onde nos encontramos. E já não quero falar na arbitrária posição destas esferas várias, que colocaria o Acaso como fundamento do Universo. Temos, pois, o Universo reduzido a uma causa única tirando de si, espontânea e arbitrariamente, a realidade concreta temporal e espacial.

E isto é uma demonstração por absurdo da falsidade da tese.

Por outro lado, o lúcido criticismo de Boutroux e o sobretudo autorizado criticismo de Poincaré mostram faces bem diferentes da filosofia científica.

Assim Boutroux mostra-nos como a construção científica, sendo sintética é contingente; pois necessária é somente a análise.

Poincaré, em elegantíssimas exposições, mostra-nos como a realidade objectiva difere da realidade científica, que somente é um simbolismo cómodo solicitado pela experiência. A ciência não é o decalque da experiência, mas a experiência trabalhada pelo espírito. Alcança porque é *solicitada* pela experiência e é necessária porque é convencional. Aos dados sensuais caóticos a ciência substitui os seus dados convencionais (entenda-se como é a convenção) claros e exactos.

Assim a ciência não encarcera no seu determinismo os dados reais senão pelos pontos de contacto, que eles têm com os dados científicos.

Não se colhem daqui vitórias para o pragmatismo anticientífico, como em França se pretendeu fazer com o livro *Ciência e Hipótese*.

O que se conclui é que a ciência não lida com os dados sensuais extremes. Ora em sociologia não se pode esquecer o indivíduo, dado real, objectivo, incapaz, para as precisas sistematizações, de se deixar arranjar convenientemente.

Pois não se vê que não podemos fazer convenções sobre o indivíduo? Não se vê que nós isolamos em ciência os sistemas que estudamos? Poderemos fazer agora o mesmo? Que tiramos à matéria a força para com a força governar a matéria?

Em sociologia poderemos fragmentar a vida para isolar modos, governados por forças estranhas e exteriores?

Mas tenho de voltar a tratar da questão a propósito de outro capítulo do livro do Doutor e o espaço acabou, grita-me o tipógrafo. Até breve.

(*A Vida*, Porto, ano v, série II, n.º 22, 30 de Maio de 1909.)

Chama-se «O Anarquismo» o segundo capítulo do livro *Factos Sociais*.

Neste capítulo procura o autor enxertar no organicismo de Comte o individualismo de Stirner e Nietzsche. É uma situação puramente casual e pessoal.

Tinha lido o Sr. Pimenta os autores anarquistas e os que vulgarmente passam por aparentados com estes. Fizera a sua carreira literária grunhindo poéticas facadas no burguês rotundo. Ia gozando desvanecido os louros da sua obra revolucionária, quando lhe deu para ler Augusto Comte. É fácil calcular o assombro do irreflectido moço e o pasmo do estudante ignorante e verboso.

Quero acreditar que o nosso divertido doutor tinha então um pouco daquela intranquilidade intelectual, que todos têm ao romper dos novos horizontes da Vida.

Achou um sistema completo e pomposo, garantido pela opinião letrada, ferindo os ouvidos pela sonoridade do léxico, arastando pelo vigor e pela audácia da sua posição dogmática; seduziu-se e, submetendo-se, começou no trabalho de rígida sistematização e consequente empobrecimento psicológico. Daí, a necessidade de assimilação, pelo sistema, das anteriores leituras. Assimilação vagarosa, mostrando claramente a sua progressiva acção elaboradora. Assim hoje o nosso homem é puro organicista.

Vamos ao anarquismo.

Debaixo da obsessão do cientismo de Comte, o nosso pobre diabo vai procurar a fórmula segura da Anarquia. Não pode, e sabem porquê? não é pelo simples motivo do senso comum e do senso reflectido, de só ser susceptível de previsão o que se repete periodicamente. É porque é tarefa difícil para o Sr. Pimenta só mas, com outros de sua força, lá irá um dia.

É flagrante a alegria do pobre diabo, que nunca teve segurança numa ideia e, agora, com esta *original* ideia da invariabilidade das leis sociais vai *épater* os ignorantes e faltos de método escritores anarquistas. E aí vai ele pelo livro fora, gritando sempre a invariabilidade das leis sociais e a ignorância dos escritores metafísicos. Porque não apresenta antes essas tais leis e porque as não abandona ao seu jogo natural, visto que o homem é apenas o concurso de todas as forças sociais?

Se em sociologia não se pode admitir a liberdade de consciência, se não há *querer*, para que anda o sociólogo Alfredo Pimenta a maçar os seus pobres correligionários com os seus sermões domingueiros?

Ora deixe-se de luxos, nem as leis sociais são tão invariáveis como lhe parece, nem o público tão ignorante como o supõe. E o senhor sabe o que é uma lei? sabe o que quer dizer que uma lei científica é invariável?

Uma lei científica é sempre uma relação entre abstracções dominando o *devenir* de um sistema material isolado.

Ela é infalível porque é convencional, invariável porque é abstracta. Se o sistema evolute, somos levados a outras abstracções e fazemos outra lei, mas a primeira não deixa de ser uma ligação entre as primeiras abstracções, certa, feitas as primeiras

convenções. Somente é inútil e, por isso, suprimida do edifício científico. Nos sistemas essencialmente evolutivos, biológicos e sociais, é impossível a estabilidade das leis, que mais traduzem os hábitos e as preguiças do sistema que a sua essência criadora. A maior complexidade dos fenómenos biológicos sobre os fenómenos mecânicos não me parece explicada pela lei de Comte da correlação da generalidade com a complexidade. «Os fenómenos biológicos são mais complexos porque implicam os primeiros». Isto é uma constatação e mais nada.

Como um fenómeno que é determinado por todo o Universo é mais complexo que outro igualmente determinado por todo o Universo? Numa filosofia gnóstica ou agnóstica o problema é o mesmo, porque o agnosticismo tem de admitir a interacção das cousas ou negar a ciência.

Melhor se explicaria a diferença da complexidade pela diferença de ritmo evolutivo. As leis sociais são ou tabelas de hábitos ou ligações dos produtos sociais, depois de suprimido o factor bio-social.

São leis estatísticas ou leis de circulação económica. As primeiras não são necessitantes nem invariáveis, as segundas são necessitantes e invariáveis quando abstractas, como as teorias do valor em economia; mas então é clara a sua falsidade na sociedade real e concreta e a sua contingência perante as possíveis mudanças no seu condicionalismo. As leis históricas ou de filiação não são necessitantes, antes pedagógicas.

As leis mesológicas (meio cósmico e social) não são necessitantes, pois o meio cósmico não necessita sequer a vida, que se adapta não mecanicamente (hereditariedade) mas resolvendo as dificuldades do meio. O meio social é, obra da sociedade e não causa geradora da sociedade.

É, pois, para discutir a existência de leis sociais. A sua invariabilidade, como a de qualquer lei, só tem o sentido que dissemos; isto é, não existe como realidade actual e objectiva. Mas o Sr. Pimenta não quer saber destas questões, ele não admite retóricos, não quer que se fale da sociologia sem se ser especialista e, sobretudo, quis apenas fazer um livro pretensioso e retumbante para pasmo e admiração do indígena.

O seu livro é uma impertinência de menino-prodígio e só é interessante que a imprensa portuguesa o tomasse a sério. As doutrinas que o Sr. Pimenta *veste*, têm evidentemente o valor de toda a pesquisa sincera e traduzem pontos de vista incompletos e estreitos, mas parcialmente verdadeiros.

Unicamente o Sr. Pimenta não as compreendeu, como se prova pela estúpida e falsa conjugação de doutrinas, cujo espírito essencial é antagônico. Segundo a opinião vulgar e segundo o critério do Sr. Pimenta, Nietzsche é o libertador do indivíduo. Como então aliar o seu indivíduo, cheio da vontade de domínio, com a célula social do organicismo positivista?

Nietzsche artista é na verdade o grande profeta do individualismo. Nietzsche sociólogo, com o seu aristocratismo radical, vai a um organicismo bem inferior ao de Comte. Mas não cuida o nosso doutor deste Nietzsche, que ainda assim incompatível seria com Comte. Aplicando o princípio da invariabilidade das leis sociais, o Sr. Pimenta chega pela positividade a achar a órbita da civilização e afirma o futuro do seu Anarquismo, não comunista mas individualista ou a grandeza da humanidade. Aí chegará o homem pelo «egoísmo consciente», derruindo tudo e ficando em pleno estado de natureza selvagem.

Então cada homem ocupará o lugar que «a sua inteligência ou a sua força física lhe indicar»!!!

O ideal da sociedade é, pois, a luta animal.

Isto é simplesmente tornar ao princípio. Pois não vê esta criatura que os preconceitos morais, jurídicos, etc., são precisamente formas, senão criadas, mantidas pelo egoísmo de classes que se defendem. Ignora o nosso sábio doutor que não se luta somente a murro, nem somente pela inteligência nobre; mas igualmente se luta pela fuga habilidosa ou pela tortuosa manha. Não vê que a vitória amanhã poderia ser de qualquer insidioso canalha ou de qualquer besta musculosa? Egoísmo consciente é o egoísmo de todos os hipócritas de hoje, que preferem a certeza do seu bem-estar presente à prometida felicidade de um geral bem-estar futuro.

Não se diga que o egoísmo consciente prefere a felicidade de todos à felicidade dos privilegiados. Que tem o egoísta consciente com os outros? Como pode o egoísta consciente praticar o «*vivre pour autrui*» de Comte?

Que imbecil trapalhada! Isto é o espírito geral do capítulo. Por todo ele pavoneia o autor a sua impertinente palermice e a sua enciclopédica ignorância.

Na página 79 indigna-se com os anarquistas por «*quererem*» e diz que estes se ririam de alguém que lhes dissesse querer que «os dois ângulos dum triângulo são iguais a dois rectos».

Em erudita nota diz-nos que a geometria não-euclidiana não quer que assim seja e fala-nos da «*demonstração do princípio não-euclidiano*»!!!

Querem mais petulância e melhor garantia dos seus parvos intuitos de ostentação? Os dois ângulos iguais a dois rectos, a demonstração dum postulado...!

Ah, grande besta! Olhe que na geometria euclidiana a soma dos três ângulos dum triângulo vale dois rectos. Na geometria não-euclidiana não acontece assim e sabe porquê? porque os triângulos são outros, são triângulos não-euclidianos. E quanto à «*demonstração do postulado*», olhe: vá... *advogar*.

Na página 80 diz que devemos analisar as constituições políticas à face da época em que apareceram e considerá-las sempre como mais perfeitas que as anteriores.

Isto é optimismo social absoluto, tendo, por lógico corolário a quietude e a resignação perfeitas. É de Calino, mas analisando bem, dá a razão do seu sociologismo científico. Estes sábios vêem sempre as coisas depois de feitas e, como depois de feitas elas têm a sua história, atribuem a essa história o papel de causa eficiente; por isso todas as patifarias passadas são absolvidas como precisas para a realização do presente. Daí o seu necessitarismo social e a invariabilidade das leis sociais.

Unicamente eles negam na vida prática todas as consequências imediatas de tal doutrina. Agride o socialismo, emprestando-lhe doutrinas e tranquiliza-nos sobre o seu possível advento.

Não é essa a *órbita social*; escusam de se mexer os senhores socialistas, porque tudo é inútil, não irão ao poder. Depois contradiz-se (página 84), falando da socialização de alguns serviços. Encobre a contradição fazendo a distinção do Estado e Município, e tacitamente formando a hipótese da impossibilidade de uma federação de municípios socialistas. Pede o poder espiritual para os homens de ciência, sem fazer a análise do alcance da ciência (é este o vício radical da filosofia positiva). E se a ciência for uma mínima parcela da personalidade integral? É claro, lá vai o seu Stirner e o seu Nietzsche. A instantaneidade e a fogacidade do Eu de Stirner é destruída pela objectividade banal e seca da ciência. O poder da vontade negado pelo fatalismo do sistema lógico Universo, ou a inteligência amesquinhada e envilecida pela impotência declarada do seu valor para completar as lacunas da seriação científica hierárquica.

Faz a corte ao materialismo como doutrina filosófica e diz que o positivismo moderno admite algumas das conclusões do moderno Haeckel.

Ora já demonstrámos, em artigo desta folha, que o materialismo ou se confunde com o positivismo ou é uma inconsequente

blague. Ora como o Sr. Pimenta distingue entre materialismo e positivismo, comete grave heresia, quando aceita algumas conclusões do materialismo. — Continuaremos ^(a).

(A *Vida*, Porto, ano v, série II, n.º 24, 13 de Junho de 1909.)

^(a) Este segundo artigo não teve continuação.

O princípio da conservação da energia

O princípio da conservação da energia como de Lavoisier aparece impertinente e infalível nas fulminações *científicas* dos ateus, dos *livre-pensadores* e dos deterministas. Não há Deus porque a matéria é eterna e eterna é a energia, dizem uns. Não há liberdade porque a energia conserva-se, dizem os outros.

E a palavra arrasta, seduz e convence porque é vaga, indefinida e de imediato sabor antropomórfico. A história da descoberta da equivalência do calor e do trabalho mecânico é a ilustração documentada das raízes psicológicas profundas do princípio da conservação. É interessante ver como Mayer parte de postulados lógicos sobre a relação causa-efeito e como igualmente procede Helmholtz.

Quando se fala da conservação da energia, sempre se pensa na Energia com E grande, e sempre se pretende aplicar o que a ciência ensina da energia, grandeza definida em cada caso particular, à *Energia* metafísica, transcendente e universal.

Sem mais análise seria lícito duvidar da legitimidade desta universalização de um conceito científico. Nem ele, oriundo de uma experiência parcelar, poderia ter a riqueza, a compreensão de um conceito universal; nem tão-pouco a sua estrutura formal, resultante de experiências particulares, poderia convir ao seu novo destino mais amplo e geral.

É obra de péssima filosofia generalizar sem crítica nem exame. Quase sempre se estende um princípio a condições nas quais não tem sentido, por serem diferentes daquelas que ele resume e traduz.

O erro das filosofias materialistas, haeckelianas, mecanicistas, está na violência da unificação do Universo.

A sua unidade é um facto como condição de pensamento, da ciência e da *acção*. Este é o primeiro e irreduzível facto. A ciência e a *acção* cortam, discriminam, dividem.

Dai modos diferentes do mesmo Universo, a multiplicidade na unidade, o problema da filosofia.

Os materialistas reduzem tudo à matéria. Ora isto é apenas asneiar ou empalmar o problema. Se a matéria é uma determinação cognitiva, reduzir tudo a ela é absurdo, pois ela existe *precisamente* por existirem outros modos. Se quando digo matéria subentendo Universo, então estou outra vez no princípio. Haeckel faz uma «chantage» científica quando acha a unidade pela existência da consciência atômica. Ou o átomo é um estéril e arbitrário devaneio metafísico ou é uma *determinante científica*. No primeiro caso Haeckel delira. No segundo caso, quando atribui espontaneidade ao átomo, comete um erro indesculpável e uma acção feia por seduzir, com a autoridade do seu nome, os leitores ignorantes a acreditarem semelhante tolice.

O Sr. Dantec, aplicando o conceito da conservação da energia ao Universo comete, além da audácia comum, o erro grave de esquecer as outras energias além da energia mecânica. Conclui a necessidade universal, e não se lembra que só para a energia mecânica o princípio é matemático. Só então o princípio é necessário, mas abstracto e convencional.

Ele deriva da definição dinâmica de força e da definição de trabalho. É o teorema das forças vivas, que, para o caso de haver função de forças e pela definição adequada de energia cinética e de energia potencial, se transforma no princípio de conservação da energia mecânica.

Mas a lei da equivalência das formas de energia é experimental e por isso contingente. Antes do conhecimento da electricidade era verdadeiro o princípio da conservação. Admitindo a evolução cósmica, tal princípio deixaria continuamente parte da natureza fora do seu alcance e seria, contudo, sempre verdadeiro. Ele é contingente, relativo ao condicionalismo das experiências que o garantem. Terá então um valor necessitante *a posteriori*? Para as condições concretas da experiência, que o fundou, não tem. Nem elas se repetem, nem ele pode ser a sua expressão completa e perfeita. Para as condições abstractas da sua estrutura científica tem, mas é então convencional no sentido crítico de Poincaré. O seu alcance prático não garante o seu valor teórico e não serão impertinências subtis as considerações feitas?

O seu alcance prático garante o seu valor teórico de símbolo conceitual e não de imagem sensual, espelho do concreto. Não são subtilezas. Se a natureza é a eterna criadora, se no seu ventre fe-

cundo gera todas as quiméricas riquezas, se dela brota exuberante a vida, deve haver um princípio que traduza a harmonia física, exterior, a interacção cósmica na interpretação científica, como deve haver um oculto e alto princípio de harmonia moral, metafísica, interior. O princípio da equivalência seria esse fio, colhido para a pobreza artificial das abstrações mecânicas, procurado sempre no mundo mais real da física e além.

Seria um método e não um princípio dominador.

Isto é o que diz uma ligeira análise. Profundando mostra-se-nos claramente absurdo. Tal princípio caminha de par com o de Carnot-Clausius.

Ora generalizados, eles contrariam-se, anulam-se e sobre o campo de batalha o Nada. O princípio de Carnot garante a degradação de toda a energia em calor e o nivelamento térmico. Isto é o aniquilamento da energia.

O calor é uma forma de energia pela sua capacidade de trabalho. Perdida essa capacidade e todas as propriedades que o definem como calor, resta o nada de energia e até o nada de calor. Como então se conserva a energia?

Quando o princípio pretende abranger mais que o simples caso mecânico acima referido, ele é duma grande dificuldade de aplicação de forma.

As restrições impostas e as condições bem previnem do seu valor simbólico e do seu limitado alcance. É preciso que os estados inicial e final do sistema e do meio sejam bem definidos. É então claro o seu valor relativo, e clara a audácia da sua generalização ao universo.

Nos sistemas, que evidentemente evoluem, como definir estados, como fazer percorrer um *ciclo fechado*? Como discriminar, nos sistemas, que possuem energia interna molecular, as energias cinética, potencial e interna?

Como discriminar a função particular destas variáveis, que seja a energia total?

Tem apenas um enunciado, diz Poincaré: há alguma coisa que fica constante.

Assim o seu alcance é o do mais rudimentar postulado da vida actuante e actuada. Poincaré mostra como, na hipótese determinista, o facto de um estado do sistema não ser bastante para conhecer o seu estado próximo futuro nos previne do artifício do nosso isolamento e da acção do meio exterior. O facto do isolamento é um documento da nossa liberdade. Pois como explicar um isolamento, se acompanhássemos o ritmo evolutivo do meio?

O único sistema naturalmente isolado seria o Universo e já demonstrámos como é metafísico e arbitrário concluir de sistemas bem definidos para o indefinido.

Assim o princípio da conservação da energia vai-se desfazendo, e vai ficando claro que o seu alcance nítido é limitado a sistemas simples por si e simplificados pelo nosso método de pesquisa. No sentido universal o têm aplicado vários filósofos às suas sistematizações.

Em moral escorraçando a liberdade, em metafísica unificando o Universo pela Energia, una, eterna e divina, cega, brutal mas realizando *consciências (epifenómenos?)*.

Incidentalmente notarei que falam em epifenómenos precisamente os filósofos, que afirmam a realidade exclusiva da matéria.

Só há matéria, logo não há consciência; mas há um epifenómeno de certos arranjos de certa matéria, que é a consciência.

Não há, mas afinal sempre há.

É curioso que o princípio universal da energia é o fundamento de todas as doutrinas deterministas e perde o sentido (como o demonstra Poincaré) na hipótese determinista.

Nesta hipótese, o estado do Universo seria dado por um número n de parâmetros $x_1 \dots x_n$.

Conhecidos num instante os n parâmetros, que são funções do tempo, acham-se n equações diferenciais, que integradas dão $(n - 1)$ integrais. Há portanto $n - 1$ funções que ficam constantes. Como então distinguir, entre todos os integrais, a energia que se conserva; se todos se conservam.

Longe, pois, do determinismo ser a consequência do princípio de Mayer, eles são incompatíveis quando nas condições filosóficas expostas. Parece-me que é possível ir mais longe ainda. Na hipótese determinista as determinações cognitivas não podem ser símbolos cómodos, mas somente imagens da realidade concreta completa. Então os n parâmetros correspondem a n realidades últimas. Como então evoluem essas n realidades? Por acção exterior de outros parâmetros? Não, porquanto estamos na hipótese determinista e, assim, fugíamos, pelo infinito dos parâmetros determinantes, para o *Indeterminismo*. Por uma virtude interior da evolução? Então lá vai o determinismo e eis a *Criação*. Mais. Como determinar as funções que os exprimem no tempo? Pois não é o tempo científico simultaneidade no espaço? Onde o relógio, onde o fenómeno que medisse o tempo? Como então traduzir os parâmetros em função do tempo?

Eis como o determinismo científico postula e vive dum indeterminismo intrínseco, que permite ao homem olhar o *devenir*.

Nota. — Pertenciam estas considerações à série de artigos que vínhamos escrevendo sobre o livro *Factos Sociais*. Como, porém, resolvemos deixar o «sociólogo» em paz, pois só pelo ridículo ele deve ser levado, publicaremos estas e outras considerações em artigos especiais.

(*A Vida*, Porto, ano v, série II, n.º 26, 27 de Junho de 1909.)

O pessimismo e o optimismo

O problema do valor do Universo é antigo como o pensamento. Reflectida ou instintivamente ele é posto por todos e resolvido sempre segundo o carácter dominante de cada pesquisador.

Cientificamente não pode ele ser resolvido; pois se trata do que é indiferente e alheio à ciência.

Que o mundo seja o mal ou que o mundo seja o bem não pode a ciência decidir.

Para isso seriam precisas noções exactas do mal e do bem, a possibilidade de medida e de comparação. Ora, quer bem quer mal são relativos e pessoais, e sempre apreciação individual referida a modelos subjectivos.

Por método, por alcance, por destino e valor da ciência fora dela está o problema do Universo e o da sua moral imanente ou transcendente ou da sua amoralidade. Pela filosofia tem o problema sido estudado e divergentemente resolvido. Terá a filosofia processos originais ou direitos privilegiados para abordar os problemas estranhos à ciência? Tem, e qualquer solução é sempre devida à análise filosófica.

Quando achada a conclusão, que o problema é um falso problema, é ainda pela análise lógica ou psicológica dos seus conceitos basilares que a essa conclusão se chega.

Nenhum espírito se pode manter, sem quebra da sua unidade, sem mutilação e sem degenerescência, no âmbito exclusivo da ciência ou das ciências. Ela é sempre incompleta e, quando mesmo fosse idónea para a definição do real, sempre seria uma vista parcelar e diminuta sobre o conjunto, os postulados fundamentais da acção e da vida seriam fora dela. A acção postula a unidade do mundo e o valor *real* do agente.

As grandes hipóteses fecundadoras da ciência têm vindo desse campo transbordante de realidade que é o desconhecido.

A ciência é posterior ao homem, a sua existência carece do homem.

O homem antes de saber actua. Com os conhecimentos anteriores, dir-me-ão.

É certo; mas além das invenções que são, embora muitas vezes lentamente elaboradas, sempre audácias fecundas e criadoras, não será cair no criacionismo ou no inatismo da razão negar a prioridade do pensamento e a posterioridade da acção?

A filosofia tem um vasto campo deixado pela ciência. Primeiro e sobretudo ela será uma análise da ciência. Verá o valor e o destino da ciência. Estudará o conhecimento científico avaliando a sua forma e o seu alcance. Assim nitidamente saberá dos seus direitos e se orientará para os grandes problemas, superiores à ciência. Assim o problema do valor do universo lhe pertence e a ele se dedicou. São conhecidos os sistemas pessimistas grandes do século passado. Schopenhauer e Hartmann são lidos e, pelo menos o seu critério pessimista da vida, é conhecido largamente do nosso tempo sorumbático e tristonho. Schopenhauer pesa, aclara e patenteia os grandes males. A luta raivosa da vida, que levou Darwin à sua sistematização, o carácter negativo do prazer e o carácter positivo da dor, as injustiças, os ódios, etc.

O drama do homem, que a religião tinha resolvido pela criação, queda e redenção, é para o filósofo o mais profundo e pungente drama da natureza e do indivíduo, do eu e do não-eu. A individualidade: eis a suprema ilusão! É curioso notar este gregarismo metafísico, pois ele deu a Nietzsche um dos fios condutores do seu estudo, talvez o mais lúcido, sobre a tragédia grega. Schopenhauer toca realmente o problema metafísico na sua mais evidente forma e na sua maior angústia. Ser ou não ser! A individuação parece o supremo escárnio. Cria o problema do conhecimento e é o seu estorvo inabalável.

A origem da tragédia é aí sem dúvida.

O pensamento percorre o mundo e não o explica, o coração estremece de mistério, bate as asas, cria o sonho, e não encontra gesto que fale à natureza e não entende a noite atormentada e não pode voar e não pode espalhar por sobre o mundo os seus sonhos frementes e não pode alagar a natureza com as ondas da sua ternura e da sua piedade. Noite profunda, como te sinto pejada de sonho, como me pareces íntima e longínqua, quantas vezes tenho sentido que me falas, que levantas dentro de meu peito uma maré misteriosa; vou a ouvir e calas-te, e apareces então dobrada

pela dor e pela dúvida, suplicando-me que te fale, que te explique os astros, o silêncio, o movimento!

Schopenhauer resolve arbitrariamente o problema, suprimindo a individualidade pelo êxtase ascético, pelo Nirvana. Mas isso foi empalmação apenas.

A dificuldade está em achar uma unidade universal, que irmane e justifique as individualidades.

O nosso mundo é composto de seres: suprimir a diversidade dos seres pela sua absorção num ser único, é diminuir o Universo mentindo e fugindo, não procurando e trabalhando.

Isso fazem os católicos absorvendo a *realidade* em deus.

Assim faz Schopenhauer absorvendo a *realidade* no nada. Porque é o nada a supressão de tudo o que conhecemos.

A distinção do fenómeno e do noumeno de nada serve, porque seria preciso saber como existiria o noumeno sem o fenómeno.

A Vontade¹ é criadora ou não é. Se pudesse existir à parte das suas criações, ela ser-lhes-ia transcendente. Então a Vontade de Schopenhauer nada mais seria que o Deus há muito descoberto pela religião católica. A Vontade teria feito o mundo do nada e ao nada ele se reduziria pela dissolução das individualidades.

Não resolve, pois, Schopenhauer o problema da individuação. Também ele o viu com olhos apagados. Não sentiu a grandeza do trágico, só procurava argumentos para a condenação do mundo. O problema do mal perde então toda a grandeza metafísica e fica reduzido a rabugices mórbidas por fundamento.

Com efeito, se o mundo é mau porque a ele preside uma vontade irracional, o único caminho a seguir é racionalizar essa vontade. Se é impossível por ser a suprema criadora, então impossível é a revolta contra ela e a conquista do nirvana. Ou o fatalismo indiferentista ou se o homem pode rebelar-se contra a Vontade, a esperança e o esforço de racionalizar a natureza cega. Não foi mais feliz o mais recente Hartmann com o seu Inconsciente.

A queda da vontade é o início do mundo. Na vontade havia ideia, houve perda desse elemento e começou o mundo.

Como compreender uma vontade sem acção e, portanto, sem mundo e como representação, sem elementos representáveis, isto é, sem mundo? A vontade representaria os seus próprios desígnios, as suas virtualidades? Mas já então era fragmentada a

¹ Vontade de Schopenhauer.

unidade e já o mundo era. O mundo caminha por desilusões sucessivas para a completa luz. Isto é afirmar a redenção do universo numa futura unidade divina. Se essa unidade é, como já foi, uma Vontade sábia e poderosa, não só é incompreensível a queda como a redenção.

Pois que é uma Vontade que se contempla e não actua, que se conhece e é una?

E, se o mundo há-de reunir-se, não será apesar de tudo uma bela maravilha a existência? Quando ela fosse a desilusão continuada, não seria, porque ao princípio foi sedutora ilusão e porque ao cabo é absoluta felicidade, ainda bem digna de elogios e amor?

De resto, o Inconsciente é uma forma vaga e cómoda de um teleologismo simplista e tímido. A primeira realidade é a Consciência, e com ela é preciso contar em qualquer tentativa de interpretação metafísica do Universo.

(Continua.) ^(α)

(A Vida, ano v, série II, n.º 28, 11 de Julho de 1909.)

^(α) Este artigo não teve continuação.

Uma face do despotismo

Nunca o despotismo franco e violento teve longa e tranquila existência. O oprimido pela força é sempre o revoltado indomável.

Só a morte, aniquilando-o, o levará de vencida.

A opressão do indivíduo pelo indivíduo seria efémera e contingente se apenas resultasse da luta decisiva e tenaz, franca e leal. Se o homem tivesse somente por arma de combate a força nua e crua o resultado seria simplesmente a vitória do mais forte ou, como se diz em calão pretensiosamente científico, do melhor adaptado.

Mas o problema é mais complicado mesmo no mundo animal, onde no entanto é bem menos complexo que nas sociedades humanas. O critério de adaptação é um critério *a posteriori* e, como tal, é uma mera descrição histórica.

Que os vencedores são os melhores adaptados é o que é evidente se por critério de melhoria tomamos a exclusiva norma da vitória na vida.

Se no mundo animal é discutível um critério superior de finalidade, tal critério é para o homem absolutamente indiscutível. O conceito mecanista da vida é incompleto e deformador como síntese filosófica, embora seja perfeito como método científico. Muitas razões provam a incompetência filosófica de tal critério. De passagem citarei a brilhante análise dos grandes sistemas de filosofia biológica feita pelo fino e original filósofo, melhor diria psicólogo, francês Bergson. Acresce a dificuldade fundamental da hereditariedade que é inexplicável, por incompatível, pelo mecanicismo.

De resto, o mecanicismo é uma simples hipótese por enquanto incapaz e fraudulenta; pois que se veste de finalismo, quando se apresenta filosoficamente explicativa. A vida exige para manifestar-se um conjunto de condições mecânicas, físicas e químicas,

que o simples determinismo causal é incompetente para garantir. Se a matéria viva possui a virtude intrínseca de se constituir em certos sistemas, conseguidas certas condições do meio; ela é finalista e eis de bem longe anunciado o finalismo humano ou a vontade moralizadora. Se tal virtude não existe e a vida é apenas um equilíbrio mecânico; então ou é precisa uma providência, que conjugue e ligue as suas infinitas condições, ou essas condições surgem por um eterno, cego e absoluto fatalismo.

No primeiro caso a vida é suspensa e dependente de uma força exterior e superior, que estabelece uma finalidade transcendente. No segundo caso o efeito nada mais pode conter que a causa e o mundo é uma aparência e a única realidade é o Ser imutável de Parménides.

O homem tem uma alta noção de finalidade, quando cria, por actos generosos, uma nova direcção de maior riqueza e melhor harmonia à vida universal. Ele possui uma acanhada mas real finalidade, quando actua, pela ciência, prevendo, modificando, criando novos meios.

Esta finalidade permite toda a forma de luta.

A finalidade moral permite somente para meios de combate aqueles que enriquecem, renovam, fecundam a vida.

Assim, ao homem não é permitido, sem mentir ao seu destino moral, iludir, enganar, envilecendo e aviltando a vida. Quando o homem engana encerra-se, escravizando-se, no cárcere da própria mentira. Daí a inércia, o conservantismo estúpido, automático e animal das formas sedijas e perniciosas.

Para manter o homem em escravidão foi sempre seguido esse processo. Mentir, forjar símbolos, vestir verdades novas e vigorosas com símbolos velhos, engalanar mentiras passadas e revelhas com símbolos novos e valiosos. Assim o idealismo criador dos grandes esforços metido dentro dos moldes de religiões idas e das quais só resta o simbolismo exterior, oco e violento. Assim os antigos privilégios de castas defendidos pelas novas verdades científicas, violentadas até esse impróprio serviço. A ciência aparece então com pretensões a valer dentro dum âmbito, que lhe é essencialmente estranho.

Acontece assim quando ela nos vem cantar a lei da selecção pela luta e vitória dos mais aptos como aplicável às sociedades humanas.

Acontece assim quando, em nome da ciência, se prevê o futuro das sociedades, se procura, por um errado e incrítico determinismo histórico, negar o valor dos grandes factores morais da

beleza, da dedicação, do ideal, da audácia e do esforço individual. Com o determinismo se tem de contar para conhecer os meios próprios para os fins idealizados e profundamente queridos. Os fins, esses para serem fecundos, altos e dignificadores, serão sempre as encantadoras esperanças dum grande amor, as largas audácias da ansiedade e do desejo. É preciso que deus habite os nossos ideais. Só assim eles serão elevados, seguros e vitoriosos. Esse deus será a realidade espiritual do Ideal.

Ele será à distância do acto, criará o esforço, que fará a idealidade realizada e deus de novo alargado; porque, mais ricos sendo os novos horizontes da vida, mais elevada e completa é essa comunhão com deus.

(*A Vida*, Porto, ano v, série II, n.º 29, 18 de Julho de 1909.)

O mistério

(*Excerto do livro inédito O Coração da Vida*)

O Universo é silencioso. Só o homem fala; daí a sua dor. Fala e a sua humilde e comovida voz perde-se na enorme solidão da Natureza. Perde-se? Eis o Mistério. Mistério de angústia e de esperança, trágico e sublime. Esperança — a maior palavra do vocabulário humano.

Esperança? Nela se resume a vida. Quantas vezes nos parece que a esperança mede a verdade! Quantas vezes também que a verdade mata a esperança. Enigma de lágrimas, eterno e indecifrável. Por mais que o envolva o coração, por mais que o acaricie a inteligência, jamais se entrega; jamais a esfinge se aclara ou revela.

Quantas vezes, em frente ao mar, sentimos que o Universo sofre duma radical impotência, duma inexplicável insensatez. O mar é um doido, repetindo um estribilho eterno e oco.

Por vezes é abalado por uma ventania, doida também, que o divide e entrechoca, raivoso e inútil. É a eternidade sem passado e sem futuro; o eterno presente, imbecil, vão, desolador e terrível.

Negra visão de uma das possibilidades do Ser!

Ser a onda inútil e caprichosa que, erguida pelo vento que chega, desaparece com o vento que passa; ser o rochedo que, levado pelo vendaval que o arranca, inerte, sem ser e sem vida, de novo caminha para a imobilidade; ser tudo o que *não* é, o que não vive, o que não ama, não sofre e não chora; ser a bruteza, a morte, o sono eterno e sem sonhos! Eis o que lembra o arfar contínuo do Oceano — peito soerguido que um coração não anima, frémito que uma alma não sentiu!

E além todo o espaço, a terra, o mar, os mundos, estrelas, constelações longínquas, tudo é frio, mudo e inútil — um eterno

presente, esparsas vibrações de átomos que o mais ténue laço de amor não une!

Mas; enquanto a minha visão alucinada procura no espaço cego uma luz espiritual, uma luz de amor, enquanto a minha voz vai clamando, no infinito mudo, por outra voz que a entenda e lhe responda; o meu coração vai-se enchendo duma comovida piedade pelas coisas, dum íntimo enternecimento de lágrimas serenas.

Lágrimas misteriosas, lágrimas *alheias* que, em mim, chora a Natureza escrava.

E a grande Natureza chora e sofre!

E julgo perceber no mar uma agitação ansiosa, bater de asas, estremecimentos, onde há aquela melancolia *única* dos olhos do doido, que é a *nostalgia do próprio ser*, que se perdeu, e se pressente esparsos, longínquo e estranho.

As estrelas têm frémios de alma e, na noite escura e muda, também elas falam de amores, de lendas, de mistérios, de sonhos. O Universo inteiro vive, ama e sofre — sofre, ama e eleva-se.

Em tudo palpita o mesmo sonho, a mesma aspiração, a mesma cegueira de olhos, que não avistam a luz, mas nela mergulham, nela vivem e dela se alimentam.

Assim o coração, que primeiro tinha fugido tiritante e aterrado, agora avança, envolve, ilumina, aquece todo o *silencioso* espaço infinito. A voz, que primeiro pareceu perdida na solidão impenetrável, agora canta em todo o Universo, *acorda* todas as cousas, fala em todas as línguas o mesmo sonho de bondade, de fraternização e de eterno amor!

O Mistério, que primeiro era um abismo de treva, é agora um oceano de luz. Em plena luz bóiam as almas. E na fraternidade intrínseca da luz projectam a sua sombra. E é no suave mistério dessa sombra que as almas vão elaborando o sonho. Desenvolvidas em plena luz, seriam identificadas. A existência individual carece da sombra.

Como subir em beleza e em amor sem a sombra? Os mais castos pensamentos envolvem ainda esforço e heroísmo. Aqueles amantes, tão puros, tão generosos, tão ansiosos dos mais altos sacrifícios, precisaram da sombra para nela recolherem as más tentações da carne, para nela esconderem o drama da sua paixão.

Todo o sentimento é dramático — amor do espírito e amor da matéria. O espírito fraterniza e vive na luz. A carne individualiza

e vive na treva. Espírito activo, corpo divino, drama de dor, a Vida irrompe na Luz, sangrenta de sombra.

Eis uma linguagem que poucos entendem. No entanto, a linguagem de *todos* significa o mesmo.

É que a Vida é uma metafísica concreta.

Todos dizem que há indivíduos e sociedades e, acima destas, a Sociedade universal. Os indivíduos trocam ideias, sentimentos, energias.

Para isso precisam um denominador comum. Que é o espaço — dizem *todos*.

Agora procurem compreender o que afirmam. Esses indivíduos são as mónadas psíquicas ou criaturas e esse Espaço é a fraternidade universal, ou Deus. Reduzam tudo a Luz, suprimirão as mónadas. Tentem reduzir tudo a treva, os protestos da própria mónada mostrarão o absurdo de querer suprimir o Ser. Assim é a própria dialéctica da Vida que nos ensina o alto sentido do Mistério. No Mistério reside toda a potência, portanto todos os irreductíveis — amor, bondade, heroísmo (o verídico, e não o dos fanáticos), liberdade, criação. Filosofias inteiras se têm perdido em busca desses irreductíveis. E sempre têm concluído pela negação cómoda, ou pelo recurso final do mistério. Assim o kantismo, a maior filosofia que foi dada aos homens, é uma sobreposição de dois mundos. O fenomenal e o noumenal.

E isto porque o preconceito racionalista fez cindir o mundo.

Não há um mundo inerte e outro moral. Há um mundo de amor e anseio, de sofrimento e heroísmo, que é imediatamente dado como vontade e razão, como liberdade e inércia, como presente e futuro, como dispersão e interioridade, como contingência e eternidade. E a razão só existe pela vontade, o inerte pelo livre, o presente pelo futuro, a dispersão pela interioridade, o contingente pelo eterno. Bendito seja o Mistério, que é a fonte da vida e da beleza!

.....
O Universo é silencioso. Só o homem fala — daí o seu dever. Ele vai erguer-se no espaço mudo e frio. E o espaço vai encher-se de harmonia, de luz e fraterno calor. Ele vai achar palavras para os mudos, amor para os indiferentes. Ele vai condensar no seu coração todas as dores e acender no seu olhar todas as orações. Nada haverá pobre e adormecido. A todas as entranhas ele arranjará bondade. A pedra de Horeb vai correr fluida, em emoção, em líquida bondade, em fecundo e glorioso amor.

Abençoado seja o Mistério, que permite ao homem o sacrifício, o orgulho, o cristianismo! Escravo da matéria, ou escravo dum Rei do Universo, sempre o homem seria escravo.

No mistério da sua alma ele sente bater as ondas do infinito amor.

E partindo, generosa e humildemente, ele vai missionar o Universo inteiro.

A Treva segreda-lhe dúvidas, e ele, na luz crepuscular que irradia, afirma audaciosamente a vitória do esforço.

E sabe dizer à Treva: «Será tua a última palavra; mas para isso aniquila-me». E ele bem sente que isso é impossível, porque os seus actos comovem o Universo inteiro. Neles se afirma, pois, o Infinito.

Lisboa, Maio de 1910.

(*A Águia* — Revista Quinzenal Ilustrada de Literatura e Crítica, Porto, ano I, 1.^a série, n.º 7, 1 de Março de 1911.)

A Morte da Águia

Poema de Jaime Cortesão

Escrevi algures «o homem é uma audácia e um esforço».

Na verdade a suprema tragédia é a vida do homem no universo. Assim o sentiram os trágicos gregos fazendo pairar, dominador e sombrio por sobre as acções humanas, o fatal destino.

E ainda não mediram toda a inensidade da tragédia do cosmos, porque o destino lhes abria uma das varandas do mistério a olhos de presságio e iluminismo. E não só se ia esclarecendo assim o mistério, como a alma se ia alargando e convivendo com todos esses companheiros da viagem do Infinito, que são o bosque, o rio, a ave, o mar, a árvore etc.

Para nós é maior a treva, de mais angústia o mistério. Não podemos já falar com infantis lábios a linguagem das fontes e das estrelas. Esses grandes seres, tão de repente compreendidos e amados, permaneceram mudos e estranhos à nossa vida pelos séculos fora e a ingénua confiança primitiva na sua divindade é desvanecida. Ao fluxo da emoção divinizadora do mundo sucedera um refluxo interiorizando e exaltando a vida do espírito para logo em divórcio com a matéria. Jesus expulsara Pã e, porque Pã expulso não podia reclamar o seu direito ao amor e ao sol, Jesus, redentor dos homens, esqueceu a natureza humilde e sofredora. Para o reino de Deus subiram os homens virtuosos, mas Prometeu continuou esquecido no Cáucaso.

E a natureza inteira sofre e reclama dessa injustiça. Lembra aos homens que, por um filho do seu espírito, abandonaram e esqueceram aquele filho da Natureza que, por amor deles, sofrera os últimos insultos e tormentos. E o homem pensa que recebeu um facho incendiado das mãos de alguém, por isso mesmo escravizado e perseguido. E que é seu dever erguer e exaltar essa luz,

purificada pelo seu esforço e pela piedade em que o *iniciou* o Nazareno, até que todos os recantos do Universo sejam iluminados e todas as forças cósmicas fraternizadas.

Então as grilhetas de Prometeu se não-de abrir; o deus será livre e beijará Jesus. Mas é ainda este o caminho sentimento ingênuo e confiante.

A razão espregueira com a sublime coragem do sacrifício e exige ao sentimento garantia das suas quimeras. O homem olha-se e vê-se isolado e solitário. Só ele fala, o mundo é silencioso.

As suas palavras de amor perdem-se geladas no Infinito, as suas interrogações ansiosas debalde se repetem pelo espaço sem voz, os seus melancólicos sonhos não acendem estrelas nem aquecem mundos, o seu ah! de agonia ou de socorro os ecos o repetem sem cessar e sem que um ser comovido corra a recebê-lo. Ele é o eterno exilado. Treme-lhe nos lábios a palavra de amor, presente almas, estende os braços, chama e o silêncio impenetrável e hostil recebe-lhe as palavras, o espaço vazio e frio recebe-lhe os abraços.

No entanto ele caminha sobre o humilde planeta e quer crer que um rasto de pensamento fica a sulcar as trevas, a encher o Infinito de esperanças e de promessas.

Interroga a ciência e ela responde-lhe que o sentido do universo lhe escapa e que só cuida do gesticular do mundo. Interroga a filosofia e esta, quando profunda e sincera, aponta-lhe um X irreduzível. E ele então, erguendo-se em toda a majestade da sua estatura de herói, pretende dar ao mundo o Evangelho. É uma «audácia» porque se ergue no meio do mistério com as tábuas da Lei. É um «esforço» porque o seu valor está em se exceder a todos os momentos, alargando, enriquecendo e fecundando a Vida para que a árvore da moral estale montanhas, plantas e sóis com a pujança das suas raízes invasoras.

Afirmamos o mistério.

Para que o demonstrássemos preciso seria abordar o problema pela crítica do conhecimento científico e delimitação do conhecimento filosófico. Desde a Ideia de Platão até aos Noumena de Kant e Incognoscível de Spencer teríamos de percorrer os diferentes aspectos que o mistério tem apresentado aos pensadores. Seria preciso analisar também as diferentes tentativas de aclarar esse mistério, como o Inconsciente de Hartmann e a Vontade de Schopenhauer. Basta, no entanto, lembrar os belos trabalhos de crítica científica de Poincaré e essa caudalosa corrente filosófica que é o

bergsonismo, de posse do pensamento francês e transbordante já por sobre a Europa e a América.

Pois que existe o mistério, é natural que haja quem tenha o sentimento (quase diria a sensação) do mistério e quem desse sentimento tire o valor e a vida da sua arte. Aqui a distinção entre duas *raças* de poetas: Os que têm só o sentimento das belezas humanas, cantando e enaltecendo os valores sociais humanos, como o amor da família, o amor sexual (quando digo sexual, emprego um nome que é o vulgar mas não suficientemente constativo, pois só os devassos desconhecem que esse amor é sobretudo um complexo psicológico superior), o amor da pátria etc. ... E os que possuem o sentimento do mistério e que enraízam tudo na vida universal, colocando todos os valores humanos no cosmos, excedendo e dominando o homem social pelo *homem cósmico*. Ou sejam os irreligiosos e os religiosos. E é curioso que social e exteriormente são os segundos que são religiosos e os primeiros irreligiosos.

Isso, porque aqueles que sentem o mistério não o podem acreditar suprimido por uma revelação, que nada mais é que uma encarnação sempre imperfeita de antigos sentimentos. O espírito humano de longe a longe acorda e procura *ajeitar-se* e de novo adormece numa nova forma que lhe encarne as aspirações. As almas que não possuem o *sentido do mistério* são as que vivem na sonolência das formas feitas, das encarnações clássicas.

As almas verdadeiramente religiosas são as criadoras eternas dos novos símbolos, sempre e continuamente modificados, porque, como diz Jean Jaurès, o problema do Infinito levanta-se sempre por inteiro diante de cada ser.

Por isso os poetas exclusivamente sociais só procuram nas tradições a emoção da saudade e da evocação de passadas belezas, são os conservadores das formas. Os outros são os criadores dos novos valores e os conservadores dos tradicionais através da acidentalidade variável da forma. Os poetas humanos com mais facilidade caminham para o verbalismo. Os poetas cósmicos não podem caminhar no sentido da imitação verbalista; antes do fim do primeiro verso, estancada a fonte da emoção, fugiriam do ridículo que os esmaga.

Ninguém pode resolver por conta alheia o problema do ser. Os poetas humanos são compreendidos por todo o homem culto. Os poetas cósmicos são compreendidos somente pelos seres que tiverem raízes no mistério. Os primeiros precisam das estrelas do céu para o colo das amantes ou para o encanto e repouso dos olhos humanos. Os segundos falam às estrelas e pressentem fré-

mitos fraternais por toda a imensidade do espaço, fervilhando de vida e de mundos. Os primeiros desempenham a função humana de conservação dos valores sociais, o amor, a amizade, a coragem, a dedicação, a lealdade, o sacrifício, etc. Os segundos a função transcendente de servirem de boca onde o Universo inteiro adquira voz e soluço, cante, grite, reze e prometa. Os primeiros levam a moral humana, a fraternidade dos homens, a sua justiça e a sua bondade. Os segundos fazem da moral a religião, e, insinuando-se no ponto obscuro onde pára a ciência e que a filosofia aponta, são uma nova forma de verdade e uma nova afirmação de novas e eficazes realidades. Uns levam o código do bem humano, os outros acendem consciências no Espaço; os primeiros fazem o balanço da moral e da beleza humanas, os segundos pedem contas ao Infinito.

Os primeiros têm, pois, menos ansiedade, confiam os problemas máximos, os interesses supremos à tradição religiosa. Os segundos, abrangendo o Infinito, sentem que a eles compete melhor parte dos interesses religiosos. Expliquemos.

A cultura humana é uma nebulosa em evolução.

Dela vão saindo elementos diferenciados, que nela residiam indistintos. Assim, a cultura primitiva, em geral religiosa, contém imensas virtualidades que vêm à plena florescência com o acréscimo, desenvolvimento e diferenciação do saber. Com as diferenciações continuadas, algumas formas de cultura vão desaparecendo, deixando os seus equivalentes. Como a evolução humana não é unilateral e rectilínea coexistem na mesma época e na mesma sociedade individualidades com a cultura indiferenciada e individualidades onde já se deu a diferenciação da cultura.

Daí a existência de antagonismos e lutas, porque os da cultura indiferenciada não sabem medir o valor da realidade e o campo de acção de cada um dos elementos diferenciados da cultura.

Assim, aplicam à arte como à ciência um mesmo método em cujo sincretismo se amalgamam os legítimos processos da arte com os legítimos processos da ciência. Assim ainda na nossa sociedade aparece uma religião como a base da cultura, ao lado dos elementos diferenciados que são a ciência, as artes, a moral e a filosofia.

Esses elementos delimitam-se e determinam-se os lugares respectivos e o justo alcance. Passa-se do confuso sincretismo original a um arranjo sistemático e coerente. A nebulosa desdobrou-se, deixando, como equivalente especulativo, a ciência, a moral e

a filosofia. Especulativo prático a ciência e a moral, especulativo puro a filosofia. Como equivalente emotivo ficam as artes. À literatura e outras artes pertence, pois, dar o equivalente emotivo das religiões. Com a diferença de a literatura entrar pelo domínio especulativo, procurando, depois de atendidas as outras formas da especulação, achar pela simpatia (que é o método indicado para penetrar a essência) as hipóteses metafísicas de maior verosimilhança e beleza.

Para que assim não acontecesse seria preciso que alguns dos elementos escorraçassem os outros, ou que houvesse uma lei de progresso humano, que fosse fazendo a eliminação de certas necessidades. É o que afirma Comte com a lei dos três estados. Essa lei é falsa e a demonstração da sua falsidade não nos permite fazer também desaparecer a primeira hipótese.

Comte confunde a evolução do espírito humano com a evolução do espírito científico. O que diz do espírito humano é verdadeiro só do espírito científico. E os homens de ciência ou têm consciência dos limites e da obra de abstracção e deformação da ciência ou, não tendo consciência do valor da sua obra científica, atiram-se ao *absoluto* com as suas realidades e categorias científicas.

É, pois, falsa a lei porque, *de facto*, só há homens de ciência destas duas espécies metafísicas.

E em nenhum deles se dá o caso de um elemento expulsar os outros, mas apenas o caso de um *feitio* de espírito, adquirido pelo hábito dum trabalho mental exclusivo, se alargar para fora do domínio próprio. Não há supressão de problemas mas falsificação das suas soluções pelo abuso de métodos exclusivistas. A ciência não exclui a arte. Quanto mais diferenciada, mais carece dos correlativos filosóficos e artísticos. A missão dos poetas atinge na sua unidade um duplo fim, o de lançar hipóteses metafísicas e exaltar a alma à coragem do dever, ao ardor da beleza e ao amor da verdadeira vida.

—

E agora não me sobra espaço para falar do livro *A Morte da Águia*. Também era para mim o mais importante justificar o poema e a poesia que se chama panteísta e que eu prefiro classificar de paganismo transcendente. O poema é nessa corrente de *paganismo espiritualista* que constitui hoje a mais alta manifestação da

nossa poesia e que é representada por Junqueiro, Teixeira de Pascoaes, Correia de Oliveira, Lopes Vieira e o iniciado Augusto Casimiro.

Na poesia destes predomina o enternecimento contemplativo, a interioridade comovida. São orações e deslumbramentos mudos.

Neste poema predomina a vida heróica da acção e da luta. Todo o poema é um clarim de guerra que se desentranha em gritos de audácia e vertigem.

É o primeiro legítimo poema heróico das modernas gerações literárias. A encarnação dos grandes ideais de justiça, de beleza forte e indómita, o delírio do heroísmo, a vertigem da loucura dos grandes gestos de resgate, o frémito das alvoradas que se lançam de alto à contingência da luta por virtude duma crença a afirmar, da esperança duma nova beleza a resplandecer, tudo vibra numa apoteose de força e exuberância. A alma é exaltada e as existências estagnadas são abaladas por genésico vento, que as ergue a loucuras e arrojais imprevistos.

A Águia simboliza a força dos que não hesitam e se oferecem em sacrifício à verdade e à beleza. Eles alimentarão a Luz, onde vivem a eternidade da glória. Tão alto se elevam na Vida que esta os não deixará desaparecer. Eles serão o coração da Vida, eterno sedento e eterno vitorioso. O valor do poema como hipótese metafísica é grande. A metafísica do espaço como corolário da metafísica do Ser (Deus e criação) que aparece na Tempestade é notável. A tentativa de revelar pela emoção simpática a vida da árvore trágica é duma grata felicidade. Mas não há mais espaço. É um poeta com um profundo sentimento do mistério e um entranhado amor à Vida grande e forte. Os seus versos são como lufadas dum vento tombando do alto da Montanha com o sabor saudável dos pinheirais e a impetuosidade bárbara das torrentes.

Lixa.

(*A Pátria*, Porto, n.º 325, 25 de Setembro de 1910.)

Tolstoi

Não é possível discutir os múltiplos aspectos da personalidade de Tolstoi em minguado artigo como este.

Seria preciso encará-lo como filósofo, como artista e como santo. Olhá-lo sob o ponto de vista determinista, no que tem de determinado e no que tem de determinante.

Ele foi essencialmente uma alma religiosa. A sua arte, a sua filosofia e a sua vida gravitam em volta da sua religião.

A sua arte, a *que ele realiza nas suas obras*, é viva, concreta, profundamente psicológica e moral. É o mais grave e sério conhecedor das realidades subjectivas. Ele, que continuamente faz a sua auto-educação moral, conhece *dolorosamente* a vida das realidades interiores.

A sua filosofia perde a noção das contingências e relatividades fenomenais porque a sua filosofia é um pragmatismo moral, a que, de salto, o filósofo chega pela angústia e pelo amor. — Quer isto dizer que Tolstoi foi um filósofo medíocre, como por aí se afirma? — Não. Ele não foi um filósofo medíocre, ele foi um santo, que viu o único valor da vida na bondade, e nela, *nesse absoluto*, se colocou sem querer saber das necessárias adaptações do espírito à matéria. Não ignorou realidades objectivas, desprezou realidades objectivas pondo sempre os olhos no Bem. O mundo é, estaticamente considerado, um compromisso entre o Diabo e Deus. Dinamicamente, é uma luta entre esses dois imensos poderes. E, como Deus tem de ser infinito¹, o Diabo será uma criação de Deus. Queda de uma consciência pela culpa, ou falta de mérito —

¹ Stuart Mill concebe Deus como impotente. É o que diz o empirismo, é o que nega a razão. *Ex nihilo nihil*.

solução católica. Criação do Mal por Deus para desenvolver a sua infinita actividade de amor — solução de J. Jaurès.

O seu pragmatismo moral mostrou-lhe a verdade como uma forma do Bem. O objectivo absoluto é, por si, inútil e desprezível. A ciência é, como uma máquina, só por si uma inutilidade. A máquina precisa quem a dirija e sob o governo do Bem. Sem isso será inútil ou prejudicial. A ciência igualmente será sem a direcção da consciência moral inútil ou nociva. Só vale como instrumento da consciência moral. De aí os paradoxos do Santo sobre o progresso e a civilização.

A sua vida é uma contínua ascensão para o Bem. O valor das coisas mede-o a quantidade do seu amor intrínseco. Deus seria o amor infinito, isto é, o Redentor Universal. As almas aproximam-se de Deus pelo seu avanço nos Domínios do Amor. Tolstoi desceu a todos os abismos do sofrimento, subiu, por isso, todas as cordilheiras dessa Terra de Amor. E, do Alto desse Himalaia sombrio e trágico, ele olhou a face da vida. Por isso ele atingiu o maior valor. Porque, se o pico Evereste domina as nuvens, a consciência de um justo domina o Infinito.

Matosinhos.

(*Límia* — Revista Mensal Ilustrada de Letras, Ciências e Artes, Viana do Castelo, série I, n.º 3, Dezembro de 1910.)

Sobre educação

I

A educação dá a medida da liberdade humana. Todo o educador encontra na sua frente um *dado* irreduzível constituído pela herança e pela anterior adaptação. Se nesse dado entram elementos psicológicos dominadores ou apenas elementos fisiológicos condicionando, mas não necessitando a vida moral, é um problema que, por agora, afastamos.

É todavia certo que todo o homem culto possui, além da vastíssima herança do seu passado biológico, a riqueza duma determinada tradição histórica e da tradição da cultura humana.

Com o homem aparece na vida uma nova forma de herança — a memória da cultura. A herança animal é necessitante e orgânica, inscreve-se no indivíduo em caracteres anatómicos; a herança humana condiciona apenas; sem ser necessitante, inscreve-se na língua, na ciência, na filosofia e na arte. A forma de herança humana mais próxima da herança animal é a tradição religiosa. Essa, sem inscrever nos caracteres anatómicos do indivíduo os seus dogmas e ritos, constitui pelo seu automatismo mais uma *dressage* que uma educação.

Ainda nela há, contudo, uma certa liberdade, como o demonstra o facto do seu progresso, ou antes, da sua evolução. É, pois, a educação justificada como forma transmissora das conquistas da cultura humana. Ainda quando a herança sociológica fosse necessitante, como o é nas sociedades estagnadas, o seu necessitarismo seria apenas de ordem social e não biológica.

De facto, nas nossas sociedades a educação transmite, *mas seleccionando*, a cultura da raça e da espécie. Ela é, por isso, a medida do alcance da nossa liberdade na determinação do futuro. É costume dizer-se que uma educação faz um povo e é também costume responder-se que um povo faz uma educação.

Ambas as afirmações são verdadeiras. Um povo é um complexo de tradições, portanto de ideias e de sentimentos. Um povo é também um complexo de aspirações, por isso mesmo que é um complexo de ideias. De forma que, num povo como num homem, há sempre uma dualidade entre a parte do carácter que é a objectivação do passado e a parte do carácter que é a antecipação do futuro. Por isso a educação depende da tradição mental do povo e faz a transmissão e enriquecimento dessa tradição. O progresso humano faz-se por via de múltiplos factores, entre os quais, como diz Tarde, a invenção (prefiro elaboração selectiva) de fórmulas e verdades novas pelos homens superiores e a imitação pela maioria. Dentro desta sintética fórmula a educação será constituída pelo conjunto de processos capazes de darem à maioria as invenções do passado (antecipações do futuro) intencionalmente dirigidas para a construção do futuro. O problema da educação é, pois, o problema de transmissão da cultura. Ele tem três aspectos. A escolha dos elementos essenciais da cultura — *aspecto filosófico*.

Processos de transmissão desses elementos — *aspecto pedagógico*.

A pedagogia tem de atender às leis gerais de psicologia que lhe fornece os meios e à moral que lhe determina o fim. Esta é pedagogia geral. Na aplicação atenderá às características psicológicas individuais e à moral prática, que, deixando a virtude teórica, perfeição, etc., olhará à possível perfeição e virtude de cada educando.

Os factores da educação apresentam o *terceiro aspecto*. São a família, a rua e a escola. Qualquer destes factores pode actuar por acção directa ou por *acção difusa*, na feliz expressão do ilustre escritor José de Magalhães.



A escolha dos elementos essenciais da cultura é um problema em cuja discussão é difícil conservar a imparcialidade serena que é precisa à análise filosófica. Interesses de toda a espécie se conjugam para que se complique e desvirtue a verdade.

Em primeiro lugar os interesses económicos exigindo que a instrução deixe a sua verídica missão de *processo* educativo, voltando-se em instrumento de imediata e exclusiva adaptação à vida económica. Ela seria somente um meio de ganhar o pão e por aí

se quedaria o seu destino social. Isto é o que alguns chamam educação utilitária.

Há aqui acanhamento e audácia. Acanhamento de horizontes intelectuais e audácia revolucionária. A cultura humana é de facto prática, mas é-o por *surcroît*.

A ciência é o prolongamento gigantesco da enxada e da charua. A filosofia é o complemento da ciência. A arte é o prolongamento transformado dos primitivos *tónicos* da acção. A ciência responde às necessidades do homem; unicamente as necessidades do homem se espiritualizaram e, de imperiosamente animais e instintivas, se fizeram reflectidas e *discutidas*. Com a ciência o homem deixa de ser escravizado ao presente para poder *especular* e *viver* no futuro. A ciência é desinteressada. O homem começa a fazer ciência, quando deixa o raciocínio emotivo, prático, pelo raciocínio lógico, teórico.

O primitivo pensamento animista, semeador de religiões, diferenciou-se, dando uma forma de pensamento desinteressado e imparcial, que é o raciocínio científico. A ciência não corresponde às necessidades imediatas da sensação, mas à elaboração superior, à necessidade *nova* de coerência e elegância lógicas. A utilidade imediata desvia a ciência do seu fim, que é abstracto e teórico. Por isso a cultura científica não pode ser sujeita à utilidade prática, mas sim, como é a dependência verdadeira, a utilidade à ciência.

O estudo das literaturas e da história é quase ou totalmente eliminado por esses utilitários, que se julgam na vanguarda do progresso. É ainda um erro.

Abstraindo, por agora, do valor pedagógico intrínseco desses representantes da cultura, é ainda imenso o papel educativo das literaturas. A ciência resultou, como vimos, dum profundo trabalho de elaboração e teorização. O pensamento humano permaneceu e permanecerá emotivo e prático; o pensamento científico é impessoal, teórico e abstracto. De modo que a educação estritamente científica, desprezando essa parte *viva* do espírito humano, produzirá isolada ou conjuntamente dois efeitos perniciosos. Ou o pensamento científico se apodera de toda a vida mental e, empobrecendo o espírito, o deforma; ou fica essa parte da alma humana profundamente separada da outra e, estando de um lado a ciência e de outro a Vida, as exigências da Vida produzirão a indisciplina e confusão mentais. Ou o sábio, monstro de gabinete, sem alma, sem amor e sem afectos; ou o homem duplo — lógico no seu gabinete de estudo, pré-lógico, supersticioso e inconsciente na rua.

Nas literaturas vivem todos os sonhos e aspirações humanas. Todas as experiências de sentimento aí aparecem: a curiosidade *nova*, o amor, o enternecimento, a audácia.

A alma arrastada para a rigidez e secura das abstracções científicas precisa tomar contacto com a vida real, de sorrisos e lágrimas, de amor e sofrimento, de dedicações e heroísmos. Que monstruoso homem esse que aí passa ruminando fórmulas e esquecendo a vida!

Se dá alegria e facilidade intelectual saber classificar uma planta, quanto mais não vale poder sentir-lhe a beleza, o inebriamento de perfume, adivinhar-lhe o sentido oculto, as palpitações intranhas (α)!

E tudo isto é economicamente inútil, mas tudo isto é moralmente sublime.

A educação deve dar o homem a si mesmo, envolvendo-o de claridade interior; dá-lo à família pelo enternecimento, à humanidade pelo amor, ao Universo pelo deslumbramento e pelo sacrifício. Partindo de si, o homem deve abraçar todo o Universo.

Ser a boca onde todas as dores venham cantar; os olhos onde todos os sofrimentos venham chorar lágrimas de piedade e ternuras universais.

(*A Águia* — Revista Quinzenal, Porto, ano I, 1.ª série, n.º 1, 1 de Dezembro de 1910.)

II

Continuamos no problema da escolha dos elementos essenciais da cultura humana. A cultura humana tem manifestações muito diferentes. Se esses modos constituíssem um todo harmonioso e sistemático, fácil seria achar a solução do problema. Mas tal não acontece. Todos conhecem as inimizades da ciência e da religião, a luta pela hegemonia entre a ciência e a filosofia, a recí-

(α) No presente contexto e no conjunto da sua obra, Leonardo Coimbra usa algumas vezes os adjectivos «intranha», «intranhas», «intranho», «intranhos». Trata-se de neologismo que ele usa no sentido de «entranhado», «íntimo», «essencial», ...

proca má compreensão da ciência e da arte. É, por isso, preciso um critério para avaliar dos justos direitos de cada ramo de cultura. Esse critério está na experiência. Só esta pode resolver acerca do domínio dum modo de cultura sobre o outro. O real é dado à ciência como sua posse exclusiva? A experiência ética, estética, afectiva, etc., protestará.

A realidade é confiada à religião? A autonomia da razão e da consciência não o permitem.

Pretende a arte o destino de única reveladora do real?

A afectividade reduzida, sem ideias nem conceitos, ao vago sentimento cinestésico morreria à míngua de luz e pão.

Se a experiência fosse redutível a uma fórmula, nessa fórmula estava o procurado critério. Mas a experiência não é, nem pode ser, contida numa fórmula. Sempre essa fórmula, quando perfeita e completa, apenas seria a elaboração da realidade actual, presente à consciência elaboradora¹. Se, por exemplo, fosse verdadeira a lei dos três estados, achada estava a essência da cultura — a positividade científica. Mas, que o não é, está de sobejo demonstrado por motivos tirados da teoria do conhecimento e pela experiência. Assim vemos que todos os criadores da ciência são metafísicos consciente ou inconscientemente. Ou ficam na dúvida inteligente, ou por um criticismo mais ou menos profundo acrescentam ao positivo científico a especulação metafísica, ou por inércia mental entram na metafísica materialista imanente aos métodos científicos modernos. Os modos da cultura permanecem de pé, presentes, sem que um consiga expulsar os outros.

Apenas, em indivíduos isolados, eles se isolam, desaparecendo uns com a hipertrofia de outros. Assim, há sábios que perdem o sentido da arte, como Darwin. Ele o afirma e lamenta.

São indivíduos monstruosos, embora, por vezes e excepção², sejam elementos progressivos e de valor. E para seres de excepção se não estuda a obra educativa.

O que é preciso é achar um equilíbrio móvel entre todos estes elementos. Dar ao homem a máxima riqueza espiritual dentro da mais perfeita harmonia. Todas as formas da cultura correspondem a necessidades substanciais do homem. A ciência à sua necessida-

¹ Não se pense que damos razão ao cepticismo supondo a verdade coisa subjectiva. Esta consciência não é individual, é humana.

² Os grandes sábios foram os grandes filósofos e até, por vezes, os grandes artistas.

de de saber e poder, a filosofia à necessidade de saber e unir, a arte à necessidade de se comover e amar, a religião à necessidade de se sacrificar e crer.

E para que todos estes modos se não contrariem, é preciso colocá-los em presença e mútua dependência. Porque a religião quis, com as suas categorias de conhecimento, criadas ao calor das suas experiências, exprimir todo o real, é que a ciência agredida nos seus justos direitos se levantou a reclamar. Porque *uma* filosofia quis um dia *deduzir* o Universo, a ciência a chamou à ordem, lembrando-lhe a realidade. E, esquecendo que falava a *uma* filosofia, teve a ilusão de ter condenado a filosofia, ficando de posse exclusiva do campo especulativo. Destes embates tem resultado o conhecimento mais claro do que a cada um compete.

Assim a religião sabe hoje que só lhe pertence da experiência um aspecto em absoluto estranho à ciência. É o aspecto dos valores. Às experiências religiosas pode ainda pretender o psicólogo, mas só poderá estudar as hipotéticas leis do seu modo de ser psicológico, nas suas relações de associação, sucessão, dependência, etc. Mas o *valor* desses modos de ser é puramente uma questão religiosa. Nisto a autonomia da religião. Agora a sua dependência e correlação com os outros modos de cultura. Estando o problema religioso na relação entre o valor e a realidade (Höföding), é aquele dependente desta. Assim depende a religião da ciência e da filosofia, porque é, sobre e ao lado da ciência, que a especulação filosófica formula a realidade. Aqui o centro de gravidade da questão religiosa. Se a realidade entra no problema religioso, depende este da ciência e filosofia.

E não se diga que há outros meios de conhecimento além destes, como a revelação. A revelação tem ainda de ser *julgada* para se saber por que inequívocas maneiras se assinala. Ora julgar é sempre filosofar. A atitude religiosa depende da realidade, isto é, da ciência e da filosofia. Por isso ou se recebe de olhos fechados uma ciência e uma filosofia e então pode-se caber dentro duma Igreja; ou se procura a verdade, e então cada indivíduo para ser religioso tem de criar a sua religião, porque ela depende dos *seus* valores e da realidade, cujas últimas hipóteses têm de participar do individualismo.

Cada indivíduo é, sob este ponto de vista, uma mónada. Nele actua todo o Universo e ele é um espelho original e inconfundível, onde o Universo se olha. A atitude religiosa é a de mais responsabilidade, por isso que envolve todas as outras. O sábio olha o mundo da percepção e ordena-o, o filósofo olha o mundo do

sábio dentro do Universo e reflecte. Reflecte e as mãos erguem-se-lhe em adoração, em júbilo, em resignação, em revolta, em esforço. Crê na realidade dos seus valores, é optimista. Duvida e abandona-se, é céptico. Crê na impossibilidade do bem, é impotente e nega-se. Duvida do Mundo mas crê em si, é herói e dá-se em amor à angústia, em consciência à sombra, em sacrifício ao sofrimento.

Para ser religioso, isto é, para unir o eu com o Universo, para colocar a consciência no Infinito é preciso ser sábio sem ser escravo da ciência, filósofo sem ser escravo da filosofia, simples sem ser escravo da ignorância, bondoso e humilde sem cálculo, regra ou prevenção. E como traduz a religião esse estado emotivo do eu em contacto com o Infinito? Pelas artes. O primeiro sentimento religioso é o do sublime. O sentimento do sublime é o desvairamento, o assombro perante o Infinito. Não sentimento de pequenez perante o grandioso; então seria sublime a vergonha.

É o sentimento da nossa virtualidade de grandeza actualizando-se, o sentimento *material* do nosso crescimento intrínseco, da nossa co-participação e cooperação numa ordem de coisas acima do trivial.

Onde a expressão desse sentimento? Na poesia, na pintura trágica, na música e na escultura dinâmica.

Quem não conhece o Sátiro, quem não conhece a resignação trágica do Hugo pai, conformando-se com a realidade *essencial*, pedindo apenas a Deus que o deixe chorar a filha?

E o Críton?

Já se vê como na Religião convergem todas as formas de cultura. Como só elas permitem ser-se verdadeiramente religioso. O resto é superstição, fanatismo, empobrecimento, mutilação da Vida. Se todas as formas da cultura convergem não o fazem por virtude própria, mas por acção da ansiedade de unidade interior que é permanente no homem. A ciência não lhe basta. Estuda apenas as relações fenomenais das coisas. Quando Leibniz procura fundir o finalismo com o mecanismo é, a despeito do seu imenso génio, impotente. Tudo se resume em postular um optimismo radical, que em nada modifica o necessitarismo das criaturas ¹[3]. A sua noção metafísica de força que opõe à quantidade de movimento de Descartes é igualmente mecânica e a *tendência* é-lhe

¹ Os possíveis são realizados pelo grau da sua perfeição.

acrescentada empiricamente. A ciência é uma elaboração de percepção, procurando eliminar o sujeito e a espontaneidade criadora. A filosofia introduz o sujeito, o Universo inteiro em vez de sistemas isolados, as suas relações recíprocas, e a duração concreta. A arte permite eternizar por modelos sempre presentes e vivos todas as virtudes e entusiasmos.

As formas de cultura são precisas ao homem e em todos os períodos da sua vida. Sempre o homem observa e pensa, pensa e reflecte, sente e aspira, ama e crê? A experiência *actual* será sempre o ponto de partida para definir a atitude científica, filosófica e religiosa de cada um.

Em cada ciclo (que em si devem fazer um sistema que se baste) deve o educando poder dar-se uma unidade de vida interior móvel e progressiva. Sobre certa experiência que tiver, por si ou descrita pelos outros, possuirá ciências.

Sobre essas ciências e experiência que fora destas ficou, reflectindo, há-de criar noções filosóficas. Com esta luz examinará a experiência moral e, partindo das virtudes humanas, irá subindo à noção de virtudes cósmicas, por legítimas hipóteses ou crenças. Só assim será livre o homem. A alma humana é feita de heroísmo e só na audácia de especulação e da acção pode viver livremente.

(*A Águia* — Revista Quinzenal Ilustrada de Literatura e Crítica, Porto, ano 1, 1.^a série, n.º 5, 1 de Fevereiro de 1911.)

Estudantes e operários

Dois motivos psicológicos aproximam o estudante do operário. O estudante é irreverente e idealista. Por isso facilmente acolhe todas as ideias generosas. É irreverente e revolucionário, quando tem independência mental. O estudante conservador ou o é por escravidão mental ou por vício de moralidade, que o leva a conceber a vida como um complexo de transigências e adaptações.

E isto tem uma natural explicação. A evolução do homem vai-se fazendo à custa de ideias e palavras, incompletamente assimiladas. O seu espírito vai-se movendo dentro de certas fórmulas passivamente recebidas.

Quando um dia começa o trabalho original de pensamento, todas as fórmulas e ideias recebidas se discutem, e uma febre de demolição se apossa do espírito rebelde e individualista.

É a personalidade que aflora, reclamando o seu lugar na vida.

Então o espírito percorre vertiginosamente a vida, indaga, observa e julga. E o mesmo motivo de originalidade e individualismo, que leva o jovem a procurar a interioridade de todas as coisas e perder o respeito pelo preconcebido, lança o espírito sobre o mundo, modelando-o e refazendo-o segundo os seus planos de beleza e justiça.

Não há estado de espírito mais simplificador e simplista que esse por que passa toda a personalidade que, com certa originalidade e independência, se organiza. O espírito é então uma torrente de desejos e aspirações que, contornando tudo, a tudo dá a forma material e moral mais bela e harmónica.

O mundo é refractado através dos desejos e sonhos dum espírito *omnipotente*.

É preciso para a Beleza, para a Moral e para as utilidades sociais que essa idealidade não seja hostilizada pelas brutalidades da vida. Não é o que hoje acontece, encarregando-se a Escola de

matar essa idealidade, mãe da bondade e da beleza. Porque é simples e idealista o espírito da mocidade, facilmente ele acolhe as palavras de justiça e amor, que o sofrimento clame.

Falo da mocidade natural, não dessa mocidade derreada e sorna que povoa, em esmagadora maioria, as nossas escolas.

O jovem respeita pouco os preconceitos sociais e ama muito a vida. Por isso o seu coração se inclina para os esfomeados de pão e amor.

Todo o estudante, não imbecilizado, não reduzido ao psitacismo absoluto, é um amigo dos que trabalham e sofrem.

Basta orientar as inclinações espontâneas desses espíritos. Formar associações de estudantes e operários, onde se permutem sentimentos e ideias. Os estudantes irão levar ao operariado os frutos da cultura humana. Os operários darão aos estudantes o exemplo da grandeza moral da sua humildade, fecundadora de todo o progresso. Uns ensinando o que os homens pensaram, outros ensinando o que os homens sofreram e sofrem, hão-de fazer, de mãos dadas, a religião nova do esforço, do sacrifício, da fraternidade.

Procurem-se e abracem-se. Há muita ternura no coração dos homens, e as dádivas do amor aumentam ainda essa bondade. A bondade não cansa, nem se esgota. Cada vez se alarga em mais íntimos abraços, sempre envolve a vida em mais fraternais carinhos.

(*A Alma*, Porto, ano 1, n.º 2, 5 de Dezembro de 1910.)

Carta

A uma companheira de viagem

Minha Senhora:

V. Ex.^a vai achar extravagante, muito extravagante, esta carta. Contudo poucas vezes há-de ter ouvido falar com tamanha seriedade e sinceridade. Venho pedir-lhe que continue a aquecer estas manhãs de nevoeiro e tristeza.

Ainda a noite me veste com a sua sombra, com a sua melancolia e entorpecimento; já a V. Ex.^a a envolve a aurora com claridades enternecidas e amigas. Vejo-a através do nevoeiro e do fumo, e V. Ex.^a é branca como a estrela de alva. Olhamo-nos de longe, sem intenção e sem pensamentos. V. Ex.^a brilha, eu ilumino-me. Como é linda a sua touca de brancas nuvens!

.....
Mas as estrelas são longínquas, é a distância que as produz. De perto seriam labaredas disformes e horríveis.

Permaneça, pois, minha senhora, longe de mim e da minha vida. Para que nos aproximáramos? Eu tenho uma mulher que amo. É original, não é verdade? V. Ex.^a tem certamente pequenos defeitos na pele, qualquer pequenina miséria de alma, cuja presença há-de desajeitar-lhe a linha do corpo. Para que fazer secar esta fonte de Beleza, que é o nosso conhecimento vago através dos vidros das nossas carruagens?

Eu viajo sempre no primeiro carro, V. Ex.^a no segundo. Que bom é sentir o mistério dos seus olhos suaves como as carícias longínquas dos astros! V. Ex.^a já pensou no misterioso estrelecimento que lança o olhar da lua no coração do Mar? Não acredita na explicação newtoniana, pois não? Olhe: é assim, como isto que se passa entre nós. O seu olhar *desce*, envolve-me, e a

minha alma oculta, aquela alma onde dormem os segredos dos mundos, vai subindo em sonho, em irradiação, em amor. Sob o seu olhar interpreto a paisagem, acho um sabor sideral à vida, vou ouvindo na intimidade do meu *eu* (?) *inéditas* recordações.

Lembro-me tão enternecidamente da minha infância! Que profundo mistério, este dos seus olhos virgens me levarem o espírito para as recordações de criança!

.....
Embebido nesse olhar suavíssimo vou recordando:

O sabor novo e para logo perdido da primeira comunhão com a Natureza... Era num inverno, na mais formosa aldeia do mundo (que a minha aldeia é a mais bela de todas). O sol abraçava o corpo frio da terra, branca de neve, como era então a minha alma. As árvores nuas pareciam adormecidas ou mortas. Eu corria sobre a neve, quando *ouvi, nitidamente ouvi*, bulir a alma dum castanheiro. Então, dobrado num assombro, senti-me crescer, crescer muito e a um impulso interior, desvairado e sem sentidos, correr liquefeito, intérmino pelo horizonte silencioso e diáfano...

Embebido nesse olhar suavíssimo, vou recordando:

Perdi a pureza, a virgindade, a fluidez. Fui petrificando nos moldes em que os homens me comprimiram. O meu coração encheu-se de sentimentos adaptativos e artificiosos. Esqueci a natureza para me amoldar aos homens. Mas o rio da vida, sob a estéril penedia das lições dos homens, humilde, ia correndo sempre. Um dia tive uma maré de alma; de novo à superfície subiu a ternura e a bondade. E desde então num deslumbramento continuado eu tenho vivido!

Embebido nesse olhar suavíssimo, vou recordando:

Como se fez a minha ressurreição? Foi ainda o Amor. Tudo no Universo é obra do Amor. E os olhos duma mulher são sempre os pórticos que o Amor rasga para dar entrada no Mundo. Apareceu-me Deus debruçado nos olhos duma mulher. E aquele Deus não era o todo-poderoso mas o todo-piedoso; também ele sofria, também ele tinha coração, também ele tinha o seu calvário. Calvário eterno — vitória eterna do Amor? Não sei. Sei que me apareceu um irmão de sofrimento para quem corri de braços abertos e coração em chama. E fiquei a sentir uma infinita piedade por todas as cousas, a palpar um universal delírio, um recôndito balbuciar de lágrimas...

.....

Embebido nesse olhar suavíssimo vou pensando:

Não nos aproximemos. Para quê? Deixando as almas em colóquio, afastemo-nos. O Amor sabe puros caminhos espirituais. As almas vivem embebidas no Mistério. Que o Amor as guie; sob os seus passos brotarão estrelas e sorrisos.

V. Ex.^a nunca teve uma boneca? Lembra-se da felicidade com que a sentia viver e animar-se dos mais delicados sentimentos? Compreende agora como isso era preciso ao desabrochar dos seus afectos e dos seus instintos? Pois, minha senhora, a vida é uma fonte inesgotável de Beleza. Basta não a querer-mos tornar enfadonha e má. O maior mal da vida é o vício da lógica. Raciocinar é tirar ao coração muita frescura, muita saúde e muito amor. V. Ex.^a vai já pensar que, se amo outra mulher, não devo receber da sua presença felicidade e alegria. Mas eu não a amo, nem a quero amar. Ou antes amo-a, mas amo-a noutra mulher. Na mulher que amamos, amamos o Universo inteiro. E para que os lábios da mulher amada nos digam todo o sonho disperso, toda a humildade, toda a dor e ansiedade do Universo, é preciso que o nosso coração tenha inundado todas as cousas e delas tenha recebido toda a beleza interior, toda a bondade latente.

Talvez V. Ex.^a me não compreenda. Conhece o *Desterrado* de Soares dos Reis? Se conhece há-de ter sentido que há naquela tristeza alguma coisa para além da saudade da pátria. É a saudade metafísica, o exílio do homem dentro do mundo. Sim, minha senhora, o homem é um eterno exilado. Lembra-se do abandono do *Homem que Ri*, quando criança, no deserto da praia e na sombra da noite? Eis a tragédia do destino. O homem é um solitário, um abandonado no Cosmos.

Aquela triste criança corre sobre o gelo, clama, e em torno a sombra impenetrável e muda. Arquejante, sem forças, a mísera caminha cheia de assombros, e ninguém que responda às suas esperanças, nenhum seio que acalente a sua alma transida. Assim o homem caminha na vida universal, espalhando esperanças, lágrimas e promessas.

À sua boca que reza, aos seus olhos que admiram, ao seu coração que anseia nada responde no silêncio universal.

No entanto esse silêncio está cheio de vozes. A voz de todas as humidades rezando as suas imperfeições, soluçando as suas esperanças, radiando os seus sonhos. É a Beleza que assiste à criação. A Beleza é a encarnação do espírito. Por isso o amor encarna em Beleza.

Amar tudo é descobrir a beleza a tudo. O que me acresce em Beleza aumenta-me em Amor. Por isso este sonho ideal de Beleza, que V. Ex.^a fez nascer em mim, aumenta o meu amor.

Como preciso das flores e astros, eu preciso de V. Ex.^a para encher o meu coração de afectos que irei oferecer Àquela que, para mim, representa o Mundo.

Já vê V. Ex.^a como este nosso romance é sublime.

A um canto do Universo é V. Ex.^a uma fonte de Beleza para a minha alma sedenta. Eu devo-lhe muito, mas muito mais me deve V. Ex.^a O mendigo que, abrasado de sede e desgraça, encontre uma fonte que o dessedenta e alegre, oferece a essa fonte a suprema riqueza — a riqueza de se dar, a generosidade.

Seja, minha senhora, a Generosidade, a Emoção; eu... o sonho que passa e se inebria, se exalta e se engrandece.

Matosinhos, Dezembro de 1910.

(A *Águia* — Revista Quinzenal, Porto, ano 1, 1.^a série, n.º 2, 15 de Dezembro de 1910.)

Natal e Novo Ano

A vida helénica era fácil, harmoniosa e ágil. A inocência das suas almas desprevenidas prendia os gregos, com lúcidos e claros olhos, na admiração da Natureza. A Natureza era bela e simples. A proporção e a harmonia eram a sua lei. Eles eram fortes e aventureiros. Com facilidade a dominaram. Daí uma intimidade, um equilíbrio amigo entre o homem e a Natureza. Leis humanas governam todo o mundo. Este é o desenvolvimento natural da inteligência. Sempre os gregos são intelectualistas, e o seu intelectualismo procura sempre formas vivas e esplêndidas, que o encarnem. O seu determinismo é mais psicológico que físico, mas a sua psicologia é humana e serena. Apenas o *Destino* guarda um pouco do Mistério e, por isso, só o Destino causa e justifica a tragédia grega.

O cristianismo nasce dum movimento de profundidade. O homem desceu ao abismo da sua alma e viu a face duma nova vida. O antigo equilíbrio entre o espírito e o mundo quebra-se e ergue-se o espírito em frente do mundo. E, embora o cristianismo fosse logo afogado na onda do intelectualismo helénico, essa erupção da vida imediata fremente e invasora, tem-se prolongado até hoje e promete ser imortal. O reino do espírito aspira à realidade plena e gloriosa. Esse irracionalismo¹, quer dizer *essa nova realidade incomensurável com os conceitos existentes*, foi iludido pelo intelec-

¹ Irracionalismo opõe-se a intelectualismo. O segundo mede a Vida com inteligência. O primeiro declara a vida incomensurável com qualquer sistema de conceitos. Para o intelectualismo a realidade é o objectivo científico. Para o irracionalismo a realidade é a acção criadora: por isso conceitos, fórmulas, símbolos, etc., não são cousas intangíveis, mas somente valores cujo sentido a Vida garante, afirma e justifica.

tualismo ameaçado, que vestiu em dogmas e fórmulas racionais, *o inédito, o novo, o imediato*.

Sob o domínio do intelectualismo mais uma vez ficou a *liberdade*. Assim o Espírito, que surge no arranco de fazer do cosmos um reino espiritual, é ludibriado e fica ainda sob o domínio do cosmos, que se lhe opõe e o nega.

E é curioso o processo de que o intelectualismo se serve — o dos invisíveis. Transposto o reino do espírito para fora *deste* mundo, vencido estava o *irracionalismo*, que *deste mundo* queria fazer o reino espiritual. O motivo inicial do cristianismo foi apagado e esquecido; e, curioso mas necessário facto, volvido o cristianismo, *movimento de profundidade, irracional*, em doutrina intelectualista e imobilista. É o mobilismo da vida, continuamente criadora, que rasga a explosão do cristianismo. E é o imobilismo clássico que o recebe, e, integrando-o na tradição, o deforma e inutiliza.

O seu sentido original é cósmico, o seu destino original é cósmico; pois sentido e destino clássico ignoram, desprezam, o cosmos.

O cristianismo é uma visão cósmica mais profunda que o paganismo. O paganismo fica pelo descritivo dramático da natureza. Aqui e além aflora incompletamente o trágico ¹[2]. O cristianismo é a exuberância da vida interior, o vulcanismo do espírito, o abrir de amorosos olhos na noite do espaço e ansiosamente procurar a voz e o coração do Mundo. É então que o homem se erge e proclama a virtude. É então que o homem luta e decreta a *criação* da virtude. Eis a *liberdade!* ²[3] Ela só entra na vida pela porta do irracionalismo. Ela é a *criação*, nunca a poderá definir o já *criado*. Por isso a necessidade é obra do intelectualismo.

O intelectualismo define cada ser, fenómeno ou cousa em função dos outros seres. De forma que nada diz do modo intrínseco dos seres, mas somente das suas relações exteriores. Nos sistemas

¹ O trágico grego está na fatalidade inflexível. O desconhecimento do destino permite os presságios, a inflexibilidade do destino esmaga o homem. É o afloramento do pessimismo nas almas juvenis e robustas. Mas a verdadeira tragédia começa com o cristianismo. Só com este aparece a dúvida. O destino humano é estranho ao destino cósmico? É superior? Domina-o? Eis o problema dos valores. Com o cristianismo nasce a verdadeira tragédia — a tragédia shakespeariana «to be or not to be...».

² Só o irracionalismo garante a liberdade. Se a vida *excede* todos os conceitos *porque os cria*, como pode o intelectualismo abranger e limitar a vida? O irracionalismo é a própria liberdade criando conceitos e símbolos novos, mas incessantemente, sem repetição nem descanso.

isolados cientificamente são introduzidas certas qualidades originais inexplicadas, e, quando se quer a explicação dessas qualidades, recorre-se à definição em função de novas realidades exteriores.

Assim, com o recurso ao infinito, se ilude a dificuldade e se garante o intelectualismo.

As formas filosóficas do intelectualismo são o mecanismo e o positivismo. O materialismo reduz-se, já o demonstrámos em trabalhos anteriores, ao positivismo ou ao mecanismo. O positivismo faz do Mundo uma mescla incrítica de determinismos — determinismo mecânico, físico, químico, biológico e sociológico. O mecanismo reduz tudo ao determinismo mecânico. A ambos aproveita a discussão acima feita. Em nenhum cabe o mobilismo concreto da vida. Para o segundo acresce a redução ao absurdo pelo epifenomenismo da consciência. *Filhos do mesmo vício intelectualista*, eles testinham com o dogmatismo religioso a sua comum herança do pensamento helénico.

Como já dissemos, a erupção espiritual do cristianismo não morreu, apesar de afogada pelo classicismo intelectualista. As duas correntes vieram pela história fora — uma brilhante e aristocrata, outra apagada e humilde, criando sempre riqueza espiritual, estendendo sempre os domínios do coração e da virtude.

O irracionalismo, por vezes, irrompe mesmo dentro da Igreja e dá Francisco de Assis, Santa Teresa etc. As duas correntes encontram-se e procuram um equilíbrio móvel no mais opulento de todos os filósofos, em Kant. O mundo fenomenal é obra do entendimento e da sensibilidade. A espontaneidade daquele domina a receptividade desta. O mundo é obra da Razão edificando sobre a sensibilidade. Este modo de Kant, exagerado e separado da sua filosofia moral, leva o panlogismo de Hegel — *maximum* da especulação intelectualista.

O mundo fenomenal é, em Kant, integrado no mundo noumenal pelos postulados da razão prática. É a razão prática parte dum *dado irreductível e incontestável* — a presença do facto moral. É o irracionalismo vencendo e impondo como maior valor — a Criação, a Liberdade. O moderno mobilismo criacionista do paradoxal ¹[4] Bergson continua o movimento irracionalista chegado até Kant, e eleva-o a novas riquezas, a mais amplos horizontes.

¹ Bergson é o mais paradoxal artista e o mais profundo filósofo. Paradoxal, porque consegue dar o mobilismo em termos do imobilismo. Profundo, porque faz uma nova e colossal elaboração das aspirações irracionalistas.

A Liberdade é o dado imediato — a duração concreta. O nomeno de Kant é aqui a apresentação imediata; o fenómeno a representação mediata. Apresentação imediata — duração concreta. Representação mediata — duração refractada pelo espaço. O mobilismo tem também um representante especial e superior em J. Jaurès. Neste o mobilismo tem a forma duma Razão absoluta, porque é o mobilismo divino — é Deus que se faz uma infinita actividade de amor e por isso põe o mal para eternamente o vencer. É Deus o supremo e o perfeito herói.

Qual é então o verdadeiro sentido do cristianismo? É a *Liberdade*. Está fora do catolicismo e de todos os reformismos. Está actualmente na grande corrente bergsoniana do pensamento humano e está em todas as obras de amor, que criem ou aumentem os domínios do Espírito. A conservação dum Reino Espiritual, envolvendo e interiorizando o cosmos é o sentido original do cristianismo. O bailarino Zaratustra saltava, por cima da Moral, para o mar imenso e profundo da Vida. Muito bem. Somente o bailarino Zaratustra era ainda bovinamente burguês, imbecilmente escravo do passado. Esperava o «Retour Éternel»¹ [5]. O pobre Zaratustra era um impotente — não podia, não sabia e acabava por não querer criar.

Pois nós, herdeiros do verdadeiro cristianismo, temos o frémito dionisíaco, não da primavera que *volta*, mas da vida que *nasce*² [6] e se expande gloriosa e exuberante pelo espaço, pelos mundos, pela vastidão do cosmos. E essa expansão da vida nova é o Amor. O Amor cósmico, o amor perfeito, sem egoísmos nem

¹ Nietzsche é uma sensibilidade excepcional. Todas as dúvidas e tormentos da época o movem em delírio. A sua filosofia é uma autoterapêutica. É, por isso, ocasional e genialmente insensata. Ele é romântico e clássico; pretendendo ser irracionalista (ir além do bem e do mal...) ele é requintadamente intelectualista. O super-homem padece do mais plebeu de todos os vícios — o do racionalismo. Reduz o mundo ao atomismo (o mais gregário, velho e banal dos sistemas) e ele, o desprezador, o altivo, o *criador dos valores?!!* aguarda a eterna repetição da mesma monotonia, *alegre à força de loucura*.

² O passado não é desprezado, entra em novas sínteses. O irracionalismo é a vida espiritual, que procura, resolvendo antinomias e contradições, caminhar para maior harmonia e riqueza. O intelectualismo reduz o tempo a um eterno presente, à inércia dos conceitos. O irracionalismo integra o mundo dos conceitos no mobilismo concreto da vida. O problema do Infinito põe-se por inteiro a cada ser (Jaurès).

exclusões. O Reino espiritual existe na virtualidade do nosso poder criador. Ele existirá na efectividade das nossas obras de ternura e bondade. Natal? Natal contínuo e permanente da vida *nova* a sangrar dedicação, a estremecer de afectos! Novo ano? A Terra em novas paragens do cosmos a aquecer e a iluminar o Universo com as fulgurações do *novo* homem, intérprete de Deus, fecundador da vida!

(*A Águia* — Revista Quinzenal, Porto, ano 1, 1.^a série, n.º 3, 1 de Janeiro de 1911.)

O Poeta

Eu era na Montanha. Cerrava-se pouco a pouco a boca do homem e começava o murmúrio do Silêncio. Em baixo, perto e ao longe, uma névoa fina, casando-se com o fumo dos lares, envolvia a terra em sonho e recolhimento. Na Montanha começava o colóquio dos humildes. Junto a mim uma planta rasteira e anónima entregava o coração ao vento misterioso do crepúsculo. Estremecia dum modo singular, inquietante.

A Montanha concentrava a sombra nos flancos. Eu olhava e sentia correr em mim o tempo. Uma profunda tristeza, espessa, bem material, me apertava o coração. Ao meu lado uma árvore; que eu amo e, há muito, conheço no sofrimento; pôs-se a entornar sobre mim pesadelos de sombra. É um velho carvalho. Alto, contorcido, ergue os ramos convulsos na serenidade da Sombra.

As suas raízes são vagalhões petrificados.

Lá em cima a vida é rude. Há ventanias arrepiantes. Os seus ramos subiram a alturas onde os ventos insofridos ululam.

Por isso aquela árvore penetrou a montanha, espalhou sobre ela aquele cordame de raízes.

Procuro atinar com as falas do Silêncio. E é cada vez mais espessa, mais negra e material a minha tristeza. Sinto corações na sombra, diluídas ternuras, ignorantes amores que se buscam. E cada vez, mais materialmente, dentro de mim, sinto correr o tempo.

E começo a compreender as falas do Silêncio. Tudo soluça, porque tudo se fala no seio do Amor.

É na *Eternidade* que se tocam as criaturas mortais. Tudo o que morre quer afirmar a imortalidade do seu amor. Esta pobre natureza, que me cerca e eu beijo é, como eu, vítima do Tempo. E agora sinto correr o Tempo por sobre todos os amores e vejo o horizonte coberto dos cadáveres de tantos sonhos, aspirações e afectos. Esta anónima planta estremece inquieta, porque ao abrir dos lá-

bios para erguer a *palavra*, ao rasgar do coração para espalhar o Amor, responde a cegueira do Tempo, que apaga a palavra esboçada, que dispersa o amor iniciado.

E ela clama no misterioso, solitário espaço! Clama como um protesto e como uma súplica. E além, no despido aconchego daqueles lares, eu vejo mãos erguidas que imploram *eternidade*. Alguém dentro de mim responde a esses gritos de aflição, que pedem socorro.

Esse alguém é o Poeta. Olhos incendiados, coração em pura chama de amor, ele caminha, soberbamente glorioso e triste. Ele, só ele, sabe extrair a eternidade ao instante. Ele vai dizer a todas as cousas mortais que há eminências, que dominam o Infinito. E, no seu coração e por virtude do seu amor divino, as coisas efêmeras se voltam imortais.

A eterna presença das grandes virtudes, das grandes dolorosas experiências, o Poeta a realiza.

Sufrimentos humanos, esperanças humanas, ansiedades humanas o Poeta as torna permanentes na vida do homem. Os valores morais não se perdem na humanidade, porque sempre o coração do Poeta os recebe para os eternizar. Não se perdem no Infinito? Ainda o Poeta os ergue às eminências sobranceiras, dominadoras de Deus. E ou a verdade última do Universo é um sarcasmo, ou na *eternidade plena* coloca o Poeta todas as obras do Amor.

Ser Poeta é eternizar o instante, é fazer da vida um contínuo deslumbramento, um permanente convívio com Deus. Deus onipotente? Se a nossa razão é uma mentira, pode Deus ser impotente, incompleto.

Se não é a nossa razão um ludíbrio, é Deus a plenitude infinita. Mas sempre o Poeta é divino, porque nos exalta, nos eleva, nos sublima. É ele o ponto de contacto da nossa pobre alma quotidiana com a nossa *efêmera* alma sublime.

E é indiscutível a existência duma realidade espiritual para além e por cima da humana realidade consuetudinária. Perfeita, infinita? Mistério. Mas no mistério vivem as almas e, sem ele, impossível seria a existência. Não o mistério sombrio do Destino, mas o claro mistério da inesgotabilidade do Amor.

E no mistério o Poeta canta, e, no mistério, se eleva luminosa a sua fraterna oração de piedade e amor. O Mundo sem mistério é absurdo; seria um todo acabado e perfeito, não seria o Mundo, mas Deus. A objectivação completa seria o aniquilamento da alma, a dispersão absoluta.

Na fluidez do mistério é o seio inesgotável de amor, onde as almas se alimentam; onde a virtude, o esforço, a perseverança mergulham raízes de sofrimento para erguerem as flores da fraternidade e da candura.

Nesse oceano do Mistério o Poeta mergulha e, a sorrir ao Sol, ele levanta nas evangélicas mãos as pérolas da bondade oculta, silenciosa e humilde.

Assim falou dentro de mim o Poeta.

A Noite vestira de sombra a natureza inteira. E no recolhimento da Sombra, homens e coisas se abandonavam numa confiança infantil. Desci vagarosamente a Montanha, sentindo que ia medindo com beleza os momentos, que vagarosamente se enchiam do meu coração. E já não corria o tempo sobre as cousas; elas dolorosamente iam tecendo o seu tempo, perdendo uma parte da obra em tentativas e imperfeições. E, na cordilheira mais elevada da minha alma eu via brilhar um sol eterno, de pura luz. Ao chegar à aldeia encontrei uma criança esfarrapada e triste. Diluído em amor, enternecimento, humildade e orgulho beijei loucamente essa criança.

.....

Como eram transparentes, como eram brancos, os olhos da Eternidade!!

(*A Águia* — Revista Quinzenal, Porto, ano I, 1.ª série, n.º 4, 15 de Janeiro de 1911.)

«A Arte e a Medicina
Antero de Quental e Sousa Martins» —
Jaime Cortesão — Coimbra — 1910

É esta a obra, que Jaime Cortesão apresentou como tese de formatura. O livro é um simpático protesto do poeta contra as agressões que o *sábio*, permitindo-se generalizações falsas, costuma fazer ao que está fora e além do seu seguro, quando bem limitado, campo de acção. É Sousa Martins a vítima do preconceito científico, pretendendo *medir* Antero de Quental. Este é o ponto particular onde incide a análise do poeta. E Sousa Martins é combatido pelas incoerências e contradições da própria doutrina. É mostrada a irreflexão entusiástica de Sousa Martins, partindo, de opinião absoluta, a procurar em todo o hipotético condicionalismo da personalidade de Antero a confirmação do seu preconceito.

Os factos insignificantes são acrescidos na imaginação de Sousa Martins, ávida de tranquilizar a curiosidade especulativa e de *snobismo científico*. Outros factos, que melhor caberiam em mais larga hipótese, são, ora apresentados como certos, garantindo a hipótese; ora acreditados como certos, mercê da hipótese. Este o problema particular de Sousa Martins e de Antero. O problema geral é mais complexo e o poeta indica-o nitidamente. O problema geral é uma questão epistemológica. Se os sábios tivessem uma regular cultura filosófica não se permitiriam certa confiança infantil, certa ingénua petulância.

Não é nula a tradicional riqueza filosófica, e, nela, encontrariam os sábios os motivos da sua herança. Os fundadores da ciência moderna foram igualmente os fundadores da filosofia e, só na evolução correlativa das duas culturas, se pode encontrar um ponto de vista suficientemente amplo e crítico.

Todos os que procuram na biologia a explicação do gênio aceitam consciente ou inconscientemente dois postulados — o do epifenomenismo da vida psíquica e o da inércia da mesma vida.

O primeiro não tem significado científico, visto que só cuida a ciência de relações funcionais. É falso, porque a experiência mostra que o tal epifenómeno actua, modifica e realiza.

A inércia psíquica pode ser apontada por leis estatísticas e nisso se funda um certo estreito determinismo sociológico. Mas tais leis desprezam realidades, que se não oferecem ao número, mas que continuamente trabalham o futuro. Essa lei governa os carneiros de Panurjio, mas o verdadeiro homem é-lhe superior, fora do alcance.

De resto a tal degenerescência só serviria para lhe estudarmos o determinismo e levar o menino estúpido ao médico especialista, que o entregaria feito um Pascal, Hugo ou Newton.

É que a realidade é muito complexa e os *valores* muito relativos; o *não-valor* fisiológico pode ser o supremo valor estético ou moral.

A análise gnosiológica do conhecimento científico levaria mais longe, muito longe mesmo. Mostraria como há, na opinião dos grandes sábios, uma certa refacção da realidade através da elaboração científica. Mostraria como todo o intelectualismo sofre de uma radical impotência para a realidade, etc., etc.

Pelo seu lado a própria psicologia autónoma é incompetente. Na minha frente tenho um livro rápido e sóbrio sobre a crise da psicologia experimental.

Não é esta que está em crise, são os seus métodos. Mas nunca ela desfibrará uma actividade de síntese, que sempre aparece como dado irreduzível. E pondo ainda de parte a geral incompetência do intelectualismo, segundo uma nova, profunda e subtil filosofia.

Quando a psicofísica nos fala da lei Fechner-Weber esquece a impossibilidade de obter a sensação pura, por causa da tal actividade de síntese, irreduzível, obstinada, persistente.

A figura de Antero pertence à Religião, não à biologia.

Antero de Quental é o representativo da tragédia religiosa. Nunca conseguiu vencer a desarmonia interior, achar o equilíbrio do ideal e do real. O valor e a realidade nunca se compatibilizaram em Antero. E isto porque nele cérebro e coração

eram igualmente dignos, igualmente exigentes e majestosos. O Poeta procurava a face do Bem e o filósofo os olhos frios da Verdade.

Dáí catástrofes interiores permanentes. Admiremos o filósofo, amemos o Poeta e haja em nossos olhos lágrimas de piedade e admiração por aquela alma trágica e sublime. Trágica porque foi em incansável luta. Sublime porque sempre viveu no Infinito.

(*A Águia* — Revista Quinzenal, Porto, ano 1, 1.^a série, n.º 4, 15 de Janeiro de 1911.)

Guerra Junqueiro

Guerra Junqueiro é a mais alta expressão das aspirações e sofrimentos do povo português e, mais do que do povo português, do Homem. Ele aparece a combater a mentira religiosa e a mentira do amor e acaba a cantar e a rezar a verdade religiosa e o amor perfeito, infinito.

Ele foi Moisés desta rocha de Horeb. Este gigante adormecido, este Lázaro sonâmbulo foi acordado para a fraternidade pelo verbo do Poeta, pelo relâmpago da Justiça.

Nun'Álvares ressurgiu, e foi a desgraça imensa de todo um povo, que gerou na alma do Poeta a palavra libertadora, de incendiadas lágrimas. É a vossa própria alma que agradeceis. O Poeta ergue-se sobre as vossas cabeças, fulgurante e amoroso, como se do peito vos acendera a mais pura sublimidade da vossa ternura, a mais exuberante esperança, a mais divina espiritualidade. Ele é divino, porque é ponto de contacto da vossa pobre alma quotidiana ou da vossa efémera alma sublime. Por ele vos excedeis, porque vos fixa na *Eternidade* o infinito de amor e de sonho, que vos *aflorou no instante*. De joelhos deve ser a vossa alma, não diante da personalidade efémera do homem, mas diante da *eternidade do espírito* que encarna. E ele foi na linha recta para a suprema beleza, porque o direito caminhou para o infinito amor. Começou, já o disse, por combater a mentira do amor e da religião. Combateu os *valores* humanos que encontrou falsificados, e depois, de alma lavada e pura, sorriu na agonia, na ânsia de encontrar os valores humanos verídicos, isto é, os valores humanos cósmicos. A *Velhice do Padre Eterno*, *A Morte de D. João* e a *Pátria* são o gesto de libertação preciso para os «Simples» viverem e amarem os homens, a vida, os mundos. A continuidade da obra de Junqueiro é flagrante e sublime, mas a

mesquinhez do nosso meio intelectual não permitiu que Junqueiro fosse acompanhado na sua ascensão gloriosa para Deus.

Ele *eternizou* a humildade religiosa dos *simples*, a enternecida piedade da *lágrima* e a fraternidade infinita, absoluta da vida, na transparência, na intimidade plena da *Luz*. De joelhos os nossos corações rezam na sinceridade, na candura, na nova verdade de *Deus readquirido*. E assim é; assim tem de ser. O Mistério é preciso às nossas almas. A inteira objectivação da Vida seria a sua completa *dispersão*. Com a poesia de novo somos religiosos, porque é ela o equivalente emotivo da Religião.

(*Semana Tirsense*, Santo Tirso, ano 13.º, n.º 4, 22 de Janeiro de 1911.)

A ressurreição

Um povo grande e valoroso perdera-se na Noite e, pior que a planta, perdera o instinto da Luz. Comia o pão sem amor e ia dessedentar a alma em fontes envenenadas e turvas. De quando em quando rasgavam-se peitos, como o do sublime Danko, e corações a arder tentavam iluminar esse perdido povo. Debalde. Estava cego. Andava errante, lançando olhos vagabundos pelo unido espaço. Desencarnara.

Fugia-lhe a alma, envolvendo-se nas brumas do Oceano seu irmão. E, nostálgico olhava aquele corpo que tinha a sua forma, que guardava as linhas do seu jeito. Uma coisa o prendia ainda — a dor da partida. Por isso ela volvia no *nevoeiro*, a encarnar, a rasgar a Luz naqueles olhos cegos. E tentava levar aqueles olhos para as formas perfeitas, onde encarnara para a *Eternidade*. Mas os olhos *alheados* e tristes perdiam-se no nevoeiro e na dor. E a dor ia subindo, e, subindo, ia concentrando a alma.

A morada da dor ia-se volvendo digna ermida daquela alma errante. Mas os olhos moviam-se no deslumbramento das maravilhas eternas.

Ignorava esse povo a sua Eternidade — os «Lusíadas». Com a dor gerou um poeta e esse poeta enviado da Eternidade, soube dar essa alma perdida àquele corpo parado e restituiu os «Lusíadas» aos seus olhos ávidos.

Desde então esse povo achara a sua estrela e em alvoradas perturbantes ia exaltando o seu sonho.

Esse sonho era carne de heróis. Heróis vieram e combateram, amaram e sofreram. Tinham de vencer porque a dor os criara. E como poderia a treva lutar com a luz que conseguira erguer-se e brilhar? Uma pátria morta não pode gerar heróis. Uma pátria que produz heróis não pode morrer. Hoje colhemos o bem que

humildes obreiros conquistaram. A nossa alegria é a sua bênção. E, reconquistada a pátria, espalhemos o amor. Sejam grandes pela generosidade, pela bondade e pelo trabalho.

Amemo-nos uns aos outros. Inundemos em luz e fraternidade a nossa terra bendita. Não há almas opacas. Que a luz as penetre e fecunde, e em todos os sorrisos haverá candura, em todos os lábios clemência, alegria vitoriosa, simplicidade, tolerância e carinho.

(*A Pátria Livre*, Porto, número único, 28 de Janeiro de 1911; também publicado in *Almanaque de O Primeiro de Janeiro*, 1921.)

O infinito

Ao José Mendes Cabeçadas Júnior

O infinito matemático, à primeira vista simplesmente formal e de convenção, não terá raízes na realidade e não será próximo parente do infinito metafísico? Eis um problema interessante num período em que os filósofos da matemática são uns pela convenção cómoda ¹ (Poincaré), outros pelo absoluto logismo (Couturat). Por outro lado, é a entrada triunfante da matemática na estrutura das outras ciências, que lhes dá a suficiência arrogante com que, supondo-se exaustivas do real, negam a metafísica.

Procuremos o sentido da fórmula $\frac{a}{0} = \infty$.

A consideração, em si, dos dois termos do quebrado $\frac{a}{0}$ nada poderia dar. Com efeito: dividir uma quantidade por nada, nada significa. Para que a esta expressão se encontre um sentido é preciso que, sendo a um número, seja 0 um limite inatingido e inatingível. Então o quebrado indica que o a vai sendo dividido por quantidades indefinidamente decrescentes, dando quocientes indefinidamente crescentes. Não indica $\frac{a}{0} = \infty$ a igualdade de duas quantidades, mas a correlação *necessária*, de dois factos ² envolvendo já o infinito, pois nem doutra forma ele poderia aparecer.

Onde estava esse infinito? Na continuidade do denominador.

¹ A teoria da convenção cómoda é muito interessante, mas representa uma primeira etapa em que o espírito não pode parar: é assaz empírica ainda.

² Factos matemáticos, da ordem do inteligível.

E onde essa continuidade? Será acto de pensamento? Não, porque pensar é determinar. Será a afirmação da actividade sintética do pensamento? Não. Em primeiro lugar o contínuo é inesgotável pelo número. E o próprio número carece do tempo ou do espaço, ou, fazendo a distinção bergsoniana do tempo concreto e do tempo *especializado*, carece do espaço.

A continuidade pertence, pois, ao espaço, ou seja à intuição. A omnipresença do Ser é a garantia única da continuidade intuitiva. O real introduz-se pela continuidade (e assim introduz o Ser de duas maneiras — pela actividade do espírito e pela resistência da intuição) na mais pobre e afastada das ciências.

A metafísica é invulnerável e nenhuma abstracção a consegue arredar de todo. E nem doutro modo podia ser: os estados, os actos, os modos são efeitos da actividade omnipresente da criação. A garantia do infinito matemático é, pois, o infinito real. Mas bem insignificante seria esse infinito se o não conseguíssemos penetrar de moralidade. Então já não seria o infinito, mas Deus.

Seguindo o caminho já percorrido para achar a substância do infinito matemático, deveríamos procurar na continuidade do facto moral a existência da absoluta moralidade. Mas a quantidade deu-nos o infinito, porque pertencia à intuição. É a moral um facto da intuição? Não. É um ser da Razão? Não. É diferente e, abrangendo intuição e Razão, é uma *afirmação de ser*. Kant distinguiu muito bem entre a intuição e a Razão, mas retirando o noumeno para fora da experiência cindiu esta e tornou aquele uma duplicação ineficaz. É na *afirmação de ser* que se encontra a verdadeira unidade da criação e do criado, da Razão e da intuição, do fenómeno e do noumeno.

A moral não é um dado, mas uma aspiração da Razão a dominar a intuição, do amor a penetrar as almas, da liberdade a procurar liberdades. É um facto, não da forma dos outros factos fenomenais, porque é a criação. E é um facto que aparece excedendo-se e exaltando-se, que se afirma quebrando limites e fórmulas. Este crescimento moral tem a sua razão única numa *plena* finalidade moral do Universo, isto é, em Deus.

Com efeito: ou o facto moral é um epifenómeno ou um fenómeno.

Qualquer teoria epifenomenista, faltando ao princípio da razão suficiente, não faz sentido como explicação. É um curioso apelo do absoluto determinismo ao milagre salvador.

O facto moral é uma afirmação que carece de razão suficiente. Esta pode ser procurada no mecanismo ou no finalismo da

vida. O mecanismo tem contra si a possibilidade da indução (Lachelier) e o recurso vergonhoso ao acaso.

O finalismo tem apenas contra si o grosseiro empirismo dos que dão realidade absoluta ao tempo¹ e o receio cauteloso e justo das explicações preguiçosas. O mecanismo é absurdo e, na explicação da moral, serve-se às escondidas do finalismo. A convergência das vantagens da selecção e a convergência de felizes atavismos implicam um finalismo oculto mas eficaz. E o primeiro gesto moral? É obra do acaso? Milagre.

Resultado de certos arranjos bio-físico-químicos? Que de finalidade!!!

A finalidade (não o grosseiro empirismo dum causa temporal, actuando antes de existir) e só a finalidade explica o facto moral.

A finalidade ideal da perfeita beleza, do puro amor, imanente e suspendendo da sua atracção a harmonia dum universo amante. Sim. Só a finalidade perfeita é a verdadeira finalidade. No sentido moral só o infinito amor pode ser razão intrínseca da ascensão moral, porque só ele é o verdadeiro amor.

Aqui o limite é a negação.

E tanto que no próprio homem a moral é esforço e não acto, aspiração e não quietude, excesso continuado do eu criador sobre o eu criado. Todo o universo é suspenso da palavra de Deus, que é essa finalidade de amor que o ergue e sublima. Todo o universo é confusão e treva, porque as almas se ignoram ainda, e raras procuram o sentido da vida no esforço moral.

Porto, 3 de Março de 1911.

(*Serões* — Magazine Mensal Ilustrado, Lisboa, 2.^a série, vol. XIII, n.º 73, Julho de 1911.)

¹ É do tempo extensão que se trata.

O caso do Liceu Rodrigues de Freitas

Uma carta do ilustre Professor Leonardo Coimbra

Amigo Severino,

Peço-lhe o favor da publicação da carta, que é um dever.

Fui a Viana com os estudantes do Liceu do Porto. Já os jornais vagamente falaram num escândalo havido por causa de Hugo de Noronha. Como nunca permiti que acusações vagas se façam e envolvam, no seu vago, a reputação de culpados e inocentes, vou contar o que vi e sei. No domingo à noite, quando cheguei ao teatro para fazer a minha prometida conferência, com lágrimas de cólera me apareceu o estudante Laurentino Coelho dizendo que Hugo de Noronha tinha sido visto em flagrante imoralidade com uma das estudantes excursionistas.

Essa infâmia era tanto maior quanto ia abranger em possíveis suspeitas as outras estudantes. Logo me comprometi a evitar que tal acontecesse e para o dia seguinte ficou a resolução do caso.

Na segunda-feira de manhã vieram os estudantes pedir-me que não retirasse para o Porto e ficasse na sua companhia. Fiquei e fomos para o hotel, onde se hospedavam os rapazes.

Aí se dirigiram eles com Hugo de Noronha, para um quarto. Fizeram-lhe as mais terríveis acusações.

A exaltação dos rapazes ia crescendo e, na previsão de coisas muito graves, vieram alguns pedir-me para assistir à entrevista. Fui e vi que Hugo de Noronha sucumbia diante da dignidade ofendida dos estudantes. As duas estudantes Adelaide d'Oliveira Coelho e Lucinda Dias, conhecedoras do que se passava, choravam da dor da ofensiva colectiva e do receio que o anonimato permitisse confusões infamantes.

Os estudantes cresciam de cólera e eu pedi-lhes que me entregassem a solução do caso. Aí lhes disse que, chegados ao Porto, eu escreveria o relatório de todas as acusações por eles feitas, e Hugo de Noronha delas faria a sua defesa, por escrito também.

É o que vou fazer. Antecipo-me, porém, com esta carta, porque as notícias aparecidas nos jornais permitem confusões, que não quero tolerar. Os estudantes concordaram e, abandonando Hugo de Noronha, todo o dia me acompanharam com todas as senhoras excursionistas estranhas à academia e com as duas académicas já citadas, *Adelaide Coelho* e *Lucinda Dias*. E agora, que os nomes destas duas senhoras aí ficam para que na sua virginal pureza não caia a mínima suspeita, permita-me v. duas palavras comovidas. O homem português é brutal para com a mulher, que considera, por via de regra, sujeito de prazer. O estudante tem, a mais, a forte tendência dos instintos da imitação. Pois, meu amigo, nunca meus enternecidos olhos viram mais santa, mais fraterna amizade. O carinho cheio de delicado respeito pela graça feminina, a sinceridade dos seus desinteressados afectos são a mais alta lição que tenho visto de virtude e bondade.

Quando no fim do almoço lhes disse algumas palavras sobre a sua simpática atitude, quando lhes falei da beleza do amor puro, do lar, do futuro, do carinho, da recíproca felicidade que se podem dar dois *leais* corações, vi lágrimas daquelas que eu chamo uma *inundação de alma*. Ao meu lado um estudante respondia à solicitude dos amigos: «Deixem-me. Cada um exprime-se como pode».

Quanta bondade e beleza não encerra a juventude! Não lhes matem a idealidade sob os calhaus dos preconceitos de toda a ordem, sociais e científicos, e muita riqueza e alegria eles espalharão sobre a nossa vida. Permita-me, meu amigo, que acabe agradecendo a todos os estudantes a altura a que me ergueram a crença no futuro. Fui receber a Viana a maior alegria da minha vida. Devo-lhes para sempre mais riqueza de emoção e bondade em todos os meus actos.

Seu

Leonardo Coimbra

(*A Montanha* — Diário Republicano da Tarde, Porto, ano 1, n.º 7, 8 de Março de 1911.)

A separação da Igreja e do Estado

A Religião tem para mim um alto e eterno destino. Unicamente não pertence já à Religião o domínio dogmático das consciências. A Religião abrangeu a totalidade das actividades espirituais, mas num período longínquo e vago. Foi a nebulosa mãe do pensamento humano. Mas a nebulosa diferenciou-se, e formas de pensamento, implícitas e envolvidas no mesmo tom de entusiasmo emotivo, aparecem hoje diferenciadas, e quantas vezes desconhecendo-se e entregando-se a recíprocos combates.

No momento em que uma fórmula religiosa conseguia abranger a complexidade indiferenciada do pensamento humano, era essa fórmula a um tempo a suprema regra de conduta e a suprema síntese do conhecimento. Mas a evolução própria do pensamento, medindo na sua contínua acção a diferença de ritmo das actividades cósmicas, e a diferenciação social levaram o pensamento a modalidades múltiplas e dispersas.

A unidade mental só se consegue hoje pelo equilíbrio de todas essas formas de pensamento hierarquizadas pela reflexão filosófica. O pensamento no primitivo *élan* dera ao mundo o seu ritmo próprio, a experiência desvendou-lhe actividades diferentemente ritmadas e tanto que no limite encontrou o inerte. O inerte foi então a maravilha, a fecundidade cognitiva. A vontade, primeiro modelo das coisas, vai sendo substituída pela inteligência, melhor símbolo do estático, do inerte, do imutável.

Assim, a ciência vai aparecendo, e requerendo para si uma parte do domínio natural. Com a ciência vem a livre especulação, a dúvida portanto; e o calor emotivo do pensamento prático vai perdendo a impetuosidade irreflectida e sendo obrigado a apresentar os seus direitos de existência. O equilíbrio entre o raciocínio e a vontade, entre a liberdade e os seus instrumentos de acção, é procurado por todos os filósofos. Vislumbrado mas não

apreendido, porque sempre o homem quer certezas absolutas e a vida é acto de heroísmo e audácia. O homem moderno precisa de uma educação integral para não ficar vítima da cultura, encerrando-se em cada modo particular de pensamento e pretendendo daí exaurir a realidade. Para além de todo o coordenável científico, filosófico e artístico fica ainda o incoordenável, diz um excelente volume, há pouco lido. Esse «incoordenável» pertence, quanto a mim, à arte. De entre os domínios da arte ressalta a simbolização dos mais altos ideais éticos, das últimas hipóteses metafísicas. De forma que uma nova Religião poderia aparecer, se aparecesse o génio capaz de fundir num símbolo o movimento tumultuoso e opulento das sínteses éticas e especulativas. Mas nunca essa Religião tomaria o aspecto dogmático, porque, envolvendo raciocínio filosófico, envolvia o reconhecimento de que é o símbolo ideal da liberdade, portanto do progresso criador, infinito e «heróico».

Até aí o homem culto encontrará a coerência de vida espiritual na harmonia hierárquica de todos os equivalentes do primitivo pensamento e na autonomia da *vontade moral*. E o homem rude? Esse deve ser desde já atendido pela solicitude de uma verdadeira instrução, e enquanto não sentir a necessidade do individualismo religioso (e não se veja contradição; só pode haver sociedade universal com indivíduos reais) procurará o pão espiritual, onde lho forneçam, que bem sirva à sua fome. O seu padre, escolhido pelo bem espiritual que pode dar, terá de ser bondoso e superior, coração amigo na desgraça, conselheiro enternecido e amoroso. Entretanto, e unido no mesmo ideal de amor e resgate com o bom padre, o professor moderno irá lançando ideal, bondade, coragem moral e exaltadas virtudes.

Separar a igreja do estado é juridicamente uma obrigação, moralmente obra de libertação e virtude para todos. Mas é preciso que o povo, ao sair da igreja romana (porque a separação vai produzir o êxodo), saiba amar a imensa catedral verde da Natureza, a abóbada celeste onde os astros no seu giro de harmonia simbolizam a aspiração da vida moral para a divina e fraternal unidade.

Afonso Costa, continuando na sua louvável obra de *reforma social*, vai promulgar a lei da separação. Isto torna, mais que nunca, precisa uma correlativa acção sobre o ensino do país. É preciso levar ao povo, amorosamente, a luz do espírito e não as letras do alfabeto. O problema não está em acabar com o analfabetismo. Isso é fácil; mas, só por si, inútil se não prejudicial.

É preciso ensinar este povo a pensar, a trabalhar e a amar. Que pode pensar ele o tem inostrado, salvando com o seu anal-fabetismo a nossa derrocada intelectual. Amar! Que o digamos todos nós que, com mais ou menos eficácia, o temos servido, ajudando-o, e ajudando-nos com ele, na procura da verdade e da justiça!

Trabalhar! É ele que, abandonado da força da ciência, vai rasgando as entranhas desta *enamorada* terra, dando-nos o pão e o vinho, que lhe devemos devolver em amor, pensamento, acção.

Que o ensino seja posto em religiosas mãos e, religiosamente, o nosso povo viverá a cavar e a cantar.

Para isso chamem-se todos os artistas desta admirável terra tão pródiga de flores e de poetas. Eles, melhor que ninguém, irão encontrar a palavra de encanto, que acorde as almas para a Beleza.

De monte em monte desta *Terra de Pã*, a sua voz harmoniosa há-de cantar a vida fecunda, forte, gloriosa dos criadores. E cada um será, então, capaz de subir até Deus, e em cada alma correrá inesgotável a fonte da religiosidade. Fora da órbita traçada pelos outros povos e dentro da órbita da alma lusitana viveremos ainda uma civilização nossa, com a alegria múrmura das nossas águas, com a mudez trágica das nossas serras, com a melancolia doce e, em sorriso aberto, do nosso céu.

8 de Março, Porto.

(A *Montanha* — Diário Republicano da Tarde, Porto, ano 1, n.º 34, 8 de Abril de 1911.)

O preconceito científico

O cientismo é um hábito de espírito. Como hábito, é inconsciente e, por isso, dogmático.

Tendo de escrever sobre todos os preconceitos, nestas crónicas semanais começadas hoje, devia iniciar-me por aquele que mais fortemente domina os espíritos modernos.

O cientismo não é a ciência ou ciências, é o método das ciências inorgânicas, tomando posse da biologia e pretendendo a sociologia.

Depois por ausência de reflexão filosófica estende-se sobre todo o real e, constituído em metafísica inconsciente, dá as diferentes modalidades do intelectualismo — positivismo, materialismo, mecanicismo, racionalismo, etc. Por outro lado, o cientismo reflecte o estado social moderno, de industrialismo e concorrência, de movimento dispersivo, de permanente exteriorização. A mentalidade medieval passou a *formalizar* a ciência aristotélica num repouso estéril e esterilizante, a mentalidade moderna esgota-se num esforço permanente de intelectualizar o Ser.

Uma deu a escolástica verbalística e oca, mas valiosa como sistemática do pensamento, a outra dá o pensamento moderno sempre em desequilíbrio com o irracionalismo do ser, sempre acossado pela complexidade do concreto e tendo, para seu sossego, de amputar a realidade sempre excedente e incomensurável.

Um dá o misticismo estéril, outro o objectivismo escravizador.

O pensamento medieval tinha os seus motivos no facto de os olhos se terem voltado para dentro, desprezando o mundo dos sentidos. O pensamento moderno resulta do facto de a fecundidade do método cartesiano ter entontecido aqueles que *recebiam* os seus resultados maravilhosos.

É preciso reduzir a ciência ao seu justo valor. Os criadores das ciências nunca as generalizaram a metafísica, porque lhes conhe-

cem o valor relativo. Mas os que estudam a ciência e só a ciência, feita por outros, têm a natural tendência, explicada pela lei da inércia mental, de prolongar os seus hábitos mentais, construindo uma filosofia incrítica e amesquinhadora.

Determinar o lugar da ciência na vida espiritual pertence ao filósofo, que para isso tem a teoria do conhecimento aplicada a todas as formas científicas. E este trabalho é preciso, porque só por ele conseguiremos estabelecer a coerência e a unidade da vida espiritual, absolutamente necessitadas pela lei da conservação.

O pensamento humano não caminha do erro para a verdade, de forma que possa ir desprezando o passado. Caminha sempre no trabalho de adaptar o mundo ao espírito e o espírito ao mundo. O passado não é o erro, mas uma relativa verdade, que, pela diferenciação mental, hoje pode encontrar outras verdades incompatíveis. O indiferenciado sincretismo primitivo não era o erro, o discretismo actual não é a verdade absoluta. Aquele continha o gérmen deste. O filósofo tem de encontrar no presente todos os equivalentes das verdades implícitas no pensamento primitivo. O cientismo é o desprezo da *autonomia* espiritual pela divinização da objectividade inerte. É uma forma de pensamento, que é preciso completar.

Ele é a parte especulativa técnica do pensamento inicial indiferenciado. Ele só estuda o inerte, e, quando olha a vida é sob o ponto de vista do inerte. Acima deles e de todas as realidades está o pensamento especulativo puro ou filosófico, determinando as relações de verdade de todas as formas da actividade humana.

Assim (e em posteriores artigos o mostrarei) temos o pensamento filosófico, que abrange todo o ser espiritual na sua complexidade plena e opulenta. E os equivalentes de todas as actividades espirituais são: equivalente técnico — a ciência; equivalente especulativo — a filosofia; equivalente emotivo — a arte. A filosofia, visto ter de abranger todo o real, não será um intelectualismo fossilizado, nem um pragmatismo empírico, mas o que chamo o *criacionismo* — criação de conceitos científicos e símbolos artísticos, que, sem nunca esgotarem o real, sempre o organizam sob as mais altas aspirações do espírito.

Porto, 9-3-11.

(*A Montanha* — Diário Republicano da Tarde, Porto, ano 1, n.º 8, 9 de Março de 1911.)

A reforma do ensino

Serei muito conciso para dar nesta crônica a essência do meu pensamento. Em ulteriores artigos serão desenvolvidas as diferentes questões neste envolvidas.

A Cultura: O pensamento primitivo e animista, interessado, emotivo.

Pela diferenciação social e pela sua própria evolução diferenciou-se o pensamento primitivo em vários modos. A primitiva unidade espiritual quebrou-se e o vago sincretismo original é hoje substituído pela harmonia hierárquica dos seus diferentes equivalentes discretos. Todos esses equivalentes formam a herança da cultura humana. Educar é transmitir essa herança. Transmitir apenas parte dessa herança é um imbecil empobrecimento voluntário e obra de má pedagogia, pois, não dando a verdadeira unidade espiritual, forma individualidades violentadas e, por isso, violentas, egoístas, cerradas à tolerância.

A tolerância, base do amor, só pertence às individualidades ricas, progressivas, de permanente indagação e esforço.

Esses equivalentes são, como já mostrámos noutro trabalho, a ciência, a arte, a moral e a filosofia. A educação, querendo formar o homem livre, tem de lhe dar a possibilidade de reflexão pessoal. Para isso precisa não o esmagar sob uma erudição sem sentido, nem o perder na luta dos diferentes modos do pensamento humano, apenas incompatibilizados pelo desconhecimento do seu lugar hierárquico na cultura.

Educação fundamental — A educação ou instrução fundamental (neste ciclo as duas confundem-se) deve dar a cultura ao homem. Compreenderá, pois, todos os modos da cultura. Tendo por fim *dar o homem ao homem*, deve abranger todos os indivíduos. Após os primeiros ensaios da escola da família e da instrução primária, ela tomará a criança. A ciência será representada

pela cosmologia (astronomia, geologia, física e química, teorias cosmológicas, biologia, zoologia, botânica, teorização biológica), psicologia e sociologia. Estas ciências ensinadas não na sua riqueza de material, mas no seu formalismo teórico.

A prática, usada como meio pedagógico e não como fim. Servindo para dar as sensações que *solicitam* os conceitos científicos, mas de forma que a actividade espiritual se vá afirmando na obra científica. Assim nunca esta servirá para fecundar o imoral fatalismo moderno. A música e o canto, o desenho e a modelagem irão oferecendo alimento às aspirações estéticas.

A literatura virá coroar a obra estética, mas ensinada na sua interioridade, no seu valor como actividade espiritual e não como catálogo de celebridades.

Depois viria a reflexão filosófica sobre todas as ciências, sobre a arte e enfim sobre a vida, integrando no conjunto uma ética e mostrando o caminho e o sentido dos sistemas filosóficos.

Isto constituiria a instrução primária e o primeiro ciclo liceal. Depois viriam as diferenciações com intuítos técnicos ou de especialização em qualquer ramo da cultura. Nas escolas primárias, ao lado desta *instrução fundamental* haveria o ensino técnico regional (agrícola, industrial, etc.).

Esta instrução fundamental usa a prática como meio pedagógico, mas o seu papel é teórico. É preciso combater o plebeísmo intelectual que quer substituir a mão ao cérebro, o animal ao homem. Esta instrução primária seria em tudo equivalente ao primeiro ciclo liceal. O segundo ciclo liceal teria bem mais ramos que os actuais, destinados às profissões e aos altos estudos. Todo este ensino com o superior e técnico constituiria o organismo — Universidade. No ensino superior haveria as especializações correspondentes a cada ramo da cultura. E em escolas especiais as profissões científicas.

Os professores: Os professores da instrução primária fundamental e do primeiro ciclo liceal sairiam de um curso normal, onde teriam a parte comum com os professores do 2.º ciclo.

Os de *instrução primária* sairiam das escolas normais próprias.

Em próximos números explicaremos os problemas implícitos nestes planos.

16 de Março.

(*A Montanha* — Diário Republicano da Tarde, Porto, ano I, n.º 14, 16 de Março de 1911.)

Palavras dum desconhecido

A Francisco Ferrer

A Montanha subia vagarosamente em suave inclinação. Pomares, hortas e vinhedos bebiam, em silêncio, a riqueza da Montanha dadivosa. Em baixo, o mar espreguiçava indolentemente o monstruoso corpo. Um velho, de olhar perdido em alturas de sonho, dizia palavras eternas a um rapaz doente e penetrado dum profundo ódio pela Vida. Essas palavras ficaram-me nos ouvidos e gravaram-se na Natureza. Fazem parte para sempre da beleza das alvoradas e da melancolia prometedora dos crepúsculos. Ainda sinto o movimento universal, que parando o meu coração, suspendeu a Natureza a escutar.

É que o velho falava *directamente* o amor.

Não havia símbolos, nem esforço para erguer a alma. Como duma fonte, corria a Verdade de entre as suas arrepiadas barbas.

Na sua frente curvada havia uma coisa terrível — a certeza.

Aquele homem parecia ter assistido à origem e conhecer o segredo das coisas.

Tudo nele era certeza e comoção. Era radioso e suave, mas ao mesmo tempo duro e sereno.

Falava da morte e com que certeza conhecia a imortalidade! Não era filósofo de escola. Reparei que nem uma só vez usou a tecnologia filosófica. Isso irritou-me e comecei por o achar arrogante.

Tinha a certeza da imortalidade, do amor, da justiça, e não a procurava com *postulados da razão prática*, não falava da *veracidade divina*, da *contingência do mundo*, da *causa primeira*, etc. Mas a sua voz era tão serena e harmoniosa! A Natureza humilhada obedecia ao seu Verbo e era apenas o prolongamento das suas palavras. Estendia os braços na direcção do mar, e eu via as árvores dobrarem-se submissas, numa religiosa aquiescência.

O seu Verbo deparava a Mentira, engrossava em torrente, e era de ver o marulhar do Oceano e o esbracejar das árvores em acordo e louvor. Fui dominado, e, à medida que me ia esquecendo da minha erudição filosófica, ia crescendo em Verdade e em Beleza, porque mais opulento e profundo ia correndo o rio da bondade. Oh, que certeza a daquele olhar!



Falava assim:

«Sou enjeitado. Apareci à beira duma estrada. Fui recolhido por um pobre almocreve, que, levando-me para sua casa, acrescentou mais uma boca à dezena de bocas, que em sua casa choravam continuamente de fome.

O que foi a minha infância?

Uma contínua aflição. Afligia-me por mim, por meu pai, por minha mãe (uma lágrima humedeceu a sua sereníssima frente) e por meus irmãos. Sentia coisas incompreensíveis e que hoje suponho divinas. Por vezes a fome fazia-me invejar o pão, que os outros ainda comiam. E depois chorava de raiva de mim mesmo.

Ah! Mas quantas vezes eu sentia desejos de ser rico para encher de pão todas aquelas bocas! E quantas vezes eu sentia uma volúpia estranha pensando em morrer pela felicidade daqueles míseros! Havia uma pequenita, mais nova que eu. Levava-a a passear escarranchada nos ombros; e quantas vezes deixei de comer o meu pão para lho dar!

Através dos nossos farrapos e dos nossos recolhidos peitos perpassava um calor tão íntimo, tão fraterno! Como era grande a nossa afeição! Eu corria dias inteiros pelos campos, sem sentir o peso daquele frágil corpo. Às vezes pousava-a e, a olhar um para o outro, escutávamos o bater do coração, o murmúrio do campo, a longínqua voz dos pastores. Crescíamos e crescia o nosso amor.

Que confusões e amuos! Lembro-me ainda de certo castanheiro a quem confessei o meu amor e o alvoroço da minha puberdade inquieta. Foi então que fui para o Brasil. Voltaria rico e havia de encher aquela casa com o meu amor e com o meu dinheiro. Voltei rico, mas o vento da desgraça tinha dispersado aqueles famintos, matando uns, perdendo outros. Achei-me rico

e só. *Só!* O senhor sabe o que quer dizer esta palavra? Rico e ignorante. A minha ignorância afastava de mim os que me podiam ensinar a vida, a minha riqueza aproximava de mim os que pretendiam, manchando a Vida, tornar-ma mais insuportável e sombria.

Tive tentações de viver como os outros, de me atordoar. Porque saiba que os homens se atiram ao *luxo* para se atordoarem. Eles não sabem o que é a Vida, e isso custa. Pensar uma hora no que somos e no que devemos ser, é trágico. Não pensar é bem mais fácil e cómodo, e para isso os prazeres comerciais estão ao alcance de todo o que possui dinheiro. Estive para comprar uma mulher. O senhor sabe que é o sonho de certas perversas mães. Vender bem uma filha, que rico negócio! Ofereceram-me uma menina bonita e prendada. Conversei com ela num baile. Ao princípio senti-me humilhado diante da facilidade daquela gente; depois, sem disso ter uma clara consciência, comecei a ver, nessa elegância, despejo e desvergonha. Azorou-me aquele bulício e ao chegar a casa o pensamento começou a recolher-se e a relembrar. E então obstinadamente se me fixou no espírito a minha infância e a minha triste companheira, levada por uma tuberculose segundo o médico, mas de fome quanto a mim. E então fiquei mais terrivelmente só! Tinha permanentes visões. Uma vez tive uma, que me empurrou para a loucura. O Mundo era um buraco muito negro e húmido. Pequenos farrapos de vapores cinzentos dançavam nesse soturno buraco. Eu olhava e tudo se desvanecia, ficando apenas o buraco sombrio e espectros húmidos sempre em vertiginosa fuga. E nesse nada ouvia o tiquetaque lúgubre dum relógio invisível. Foi neste estado que encontrei um livro que me chamou à Vida. Foram *Os Miseráveis* daquele, que foi para mim o maior amigo depois do almocreve que me recebeu do Desprezo, de Vítor Hugo. Chorei, ri, praguejei, duvidei da minha ressurreição, ergui-me cambaleante e fui procurar os homens do Ideal. Ouvi muito discurso e li muito livro. Não encontrava o que queria. Ia ouvir um orador, de alma religiosamente aberta para a Anunciação, e só palavras iguais em todos e sempre traduzindo ódios recíprocos. Mas a essa hora já uma semente divina germinava na minha alma e, embora me faltasse a palavra, eu sentia que tinha muito que ensinar.

Comecei a amar enternecidamente os fracos. Às vezes ia esperar as crianças no caminho da escola e ficava a cismar e a chorar sem saber porquê. E surdamente ia nascendo dentro de mim a esperança e a alegria, e eu, que conhecia sempre as mesmas

pessoas, já não me sentia só. À noite, com os olhos no céu, pensava no meu passado e unia na minha meditação a lembrança dos meus benfeitores com o pensamento de todos os desgraçados.

Encontrei um rapaz, como o senhor pensativo e melancólico: mas a sua melancolia chamava, irradiava esperança e alegria. Ele não acusava a Vida, fulminava os homens perdidos no mal e acreditava no bem. Foi o meu terceiro amigo. Encheu-me a alma de virtude. Fundámos esta escola, ao princípio pequena e humilde, hoje em domínio sobre esta região, amanhã abraçando no seu enternecido carinho a humanidade inteira.

De pé nesta Montanha, que representa a minha ascensão na Vida, digo-lhe que há Deus e que somos imortais pelo amor e pela virtude. Veja esta obra, que é a minha vida. Tudo o que nela houve de sombrio desapareceu. O que nela há de luminoso e puro permanecerá. Amanhã hei-de morrer. As minhas obras de amor ficam, e a bênção de muitas almas pelo meu esforço libertadas eternizará a minha memória. Quanto ao resto do meu ser, creio que desaparecerá; não me interessa, é-me quase estranho.

Mas uma coisa me perturba ainda. É este amor insatisfeito que me leva cheio de misericórdia e tristeza para todas as coisas do Universo.

Pelo amor, imortal serei entre os homens; e há-de ser inútil e insensato este infinito Amor que me anima? Não o creio; e é, por este novo amor, que me julgo imortal no Infinito.

O que se mostrou eficaz na terra há-se ser impotente no Universo? Não pode haver duas leis. E a do Amor é absoluta; por isso creio ainda na vida futura. O Amor é inesgotável e a minha vida é hoje puro amor.

Quanto ao seu pessimismo: dir-lhe-ei que ame, e a vida há-de sorrir-lhe e abençoá-lo. O pessimismo é uma ingratidão».

Eis as palavras que a minha memória pode reproduzir. O Sol escondia o seu rosto ensanguentado nos longes do mar, e o vento do crepúsculo anunciava a oração dos humildes. Desci para a *Civilização* a recordar...!

E a essa recordação vou buscar coragem para não renegar o dever! Nessa recordação vou buscar o sentido dos meus beijos e da minha arte.

(A *Águia* — Revista Quinzenal Ilustrada de Literatura e Crítica, Porto, ano 1, 1.^a série, n.º 8, 1 de Abril de 1911.)

O padre e a educação

Toda a obra de educação depende da concepção filosófica e do carácter do educador. O padre filosoficamente é um pessimista ilusionista, portanto um inimigo da Vida. Entregar a educação ao padre é envenenar propositadamente a vida, diminuí-la e entristecê-la. Se o padre é um padre sincero, é inimigo do mundo, que é apenas obra do diabo para o tentar a pecar contra Deus. Se não é sincero, é o seu sistema filosófico — o mimetismo. A sua educação será ou pura obra exterior e indiferente, ou obra de sistemática hipocrisia.

Bem sei que a Vida é mais complexa que a lógica e padres haverá que moralmente escapem ao meu dilema. Um padre pode compreender que a tradição lhe dá um imenso valor social, que ele aproveitará, encaminhando para o futuro as gerações, reconhecendo o erro e o perigo da ortodoxia e sabendo através do símbolo procurar a verdade, enriquecida das novas conquistas da experiência humana. Mas estas são excepções e bem raras, e para excepções não se legisla. Essas impõem-se.

Afastemos agora o padre velhaco, porque esse nem sequer pode dar uma educação sistemática. Sendo hipócrita, norteado pelo critério do oportunismo, ele fará dos discípulos meios de domínio e nada mais. Aí estão os jesuítas a demonstrá-lo.

Resta o padre sincero. Esse oferece dois graves defeitos — é pessimista e é um homem incompleto. Este mundo é uma *má ilusão* e, por isso, a educação deve ser preparatória para o outro mundo. Assim se perde o educando numa egoísta absorção em Deus.

E Deus, que só pode ser o princípio do progresso moral, torna-se o princípio do mais desolador egoísmo. Este mundo olhado como ilusório é a consagração da mais covarde indiferença perante todas as tiranias e infâmias, do mais mirrado desprezo perante todos os sofrimentos, do abandono do indivíduo a todas as vio-

lências sociais e exteriores. Assim se perde Deus, que é a finalidade ideal do Universo revelada na consciência humana pela continuidade da sua vida moral. O seu templo não se ergue no alto da serra de cara para o Oriente, esperando o Sol. O seu templo é a própria serra, a própria terra pejada de ideal, o próprio Sol deslumbrador e amigo. Quando à tarde se erguem da planície, subindo os flancos da montanha, os murmúrios das ervas inquietas é em Deus que a nossa alma ávida os recebe e interpreta. Deus é a omnipresença moral, é, por isso, a eterna alegria do bem.

O padre *ilusionista* lembra-me um alquimista, que tivesse enlouquecido na procura de Deus, precipitado nas suas retortas. Ele caminha no Infinito em procura de Deus; mas, como há-de achá-lo, se ele vive no Infinito e em Deus, e começa por tentar colocar-se fora da vida *ilusória* e *fútil*. Quem quererá entregar, ao alquimista demente, um filho para educar?

O padre é um homem incompleto e duplamente incompleto. Porque perdeu a autonomia da razão e da vontade, e porque perdeu a alegria do amor fecundo e abençoado. Que quem odeia a Vida se recuse a transmiti-la é lógico; mas, no nosso caso, é mais um passo, ou antes é a queda, no abismo do nada. O que filosoficamente se pensa pode ficar longe do núcleo da personalidade, e nisto está toda a questão educativa.

O padre poderia, pois, sem cair na hipocrisia, ser inconscientemente amigo da Vida. Note-se que neste caso ele seria ainda um péssimo educador, pois seria de uma duplicidade aniquiladora.

Não pode o padre conhecer concretamente, *vivendo-o*, o suavíssimo sentimento da paternidade. Não pode, pois, por carácter, amar as crianças, a sua exuberância de vida, a sua impetuosidade, o seu ardor.

Não se diga que isto não influi.

Perguntarei somente, ao leitor que tenha filhos, se com o nascimento dos seus filhos se lhe não rasgaram novos horizontes de ternura e piedade. Em tudo isto supus o padre obedecendo a regulamentos laicos e limitando-se a fazer o mal, que a sua simples presença cria. Mas isso é um caso irrealizável, o padre há-de servir os seus interesses, torcendo *um pouco* tudo o que lhe for contrário.

Tudo isto é incisivo, lógico, terminante.

E é fácil a sua comprovação histórica.

Os clérigos tiveram exclusivo do ensino medieval e bem mostraram a eficácia dos males, que citei. O seu *pessimismo ilusionista*

levou São Jerónimo, a par de invenções de valor, a proibir o banho das raparigas por causa das tentações...

De todas as congregações ensinantes nem a dos jansenistas (por tantos motivos admirável) escapou à censura de levar às almas o ódio pela vida. Todas as outras tinham por fito a humilhação da carne, indo até bárbaros espancamentos nesse fim. Os irmãos das escolas cristãs adoptavam o chicote devendo o aluno vir colocar-se *nu e a jeito*.

Evocando as minhas recordações pessoais, direi que, num colégio onde estive, quase todos os padres eram ostensivamente ferozes e *sádicos* e, no meio da barbaria geral, era notória a relativa brandura dos leigos. Isto só serve para mostrar a influência particular da profissão padre no carácter do educador.

Mas acima de tudo está a demonstração da sua *impossibilidade* filosófica de educador. Neste sentido, devem ser orientados os homens do mando. Na observação e teorização dos factos se deve procurar o sentido das reformas e não em ociosos verbalismos de *democracia estudada de cor*.

(*A Montanha* — Diário Republicano da Tarde, Porto, ano 1, n.º 38, 14 de Abril de 1911.)

Um aspecto da Lei da Separação

Num trabalho de 1910, interpretando o cristianismo, reduzíamos o domínio religioso à acção do *Irracional* *.

Objectivamente, a religiosidade afirma-se pelo *irracional*, subjectivamente pela *liberdade*.

Todo o conhecimento é um sistema mais ou menos coerente de conceitos mais ou menos abstractos. A realidade é medida por conceitos, cuja estabilidade é tanto maior quanto mais a realidade, que procuram medir, satisfaz ao postulado da inércia. Este postulado, que tomado em absoluto impediria a evolução, é na essência o postulado da absoluta inteligibilidade.

Inteligibilidade e inércia são termos correlativos, as duas faces objectiva e subjectiva da realidade. Isto concorda duma maneira singular com a teoria bergsoniana da matéria.

O absolutamente inteligível seria um sistema conceptual perfeito, representando uma realidade absolutamente inerte.

Determinismo e inércia.

Os seres evolutivos afirmam a mobilidade e escapam à medida por qualquer realidade de igual ritmo evolutivo.

Serão medidos, apenas, por seres de mais largo ritmo. A diferença de ritmo ou de actividade é a causa do domínio e conhecimento de certos seres sobre outros.

A inércia é, pois, uma relativa actividade. Para um homem isolado a sociedade apresenta certos aspectos de inércia porque a sua consciência, prenhe de invenção e futuro, avança sobre o ritmo da evolução social, carregada de passado e tradição. O conhe-

* Um livro posteriormente aparecido (resumo de conferências feitas por um ilustre professor, já falecido) concorda aproximadamente. O Irracional chama-se aí o Incoordenável.

cimento requer, e demonstra por isso mesmo, uma sociedade de actividades. A ciência revela os *modos realizados* dessa actividade. A arte, modo complementar da ciência, procura interpretar essas actividades.

O postulado da ciência é a universal inércia, o da arte o universal psiquismo.

A arte é reveladora do *irracional*, por isso fecundadora da *liberdade*. A contemplação estética dá uma nova e diferente tranquilidade — a certeza do absoluto.

A esse absoluto, o irracional (na esfera da acção-liberdade), corresponde o sentimento religioso, tantas vezes aliado ao sentimento estético. Pode o homem, conhecendo pela reflexão filosófica a existência do *Irracional*, conquistar a nova unidade interior necessária a um novo movimento de expansão espiritual, com a simples organização hierárquica de todos os *modos* da cultura? O Irracional escolherá um símbolo concreto, que fale, através da sua sublimidade, todo o mistério, toda a beleza e toda a ansiedade da criação? Eis um problema, agora, que o torpor secular do espírito adormecido na *letra* vai ser abalado por heróicas rajadas de espiritualidade.

A alma portuguesa encontrará a forma do seu sonho? O sentido primitivo do cristianismo não sairá, em erupção, da profundidade da nossa avidez de ideal? O nosso carácter poderá permitir-nos a valorização duma vida exuberante sem simbolismo especial? Os nossos poetas serão os nossos futuros teólogos? Problema profundo e interessante num período em que por virtude da competência livre das *religiões entre si e com a religiosidade* a nossa vida espiritual se vai exaltar, erguer e criar novas riquezas.

(A *Montanha* — Diário Republicano da Tarde, Porto, ano I, n.º 51, 29 de Abril de 1911.)

A reforma do ensino secundário

Há meses, publicámos neste jornal o esboço de uma organização de todo o ensino. Aí dissemos que uma organização de ensino só deixará o empirismo quando for o corolário de uma teoria da cultura humana.

Em trabalho anterior tínhamos proposto uma teoria da cultura.

O pensamento emotivo, imediatamente prático, animista é o pensamento inicial — pensamento nebulosa. Este diferenciou-se com os correlativos progressos psicológico e social.

O pensamento sincrético inicial está hoje diferenciado nos seguintes equivalentes discretos.

Especulativo prático mediamente, é claro — a ciência.

Equivalente emotivo — a arte.

Especulativo puro, síntese integral — a filosofia.

Posta esta teoria da cultura, toda a educação tem de alicerçar-se nela.

Uma educação fundamental (primária superior, primeiro ciclo liceal, como quiserem) tem de ser aquela que dê ao indivíduo *conhecimento e posse* da actividade científica, artística e filosófica.

Sobre esta base comum vem assentar toda a organização do ensino. As especialidades teóricas dão, no segundo ciclo liceal e nas escolas especiais, as diferentes diferenciações.

A tecnologia vai para escolas especiais de diferentes graus, conforme o grau da sua dignidade teórica.

Dignidade teórica, pois em nada o homem é meramente prático, e dificilmente o é o burro.

Todos os nossos hipotéticos leitores, que *pudessem* perceber o que então escrevemos, devem lembrar-se deste simples e sintético projecto. Adiante. Sendo verdadeira a referida diferenciação do

pensamento primitivo em seus discretos equivalentes, acontece que, no momento actual de transição, existe a tentativa de cada forma ao domínio exclusivo.

Há sábios que desprezam a filosofia e a arte, há artistas que desprezam a ciência, etc.

Por isto e pela contingência de o ensino português ter desprezado a prática como imprescindível *processo pedagógico*, há em Portugal uma forte corrente de empirismo, *berrando* pela prática. A nossa má situação económica, industrial etc. serve-lhes ainda de pretexto para, dizendo asneiras, barafustarem pela educação prática. Muito bem, meus ilustres estúpidos. Somente a teoria é a força da prática. A nobreza teórica mede a força do espírito e o *alcance da acção*. Há apenas um pequeno engano, confundindo os processos pedagógicos e os fins da educação.



Mas vamos ao assunto. Foram enviados aos liceus dois projectos de reforma do ensino secundário para os professores darem parecer de preferência. Um é prático, no sentido que acima fica explicado. Quer o ensino das ciências comerciais (?!).

Outro é teórico, tem nobreza e elevação. No primeiro, predomina o figurino francês, de mistura com a asneira nacional. No segundo há o conhecimento do ensino alemão, de mistura com senso e respeito pela parte espiritual do homem. O primeiro cheira a burocrata ignorante.

O segundo a pensador consciencioso. Francamente nos parece ver neste a presença do Sr. Adolfo Coelho.

Os professores dos liceus vão votar. E como vai ser essa votação? Filha de várias contingentes circunstâncias. Os professores aferrados à educação clássica votariam certamente o segundo, por preconceitos a maior parte. Os professores de ciências votariam pelo primeiro, que é o prático. Mas outras considerações vêm complicar. O projecto, que só devia trazer as bases filosóficas, traz já distribuição de horas, que pertence à pedagogia. Assim vai-se complicar a votação, votando por um, por causa da parte pedagógica, os que votariam pelo outro pela parte filosófica. E tudo isto, porque o acto da direcção-geral, mandando agora os projectos, é despropositado. Antes do projecto elaborado é que professores, alunos e homens de letras deveriam ser convidados a for-

necerem material de construção. Estatísticas, inquéritos etc., constituiriam esse material.

Depois, uma comissão de homens competentes, José de Magalhães, Adolfo Coelho e..., e é difícil citar mais, elaboraria sobre esse material, sistematizando-o sob a acção da sua reflexão filosófica, a organização definitiva.

Nada disto se fez.

E não se fez porque não acabou o vício desta terra de doutores (com a República multiplicam-se) de amar a plumagem vistosa do pavão. Que todos os professores do liceu compreendam neste momento a sua altíssima missão espiritual e se não façam, votando o projecto *burocrático*, os defensores deste *chato* plebeísmo intelectual, que encerra o cérebro do homem no ambiente duma oficina.

(*A Montanha* — Diário Republicano da Tarde, Porto, ano 1, n.º 66, 17 de Maio de 1911.)

A simpatia social

De há muito a crise portuguesa vem sendo encarada por vários aspectos, dizendo uns que nos falta carácter, outros que nos faltam ideias. De ambas as cousas carecemos e muito, mas não é esse o maior mal. Não estamos nem moral nem intelectualmente arruinados. Ainda há nobreza heróica e austeridade disciplinada. Aparecem ainda homens, que se atrevem a contrariar o meio, não por obstinação snobista, mas por lealdade de consciência. Ainda há exemplares de sólidas virtudes burguesas, afirmando o absoluto da honra de encontro ao cepticismo dominante. O que nos falta é a reflexão sobre uma simples parábola, que todos aprendemos em crianças. A do feixe de vimes que resiste ao esforço, que o parte, tomando-os um por um.

Muito devíamos meditar no seu simples e profundo ensinamento.

As sociedades modernas exigem todas uma grande quantidade de confiança de todas as espécies. A todos os momentos confiamos a nossa vida à probidade técnica de milhares de criaturas. Subjacente a todas as formas de confiança, está a confiança moral, única garantia de todas as outras, pois que é a garantia da própria lei, sua sentinela social. É essa confiança moral que nos falta. Nós somos hostis e impertinentes. Com que prazer não desfazemos uma reputação, brincando e fazendo o *flirt* do espírito!

Um homem íntegro aflige-nos, é uma acusação viva. É preciso que tenha um calcanhar de Aquiles.

E ele aparecerá a oferecer-nos a sua vulnerabilidade humana. Este sabe muito, mas perde-se em estéril erudição, aquele é honesto, mas é-o por estupidez, etc.

Não quer isto dizer que se deva fugir aos dissabores, que sempre levanta a discussão de ideias e dos seus representantes. Mas essa discussão pode fazer-se com simpatia, enriquecendo-se mutuamente os adversários com a relativa verdade das suas opiniões.

E não é isso que se faz em Portugal.

Damo-nos por falidos a todo o momento, obedecendo nessa afirmação a solicitações da nossa covardia ou da nossa vaidade.

Quando dizemos nada haver de bom em Portugal, dizemo-lo com raiva, mostrando bem que é o medo que fala. Receamos a nossa pobreza, por isso fazemos alarde dela para o afugentar. É um desafio a que nos desmintam, como quando apostamos contra a nossa própria opinião e desejo. Parece-nos que assim solicitamos o acontecimento desejado.

Noutros casos dizemos mal de tudo para justificação da nossa insignificância. Tomamos muitas vezes a caricatura, que é um simples processo de pedagogia social, como fotografia. E assim acabamos por tornar monstruoso o que só oferece certo desaire. Queremos corrigir um lado duma personalidade e aumentamo-lo a ponto de se tornar para nós toda a personalidade.

É esta falta de simpatia, que, originando a desconfiança social, nos enfraquece e amesquinha. E assim nos vamos apoucando e tornando o meio impróprio para a florescência dos homens superiores, condensadores de simpatia social.

Isto acontece com os representantes da cultura intelectual, isto acontece com as relações de família, isto acontece com as relações profissionais, isto acontece em todas as relações sociais. E no entanto de alguma nos podemos orgulhar e declarar pródigos. Nós temos actualmente uma poesia superior e verdadeira, *sem maneiras*, sincera, lusitana, voz dos nossos peitos a cantar as aspirações universais. Nós temos pensadores honestos e sérios que têm raízes na realidade, e, sem retórica, trabalham e afirmam. E no entanto diz-se todos os dias que é tremenda a crise da nossa literatura. Falta-nos, é certo, uma cultura científica; mas dessa mesma temos alguns representantes. Em tudo a desconfiança medeia. O operariado português desconfia de todos os que não aceitem dogmaticamente os seus sistemas demasiadamente rígidos e *absolutistas* para abrangerem a verdade.

A burguesia portuguesa é sempre disposta a interpretar os movimentos operários a sabor do alvoroço desinquietante, que eles lhe lançam no espírito. Daí correntes de hostilidade, incapazes de conjugação. A tolerância, filha daquele *esprit de finesse* que Pascal afirmou ser preciso para o conhecimento do real, é-nos desconhecida. É costume chamar-se-lhe transigência.

Muito precisavam os nossos olhos de fugir àquela estranha cegueira dos seres humanos de que nos fala W. James.

A vida é complexa e difícil, o homem das verdades absolutas é um magarefe e não um pensador. Quer isto dizer fraqueza? Não.

Somos tolerantes, quer dizer, não somos petrificadas múmias, mas seres de carne e sofrimentos, que amamos a Vida e a queremos engrandecer. Seremos, por isso, transigentes?

Não. Um só absoluto admitimos — o da sinceridade. É com simpatia que imos para os outros, de coração comovido e espírito ansioso; mas não nos prostituímos à mentira. Para a Verdade seguiremos com todos que nos acompanhem.

Para a Mentira ninguém acompanharemos. E mentira é pregar o amor e semear o ódio, ir para Deus com o auxílio do diabo. Devemos unificar a nossa vida social pela confiança esclarecida.

Naturalmente confiantes, saberemos compreender os homens e distinguir entre a falta que diminui e a falta que infama. Não será mirrada a nossa alma por um cepticismo janota, que só representa a nossa falta de ideal, reflectida e estendida aos outros.

(*A Montanha* — Diário Republicano da Tarde, Porto, ano I, n.º 74, 26 de Maio de 1911.)

Nova monadologia

Fragmento inédito

O Universo é uma sociedade de consciências que se buscam e se ignoram. Os seres hierarquizam-se desde o inerte ao homem. Os seres mais humildes, apenas saídos do nada ou do inerte puro, completamente exteriorizados, esgotam-se em reacções newtonianas. Com a vida aparecem seres mais ricos: ao mesmo tempo que respondem newtonianamente, que são presentes no mundo mecânico, possuem um excedente de energia não *actualizada*, portanto livre. O vegetal ao mesmo tempo que responde às acções gráficas, ergue-se, assimila, resolve o problema da vida, reproduz-se. A certeza dum excedente de energia permite-lhes falar da sensibilidade das plantas.

Energia provavelmente gasta logo na adaptação, não *reflectida* portanto... O animal possui maior excedente de energia livre, por isso dispõe de mais Espaço e de mais Tempo.

O homem resume toda a escala. Quase pode limitar-se a reacções newtonianas, muitos se limitam à adaptação biológica, outros movem nos seus pensamentos o Infinito. Por isso, se, quando chamamos penedo a um homem estúpido, exageramos; quando lhe chamamos burro fazemos não uma metáfora, mas uma exacta afirmação.

Se o homem não sentisse, contemporânea com a energia actualizada nas reacções newtonianas e na adaptação biológica, um excedente de energia livre, nunca teria criado a palavra alma, nem pensado na liberdade e em Deus. Mesmo os seres inorgânicos se não actualizam em absoluta reacção newtoniana, os ferros-níqueis de Guillaume apresentam um exemplo frisante. De modo que a inércia é um conceito limite. Os seres diferem em alma ou liberdade. Os menos livres são inertes em relação aos mais livres.

Assim todos os seres têm uma face inerte (a olhada pelos de mais liberdade) e uma face livre a que os constitui, que os torna presentes e *actuates* no Universo. Por isso a ciência é universal, pois abrange todos os seres pela face inerte. Por isso a poesia é universal e mais íntima, porque abrange todos os seres, *falando-os* por intuição simpática. Os seres são desdobrados no espaço e no tempo. Os mais exteriores, morando em si, mesmo, não dispõem nem do Espaço, nem do Tempo.

Os seres vivos dispõem do Espaço na medida em que excedem a reacção newtoniana. Os primeiros viverão no absoluto presente (se a inércia fosse perfeita), os segundos têm passado e vislumbram o futuro. O homem vive no presente pelo seu corpo, no passado pelas *obras* do espírito, no futuro pela liberdade do espírito, excedente das reacções. Dispõe do Espaço pela inteligência, prolongamento do seu corpo, na medida da sua amplitude de excedente de reacções. É limitado no tempo e no espaço pela acção dos outros seres, que o obrigam ao gosto das respostas.

Deus não reage, somente actua. Deus é a única actividade a que o Mundo não faz obstáculo.

Porto, 5.º mês de 1911.

(*Início* — Revista de Arte, Literatura e Crítica, Lisboa, ano 1, n.º 3, Março de 1915.)

Por Camões

Uma conferência de Leonardo Coimbra

Sábado passado no Liceu Rodrigues de Freitas fez o talentoso professor Leonardo Coimbra uma brilhantíssima conferência, que publicamos na íntegra:

Meus Senhores:

A confiada inocência do pensamento helénico criou um mundo de pura e harmoniosa beleza. O mundo transparente e leve penetra-se de pensamento.

O pensamento ingénuo e atrevido embebera-se de cósmicas harmonias.

Equilíbrio perfeito entre o homem e o mundo. Apenas recordações longínquas de antigas cosmogonias bárbaras de Caos e Sombras.

É que o pensamento, saído do primitivo animismo, tomado de audácia, corra ágil e prodigioso à conquista do Universo.

E conquistara-o. O inteligível é a realidade. Sombras, dúvidas e penumbras não existem sob o sol da Grécia.

E tanto que, com Parménides e Zenão, o puro inteligível é oposto ao mundo dos sentidos. O Ser é uno e o movimento ilusório por ilógico. Mas a filosofia dos Eleatas é um incidente natural do pensamento helénico. E ela, que levanta o problema do Uno e do Múltiplo, nem por isso consegue o desvairamento e a angústia. Estava reservado aos modernos sobre essa pungente questão, em termos criados pelo cristianismo, alicerçar a verdadeira tragédia — a Shakespeariana.

Um pensador isolado e terrível aparece no meio de todos estes contemplativos sublimes.

É Heraclito. Nesse oceano de sereias que é a antiga Grécia, Heraclito é o turbilhão, o aforamento do Irracional. Todo aquele oceano arfa num ritmo geométrico e igual, somente aquele Heraclito lembra o trabalho oculto mas contínuo da vida interior, criadora e fecundante. De resto o pensamento helênico é claro, tranquilo e gracioso. São matemáticos, mas, para eles, a matemática pertence à história natural. Neles não existe a diferenciação entre o pensamento artístico e o pensamento científico. Sob gêneros e espécies se apresenta a Natureza, numa perfeita inclusão e harmonia.

São ainda animistas, mas não daquele animismo primitivo, inquieto e aterrado. O modelo é a vida, mas fácil, grácil e equilibrada. Não há sábios, apenas filósofos e artistas. O conceito domina e inede a realidade, e com Sócrates, ergue-se a consciência dos seus direitos. Depois, como ideia em Platão ou como forma em Aristóteles, ele formula a realidade.

A IDEIA DO INFINITO. O CRISTIANISMO

É no domínio do Imutável que reside a verdade e o ser. Com o cristianismo uma nova ideia, incoercível e formidável, irrompe para a Vida — a ideia do Infinito.

O cristianismo nasce duma tempestade interior, do desequilíbrio, nunca mais recomposto, entre o mundo da alma, da aspiração e do amor e o mundo da natureza, da inércia e da indiferença.

O cristianismo foi um movimento do Absoluto e, nesse sentido, ele é divino. Historicamente ele resolveu a dualidade trágica, negando a natureza. Voltar à Natureza, sem que nela se dilua, se afogue o espírito, eis o problema iniludível que nos põe a vida. E, como os problemas viscerais da existência são sentidos pelos artistas, é nos artistas que devemos encontrar a veracidade do que afirmamos.

Em termos do espaço o problema do Uno e do Múltiplo, em termos do espírito o problema do real e do Ideal, eis o fulcro da tragédia moderna.

E V. Ex.^{as} perpassem a memória por sobre qualquer tragédia de Shakespeare e, hão-de verificar que é duma estranha mistura de real e de ideal a atmosfera dessas tragédias. A dilacerante angústia do *ser ou não ser* torce na dúvida metafísica o homem, metade da eternidade e do amor, metade duma Natureza, senão

indiferente, pelo menos muda e impenetrável. À Natureza voltaram aqueles, que após o longo período de ruminação, que foi a Idade Média, criaram a arte e a ciência modernas. A Idade Média, sonolenta, ruminará o aristotelismo, e daí essa obra do formalismo escolástico que é costume condenar em absoluto, esquecendo ingratamente o muito que lhe devemos em matéria de lógica formal. Com o aparecimento da ciência moderna começa a separação radical do pensamento nos seus modos científico e artístico. A ciência aspira a uma perfeita autonomia e conquista-a. Para isso tivera de se desembaraçar das questões que a prendiam.

Dum lado a religião, de outro lado o cepticismo filosófico lhe levantaram dificuldades. O meio de abrir caminho era fazer-se neutra, amoral e partir de *dados* (convenções, postulados, axiomas, etc.) por e para si indiscutidos. O cartesianismo fornece-lhe o método e ela, começada por Kepler e Galileu, segue agora certa e soberana. Acontece-lhe o que acontece aos homens. O seu *sucesso* é prova do seu valor e, o limite desse valor esquecido, ela ergue-se como ídolo todo-poderoso.

O DESLUMBRAMENTO DO CARTESIANISMO

E o deslumbramento é tamanho que os filósofos posteriores, entre os quais o genial Kant, aceitam como dogma o seu valor absoluto, a sua capacidade exaustiva do real. E, como ela é o perfeito e rigoroso determinismo, a liberdade humana, fonte do entusiasmo e do ideal, é, ou brutalmente despedida com Espinosa, ou muito delicadamente enviada para o mundo dos noumenos com Kant. Assim se gasta inutilmente o mais alto gênio especulativo que possuiu a humanidade, na impossível tarefa de encontrar lugar para a liberdade, que a moral reclama.

E esse filósofo, que na autonomia da vontade genialmente viu residir o facto moral, sobrepõe ao fenómeno o noumeno, deixando o fenómeno miraculosamente suspenso das faculdades humanas e o noumeno num vácuo desolador. E aqui é, meus senhores, o ponto essencial da minha conferência. Enquanto ciência e arte se não opõem pelo seu espírito, enquanto a literatura não constitui uma especialidade, pequeno é o perigo de os povos esquecerem as obras, que, contendo as suas virtudes, imortalizam a sua alma. Enquanto inal distintas, não era fácil discernir entre o valor social da literatura e da ciência.

CIÊNCIA E ARTE

Nitidamente separadas, destacam bem os seus respectivos valores.

Num período de indiferenciação a literatura contém lições enciclopédicas — conselhos técnicos, leis empíricas dos fenômenos, ensinamentos éticos, dramas sociais e individuais, lendas da raça, etc. ...

Num período de clara distinção, como o nosso, a literatura vive ao lado da ciência, continuando a viver na complexidade concreta da vida, enquanto a ciência se vai isolando nas suas abstrações artificiosas e propositadas. Não haja má interpretação das minhas palavras. Não deprimos a ciência. Digo que é da ciência o que lhe pertence, e não é dela a vida do espírito senão sob o ponto de vista do inerte, isto é, nas suas repetições e automatismos. Não posso agora, porque me não sobeja o tempo nem a V. Ex.^{as} a paciência, fazer uma detalhada crítica do relativo valor da ciência. Envio os espíritos curiosos para os sábios Poincaré, Mach e Duhem e sobretudo para o genial filósofo francês Henri Bergson. É nas literaturas que vive a alma humana nas suas relações cósmicas, nacionais e regionais. Numa época de dispersão como a nossa, só nas literaturas podemos encontrar o ponto de apoio para a interiorização, que carecemos, sob pena de percorrermos os instantes da existência em vez de vivermos o tempo, enchendo-o com a alegria máscula das nossas obras. Não vão para o passado os nossos olhos colocados na frente, mas para o que há de imortal em nós — essa mesma essência, que é a alma da raça, a alma da humanidade sofredora e heróica.

A ciência iguala todos os homens, não conhece nem raças, nem indivíduos.

A arte é da humanidade sim, mas concretamente, é no indivíduo que fala da aspiração humana, das virtudes étnicas, do esforço individual. A ciência analisa e as suas sínteses partem de elementos irreduzíveis aos quais se não deixou a mínima veleidade de vida.

A arte é sintética e concreta, melhora o real mas no sentido do ideal vivo e criador.

O preconceito moderno é o cientismo. A vida nómada; a casa alugada, o trabalho sem finalidade, o vazio nas almas, o movimento esgotante, são faces do cientismo moderno.

Tudo movimento; nem uma alcova cerrada, um único abrigo fechado, tudo devassado e igual. O mundo moderno é um Asha-vero sem remorsos e sem cansaço.

Pressa na alma e tensão nos músculos.

E até as erupções do Ideal vêm inquinadas desse delírio de movimento.

A FRATERNIDADE E O AMOR

Cientismo, industrialismo e certo socialismo são faces do mesmo poliedro. A ciência é movimento e indústria, iguala e derruba fronteiras, identificadas as almas na mesma aspiração de movimento e igualdade. Quantos socialistas há que não bradem contra o que eles chamam o preconceito da pátria?

Quantos compreendem que só o amor pode irmanar as almas, e que pelo amor amamos cada ser pelo que é, e não pelo facto de se identificar connosco?

A fraternidade pela identificação é uma forma velhaca e monstruosa do egoísmo. Que o preconceito científico domina, a própria literatura o confessa. Há na vida das literaturas fases de criação e fases de imitação. A visão concreta de Tarde bem acerta nesta particular questão. Os movimentos imitativos prolongam-se em períodos de oca repetição de imagens e fórmulas; daí a decadência e novos períodos de inquirição, curiosidade inquieta e regresso à Natureza. O realismo moderno, movimento de inquirição, não conseguiu furtar-se ao estado social dominante — o cientismo.

E, com Zola, nós vemos a literatura dissecar almas, procurar taras, etc. E o Ideal, condição imprescindível da literatura, aparece bem misturado de cientismo a procurar justificar-se como se o Ideal precisasse justificar-se perante alguém.

O IDEALISMO DA ARTE

Em arte não se opõe o realismo ao idealismo, mas sim o idealismo ao fantasismo. Toda a arte é idealista, consciente ou inconscientemente. Lembro agora um paradoxo interessante dum pintor realista dum romance de Zola, que sacrifica à exactidão e realidade das suas mulheres de tinta, a própria mulher de alma e sofrimento, de amor e humildade, como se essa fora irreal e romântica. O Universo não é um sistema de pesos e medidas, os pesos e as medidas são condutores da acção, como a candeia que ilumina a ceia do pobre. Mas a ceia, o pão do corpo e do espírito, é o produto da sua fidelidade ao trabalho, das suas virtudes e dos seus afectos.

Eis pois o valor social das literaturas — nelas e só nelas vive hoje a alma de insatisfeita aspiração, de sofrimento, de humildade e amor. Decerto algum dentre vós, suficientemente narcotizado pelas banalidades de livraria, terá reparado que falo do amor e da bondade e ainda não falei da vingança mesquinha, da tortuosidade, etc. Precisamente. Porque na alma humana me interessa mais a sua face voltada para Deus, isto é, para a ânsia infinita de amor e perfeição, que a face ainda envolta em sombra, mas a sombra já inquieta e acoçada pela luz. É este o valor social das literaturas e é, ou deve ser, o seu valor pedagógico. Por isso me insurjo contra as organizações de ensino que desprezem a arte pela ciência e nesta a teoria pela aplicação, que pretendem fazer artífices, sem primeiro terem feito homens.

O MOVIMENTO FILOSÓFICO MODERNO

Não quero terminar sem mostrar como o pensamento filosófico moderno tem a noção clara da relatividade científica. Todo o movimento pragmatista, proclamando o empirismo radical, é precisamente um protesto da razão humana contra o preconceito científico. Pede-se um empirismo radical, quer dizer, declara-se que, escapando a realidade às abstracções científicas, se não pode suportar a ciência exaustiva do real. Ora o movimento pragmatista, com o seu máximo representante, W. James, na América do Norte, não é um significativo facto de protesto contra a dispersão esgotante e aniquiladora? Não é curioso ver o critério de fecundidade e utilidade servir de critério de valor científico ao primeiro sábio francês Poincaré?

Que significa tudo isto?

Que desta vez o grito de regresso à Natureza vem dos próprios sábios. Que a liberdade do espírito, que a onda cartesiana tentou afogar, emerge ao chamamento dos próprios sábios. Ao passo que o princípio da conservação da energia serve para se afirmar o determinismo universal como uma verdade científica, Poincaré nos mostra que tal princípio só pode ter um sentido na hipótese indeterminista. E a filosofia francesa, depois de Renouvier tentar, ainda escravo do cartesianismo, salvar a liberdade, não segue com Boutroux para uma ampla e carinhosa recepção de todos os incomensuráveis científicos? Não encontra com Bergson a intuição da liberdade, a valorização da intuição, e solução das antinomias kantianas, dos argumentos de Zenão de Eleia e de

todas as dificuldades criadas pelo desprezo das realidades de duração concreta, isto é, da eficácia da acção? É a filosofia a marcar o justo valor da ciência como meio de acção e conhecimento do inerte e o justo valor da literatura como morada do Ideal, eternização do efémero, engrandecimento da vida. Na ciência observa-se, experimenta-se e teoriza-se; na arte vive-se, ama-se, sofre-se e anseia-se. O sábio sistematiza relações funcionais, o artista dá vida eterna às santas alegrias da virtude que nobilita, às sacratíssimas lágrimas do sofrimento que redime.

PORTUGAL E CAMÕES. O CONFERENTE DEFINE O POETA

E agora, terminada esta parte da minha conferência, eu poderia dar por acabada a minha tarefa, pois a mais me não obriguei. Não quero todavia deixar de falar em Portugal e em Camões.

A arte, como a ciência, é um produto da experiência humana. Ambas guardam as conquistas que o homem vai fazendo à Natureza.

Pela ciência possui o homem o espaço e nele exerce uma actividade continuamente crescente e ampla. Pela arte possui-se o homem no tempo, furtando-se à dispersão e exteriorização absoluta, para ir criando o tempo com a transmutação dos seus sonhos em acções, para se ir ensimesmando e possuindo no meio do universal fluxo. Schopenhauer viu bem o significado libertador da contemplação estética, esquecendo, contudo, o seu papel dinâmico e genético.

O Poeta é o ser de esquisita sentimentalidade, de requintada sensibilidade, ao qual é continuamente presente o Universo. Ser de comoção e arrepio os seus sentimentos têm, no entanto, uma coloração menos afectiva e mais representativa que os do vulgar.

Daí a sua liberdade criadora. O seu espírito não é escravo da dor, é antes a abençoada terra que, em frutos de beleza eterna, erguerá essa dor. O Poeta chora e ri lágrimas e sorrisos fecundos. Arquitecto do ideal, é com os minérios raros da alma humana que edifica. Em Camões, que é o nosso maior poeta, temos de ver o gigante que nos modelou a alma e a lançou para a eternidade com a luz que lhe dera. A alma humana, a alma étnica e a bem mais profunda alma cósmica vivem e palpitam na obra de Camões. Que mais torturada figura de ansiedade de amor e desespero de impotência que a desse Adamastor?! Ele é o mais estranho Prometeu! Prometeu roubara o fogo de Júpiter. Mas a luz de Júpiter é a luz física em cuja suave transparência se embebem as harmonias

pagãs. No pobre Adamastor não é a ânsia de saber, mas a loucura de amar que o tortura. O delírio cristão do amor infinito abala aquele Prometeu retardado. E não é um castigo de Deus ofendido, é a própria tragédia da vida a sua tortura.

Ansiedade de amor encarcerada em mísera carne de duros penhascos. É carne impotente em abraços desvairantes embebida:

Converte-se-me a carne em terra dura;
Em penedos os ossos se fizeram;
Estes membros, que vês, e esta figura
Por estas longas águas se estenderam.
Enfim, minha grandíssima estatura
Neste remoto Cabo converteram
Os Deuses; e, por mais dobradas mágoas,
Me anda Tétis cercando destas águas.

Aqui vive a alma cósmica do homem, em todas as suas perturbantes dúvidas, em toda a sua pura essência religiosa. A alma da raça vive por todos os Lusíadas. As virtudes lusitanas de coragem, lealdade, esperança, mística aventura, são imortalizadas pelo poeta.

Em Aljubarrota, a leal coragem do Condestável; em África a mística abnegação de D. Fernando.

Na amorosa Coimbra, a ternura, a bondade comovida e simples, a dádiva da alma daquela Inês que aos montes ensinava e às ervinhas o nome que no peito escrito tinha. E o seu lirismo enterrecido é bem a sua nobilíssima alma de poeta, grande como o Universo, simples como as humildes plantas dos campos.

O LIRISMO — NA OBRA DE CAMÕES TEMOS A ALMA LUSITANA

O lirismo é a dignificação e exaltação do indivíduo. O lirismo procura o verdadeiro, o original sentido de cada alma. O poeta lírico, que, para interpretar as almas, começa pelo que elas apresentam de mais imediatamente concreto, achará no indivíduo o amor que o une ao ente amado. E com esse amor ele o pode enredar e prender à família, à humanidade, ao Universo inteiro.

Originariamente individualista o lirismo pode levar o homem, de entusiasmo em entusiasmo, a sentir-se bem mais concreto e real na universal sociedade dos seres do que encerrado nos seus sentimentos, que, isolados em si, perderiam a cor, o significado e a vida. Na obra de Camões temos a alma lusitana. Reencontraremos a nos-

sa alma, quando os nossos olhos souberem chorar de sofrimento e os nossos braços se souberem erguer em resgate. Nessas virtudes antigas devemos ir buscar a força para a obra de hoje. Ela não será um futuro de novas descobertas ou conquistas guerreiras. Mas aquela audácia mística, que nos fez ir procurar os mundos desconhecidos, empregue-mo-la na descoberta dos ignorados mundos da nova justiça, mais humana, mais inquieta e mais amorosa. Aquela coragem e aquela lealdade bem precisas nos são para a obra de perfectibilidade moral e social que a consciência nos exige.

À GERAÇÃO NOVA CUMPRE ENCHER O FUTURO DE IDEAL E DE BELEZA

Caminhemos, pois, fraternamente enleados, para a continuada conquista de felicidade e paz. E nós, professores e estudantes, em nossos carinhosos braços recebamos a missão sagrada, que nos constitui os obreiros do Futuro. Sim, os senhores têm o dever indeclinável de sentinelas do Ideal. Quem havia de encher o mundo de Beleza, senão as gerações novas, luminosas de fé, de esperança e de amor? Nós, professores, temos o dever de transmitirmos as conquistas da experiência humana e da nossa própria experiência. Tudo isto, de mãos dadas, simplesmente, sem recriminações; com carinho, com enlevo, com comovido afecto. Assim cumpriremos a nossa tarefa humana e, ao morrermos, um pouco mais de Beleza deixaremos a esta humilde terra de sofrimento. E, se como um invisível ponto, opaco e insignificante, brilha o nosso cadáver e o cadáver do nosso planeta no Infinito Espaço, é, no entanto, com um brilho próprio e bem nosso que resplandece a consciência humana! E essa luz hoje invisível aspira a incendiar as constelações, a acender a branca aurora do universal amor, da perfeita harmonia de almas. Por essa pequena luz vivamos, por ela saibamos morrer: porque ressurgiremos em Justiça, em Fraternidade e em Amor.

Tenho dito.

Junho de 1911

[Registo jornalístico de conferência proferida no Liceu Rodrigues de Freitas do Porto publicado in *A Montanha* — Diário Republicano da Tarde, Porto, ano 1, n.º 88, 12 de Junho de 1911; também publicado in *Camões segundo Leonardo Coimbra* (compilação de Pinharanda Gomes), sep. do *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*, vol. 28 (Matosinhos, 1984), pp. 10-18.]

O «Senhor Diabo» e Anto

O carácter dominante das vidas religiosas é a presença permanente da noção de valor. Nos indivíduos religiosos a vida é uma coisa grave e profunda, uma *contínua afirmação de absoluto* no meio do universal relativismo dos fenómenos.

Esta concepção da vida pode ser adquirida por obstinada especulação, ou por pasmo emotivo. O segundo motivo é o único de certeza e tranquilidade. Pela especulação pode subir-se até hipóteses de imponentes probabilidades, mas só a coloração emotiva dará asas para o salto à certeza.

Os temperamentos eminentemente concretos, sensíveis à beleza harmoniosa da ideia, mas igualmente sensíveis à obscuridade do *real*, nunca adquirem uma estabilidade perfeita, um optimismo estático e regalado. Neles, a ideia é o Ideal — longínquo, vivido em aspiração e ânsia, problemático em objectividade e realidade. Assim, em António Nobre. Pessimismo fisiológico, é vulgar dizer-se. É certo; mas o que há de diferencial e próprio é a refração desse pessimismo através da sua alma, que o devolve pessimismo metafísico, absoluto. E não o pessimismo estático do espírito, que fez o balanço do Mundo e *contou* mais mal; mas o pessimismo da alma torturada na dúvida que a realidade concreta impõe.

Deus ou o Diabo? Deus e Diabo. Bem e Mal, alma sedenta de beleza e matéria empedernida de indiferença. Eterna dualidade, *eterno conflito*.

O Poeta folga e ri e, quando lhe falam os *pintores dos painéis*, ele sabe que vai *pousar* para a imortalidade e sente (não a pensa) a responsabilidade do seu ser metafísico. Empalidece e, com os olhos cerrados e os lábios brancos, é batido no *eterno conflito*.

Deus ou o Diabo? Nem um, nem outro: mas o Poeta, chocando a contradição, obscurecido no caminho de Deus pela sombra

do Diabo. E aquela alma heróica, que concebe e aspira Deus não nega o Diabo; sente-o, consigo o arrasta como a sua sombra. Não lhe fugirá; orna-o e, sem medo porque consigo traz Deus, com bonomia porque ele também dá sabor e colorido à existência, cumprimenta o «*Senhor Diabo*». Aquele humor vem da sabedoria.

Anto é sábio, tem um coração que é de Deus e que, afinal, é também um pouco do Diabo.

(*A Águia* — Revista Quinzenal Ilustrada de Literatura e Crítica, Porto, ano 1, 1.^a série, n.º 10, Julho de 1911.)

Aos poetas portugueses religiosos

Uma monadologia (Fragmento)

.....
.....
Em conclusão:

O conhecimento ou é uma impressão fotográfica, ou uma tradução da realidade. O conhecimento impressão é o conhecimento epifenomenal. Quer dizer que, sendo um certo arranjo mecânico, tudo se passaria como se não existisse a consciência. Mas isto é obra de prestidigitação e não de filosofia.

Pois é a existência da *consciência* que nós queremos explicar e respondemos dizendo que ela, milagre fora da relação causal, é nada. De resto, a *existência do nada* é o supremo absurdo.

A consciência epifenómeno é antes uma demonstração, por absurdo, da falsidade do mecanismo.

A consciência tradução livre¹ é a teoria que tem o predomínio, após a profunda crítica de Kant.

São conhecidos os inconvenientes desta teoria. Todos se resumem no seu relativismo, que cinde o mundo em fenómeno e noumeno. Fenómeno sem raízes no Absoluto, portanto sem verdade; noumeno sem existência activa, sem realidade portanto.

Como o conhecimento dirige, sintetiza e governa a acção, sendo apenas humano? Responde-se que a acção humana é a experiência humana e, por isso, é determinada *a priori* pelas categorias

¹ Livre relativamente à realidade actuante.

e pelas formas da sensibilidade. Mas o que se não percebe é a eficácia duma acção, que não é *absoluta*.

Uma harmonia preestabelecida, antes das apriorísticas harmonias, eis o postulado do kantismo.

O conhecimento não pode ser, pois, uma tradução livre da realidade. Uma tradução sim, mas relativa ao ser absoluto (actuan-te e actuado). A hipótese que, guiados por Hannequin, admitimos para a explicação da causalidade, hipótese duma sociedade cósmica, vai-nos permitir uma génese do conhecimento.

Assim será essa hipótese novamente imposta, como base essencial da ciência, da filosofia e da moral.

No Universo há seres (actividades incompletamente actualizadas) e movimentos (actualização absoluta). Ou reduzimos os seres a movimentos, ou todos os movimentos a funções dos seres.

A primeira tentativa é a do perfeito racionalismo, demonstrada pelas considerações já feitas e pela impotência provada na presente questão.

O movimento é continuamente actual, em parte alguma da trajectória ele pode realizar a suspensão precisa para que se olhe.

O Universo mecânico seria *um facto* e não um conjunto harmonioso de factos ou de leis.

Como que um mar de subtilíssima matéria, onde nenhuma vaga pode dispor de actividade própria para (e ainda assim uma nova dimensão seria precisa no Espaço) se erguer acima das outras, medindo-as. E aqui toco o ponto essencial da nova hipótese — sem diferença de ritmo, não pode haver descontinuidade, mas sempre perfeita e absoluta ligação.

A própria existência de movimentos diferentemente ritmados prova a falsidade do mecanismo. No mar pode haver movimentos desencontrados, porque forças diferentes podem actuar, ou a mesma força encontrar resistências diferentes (as costas, a natureza do fundo, a diferença de densidades, etc.).

No *Universo-oceano* nem movimento poderia haver, porque o infinito da inércia equilibraria o infinito da força; o perfeito homogéneo (sob pena de introduzir o indeterminismo com formas heterogéneas iniciais) seria o *Nada*.

Resta a hipótese do Universo sociedade de mónadas. Os seres (únicas realidades) hierarquizam-se, desde o inerte ao homem. Os seres, apenas saídos do nada, são aqueles que vivem em absoluta exteriorização, perfeita resposta newtoniana (reacção igual à acção).

Aqui, incidentalmente, de novo farei notar a falsidade do mecanismo pelo facto (hereditariedade) das respostas *não-newtonianas*.

Uma pedra não tem alma, porque não tem excedente de acção — a sua actividade é absolutamente esgotada na permanente reacção newtoniana. A sua vida é o presente absoluto.

Mas com a vida aparece a adaptação, isto é, o tempo ¹. A planta, a par da resposta newtoniana, eleva-se, procura a luz, resolve dificuldades, possui um mais largo ritmo. Por isso admitimos o problema da sensibilidade das plantas. Têm um excedente de actividade, provavelmente não *reflectido*, por *imediatamente actualizado na luta pela vida*.

O animal possui um maior excedente de energia livre, embora quase totalmente actualizado em imagens e sensações.

O homem pode resumir e resume toda a escala. Acossado por dificuldades materiais, o homem exterioriza-se, actualiza-se, desce ao nível do bruto, roça pela pedra.

Quando classificamos de calhaus certos homens, dizemos mais que uma metáfora. Quando, respondendo às acções mecânicas, biológicas e sociais do meio, sinto ainda um excedente de actividade, *a presença do Ideal*, sou um homem livre e superior. Sem esse excedente de actividade nunca se teria pensado na liberdade, na alma e em Deus.

Os seres medem, pois, a realidade pela amplitude do seu ritmo, excedente psíquico, alma ou liberdade. Assim compreende-se o conhecimento. Cada ser contém materialmente os outros de menor ritmo ou alma. O homem, compreendendo os outros, conhece a actividade livre e vivendo nessa actividade, sente e concebe Deus. Cada ser tem por limite o gasto de energia a que o obrigam os outros seres, ou o Mundo. Deus seria a perfeita actividade, a omnipresente liberdade.

A ciência, dentro desta teoria, quando mede a inércia, mede de facto a diferença de ritmo. Daí a *sua universalidade*, pois todos os seres têm uma face inerte, absolutamente actualizada, e uma face de actividade livre. O próprio mineral se não esgota na reacção newtoniana, como o mostram os fenómenos de hereditariedade (adaptação biológica) dos ferroníqueis de Guillaume.

¹ O tempo, o verdadeiro tempo, foi *descoberto* pelo genial Bergson no fim do século XIX. Embora esta teoria se oponha à de Bergson sobre a percepção, é justo dizer que a Bergson muito devemos.

Esta teoria explica a génese do conhecimento e da consciência, que na generalidade que adoptamos se confundem.

É a harmonização complementar da ciência e da arte numa moral cósmica ou religião. O Universo é uma sociedade de consciências que se buscam e se ignoram. É este o postulado consciente ou inconsciente de toda a obra de arte, e em especial, da poesia.

O homem é a consciência do estorvo corporal, da opacidade da matéria, e a consciência de liberdade criadora e amante. Interiormente livre, é determinado exteriormente (mas não fatalizado, e só nesta teoria desaparece a confusão de determinismo¹ e fatalismo) pelo obstáculo que lhe opõe o Universo.

O Espaço e o Tempo medem o alcance da acção de cada ser. O inerte não dispõe do espaço, como não dispõe do tempo. Vive num presente absoluto, completamente exteriorizado. *Mora em si mesmo*, e só por acção estranha percorrerá um espaço, que para si não existe, pois o inerte é sempre a morada de si mesmo. Deste modo redescobrimos as formas da sensibilidade, postas por Kant. O homem vive no passado pelas *obras do espírito*, no presente pelo corpo, no futuro pela liberdade, alma ou espírito. Vive no Espaço estorvado pela opacidade da matéria ou resistência do Mundo, mas essa opacidade é-lhe grata porque é o ponto de apoio da sua divina acção libertadora.

Mede o Espaço com o cérebro, isto é, firma nele a possibilidade indefinida de acção.

No Espaço ergue, com religiosíssimas mãos, as suas obras de bondade e doçura.

Abre o coração e, sem esforço, ergue o Universo tornado imponderável; porque o amor é a actividade original, intemporal, absoluta. Uma onda de amor ergue todo o Infinito, volvido transparente, sem resistência ou inércia. Assim, pela inteligência, prolongamento do seu corpo, vive no presente² [1] activo e dramático e no espaço opaco e resistente. Assim, pelo amor (presença divina) vive na Eternidade e no Absoluto, isto é, em Deus. Deus é eterno e absoluto porque não reage, somente actua.

¹ Qualquer outra distinção é meramente empírica.

² O Passado é a obra do espírito. O presente absoluto (que não existe, senão nas abstracções científicas) é a matéria. O Futuro a acção das consciências rápidas sobre as consciências vagarosas. A Eternidade o amor infinito, infinitamente excedente sobre o esforço temporal, existindo sem atritos ou restrições; porque, por ele e nele, tudo existe.

Deus é a única actividade a que o Mundo não faz ¹[2] obstáculo.

.....

(*A Águia* — Revista Quinzenal Ilustrada de Literatura e Crítica, Porto, ano 1, 1.^a série, n.º 10, Julho de 1911.)

¹ Este «faz» não é galicismo. O sentido da frase precisa do verbo fazer, visto que a resistência do Mundo é consequência das actividades das mónadas.

Jaurès, filósofo

No meio dos inadiáveis afazeres desta época de intensos trabalhos escolares, tenho de prestar a minha homenagem ao ilustre filósofo francês, que, entre nós, se encontra.

Não posso, pois, fazer uma detalhada análise da eminente e complexa personalidade de Jean Jaurès.

Rapidamente me vou referir ao filósofo, deixando o orador, o historiador e o político, já porque é mais conhecido sob estes pontos de vista, já porque o filósofo abrange na sua riqueza intelectual e estética toda a personalidade de Jaurès.

É Jaurès autor dum livro sobre a *realidade do mundo sensível*. É uma admirável tese procurando um sentido metafísico e racionalista às manifestações sensíveis do Ser.

Sabe-se que o Kantismo deixara um dado irreduzível nas formas apriorísticas da sensibilidade. O espaço e o tempo, formas da sensibilidade, refractam o ser, desdobrado em fenómeno e noumeno e volvido incognoscível como noumeno. Jaurès procura um sentido racional às próprias formas da sensibilidade. O noumeno é introduzido no mundo da dor e da alegria, da virtude e do sofrimento; a ideia platónica desce ao sensível, que adquire sentido metafísico, revelador do Ser. O Ser é uno e divino. Mas Deus é o herói perfeito e, como tal, se afirma na luta e contínua vitória do bem. As consciências vivem na Consciência. No Ser se trocam as suas aspirações, se conjugam os seus esforços. O espaço e o movimento representam a onnipresença do Ser e a aspiração de unidade ou de consciência. As sensações são *as ideias* da comunicação, convívio e desejo de unidade. A luz é a fraternidade plena; nela entregam as almas os seus sonhos, na sua transparência se casam e trocam as almas. A cor, compatibilizado Goethe com Newton, traduz já a intimidade da matéria. Luz branca — luz fraterna e amiga; luz vermelha, a mais material, onde a matéria se

impõe ao éter. Mas é no som que os seres traduzem a sua individualidade.

O som grave abala-nos na estrutura material, toma-nos pelas entranhas. O som agudo ergue-nos à parte mais subtil, diria aos píncaros da alma. «Orfeu empregaria os sons mais agudos para levar as pedras à cúpula das catedrais».

Os sentidos inferiores referem as necessidades orgânicas, são mais afectivos que representativos; mas traduzem ainda ideias. O espaço referido à actividade do Ser é dinamizado, vivificado; e desaparecem as *aporias* de Zenão de Eleia. O eu de Bergson «*eremita da solidão*», pode sair para esse espaço sem perda da sua beleza, da sua liberdade, do seu sonho.

As mónadas de Leibniz quebram as grades do cárcere (visto que a lógica é a metafísica), actuam, amam e trabalham.

A dupla ruptura da realidade, que faz o kantismo, é evitada; e não só a sensibilidade pertence ao Ser, como as categorias, até aqui arbitrárias, se deduzem.

A pressa a que sou obrigado impede-me de fazer a crítica desta belíssima tese que tanta influência teve sobre a evolução do espírito do maior dos nossos poetas, Guerra Junqueiro, e indirectamente sobre a nova escola poética dos panteístas cristãos portugueses. Todo o livro é escrito num estilo superior em que a elevação da frase nem um só momento deixa de ser o efeito da elevação do pensamento e da emoção. Menos sóbrio, mais comovido e amoroso, lembra o grande Espinosa.

O homem que admite a única aristocracia da virtude e do trabalho faz-se sentir em todo o livro. O último período desse livro é a mais humanitária obra, que eu conheço; Deus olhando para o homem, que no humilde labor quotidiano vai ganhando o pão de cada dia. Lê-se o livro. Vive-se no Infinito por momentos e quando voltamos à terra, mais amamos essa humilde terra, morada dos nossos sofrimentos, sonhos e ideais... «E um doce e pálido luar de humanidade vai deixando a terra pelo espaço constelado...».

Vivemos em Deus, mas com os homens; e, volvidos à vida quotidiana, somos mais amorosos, mais humildes e melhores, porque em Deus bebemos o enternecimento e a bondade.

O leitor do livro de Jaurès será no fim da leitura, sob pena de ser uma bem desgraçada criatura, um homem melhorado, um comovido amigo do autor.

A sua vida tem sido a da sua filosofia — a luta pela justiça para todos pela libertação dos oprimidos, pela glorificação da vida.

Eu saúdo em Jaurès o homem justo e heróico, que conseguiu subir às máximas alturas do pensamento, aquecido pela luz suave e fecunda do amor, da justiça e da fraternidade.

(*A Montanha* — Diário Republicano da Tarde, Porto, ano I, n.º 124, 24 de Julho de 1911.)

Augusto Martins ^(a)

I

Vou falar duma personalidade hoje ignorada. É um amigo.

Parece que deveria nessas condições ser-me vedada qualquer referência elogiosa. Penso, com Guyau, ser a simpatia absolutamente precisa ao crítico para que a sua visão profunde e acerte. Augusto Martins acaba de receber a melhor classificação nos concursos recentemente feitos para professores do liceu. Este artigo vem ao propósito da próxima entrada de Augusto Martins para o quadro dos professores efectivos.

Conheci-o quando, frequentando a cadeira de mecânica, o tive por condiscípulo. A nossa vida escolar era completamente diferente — de um «urso», eu o mais desafinado dos «músicos».

Tudo nos separava: o meu desprezo pelo «urso», a natural desconfiança do «urso», seguro do seu valor, pela minha desdenhosa indiferença.

As primeiras conversas nos aproximaram. Vislumbrei a contradição que faz o fundo do seu carácter. A. Martins era um psicólogo! Como conceber um espírito ébrio de matemática, vivendo no espaço, ter a intuição concreta do tempo? Matemática — distensão ao longo do espaço homogéneo; psicologia — concentração do esforço heterogéneo e instável. Aquele matemático tinha um fundo de místico. Boiava em pleno cepticismo, mas sob esse cepticismo brilhava a interrogação metafísica.

No meu ingénuo e porfiado idealismo concebi o projecto de arremessar aquele matemático para um ideal concreto de luta, sofrimento e ansiedade.

^(a) Este artigo não teve continuação.

De resto era fácil. Nos seus olhos nostálgicos luziam promessas de mística fé. Ancestralidades religiosas o dominavam e o seu claro e lógico espírito tinha a vaga sensação de ser um prazer impuro, o uso matemático da inteligência. Esta impressão foi sentida por Pascal, natureza bem semelhante na sua estátua de gigante ao meu humilde amigo. Porque a natureza não é uma promoção da matemática; aqui a diferença de grandeza arrasta diferenças qualitativas. Assim Pascal abismou-se em Deus; o meu humilde amigo mantém-se num estrito formalismo matemático e num respeitoso agnosticismo, ao de leve colorido de emoção. A diferença entre a prudência digna e a louca heroicidade. Foi-me fácil arrancá-lo ao cepticismo e trazê-lo para a vida do Ideal.

Ele aí está com a clara noção da complexidade da vida, com a lúcida consciência da sua directriz. Nunca será uma torrente de idealidade e amor, mas é desde já, e sempre há-de ser, uma humilde e benéfica fonte de bondade e virtude. Pela clareza do seu espírito será um excelente instrutor, quer pela palavra, quer pelo livro; pela consciência da insignificância do homem perante o Mistério e da grandeza do homem perante o *Dever* ele será um justo (de olhos desvendados) e bondoso educador. Por isso me alegro profundamente com a antecipada certeza da sua acção na escola e no país, tão necessitado de *bondades* e inteligências.

Eu tenho a imensa, nobre e legítima alegria de ter contribuído com a *minha crença* para a ascensão desse espírito, que, sem residir no Olimpo, mora na nossa querida terra, enlameada de maldade, mas fremente de pensamento e amor.

(A *Montanha* — Diário Republicano da Tarde, Porto, ano 1, n.º 134, 4 de Agosto de 1911.)

Radicais e conservadores

O radicalismo e o conservantismo têm de ser olhados como tendências e não como sistemas. E, vistos como tendências, eles mostram as suas respectivas vantagens e desvantagens. Conservar as tradições intactas, como um bloco inerte contra o qual batem e resvalam as ideias novas, é uma utopia perigosa.

A tradição luta e, ou hoje avance ou recue, há-de caminhar-se com desperdício moral e material. A tradição luta, porque é um conjunto de ideias e sentimentos; dá-lhe poder, para a luta, exactamente o que motiva o progresso — a força das ideias. E ainda que a tradição pudesse apresentar-se como um bloco inerte, ela seria modificada pela contínua interacção das cousas. O conservantismo sistemático é um absurdo, não existe.

O radicalismo como sistema consistiria em querer a simultaneidade do real e do ideal.

A ideia seria o próprio esforço motor, o pensamento seria a acção. A psicologia moderna vê, de facto, no pensamento uma permanente tendência motora. Mas a ideia realiza, precisamente, o papel de furtar o pensamento à imediação activa, permitindo a escolha e a deliberação. Isto na psicologia individual. Na psicologia colectiva é maior a distância entre o pensamento e a acção. Há correntes de pensamento que se encontram e combinam. E é sempre entre as ideias que se dá o combate. Todos os interesses, incluindo os económicos, se traduzem em ideias mais ou menos confusas. E é aqui o ponto de coincidência do materialismo e do intelectualismo históricos. O radicalismo sistemático é, pois, absurdo.

Resta ver o sentido das duas tendências.

A tendência conservadora é o predomínio da herança social. Manifesta-se por um cauteloso misoneísmo. As ideias novas são temidas e, como não podem ser negadas, é por um processo es-

pecial de adaptação, que se lhes foge. Adoptam-se as maneiras das novas realidades sociais, conservando-se o espírito do passado.

Daí uma contínua inadaptação entre as *forças sinceras dos novos e a falsa novidade dos velhos*.

A tendência radical, quando raciocinada, não está na artificial aceleração do progresso social, mas na sinceridade com que são olhadas todas as correntes do pensamento colectivo e no consequente respeito pelos princípios, que permitam a todas essas correntes a expansão legítima dentro do recíproco respeito. Exemplificando: Estão na tendência radical todos os que, reconhecendo às religiões direitos iguais de expansão, as ^(a) subordinam a leis, que nessa situação as colocuem.

São conservadores aqueles que, vendo no catolicismo uma religião privilegiada, pretendem que o estado a coloque em favor, intrometendo-se assim «nos domínios dos valores», campo inacessível, excepto na sua organização exterior, à acção do Estado.

Quando numa sociedade domina um preconceito religioso, é impossível a qualquer estadista fazer a obra de identificação jurídica das diferentes religiões. E com isto muitos conservadores pensam readquirir o direito ao privilégio católico. Mas é falso que na sociedade portuguesa domine o catolicismo. Se alguma coisa domina, será antes um cepticismo superficial, estéril e esterilizador.

A gente culta em Portugal está, numa grande maioria, num indiferentismo religioso. A minoria, a *élite* dessa gente, tem uma religiosidade individual (o que não quer dizer individualista). A gente dos campos, ou está tristemente falha de idealidade religiosa, como no Sul (e isto, em parte, porque as recentes greves rurais mostram o afloramento dum Ideal social), ou como no Norte está num paganismo cristão, que por *equivoco exterior* se formaliza no catolicismo. Ser radical é, pois, neste caso, possível, justo e igualitário. De resto, como o viu Augusto Comte, a previsão científica afasta do maravilhoso, e o nosso povo vai sendo cercado e batido nas ondas do pensamento científico, continuamente actuando pelas aplicações industriais, pela astronomia aplicada, etc. ...

O futuro do catolicismo é negro, como é duvidoso o futuro de todas as religiões dogmáticas. Não quer isto dizer que em seu lugar se vá colocar a ciência. Aqueles que, ignorantes e ininteli-

(a) No artigo saiu «os» em vez de «as».

gentes, não têm a noção da relatividade científica e dos seus complementos filosóficos e artísticos, são antes conservadores que radicais. Pretendem a *conservação* do seu preconceito, do seu dogma.

Ser radical, no sentido que lhe damos, é ser verídico, justo e corajoso.

Acabando agora por afirmações políticas, diremos que todos os portugueses sinceramente progressivos devem valorizar, dentre as figuras políticas da sua terra, aquela ou aquelas que melhor e mais se aproximem *desta tendência radical*.

(*A Montanha* — Diário Republicano da Tarde, Porto, ano 1, n.º 148, 21 de Agosto 1911.)

Uma fala de espíritos ^(α)

I

Noite espectral. Fantasmas de luar rondam na serenidade do Silêncio. A lua entornou-se e escorre, sobre a terra, um branco mel suave de açucenas. Estática e branca a terra cisma, e, do seu cis-mar, ressumbram materializações de sonho. Os pinheiros recolhem a seiva e adormecem num íntimo murmúrio de evocações. Pouco a pouco farrapos de luar se juntam em duas formas humanas; sobem vagarosamente a encosta do pinheiral e começam um diálogo precipitado.

Uma é alta e desajeitada, de luar condensado, semelhando sombra; outra frágil, inquieta, de luar diluído, estremecendo fugitiva.

São dois espectros de homem. O primeiro evola-se em saudade da montanha, do rio e dos pinheiros. O segundo condensa-se pesarosamente no meio do Espaço, como se fora uma alma a corporizar-se.

Assim fala o Espectro da terra:

— Sou o filho da Montanha. Conheço as entranhas da minha mãe terrestre. Foi com dor e sofrimento que ela me gerou. Rasguei-lhe os flancos, pejei-lhe o ventre, nutri-me do seu sangue, fui sôfrego da sua carne e da sua alma. A minha mãe tinha uma alma humilde e vagarosa, não se desentranhava; mas, nas profundezas das suas entranhas, estremecia, ébria de futuro.

Era generosa, era uma pura dádiva. O seu corpo era o seio de inumeráveis voracidades. E sofria pela angústia das suas penedias secas, e chorava pela fome dos homens, seus vagabundos filhos.

(α) Este artigo não teve continuação.

Os deuses cobriram-na com um manto de luz e calor e levaram-lhe os filhos para a escravidão, arredando-os das fontes e das sombras maternais.

Os filhos da Terra deviam ser os escravos dos deuses. Eles, que tudo deviam à sua mãe terrestre, haviam de desprezá-la por esses tiranos longínquos e cheios de um ingrato desprezo por essa Terra, que afinal os tinha amamentado também. Revoltei-me. Eu era adivinho, diziam. Esse poder vinha somente daquela embriaguez em que no seio da minha mãe estremecia o futuro.

Roubei o segredo aos deuses — furti-lhes o fogo e vim entregá-lo ao meu irmão homem. E, com esse fogo, o homem subiu, cresceu e destronou os deuses. Depois esqueceu-me no suplício, e, lá no Cáucaso, ainda é torturada a minha carne. Adormeci no suplício. Quando acordei, soube que um intrusão, raquítico como tu, tinha negado a minha mãe terrestre.

— És filho da mentira, responde numa voz cortante o outro Espectro.

— E o que é então a Verdade, ó tu, que como o fumo da palha húmida enches a natureza de uma insuportável presença?

— A verdade é o Amor.

— Por amor gemeu minha Mãe, por amor me foram roídas as entranhas, por amor me dei em sacrifício aos homens e à natureza.

— Isso é amar ilusões. O verdadeiro amor é o amor por meu Pai celeste. É preciso desprezar este mundo, que é mentiroso e vão; amar Deus somente, e, em Deus os homens nossos irmãos. Eu também me sacrifiquei pelos homens. Sou aquele que, por amor dos homens, morreu crucificado.

— Ah!... Lembro-me... Mas tu devias ser o meu irmão mais novo. Eu vi um dia, no coração de minha Mãe, uma figura feminina, cheia de dor e bondade. Era Jesus...

— Sou eu.

— Tu, miserável?! Tu és o meu irmãozinho; aquele que devia vir depois de mim a encher de bondade, com a sua doçura feminina, os corações dos homens, por mim tornados firmes e altivos? És tu aquele que sonhava o Amor, já mais perfeito, de minha Mãe? Aquele de quem eu fui a primeira e a mais dolorosa experiência? Para que o ventre terrestre te parisse, preciso foi que primeiro eu viesse colher os ensinamentos da dor. — E tu vieste; e tu, ridículo palhaço, vieste remir os homens e abandonaste, renegaste teu irmão e tua Mãe. Eu continuo torturado pela fatalidade, minha Mãe foi escoraçada do teu paraíso, foi esquecida no *espectáculo da tua*

Redenção! E para isso fizeste-me adormecer; porque, se acordado fora, eu quebraria as cadeias, eu arrastaria comigo o próprio Cáucaso para te esmagar, miserável!

O Espectro tinha-se amalgamado com a Terra e com a Noite, momentaneamente tempestuosa e obscurecida. E estas palavras saíram da Terra e da fúria do Vento.

De novo um branco mel suave de açucenas embebera a Terra. E, verdadeiro, humilde e firme, assim falou o outro Espectro:

— Vim trazer a felicidade aos homens. Eu amava-os como se não pode mais. Procurei-lhes a felicidade e vi que não era no exterior, que ela podia residir. Só podia ser feliz o homem que *consentisse*. O consentimento, a renúncia no seio clemente de Deus é a única felicidade sossegada e pura. A Natureza é insensível, esmaga as esperanças e os afectos do homem com bruta indiferença. É hostil e feroz, agride sem propósito e afaga sem carinho — por isso refugiei o homem em si mesmo. Depois vi dentro do homem igualmente, a guerra, a luta, a discórdia, o tumultuar das paixões, o escachoar do ódio e da inveja; enfim, a invasão do mundo exterior, fazendo do homem um escravo dos apetites, do mundo, de tudo o que não é propriamente o homem.

Fi-lo renunciar a todas as exterioridades, e, naquela abstracta aspiração de Infinito, que nele encontrei, fiz residir Deus. Naquela insaciável aspiração de felicidade o fiz meditar e, embalando-o no ritmo do próprio desejo, adormeci-o na renúncia e na quietude duma alma equilibrada, pela continuidade vertiginosa e monótona do próprio querer. Nesse permanente desejo de Deus está a felicidade e a verdade, porque a alma nada mais é que voracidade divina.

— E eu abandonado no Cáucaso, e a Terra a mendigar a luz do sol.

— Tudo isso é transitório e fútil. A Verdade é a absorção em Deus.

— És covarde, negas a vida porque não podes com ela.

— Faço-o por amor dos homens.

— Os homens dispensam uma piedade, que lhes obscurece e amesquinha a vida para lhes dar depois a felicidade do charco. Olha! que me importa o teu paraíso, que me importa a felicidade de charco que ofereces, se o mundo de dor e agonia dos nossos irmãos continua na cegueira, na guerra e na bruteza? És um cirurgião hábil! Está dorido um membro? Corta-se. O pensamento inquieta? Corta-se a cabeça.

Salvaste os homens. No entanto abandonaste a Mãe e o irmão e *eternamente* entregas os homens ao sofrimento e à mentira *transitória!*

A Natureza emudecera a escutar. Uma melancolia subtil, uma condensação de tragédia se ia formando lentamente. Aquelas duas forças cósmicas iriam unir-se e salvar o mundo, ou iriam combater-se e continuar a dispersão e a guerra, que vêm do Caos?

O Espectro da Terra continuou: — Que deste aos homens? Ah! eu não os fiz de todo venturosos, mas dei-lhes o fogo que os aquece, que os alumia e que os conduz.

— E eles esqueceram-te.

— Não me puderam libertar ainda. Mas tu, que és todo-poderoso, esqueceste os teus e toda esta Dor que te cerca e não ouves.

O espectro de Cristo, inquieto e comovido, perguntou:

— Onde está a Dor?

— Aí a teus pés; tira os olhos *de dentro de ti* e olha em redor. Não vês lágrimas, súplicas, desesperos?

O Espectro de Cristo começara a condensar-se. Abraçado pelos pinheiros apalpa e, num grito estertoroso, clama:

— Meu Deus! Eu vejo um tumultuar de angústia. Meus irmãos escarnecidos e esmagados. Minha Mãe ceguinha e mendiga. O Sol, os astros, as nebulosas, tudo agoniza e me chama.

Enleando-se no espectro de Prometeu e beijando a Terra:

— Minha Mãe, perdoa. Meu irmão, conheço-te agora! Olha o meu coração como se incendeia! São labaredas de amor; vou-me consumindo em amor!...

O céu acende-se numa luz branca, que o envolve cariciosamente, e o espectro de Cristo, ainda agora abraçado na Terra dilui-se em luz na amplidão ilimitada:

— Meu irmão leva esta luz aos homens. Com ela, eles serão felizes; poderão libertar-te e espiritualizar o Universo.

Prometeu, inundado num clarão desconhecido, estremece, cai de joelhos e murmura:

— Abençoado seja o meu sacrifício. Sinto o quebrar das cadeias. Compreendo agora porque o meu fogo não salvou os homens. Não é o fogo que os pode salvar, mas a alma do fogo. A natureza sofre e é impotente, mas o homem possui o fogo do espírito e, com ele, irá acender consciências pelo Espaço. Desperta e luta, Natureza! Já não pesa sobre ti a Fatalidade; mas, com o amor e o espírito, começa a liberdade, o consentimento mútuo, o auxílio, a fraternidade, a ascensão moral! Deus é o foco invisível das almas, a fonte inesgotável do heroísmo e do amor.

Desce da Montanha, oh Carne de Prometeu! E vai pelo Universo levar a boa-nova — os dois irmãos se amaram e, do seu amor, nasceu um Cósmico Jesus, um Cristo-Prometeu, que, na terra, nos mundos, nas nebulosas, vai ensinar Deus às almas.

Amanhecia. Na claridade do nascente, a luz tinha uma cor inédita, a terra uma face nova.

Murmúrios misteriosos e rápidos perpassavam pelo ar e por sobre a espiritualizada face da terra. Eram colóquios rápidos e nervosos, movimentos de delírio e crescimento. Tudo avolumava e estremezia.

.....
Um Génesis novo começara das bandas do Sol, lá do pródigo Oriente.

Lixa. — 12 de Setembro de 1911.

(Do livro inédito *As Falas dos Seres*.)

(*A Águia* — Órgão de A Renascença Portuguesa, Porto, vol. I, 2.^a série, Janeiro de 1912.)

Excerto

O *problema* do conhecimento é o ponto de partida de todo o pensamento crítico e fundamentado. A reflexão filosófica, sem prévia análise gnosiológica, é o abandono do espírito à metafísica dos seus hábitos. E metafísica todos fazem, consciente ou inconscientemente, voluntária ou involuntariamente. Porque a queremos, consciente e voluntariamente, é que sobre o problema do conhecimento vamos fazer incidir a nossa atenção. Analisaremos as três hipóteses, que delimitam toda a extensão do problema. O empirismo puro — hipótese em que o conhecimento é o decalque da experiência; o racionalismo puro — o real é o racional e só o racional é real; e a hipótese em que o conhecimento resulta da racionalização da intuição. Avançando sobre o fim da nossa análise, diremos que é a última hipótese a que da nossa exploração resulta viável. Quanto à primeira, pode-se dizer que nunca foi levada a cabo, com consequência e rigor. Em todas as tentativas notáveis mostraremos que é uma oculta actividade mental o motor do sistema.

A segunda nunca descobriu, apenas sistematizou o conhecido. E esse conhecido foi ganho pela acção do raciocínio sobre a intuição. O espírito, depois de rico em conceitos, caminha por si só, na purificação e mútua adaptação dos conceitos; mas carece desse combustível (vindo da racionalização da intuição) para começar a marcha. Problematização, adaptação ao presente e ao apresentado, desproblematização — eis o caminho do conhecimento. Para andar precisa um dado (intuição) ou um conhecido, que gerem a inadaptação ou problema. Se um dado, incompleto é o racionalismo. Se um conhecido, ou esse conhecido contém intuição e falso é o racionalismo, ou é pura obra do espírito, e este, sem o primeiro termo e motivo do seu andar, pára.

Mostraremos que é obra da interacção do raciocínio e da intuição. Desde a aritmética à sociologia cresce progressivamente a

parte intuitiva e, por isso mesmo, diminui a parte racional, não em riqueza, que é maior o número de conceitos das ciências superiores ¹, mas em perfeição, que são menos *racionalizáveis* e *racionalizadas* as suas intuições.

Não vamos estudar a arquitectura do espírito, mas a arquitectura das obras do espírito — artes e ciências. Em todas as ciências veremos que domina o princípio que chamamos de máxima racionalização do seu dado. ² [1] A realidade como que se apresenta em nuvens escuras, onde pequenas esferas se vão formando, apenas delimitadas pela diferença de coloração. Em algumas acentua-se a delimitação e toda a matéria se vem estender à superfície, deixando dentro o vácuo. Noutras são ténues os limites, e no interior há turbilhões mais ou menos confusos, mais ou menos em projecção sobre a superfície da esfera.

As primeiras são os conceitos da matemática, absolutamente exteriorizados e tão minguados de intuição que com eles se pode caminhar ³ [2], esquecendo o que ainda os prende ao real, com a exclusiva ajuda das leis formais da lógica. Os conceitos da física são quase exteriorizados, mas tão ricos de intuição que se prendem uns nos outros e só caminham em sociedade. Os turbilhões internos fazem que em cada um se mova a riqueza intuitiva dos outros; — daí o não haver *experiência crucial* em física.

Em biologia, com a herança começam os conceitos com interioridade. Quer dizer — o raciocínio quase que só consegue pôr nomes a factos, que unidos ficam por semelhanças. À sociologia dão os conceitos interiorizados da biologia e da psicologia, com as novas intuições, um vago aspecto de repetição estatística, onde a inércia só se mostra na fixação de invariantes sociais, pela lei dos grandes números. Tudo probabilidades, e atenção só ao grosso dos fenómenos. A concepção sociológica de Tarde é menos determinista que a de Durkheim precisamente porque os seus conceitos possuem maior riqueza intuitiva, mais interioridade. A *tentativa* de Durkheim é precisamente a de fundar a sociologia com conceitos exteriorizados. Por isso é mais determinista e consequentemente mais pobre ou menos real.

¹ Superiores na ordem decrescente da inércia e por isso da previsão — como veremos.

² Esse dado não o é em absoluto, pois já na sua escolha entra a actividade do espírito.

³ Caminhar no descoberto, note-se.

O domínio do espírito sobre a intuição dá o determinismo dos fenómenos. Assim o determinismo é a outra face da liberdade. O homem racionaliza o cosmos; — daí os múltiplos determinismos científicos. A intuição postula uma actividade estranha à actividade pensante. Mais tarde veremos que essa ou essas actividades devem ser concebidas por analogia, demonstrada legítima, com o homem. Deste modo, a teoria do conhecimento leva-nos a uma metafísica pluralista e socialista.

As mónadas cerram-se à Intuição? É isso a forma mais intrínseca do desamor. O puro raciocínio é uma singular masturbação moral. As mónadas dão-se exclusivamente à Intuição? É isso a abdicação da própria liberdade; a ignorância dos determinismos, a impotência dos conceitos morais, a exteriorização absoluta ou *materialização*. As mónadas *procuram* acomodar-se em acordo de ideais? Ao necessitarismo da matéria é substituído o determinismo moral; e é, de beleza e amor, a atmosfera cósmica. Assim a nossa filosofia será a estética da liberdade e a moral da beleza. A liberdade é o poder de o espírito criar beleza, isto é, entendimento, transparência, comunhão, fraternidade. Dominando a matéria, o inerte ou o necessário, pode o espírito afirmar-se com eficácia e valor concreto. A beleza é a graça da transparência, do entendimento entre os seres, o acréscimo contínuo dum novo sol cósmico, que, em luz de amor e recíproca penetração, vai *consumindo* a matéria¹. Convém a esta filosofia o nome de *criacionismo*. Criação de beleza e amor. O mundo moral acrescido pelo esforço do homem. E esse acréscimo não é um epifenómeno, uma ilusão subjectiva, mas a universal inundação, o novo Dilúvio da represa interior do coração humano. Se o Universo é uma sociedade, é esse Dilúvio a mais íntima e profunda verdade, as próprias entranhas da verdade.

Assim a Intuição é valorizada sem que seja elevada a método de saber. O bergsonismo é louvado e seguido no que tem de verídico e superior, sem que se lhe admita o esoterismo do valor gnosiológico da Intuição. O Intuicionismo moderno é justificado no que tem de interesse pela natureza e a razão é justificada no que tem de superior à natureza, na sua idealidade, poder criador ou liberdade. Aquele que, em vez de buscar nas entranhas da ter-

¹ Como se verá, a palavra matéria tem, para nós, um sentido preciso e não o vago dos «diletanti» da não metafísica.

ra a fonte que a seus pés deriva rumorosa, supusesse medir-lhe toda a realidade contando-lhe os litros de água, seria tristemente cego. Assim é o racionalista puro.

Abençoados aqueles que nos levem os olhos para a Natureza fecunda e pródiga. Mas aquele que se entregar ao mistério duma introspecção sem crítica, em místico egoísmo há-de adormecer. A Intuição pura pode levar ao egoísmo. O racionalismo puro não existe de facto; de modo que, historicamente, o racionalismo é até certo ponto altruísta e zeloso da realidade — enquanto discute e adapta os conceitos elaborados por um trabalho oculto e inconsciente.

Durante esse trabalho é de harmonia e curiosidade a sua obra. Historicamente o racionalismo aparece após uma época de trabalho inconsciente em que o espírito recebe sem medida e sem critério. Depois pretende caminhar sem combustível e é um ser a subordinar violentamente os outros às suas leis. De novo a Intuição se faz sentir como a voz da realidade. Modernamente os gritos da intuição ecoam no movimento pragmatista (nas correntes científicas e nas filosóficas; Poincaré contra os logísticos, James contra os filósofos magros). E com Bergson a Intuição aspira a ser o único verdadeiro método de conhecimento. Largamente discutiremos o bergsonismo para aproveitarmos a sua verdade, e rejeitarmos, admirando, o seu exclusivismo anti-intelectualista. Achar a justa harmonia de intuição e de Razão (para nós, da acção dos outros e da nossa liberdade) é o fim deste trabalho.....

A GEOMETRIA ¹

Abrindo um bom livro de geometria, por exemplo, o de M. Hadamard, encontramos uma série de definições, onde há irreduzível intuitivo.

Primeira definição ² — Volume é a *porção de espaço* (a) limitado em *todos os sentidos*.

As noções de limite e porção, que já nos forneceu a aritmética e onde encontramos intuição, são elaboradas. Espaço e todos os sentidos são aqui noções recebidas e não feitas pelo géometra.

¹ Anteriormente é tratada a aritmética.

² O *italico* é nosso. Mostra o ainda não conceitualizado. Só a aritmética é anterior.

O que é o Espaço? Di-lo o geómetra? Não. Di-lo-á mais tarde? Parece que sim, atenta a existência de vários espaços com parâmetro característico. Mas (se o não diz agora, que pela primeira vez dele usa) não será esse Espaço conceitual uma obra do raciocínio sobre este irreduzível intuitivo que agora aparece? E, se o Espaço ainda não é aqui mais que uma palavra, o que significa o seu limite em *todos os sentidos*? Donde lhe vêm os *sentidos*, e como são *todos*? Tem conteúdo a palavra Espaço e não é aqui um conceito; logo é um irreduzível ^{1 [3]} intuitivo. O sensível *a priori* de Kant? Veremos como ainda é profunda a interpretação kantiana. Antes de mais longe irmos, distingamos a generalização matemática da generalização metafísica. A generalização matemática faz-se por aumento de determinantes, a metafísica por diminuição. O número fraccionário é mais geral que o inteiro e maior é o conteúdo da sua noção determinada. Como construir o número imaginário sem o número real? Assim a ideia geral de Espaço, particularizando-se por características próprias, nada prova contra a riqueza intuitiva daquele Espaço, que, porventura, seja a força criadora dessa ideia.

Segunda definição: Superfície é a parte comum ^{2 [4]} a duas regiões *contíguas* do Espaço.

O que é esta contiguidade, senão a afirmação da continuidade, (quase diríamos) concreta do Espaço e da noção (já resultante da actividade mental sobre a *homogeneidade* do Espaço) de *síntese de pontos*?

E como fazer uma síntese sem uma lei, que, *na espécie*, é já a da *máxima racionalização*? A síntese mais simples é aquela em que dois pontos, e só dois, determinam porções de Espaço. E aqui temos a linha recta, que, por toda a parte vai levar o determinismo geométrico e o irreduzível intuitivo da geometria. Note-se que esta noção de contiguidade não é nova, ela lá estava no Espaço, que por isso mesmo que é intuição, se desenvolve em inumeráveis conceitos.

Vamos caminhando e novas noções aparecem saídas da reflexão sobre a *fecundidade intuitiva* do Espaço.

¹ O racionalismo filosófico difere em que, sendo um sistema, todas as noções são feitas e não recebidas. Mas já vimos como ele mete intuição; e a recebe, recebendo os conceitos científicos.

² Não discuto a noção de comunidade, que nesta forma, a mais pobre possível, é ainda intuitiva.

— Uma linha pode considerar-se como gerada por um ponto que se *desloca* sobre ela.

A noção de deslocamento também não é definida. Aqui basta a homogeneidade do Espaço, ou a sua possível síntese por pontos, para a definir.

O seu posterior enriquecimento, na mecânica, mostra bem como cada ciência só leva em si um limitado ¹ cabedal de intuição.

— Lugar geométrico de um ponto que pode ocupar uma *infinitude* de posições é a figura formada pelo conjunto dessas posições.

A noção de *continuidade* ², já a encontramos na aritmética e vimos, que é ela a mais rasgada janela da aritmética sobre o real. Por ela penetra largamente a intuição.

Chegámos ao ponto culminante da nossa inspecção, à linha recta.

— Ligne droite.

La plus simple des lignes est la ligne droite dont un fil tendu nous offre l'image. La notion de la ligne droite est claire par elle-même; pour la faire entrer dans nos raisonnements, nous considérerons la ligne droite comme définie par ses propriétés évidentes, en particulier par les deux suivantes:

1.º Toute figure égale à une ligne droite est une ligne droite; et inversement, toute ligne droite indéfinie peut être amenée à coïncider avec toute autre, et cela, de manière qu'un point quelconque de la première vienne sur un point quelconque de la seconde;

2.º Par deux points on peut faire passer une ligne droite, et on n'en peut faire passer qu'une.

Ainsi on peut parler de la ligne droite qui passe par les points A et B ou, plus brièvement, de la ligne droite AB.

De la définition résulte immédiatement que deux droites différentes ne peuvent se rencontrer qu'en un point, puisque, si elles avaient deux points communs, elles ne seraient pas distinctes.

¹ Estes irredutíveis, elaborados pela reflexão filosófica, dão o que, num livro recente, se chama o Incoordenável e, anteriormente, nós chamámos o Irracional.

² Toda a teoria dos n.ºs irracionais resulta da hábil ajuda que o contínuo vem, quando preciso, prestar ao discreto.

Ou nomme ligne brisée une ligne composée de portions de lignes droites. Les autres lignes, qui ne sont ni droites ni brisées, sont dites courbes.

— A mais simples das linhas é a linha recta.

É a intuição que o diz?

E que direitos tem ela a pronunciar-se sobre a simplicidade, que é um conceito de ordem psicológica?

É o raciocínio que o diz?

Mas porquê?

Porque é a máxima racionalização do irreduzível intuitivo do Espaço. Já nos apareceu na lei da síntese primordial.

— A noção de linha recta é, por si mesma, clara.

É clara?! Então, como as especulações não-euclidianas?

Aqui a medula da nossa análise.

Que não é clara a noção de linha recta parece dizer a geometria não-euclidiana. Ao mesmo tempo a noção de linha recta é a base de toda a geometria euclidiana e, como veremos, até das geometrias não-euclidianas. Que prova esta anomalia? Que ora somos demasiadamente racionalistas, ora demasiadamente empiristas.

Se a recta é a máxima racionalização da intuição do Espaço, como já dissemos, tudo se explica. As especulações não-euclidianas são legítimas e as generalizações geométricas são uma livre especulação sobre conceitos, fundados em últimos alicerces, na máxima racionalização do irreduzível intuitivo — a linha recta. As generalizações geométricas são, como todas as generalizações matemáticas, uma introdução de novas determinantes. Os parâmetros que caracterizam cada espaço carecem da noção de recta. Sem a linha recta seria o indeterminismo geométrico.

A construção do Espaço com conceitos postula a linha recta, que já está implícita na definição de volume e de superfície, isto é, na possibilidade de racionalizar aquele Espaço, [Espaço (*a*)] que a geometria recebe sem construir.

A sua construção com percepções, como a tentativa de Poincaré com golpes e paradas, igualmente postula a linha recta, que discrimine as percepções e *oriente* as paradas.

É, pois a linha recta ¹, a lei da síntese, que fundamentalmente racionaliza o Espaço. E deste modo é clara a sua noção, que não saiu do espírito somente, mas do raciocínio e da sensibilidade.

¹ Cournot e Comte viram a importância da linha recta. O primeiro com lúcida previsão, o segundo com substanciosa parcimónia.

Se pura intuição, como a geometria não-euclidiana?

Se pura noção, como a sua dependência dum espaço especial, onde sentimos?

— Por dois pontos pode-se fazer passar uma linha recta, e não se pode fazer passar mais que uma.

A lei da síntese produz esta propriedade e assim fica a recta determinada por ser a única linha que dois pontos determinam.

É portanto a lei da síntese, *máxima racionalização da Intuição*, que por toda a parte aparece em propriedades, que ela produz; e se põem como definições, por não ter sido achada a lei da sua formação.

Essa mesma lei nos permite demonstrar o chamado postulado de Euclides. Essa verdade, que é independente dos outros princípios *explícitos*, é contida no [Espaço (*a*)], que é, ordinariamente, a terceira palavra a aparecer nos livros de geometria.

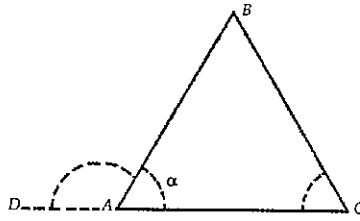
E a demonstração faz-se pelo princípio da identidade, princípio do absoluto determinismo (pura inércia, absoluta exteriorização) — e não se finge, com Fouillée, com o princípio da razão suficiente, princípio das ciências sem perfeita exteriorização.

É esta a demonstração devida ao racionalista Hamelin.

— «On pourra, par exemple, définir la valeur de l'angle: la différence de directions des deux côtés; admettre comme évidente cette proposition que la valeur de l'angle reste la même quelle que soit la direction prise pour norme, c'est-à-dire quelle que soit la droite sur laquelle on reporte l'angle: alors il sera facile d'établir que le triangle vaut deux droits et par conséquent tout le reste. Prolongeons en effet la base d'un triangle; l'angle au sommet étant la différence de direction des deux côtés entre eux par rapport à la base, il s'ensuit que l'angle extérieur diminué de cette différence est égal à celui des angles à la base qui lui est opposé; en d'autres termes, l'angle extérieur est la somme des deux angles intérieurs dont il vient d'être question; donc, augmenté de l'angle intérieur adjacent, il équivaut aux trois angles intérieurs pris ensemble et la valeur totale de ceux-ci est par conséquent de deux droits»¹.

¹ *Essai sur les Éléments Principiaux de la Représentation*, pág. 105.

$$\begin{aligned}
 \angle ABC &= \angle BAD - \angle BCA \\
 \angle BAD &= \angle ABC + \angle BCA \\
 \angle BAD + \hat{\alpha} &= 2 \text{ rect.}
 \end{aligned}$$



$$\angle ABC + \angle BCA + \hat{\alpha} = 2 \text{ rect.}$$

q. e. d.

Lixa.

(*A Águia* — Órgão de A Renascença Portuguesa, Porto, vol. 1, 2.^a série, Fevereiro de 1912; o início do excerto sobre «A Geometria» coincide com o texto de *O Criacionismo*, cap. III, «O Espaço», publicado a pp. 39-40 do tomo II deste volume.)

Mater Dolorosa

A Manuel Teixeira de Assis

Farrapo de Dor humana eu te amo e te venero!

Ternuras ignoradas me sobem ao coração, lágrimas de angústia me escondem a vista! Amo-te profundamente, minha irmã de sofrimento, desgraçada companheira neste mundo cruel e louco. E nas lágrimas da minha simpatia vive, glorificada e enaltecida, a tua desgraça.

Mãe dolorosa, eu te vi no limiar da casa, dobrada e mísera, estender as mãos convulsas ao filho morto. Ele ia para a fria Terra, gelada de inverno e gelada de carinhos. E tu, imagem da amargura, na cândida inocência dos teus desejos, com o lenço branco das despedidas lhe enviavas o teu adeus.

O adeus da última despedida!

Pobre mulher abandonada no Mundo! Vives a amar e a sofrer; trazes, de encontro a ti, uma criança que te dá o amor e a força do trabalho, e essa criança é-te roubada pela Morte. E tu curvas-te ao peso do teu infortúnio. Em torno de ti tudo é escuridão, e, nas trevas da tua vida, somente sabias o amor nos olhos do teu filho, somente conhecias a felicidade nos brancos sorrisos da sua boca. Sofres, curvas-te; e talvez, dobrada ainda de pavor e miséria, supliques ao tirano a esmola dum metro cúbico de céu.

Como é grande a tua Dor, minha irmã, e que terrível acusação ela encerra! Se eu fosse Deus, ter-me-ia suicidado ao reparar no teu sofrimento. Mas ele é impassível, e a estas horas já foi, como bom caixeiro, descarregar o teu filho no número dos católicos.

E a chuva impiedosa a alagar a cama do teu filhinho! Ele gostava tanto, nestes tristes dias de inverno, de adormecer ao lume, deitado no teu colo!

E agora a maldita chuva a penetrar-lhe o corpo, a encharcar-lhe os ossos!

Vai ficar só esta noite.

É a primeira noite que fica só! E tu, em pesadelos, hás-de abraçar o espaço e encontrar sempre um gelo arrepiante e fantástico. Dormir só, coitadinho!

Hás-de pensar em correr ao cemitério a cobri-lo e beijá-lo, mas o Terror te há-de prender.

Hás-de pensar que não é verdade, que estás a imaginar; mas o gelo fantástico te falará dele, do seu abandono. Hás-de pensar que Deus o levou para o céu, mas a saudade te segredará tão belas coisas da terra que bem sintas a boca a estremecer em beijos, os braços frementes de abraços, e lábios e braços a apertarem a solidão.

Terás visões. E, toda verdadeira, se há-de erguer esta visão.

Um Mundo todo de sombra. A sombra começa a crescer, a crescer muito, a aparecer em pedras de sombra. Entre os penhascos de sombra aparecem claridades ténues. Verás uma, submergida na Sombra, a agarrar-se aos penhascos. Quer falar (e pela divina forma dos lábios irá dizer — Mãe), calhaus de sombra lhe entram pela boca. Estende os braços... Há uma vertigem de clareza... e tudo caiu numa lama sombria e espectral.

E então nas tuas entranhas se irá formando uma bola de dor que, sempre crescendo, te estancará as lágrimas, te porá o enforcamento na garganta.

Todo o teu pensamento será suspenso, e, diante dos olhos, te há-de aparecer o caixão com o morto muito branco e triste, daquela tristeza de vencido, de espatifado pela doença.

Nada pensarás, nada sentirás.

Pouco a pouco a Dor volta e de novo abres uns olhos de asombro e medo.

A minha alma te acompanha nessa inolvidável noite.

Noite tempestuosa e ululante, toda a fúria dos elementos fustiga o leito do teu pobre filho. Na tristeza do teu abandono o Vento te vem dizer falas estranhas. Traz na sua voz clamores de angústia, ecos de desespero, gemidos de aflição. Varreu sepulturas, atravessou o corpo esburacado de mil prisões, roçou por mil faces sulcadas de miséria, e traz, na sua voz, a fala de tanto sofrimento.

mento. No meio desse coro, uma nota plangente e mortíça se destaca aos teus ouvidos. É a sua voz no coro da Aflição, é a sua martirizada voz que te chama. O teu doloroso corpo, abalado de soluços, dobra-se cada vez mais e sofre.

Ouves a sua martirizada voz das últimas horas.

Vês a sua débil figura de moribundo, olhando-te com aqueles olhos de insuportável angústia. Olhos que pedem socorro, e que o pedem a ti, que és Mãe e nada podes fazer.

Hora suprema de desespero aquela em que num último aranco de agonia ele trepou pelo teu colo fora gritando: «Mãezinha dói muito, tira...». Tu disseste «piedade, meu Deus!» e Deus não foi piedoso.

Começas a olhar com tanta seriedade a Vida que, se dela há alguém responsável, deve sentir assomos de remorso. Perguntas.

— «Que mal fiz eu em amar muito o meu filhinho? Quem pode medir o amor de uma Mãe. Todos os momentos se passam em cuidados e meiguices, toda a vida de uma Mãe é devoção pela felicidade do filho.

Nasceu, logo sentimos que o mundo é outro, que adquiriu um inestimável valor. Começa os primeiros movimentos com oferendas de sorrisos; todo ele é confiança. Os seus primeiros passos são solenes momentos para o amor de uma Mãe. Ele vai caminhar em breve. Caminhar para onde?

Para a glória, para o amor, para o bem. A isso se comprometeu diante dos beijos maternos. Começa a falar e como é lindo o seu conversar curioso e irrequieto!

Ah! o meu filho era muito meu amigo. Tão meiguinho! Eu havia de fazê-lo um operário honrado que fosse a bênção e a alegria da minha velhice»...

O teu corpo, carne de trabalho, começa a erguer-se em revolta, e ouço-te estas palavras tremendas.

— «O meu filho é meu. Gerado com a minha dor, amamentado com o meu leite, criado com a minha dedicação, abriguei-o no calor do meu seio, ele cresceu em sorrisos e em promessas para mim. É meu o meu filho. Deus, meu Deus, para que me roubaste o meu querido filho?...».

E, no silêncio da imensa natureza, nada responde nem às tuas súplicas cheias de humildade, nem às tuas acusações cheias de justiça.

Minha irmã no calvário desta vida, o meu coração te ouviu e as minhas lágrimas te responderam.

Como o Mundo é silencioso e opaco!
Se ao menos assim não fossem os homens!

Lixa, 26 de Fevereiro, 1912.

(*A Águia* — Órgão de A Renascença Portuguesa, Porto, vol. I, 2.^a série, Março de 1912.)

A filosofia da liberdade

Principiou anteontem a série de conferências que se propõe realizar o Comité Portuense de «A Renascença Portuguesa», associação de literatura, arte, ciência, filosofia e crítica social.

Foi conferente o talentoso escritor Sr. Leonardo Coimbra, que por espaço de hora e meia falou brilhantemente sobre a «Filosofia da Liberdade» [...].

Começa então o nosso amigo Sr. Leonardo Coimbra:

Eu trago o Evangelho da Liberdade. Pequeno, simples e humilde, mas esforçado e sincero.

Liberdade amorosa e criadora, por mim e em mim procurada, não Liberdade recebida por graça de Deus ou mercê dos homens. Este é o Evangelho, que resgata sem exclusões, que redime sem interesses estranhos à sua bondade intrínseca. Ele, e só ele, poderá trazer aos homens uma paz fecunda e gloriosa, que, longe de os adormecer em possuídas delícias, os erga, contínua e permanentemente, em entusiasmo sempre novo e inesgotável.

A FILOSOFIA DA LIBERDADE

O Mundo, vencido pelo homem, começa de novo a esmagá-lo.

O homem julgou tê-lo, limitado pelas paredes do crânio, quieto e dominado. Passageira ilusão para logo desfeita. E hoje o homem começa a sentir-se dominado por esse Universo, cujos limites lhe fogem, cuja profundidade é insondável, cuja riqueza vibra e freme desde o mais simples movimento da seiva até ao mais tumultuoso estremeamento do sangue. Só uma filosofia da Liberdade poderá dar ao homem a alegria de uma vida moral, que não seja somente uma ingénua ilusão do seu desejo, mas uma realidade soberanamente bela e eminentemente verídica. Essa filosofia

terá, no entanto, os encargos terríveis de só aceitar a verdade, de ser, não a oferta sedutora de uma fácil felicidade, ao alcance do primeiro esforço, mas um grito de coragem à humanidade desfalecida, uma vibrante alvorada heróica, onde a embriaguez do combate sobreleve a alegria da vitória. Essa filosofia não irá fundamentar-se em cómodos pactos com potências superiores ao homem, mas será no coração da natureza (que é o coração humano) que irá encontrar, em trabalho e esforço, esse princípio espiritual da Beleza, da Justiça e do Amor, que é o princípio da Criação.

Não será ignorante do mal do Mundo, não fará desse Mundo o presente de um Deus desconhecido, mas também não irá construir o Universo com fragmentos que resultassem de uma violenta amputação. Será uma filosofia realista, mas depois de explicar o que seja a realidade.

A REALIDADE

Uma primeira razão, bem ao alcance dos menos reflectidos, nos levará a pensar na inexistência de uma absoluta realidade, dada de uma vez para sempre.

É essa razão a necessidade de acharmos um critério do Real.

Se o Real fosse acessível em nu, qual o motivo da florescência filosófica, científica e artística?

Não esperem V. Ex.^{as} que, nesta conferência, haja uma dedução rectilínea de todas as verdades, que quero apresentar. Essas verdades hão-de aparecer harmonicamente ligadas, constituindo um todo orgânico, onde as partes não serão numa exteriorização perfeita, mas sim numa sinergia dinâmica como compete a tudo o que é vivo.

As realidades aparecem aos mais ingénuos com dois coeficientes específicos — o objectivo e o subjectivo.

No pensamento vulgar, no pensamento científico, como no pensamento filosófico e artístico aparecem esses dois coeficientes.

O homem vulgar deseja, e tem decepções; por isso *cria ideais e sofre realidades*. O sábio teoriza, deixa correr a actividade prodigiosa do seu espírito construtor e esbarra com obstáculos, que é obrigado a contornar e que excitam uma nova corrente de energia psíquica que os *assimile*.

O filósofo mergulha até *ao coração* em plena Natureza e nela vai encontrar os irredutíveis *subjectivos* da sua vida interior e os

irredutíveis *objectivos* de actividades cósmicas que o contrariam e dividem.

O artista encontra uma matéria rebelde às suas intenções e estranha nos seus afectos.

Exalta e immortaliza os ideais humanos e diante de si encontra a hostilidade duma matéria, levada no fluxo dum permanente devenir.

OS SISTEMAS FILOSÓFICOS

Objectivo e subjectivo, matéria e forma, facto e lei eis o dualismo que todos os sistemas filosóficos procuram reduzir à unidade. A lei dos três estados, de A. Comte; lei de constatação, lei meramente empírica, como bastardo empirismo é toda a filosofia positiva; mostra as oscilações do pensamento humano entre estas duas *coisas*.

A. COMTE

O pensamento teológico é *aparentemente* (e em todas estas aparências tomadas como realidades está a obra da inconsciência positivista) o mais subjectivo. É de facto o mais caprichoso, porque desconhece ainda a *face inerte* do Ser, mas é também o mais objectivo, porque é o mais escravo das potências obscuras extra-humanas.

O homem pensa o Mundo à sua semelhança *imediate*, mas age subordinado a essa obscuridade *exterior* todo-poderosa. E não pensa o Mundo como vontade ou vontades, mas como capricho ou caprichos. A vontade é uma realidade criada e não recebida. Não a conhece o homem primitivo como a não conhece a criança, mas apenas o capricho.

O pensamento metafísico é o mais subjectivo, sendo um progresso sobre o pensamento teológico. Donde se vê que o progresso não vai do subjectivo para o objectivo.

É o mais subjectivo, por isso mesmo que a *Ideia* é a norma, a verdade verdadeira, a realidade real. É um progresso, porque, sob as *Ideias*, se ordenam e hierarquizam alguns aspectos do inerte.

O pensamento positivo é a metodologia da ciência moderna.

A intenção de Comte era valorizar os espíritos por esse método e alargar, com a sociologia, os seus domínios. Não o fez, mas é isso o que de valioso existe na sua obra.

O pensamento positivo, sendo o pensamento científico, é o domínio do objectivo, porque o seu limite ideal é a perfeita exaustão do tempo e do espaço, substituindo a continuidade da vida criadora pelos fragmentos da vida criada.

KANT

A matéria e a forma, o objectivo e o subjectivo aparecem bem claros na filosofia de Kant, que representa o maior esforço sistemático do pensamento especulativo.

A actividade sintética do espírito é a base de todo o conhecimento. O objectivo para Kant é a experiência tornada possível pelas formas do subjectivo. Aqui, e sem ir mais longe, se pode ver que não há objectivo puro como não há subjectivo puro. Com um pouco de humor, podia dizer-se que, para Kant, o subjectivo é objectivo, por isso mesmo que é subjectivo.

O objectivo do kantismo está no noumeno, actividade obscura que dá a matéria às nossas formas. E esse noumeno obscuro volta de novo a subjectivar-se pelos postulados da razão prática. Mostra isto como se não pode furtar nenhum dos referidos coeficientes, e como o erro de Kant está numa fragmentação violenta do pensamento e da realidade. O kantismo é ainda um semi-empirismo, semi-racionalismo.

HEGEL

Hegel procura unificar o pensamento, identificando o subjectivo e o objectivo. O espírito não cria a realidade pela lógica da identidade, mas pela dialéctica da relação. Está bem, somente o dinamismo da relação está nas actividades que solicitam a síntese do subjectivo.

A unidade quebra-se e eis de novo o dualismo. No entanto um neo-hegelianismo será a filosofia mais próxima da filosofia da liberdade.

O CRIACIONISMO

A palavra criacionismo tem sido empregada para discutir a origem dos mundos, opondo-se a evolucionismo. Este uso é defeituoso, porque se refere a um problema que não existe. Todo o evolucionismo, que não seja o esgotamento de possibilidades por

sucessivos lanços (epicurismo), tem de admitir actividade criadora e cair num criacionismo.

Emprego-a para significar que a filosofia da liberdade garante o valor criacionista da actividade cósmica e é, por virtude própria, progressiva e criadora.

A filosofia da Liberdade conhece e reconhece a existência de actividades que se socializam com a actividade subjectiva. Nisso difere do hegelianismo. Mas reconhece com este que todo o conhecimento é espiritual. É, pois, um racionalismo aberto, generoso e humilde. Não traz o Universo nos seus manuais. Interroga continuamente o Mundo, quer que as suas teorias acompanhem o dinamismo dos fenómenos, como que escutando sempre o longínquo palpar do coração do Ser. Não é empirismo, porque sabe muito bem o valor do Espírito.

Não é racionalismo, porque não tem a pretensão que o Universo caiba no cérebro humano. Não admite o noumeno, porque nada pode dizer sobre o que, por hipótese, seria o absolutamente incógnito. Conhece o fenómeno, mas esse fenómeno não é somente o fenómeno científico. Reconhece o valor absoluto da ciência, que, conhecendo o lado inerte dos seres, mede o ritmo das actividades cósmicas. O seu critério é, pois, bem mais benéfico que o do utilitarismo ou do pragmatismo. Os sábios modernos ou não filosofam, ou são excessivamente modestos e humildes, dando à ciência um mero valor de utilidade ou comodidade. O criacionismo conhece o valor de todas as tentativas de sistematização científica, mas não ignora qual é o seu verdadeiro e legítimo alcance.

Reconhece a sociologia, e, porque assenta sobre um prévio estudo do conhecimento, quer que, tanto quanto possível, se pratique a exaustão do tempo e do espaço sociológicos de modo que no homogéneo venham as leis sociológicas *repor* os fenómenos.

Assim critica o processo do seu fundador, ou na maliciosa expressão de Tarde, *seu padrinho*. É uma filosofia realista, não de realidade de coisas, mas da realidade do conhecimento. Acabando com a *cisão* entre matéria e forma, não reconhece nem formas puras, nem matéria pura. As próprias ciências chamadas formais são para o criacionismo ciências da realidade. O princípio da identidade, é o princípio da demonstração discursiva, mas o *sentido das formas*, o *sentido da continuidade* é o seu princípio criador.

Newton *viu*; depois, para pôr diante dos próprios e alheios olhos, *demonstrou*. A arte é *realista* (não pensem no zolaísmo, porque o criacionismo o ama pelo que afirmou, o condena pelo que negou) e, como tal, mais ou menos rica, e não só mais ou menos

formalmente perfeita. Antes que o cristianismo descobrisse o abismo do Espírito, não poderia aparecer Shakespeare. Pensemos na grandeza daqueles versos de Vitor Hugo, resignado místico da perda de uma filha. Poderia alguém anterior ao cristianismo dar-nos aquele trágico sublime? Não. A sua aquiescência é sublime, porque se curva a Deus e não à Fatalidade. Não é uma alma escrava recebendo, é um espírito *livre consentindo*...

A arte é realista; e a sua realidade está na continuidade da Vida fragmentada pela Ciência, nos ideais humanos florescidos num coração sempre *em excesso* sobre a realidade científica, social e humana.

Porque é realista, tem valor absoluto e não é um fragmento do espírito humano. O cristianismo, isto é, o infinito interior; a ciência moderna, com o infinito cósmico e com o fluxo universal, dão à Arte os seus mais altos pensamentos.

Assim, meus senhores, o criacionismo contém o máximo de realismo porque reconheceu o valor do idealismo. Filosofia de trabalho, de esforço, de humildade e heroísmo! Dá ao homem a mais alta responsabilidade e a alegria maternal de criar. O espírito humano não é, meus senhores, um poço estagnado, onde o vento desolador do outono lançasse as folhas amarelecidas das árvores e onde a superfície das águas, estremecendo ao contacto das folhas, fosse percorrida por ondas determinando a reunião em grupos diferentes.

Essa é a filosofia associacionista, vinda da brumosa Inglaterra.

O espírito humano é antes, meus senhores, um oceano onde os estremecimentos da superfície não são produzidos por estranhos impulsos, mas sim a chegada do fogo interior volvido, em maré de alma, até à convulsionada superfície.

Não é possível obter uma sensação pura de actividade sintética do espírito.

O filósofo francês Bergson dá-nos uma imagem elegante dessa actividade, representando a vida mental por um cone, cujo vértice tocando o plano da realidade seria a percepção pura, se não corresse todo um mundo de recordação a convergir para o vértice.

Esse movimento dá-se entre o vértice e planos secantes a diferentes alturas. Os exemplos mais simples de física elementar não nos estão mostrando a síntese de sensações e percepção? A análise e síntese da cor por Newton, e a do som pela teoria de Helmholtz sobre o timbre? Toda a ciência não é uma contínua racionalização do confuso intuitivo? Onde um facto? Como não havia o positivismo de ser inconsequente e inconsciente se, querendo cons-

truir sobre factos, nos não pode dizer o que é um facto? Toda a errada e estreita concepção das ciências daí deriva.

A matemática abstracta e concreta, a teoria do calor de Fourier como ramo da matemática concreta, a recta *sensual* (!) a levar por toda a parte um determinismo meio geométrico meio físico, a lei dos três estados; tudo é uma manifestação do absurdo do facto, que não é ideal, porque seria metafísico, e não é objectivo puro porque seria sem nexos, assistemático e insistemático.

O MATERIALISMO

Uma filosofia, que eu já demonstrei reduzir-se ou ao positivismo ou ao mecanicismo, se apresenta orgulhosa e viril. É o materialismo. Ela não diz que os grandes períodos de actividade espiritual foram materialistas. É certo; e isso devia bastar para a convencer de falsidade. Mas explica-se bem que assim seja. Os apelos ao espírito para voltar à Natureza e à matéria fazem-se sempre que o espírito esgotou por completo a seiva de conceitos com que se vinha alimentando.

É um intelectualismo oco que farto de ruminar, pretende novos alimentos. Daí os gritos de regresso à Natureza. O subjectivo na morreria, precisa de ir à matéria buscar virilidade e alento.

Assim se pode dizer que ritmicamente a filosofia tem oscilado entre um formalismo escolástico e um entusiasmo materialista. O espírito como que tem necessidade de se limpar da poeira de gastas tradições e ir beber nas fontes da Vida. Vai à Natureza, e julga-se por isso materialista, quando o não anima a chama interior dum Rousseau.

Na origem do materialismo e idealismo podem beber juntos as águas vivificantes da natureza; depois, se o idealismo é absoluto e o materialismo é absoluto, acabam por se tocar na miséria a que chegam, uma vez gasta a água com que partiram. O idealismo cairá facilmente numa ontologia pluralista, o materialismo numa ontologia monista. Um terá ideias ou conceitos, o outro o conceito único da matéria.

A substância material não existe como não existe a substância espiritual.

Existem actividades que se prestam a uma perfeita *reposição* num tempo e num espaço *exauridos*. Isso é a matéria.

Existem actividades, imediatamente afirmativas, que vivem num espaço *seu* e agem num tempo *seu*. É o espírito.

As primeiras pertencem às ciências, as segundas ¹ às artes e à filosofia.

Assim a filosofia da Liberdade dá-nos a suprema alegria de podermos dizer que essa palavra é mais alguma coisa que o palavão oco dos tribunos sem miolo.

Assim unificado, poderá o espírito humano seguir, sem se escravizar às suas próprias obras, numa continuada ascensão para a Justiça e para a Beleza.

Eis, meus senhores, a Liberdade, esse incoercível, que é a fonte de tamanhas dedicações, de tamanhos e tão sublimes sacrifícios!

Para além da realidade aparente, se nos descobre a realidade essencial do esforço criador.

A vida é inesgotável e, *agora e a cada momento*, incomensurável com os conceitos feitos.

Daí a sua irracionalidade ², o que não quer dizer a sua sem-razão.

Há toda a largueza para a mais ampla fé. Não sejamos parciais na aspiração!

Criemos a beleza e o mundo será belo, façamos a virtude e o mundo será justo.

O OLIMPO

Vou terminar, minhas senhoras, contando-vos as últimas notícias do céu.

Um dia falavam os deuses distraidamente, e com desdém, acerca do homem.

Júpiter, que ignora Franklin, gaba-se dos seus raios. Vénus presume do seu poder. Só Minerva diz aos deuses que o homem é alguma coisa de inquieto e inquietante. Júpiter ordena a Mercúrio que parta, em busca dum homem. Este chega à terra e dirige-se a um lavrador da minha aldeia; tenta-o com riquezas, mas ele não abandona a terra maternal.

Mercúrio dirige-se à cidade em busca dos ávidos. Encontra um banqueiro a quem promete um negócio de fabulosos lucros.

¹ A psicologia, etc. olham a *matéria espiritual*, isto é, o susceptível da *reposição* no homogéneo.

² Este irracional corresponde ao Incoordenável de um livro posterior à nossa interpretação do cristianismo na revista *Águia*.

É uma pequena infâmia e altamente lucrativa. Expulsar um povo dum rico território, que habita, e explorá-lo. Um ministro que *sabe viver* auxilia o banqueiro e faz-se uma terra de extermínio.

Os deuses mostram, assim, a Minerva a miséria moral do homem. Esta diz que eles foram buscar um homem do negócio, quando deveriam chamar um homem do amor.

Mercúrio traz um homem, que Vénus entontece e a quem convence ser casada com o seu melhor amigo. Que não importa, responde este; o seu amor esquece tudo isso.

Os deuses procuram Minerva, que aparece com um Poeta.

Tentam os deuses seduzir o Poeta, mas apenas conseguem que a sua alma lhes fale o Universo.

O Poeta fala e as suas palavras são astros, sóis, nebulosas.

Um vento misterioso se levanta e eriça a cabeleira de Júpiter.

Movimentos sísmicos percorrem o corpo do Gigante. E, quando a voz do Poeta vai falando o infinito do espírito e o infinito do Cosmos, a face batida da loucura, os olhos desorbitados de assombro, Júpiter grita: «Fechem-me essas janelas. Quem quebrou o cristal do Olimpo, que vento de Mistério é este que me atravessa os ossos. Que é aquilo, além?

Labaredas, mundos, consciências, iluminando o espaço!»

Vénus começa de sentir dentro de si um calor estranho, uma humildade nova que a faz aproximar do Poeta murmurando:

«Como ele é belo! As suas palavras são candentes como os sóis, impetuosas como as erupções de astros, meigas, tristes e doces como o gemido da última que beijou a face lívida da lua.

Ah! Estes peitos nunca sentiram a alegria fremente que deforma e dá vida, estas ancas são duma beleza infecunda e inútil.

Quero ser Mulher; amar, sofrer, ser mãe com dores, esposa com dedicações humildes, sempre presentes e ocultas».

Tudo se desfaz em poeira doirada e apenas Minerva, volvida Espírito criador, canta o novo «Germinal», de uma humanidade fraternizada consigo e com o Mundo.

O Poeta é esse homem novo e Vénus, volvida Mulher, é a filha, a Esposa e a Mãe do homem duma humanidade renascida.

Disse.

(Registo jornalístico da conferência pronunciada no Ateneu Comercial do Porto em 18 de Março de 1912, por ocasião do Comité Portuense da Renascença Portuguesa, publicado in *A Montanha* — Diário Republicano da Tarde, Porto, ano II, n.º 325, 20 de Março de 1912.)

Basílio Teles

O *último* livro de Basílio Teles fez nascer em mim o desejo de alguma coisa dizer sobre esse raro carácter, vivendo nesta sociedade amorfa e insignificante.

Na redacção d'A *Águia* soube que o querido poeta Teixeira de Pascoaes falaria sobre o livro de Job.

Estimei duplamente, por mim e por Basílio Teles.

Por mim, porque, liberto da responsabilidade de crítico da obra, poderia rapidamente falar do que mais agradasse à minha admirativa simpatia ou à minha particular feição espiritual.

Por Basílio Teles, porque ele terá a alegria de ver a sua bela alma comovidamente adivinhada, em toda a sua longínqua bondade, pela alma do Poeta.

Falarei de Basílio Teles perante o problema do mal.

Quando li o pedaço de prosa, do princípio do «Estudo», evoquei aos meus olhos a figura de um velho marinheiro, que do tombadilho olhasse, sereno e atento, o assalto das ondas montanhosas.

Evoquei, e logo senti quanto era inadequada a imagem. Este apenas se defende; contém gritos e imprecações para não indisciplinar a marinagem. Lembrei o sábio debruçado sobre o Vesúvio para lhe observar as entranhas.

Mas é ainda injusta e depreciativa a comparação. Olhar o Vesúvio deve ser terrível, mas olhar o Mal é formidável. O problema do Mal dá a medida das almas.

Todos os criadores o sentiram, o envolveram, e, em redor, traçaram a órbita do seu pensamento heróico.

Quereis conhecer o maciço duma alma? Interrogai-a sobre o Mal. Vereis como não há habilidades dialécticas que salvem.

Tendes diante de vós uma alma heróica? Ela porá, nas suas respostas, originalidade, vigor e grandeza.

Tendes uma alma banal e chata?

Recitar-vos-á o catecismo ou Schopenhauer, porá a máscara do super-homem ou do *bom reitor*.

Disse algures Jaurès que o problema do Infinito se põe de novo para cada ser.

É certo; e a alma do problema é na moralidade ou a amoralidade do Ser, isto é, no problema metafísico do bem e do mal.

Podemos arranjar hipóteses provisórias, biológica e sociologicamente utilizáveis; mas sempre o problema permanece, porque o bem e o mal são frutos do Absoluto. Uma aritmética moral pode ser útil para coordenar interesses, mas nada pode dizer sobre a essência da questão.

É o problema de Deus, a dualidade Espírito e Natureza.

Debatê-lo é, já, erguer o Espírito criador e amante em frente à Matéria indiferente e inerte.

As religiões não o resolveram e a ciência não o resolveu, porque religiões e ciência só possuem Matéria.

O cristianismo ¹(^a) foi um afloramento do Irracional incriado e criador, uma erupção espiritual, mas logo aprisionada na imobilidade do dogma.

Seria a fluida omnipresença, volveu-se em solidificado exclusivismo. O catolicismo contém apenas *matéria* psicológica e moral.

A continuidade da acção perdeu-se na descontinuidade do decreto e da obediência.

A ciência só apreende o descontínuo, o inerte.

Religião e Ciência são impotentes perante um Bem e um Mal, para elas irredutíveis e absolutos.

Um *criacionismo* moral verá, na dualidade Espírito-Natureza, o motivo da sua acção e o valor da sua realidade.

Na continuidade vivida do esforço moral encontrará Deus, isto é, o incessante acréscimo dos domínios espirituais.

Até onde irá a eficácia desse esforço moral?

Quando se casará a fria luz do Cosmos com a luz amorosa do homem?

¹ Ver na 1.^a série d'*A Águia* o nosso artigo «Natal e Ano Novo».

(^a) Conforme se verificou anteriormente (p. 206), Leonardo Coimbra não atribuiu ao mencionado artigo o título de «Natal e Ano Novo», mas o de «Natal e Novo Ano».

É todo o problema de onnipotência divina.

O homem tem a responsabilidade, livremente tomada, de moralizar a Natureza, isto é, as paixões, a inteligência, os instintos, a cegueira.

É essa a sua linhagem divina.

A atitude duma alma perante o Universo é um misterioso laço de humildade e heroísmo.

Quando, no silêncio côncavo da Noite, o homem ergue a Consciência interrogadora e afirmativa, sente bem, na maré viva da alma, a certeza vitoriosa das suas promessas.

Encarar de fito o Mal é a máxima coragem e a mais nobre acção.

Raros olhos resistem à luz do Sol, bem menor é o número das almas que resistem à luz de Deus.

Num país de palradores inconscientes, de literatos livrescos, de consciências (?) *oportunistas*, é bem admirável a presença duma veneranda figura, como a de Basílio Teles.

É como se perdidos num jardim, cheio de monstros requintados, de repente os nossos olhos vissem o sólido raizame dalgum carvalho; ou como se, num quente salão perfumado, entrasse de repente a rajada da Montanha.

Abençoado o austero homem, que é um grande exemplo moral à nossa mocidade.

(*A Águia* — Órgão de A Renascença Portuguesa, Porto, vol. I, 2.^a série, Abril de 1912.)

A matemática e a realidade

Para a *filosofia criacionista* todas as ciências são reais e ideais. Reais, porque apreendem a face inerte do Universo. Ideais, porque, longe de serem uma reprodução passiva das *cousas*, resultam da acção da actividade espiritual sobre dados imediatos, e, deste modo, postulam a actividade do espírito e uma última actividade estranha, irreductível. Aqui, como por toda a parte, o realismo não é empirismo, materialismo ou qualquer forma bastarda do sensualismo.

Real e ideal vivem juntos, não sendo o ideal mais que o excesso da potência sobre o acto, do futuro sobre o presente, do espírito sobre a matéria.

Ora é costume na classificação das ciências distinguir as ciências formais das ciências reais. Assim diz-se a matemática é formal, a física é real, etc.

Afastemos as classificações, onde domina o empirismo, como a de Comte. Tudo é viciado pela já discutida ilusão *cousista*.

Olhemos aquelas classificações onde dominou a atenção à forma intrínseca da actividade científica construtora.

Desse mesmo reparo é que deriva a distinção do formal e do real.

Porque a matemática é de posse de indiscutíveis certezas, se viu nela uma criação livre do espírito. E, porque é útil, uma convenção bordada sobre as *cousas*.

Se assim fora, se apenas fizéssemos convenções úteis, quando fazemos ciências, qual seria o critério de utilidade? Ou uma nova utilidade e assim sucessivamente iríamos atrás da utilidade, caminhando inutilmente, ou um critério de verdade e tornávamos para um racionalismo, donde desertáramos e que afinal sempre é o lugar da verdade.

Assim não poderemos dizer que ciências diferentes (as geometrias euclidiana e não-euclidiana) são *igualmente* verdadeiras, mas momentos dialécticos diferentes, devendo a sua ordem ser a da sua hierarquia racional.

O erro é ainda a *crença* nas *cousas*.

O que significa então a distinção entre o formal e o real?

Não pode ser a diferença entre a forma e a matéria, porque afastado ficou o empirismo.

Terá a ciência na sua lógica motivo para tal distinção?

Se há ciência carecendo só o princípio da identidade e ciência carecendo o princípio da razão suficiente, não temos um motivo seguro de distinção?

Em primeiro lugar, não há princípios lógicos realizados, pelo mesmo motivo que não há *cousas*. Há, na acção *racionalizante*, ora um esforço fatigante e percuciente, que, sempre e a toda a profundidade, encontra oposição, ora um como que simples olhar intelectual, alcançando, de lance, todo o objecto. No primeiro caso usamos continuamente a razão, racionalizando sempre, no segundo caso (*a*) a razão expõe, de uma vez, todas as entranhas do seu objecto. Mas em nenhum dos casos a razão caminha só e vazia, em miraculoso moto contínuo.

Sabe-se onde leva o formalismo, quando, com o princípio da identidade, caminha com pouco combustível. Toda a escolástica o diz.

Em segundo lugar pode em cada ciência mostrar-se o irreduzível, que a Razão elabora; e, pelo limite, que se dá a Ciência, mostrar-se como a identidade é obra da racionalização.

Já vimos, como a aritmética encontra um irreduzível na noção de número.

Ou começa pelo número cardinal e começa contando objectos ou sensações. Ou começa, como pretendem, talvez por horror ao empirismo, alguns, e dos mais ilustres, pelo ordinal. Então o irreduzível é um irreduzível superior, mas existe — é a irreversibilidade.

Assim a aritmética é uma ciência realista no bom sentido. A geometria, já o mostrámos, é igualmente realista, e as especulações não-euclidianas, resultando *duma incompleta exaustão do Espaço*, seriam mais particulares, se houvesse sombra de verdade no empirismo.

Mostremos agora que os seus princípios de demonstração são a forma (*a*) da actividade racionalizante. Assim colocaremos a matemática, sem a descer da sua dignidade no mundo real.

O raciocínio de recorrência ou indução é o mais fecundo dos raciocínios matemáticos. Quero demonstrar a propriedade associativa.

$$a + (b + c) = (a + b) + c.$$

Por definição $a + (b + 1) = (a + b) + 1$. Daqui deduzo por *indução* (b)

$$a + (b + c) = (a + b) + c.$$

Com efeito, isto é verdade quando $c = 1$. Se eu agora provar que, sendo verdadeira para $c = n$, a igualdade é verdadeira para $c = n + 1$, tenho demonstrado (b).

Porque é verdadeira para $c = 1$ logo para $c = 2$, etc., etc.

De

$$a + (b + 1) = (a + b) + 1$$

vem, sendo $p = n + 1$,

$$a + (b + p) = a + (b + n) + 1$$

pela hipótese $a + (b + n) = (a + b) + n$

$$a + (b + p) = [(a + b) + n] + 1 = (a + b) + p$$

q. e. d.

Donde tira a virtude este raciocínio?

Da lei da formação dos números e das definições. Os números sob o ponto de vista da lei de formação são idênticos, porque não há razão para variar uma lei, que, num tempo e num espaço exauridos, põe uniformemente pontos ou instantes. A recorrência é uma indução que se legitima, de pronto, porque nenhum conceito posterior poderá modificar esta primeira lei. A indução matemática física só se legitima, de pronto, porque nenhum conceito posterior poderá modificar esta primeira lei. A indução física só se legitima progressivamente pelas suas longínquas consequências, porque aí os conceitos são numerosos e interdependentes e o campo da intuição é ilimitado.

Na matemática a razão pôs os limites à intuição, procurando somente um primeiro despertar do seu dinamismo.

O raciocínio por absurdo, do mesmo motivo, recebe o seu valor. Posso afirmar em geometria que uma proposição é verdadeira por as conclusões da hipótese contrária serem falsas.

Posso fazê-lo porque conheço o campo das possibilidades. A razão traçou as linhas do real ¹ e, dentro desse real, eu conheço as possibilidades.

¹ Real no nosso significado racional.

Em todas as ciências, sempre que eu possa limitar as possibilidades, posso usar os mesmos raciocínios.

Em mecânica e em física (estamos em pleno real) há vectores. Até em biologia e sociologia eles se poderiam aplicar à representação de certas inércias.

Ora numa teoria geral dos vectores podemos aplicar o raciocínio de recorrência ¹[2]. Porquê?

Porque há independência, inércia e uniformidade.

O raciocínio peculiar de matemática assim pode valer em pleno real.

E não se diga que é formal, ou de convenção.

A força e até a velocidade mostram bem o seu carácter realista, subordinando o tempo e o espaço aos seus modos. Uma velocidade, só tendo os conceitos de espaço e tempo, é tão real que determina relações absolutas de espaço e tempo para as complexas realidades físicas.

Ora o teorema fundamental dos momentos de vectores demonstrado para dois, generaliza-se por indução ou recorrência.

O teorema é verdadeiro para dois vectores.

Se é para n é para $(n - 1)$ vectores.

Seja L a resultante dos $(n - 1)$ vectores P_1, P_2, P_{n-1} de origem B e AH o seu momento linear em relação ao ponto A .

Por hipótese AH é a soma geométrica de AG_1, AG_2, AG_{n-1} , sendo AG_1 , etc. os momentos lineares desses vectores em relação a A .

$$(AH) = (AG_1) + (AG_2) + (AG_{n-1}).$$

A resultante R dos n vectores é a resultante Q e P_n e o seu momento linear

$$(AG) = (AH) + (AG_n)$$

donde

$$(AG) = (AG_1) + (AG_2) + (AG_{n-1}) + (AG_n)$$

q. e. d.

¹ Tanto estamos em pleno real, que é preciso considerar as determinações específicas. Assim a recorrência conclui do mesmo modo, mas não conclui o mesmo. Há propriedades que desaparecem e propriedades que aparecem. Assim no caso de vectores não é indiferente a ordem dos factores, etc.

Todas as vezes que seja possível uma perfeita exaustão do tempo e do espaço e reposição no tempo e espaço homogêneos de determinações uniformes e independentes, é valível a indução total.

A unidade das ciências é perfeita e o trabalho de exaustão pode ir mais ou menos longe, mas, onde a análise chegue a determinações independentes e uniformes, a razão procede do jacto por decretos absolutos...

(*A Águia* — Órgão de A Renascença Portuguesa, Porto, vol. 1, 2.^a série, Maio de 1912.)

Revista bibliográfica ^(α)

O Regresso ao Paraíso por Teixeira de Pascoaes.
Edição de «A Renascença Portuguesa» — 1912

Só o grande e enternecido entusiasmo, com que o último livro de Pascoaes alvoroçou a minha alma, me obrigaria a escrever, desde já, sobre a obra. No meio de cuidados múltiplos, falta-me o tempo para ser tão completo quanto o poderia ser. Além disso é um atrevimento falar sobre a *mais alta obra portuguesa* após uma única leitura. Quantas belezas ocultas não terá ela ainda para os meus olhos!

Falemos do que há de diferencial nesta obra, daquilo que representa a atitude divina do Poeta.

O *Regresso ao Paraíso* é o ponto culminante da poesia de Pascoaes. As sombras encontraram o perfeito acordo com a luz, as emoções directas casaram-se docemente com as emoções de ordem especulativa, de modo a dar uma obra completa e harmónica.

A visão em luz directa imediata e integral, que só mostra as superfícies, precisava que o pensamento envolvesse formas destacadas para receber desse assédio a sombra precisa, em movimento de profundidade. O Poeta via a beleza espontânea erguendo as corolas cismáticas no espaço circundante. O pensamento envolvia cada flor, e só então a corola projectava a sombra, onde a raiz bebia o aromático ser. De forma que a visão do Poeta crescia numa claridade envolvente desde os confins do horizonte, parando por

^(α) O título mencionado corresponde ao título da secção do periódico em que o artigo foi publicado.

vezes, para num movimento local se entranhar na profundidade da sombra. Agora essa claridade vem das íntimas profundidades e dos grandes longes; e, em cada ponto, a luz é a própria vida espiralada em ascensão e expansão, em Deus e humanidade. Se o próprio movimento divino move o Poeta, a luz excede-se, porque Deus é um permanente excesso, e é da *Altitude* que a Vida olha a superfície e a profundidade. Eis o motivo intranho, porque criador, da *Obra*.

Essa *Obra* seria uma absoluta metafísica, integral e definitiva; e é-o.

Essa *obra* seria o movimento divino e, por isso, a Luz criadora, explicando todas as entranhas; e é-o.

Da altitude seriam avistados todos os contornos e, em Deus, o motivo da caricatura. Pascoaes vê a caricatura, que é o excesso do divino criador sobre o material (abrangendo a matéria humana) criado.

Daí a ironia metafísica que Pascoaes criou. As grandes ironias trágicas da literatura metafísica têm sido apenas *blasfêmias desesperadas* ou *gargalhadas cínicas*.

Pascoaes encontra a única e verdadeira caricatura, que fica para além da caricatura anedótica, mero processo de pedagogia social.

Estes são os pontos essenciais da *Obra*, que a mostram um momento eterno.

A *Obra* é um momento eterno da alma portuguesa, porque uma voz portuguesa só poderia encarnar o divino em formas da alma maternal. Mas não se pense que um exclusivismo de raça poderia ter realidade e verdade para o Poeta. A alma da Raça é, para o Poeta, no próprio movimento de excesso divino. A dialéctica intranha, emotiva e criadora da realidade é a *Saudade*, forma lusitana da Criação. Pela boca verde-negra das nossas árvores, pelo silêncio dos íntimos murmúrios dos nossos rios, pela ansiedade, desolada ao de fora, fremente no íntimo, das nossas montanhas! A *Saudade* (o concreto daquela abstracta reminiscência de Platão) é a alma humilde, bondosa e simples do nosso Campónio que ama as árvores, a família, o arado, os bois, a recordação permanente dum lar cujo abandono é a própria morte (o horror à vida militar, a angústia da emigração, etc.) e a permanente evocação dum espírito acordado e activo, que é o Senhor Deus das searas, dos milheirais e das vinhas, que é a Serenidade e a Alegria, e a Tragédia, e a Sombra e o Medo.

Do alto das Montanhas, dentre a sombra da noite negra e dos pinheiros em nocturnas marés, o nosso Campónio acorda os lon-

ges, mortos para a lembrança das almas idas, que *pedem* e *dão* a assistência das almas que ficaram a cavar e a sonhar.

Pascoaes, que até aqui tinha sentido as sístoles e diástoles locais do coração dos seres, é agora a diástole do grande Coração divino. As sedes parciais vão ser apagadas, porque é esse *Coração* a própria fonte originária das Águas.

Onde os regatos serpeavam *palpita* a grande, a eterna *Fonte*.

E as águas do seu Tâmega; e as águas das sedes domésticas; e a maternal água originária que dá ao trabalho o suor do sacrifício; e a água, lágrima humildade, lágrima diluição d'alma, lágrima dor maternal; e a lágrima saudade do Homem (de Adão) são tão-somente aquela Água coração divino, eterna diástole de enternecimento, dedicação, heroísmo, esforço, glória.

Camões deu a Portugal a sua alma de aventura heróica, deu-lhe *Os Lusíadas*; Antero deu a Portugal o sacrifício do seu santíssimo corpo para que Portugal comunhasse a sua alma *de certeza*, pela divina Tragédia de novo libertada das hesitações, das dúvidas e das angústias materiais; Junqueiro *abre* os olhos a esse gigante cego, debruçado numa impossibilidade secular sobre *Os Lusíadas* indecifráveis; Pascoaes dá a esse povo a sua alma integral e purificada, no foco divino imanente, a sua alma de *Saudade*, isto é, de cristianismo intranho, de cristianização inesgotável, sem fim e sem *morte*.

A *obra* é o eterno, o perfeito, o único Drama. A vida é liberdade; é, por isso, mal e bem; é, por isso, eterna mobilidade da exaltação divina.

O criminoso tem *terceira pessoa*; Deus é também a trindade, pois Deus é a condição do Drama. Essa terceira pessoa excede o criminoso, essa terceira pessoa excede Deus, em Deus.

Olhos mortais da Matéria na vossa pupila misteriosa brilha recôndita chispa espiritual; é a terceira pessoa alvorecendo a nova vida, a mobilidade divina soerguendo a vossa inércia material!

Oh meus amados portugueses do Campo, oh perdidas almas hesitantes, alvorece a nova luz!

Olhai a Oriente e haveis de ver os sinais precursores do *Deus Infante*! Ele caminha sobre nuvens de luz! A vossa pupila ainda não retém essa luz de fluxo em vertigem de amor!

Mas olhai as alvoradas, preparai os vossos corações que Deus volta das brumas do passado sonolento e volta rejuvenescido e todo mudado. Olhai a sua cor inédita! Aquela frescura aprílica dilui todas as falsas tristezas do desânimo. Olhai a sua melancolia

feita de vida e não de morte; é a melancolia da *Saudade*, que é tão-só a concentração do Espírito apreendendo-se no drama da sua essência. É D. Sebastião que volta!

O que ele aprendeu!

Esteve em encantamento divino. Ele viu o coração dos *infiéis*, e, cheio de assombro e de pavor, viu-lhes uma alma cristianíssima. Já não entende a guerra! Que lindos contos de fadas sabem os *infiéis*, e que dedicação e delírios místicos eles não possuem!

Fraternidade é a palavra do Deus Infante, do D. Sebastião *redimido*! Ele aprendeu Portugal no exílio, e traz do exílio a sua alma aos portugueses sem ânimo. Esse exílio ensinou-lhe que o homem é o eterno exilado de si mesmo, se em si mesmo não acende Deus. No exílio aprendeu a perfeita bondade, porque conheceu o íntimo da vida.

E ele volta para Portugal, porque Portugal é agora o Universo.

Tudo será perdoado, porque o Deus Infante é português e tudo fraterniza nesta língua de silêncio, de intimidade imediata, de amor aceso no próprio coração divino. E o Deus Infante não pode esquecer-se em egoísta contemplação de si mesmo, porque o Homem está ao nível de Deus e sabe falar-lhe de igual para igual.

O Amor, isto é, a linda Inês não mais temerá o mal, porque a terceira pessoa do criminoso saberá lembrar ao Deus Infante que, sendo a vítima a livre alegria e o criminoso o escravo da tristeza,

A letra de meu Pai é indecifrável...
Suas divinas mãos já lhe tremiam
Quando escreveu outrora a alma humana!...

Alvorece a nova Religião, a alma portuguesa vai possuir-se em Deus.

Que todos os poetas (e nesta expressão envolvo-me e envolvo todos os *vivos*) estudem a *Obra*; e a Bíblia lusitana, tornada vida universal no absoluto, será, no contingente, *renascimento* de Portugal.

Não digo mais nada. Se quisesse chamar a atenção para fragmentos do livro seria criminosamente estúpido. O livro é uno e perfeito.

Leiam-no, e amem-no porque a si lêem e a si amam.

Moços portugueses!

A vós me dirijo neste momento em que os velhos sem alma se gastam em obras de Morte.

Vinde ao Poeta, vinde a nós que vos amamos, e sereis os apóstolos do Deus Infante, redentor do Universo e alma de Portugal!

(*A Águia* — Órgão de A Renascença Portuguesa, Porto, vol. 1, 2.^a série, Junho de 1912.)

ÍNDICES

ÍNDICE ONOMÁSTICO

- Aristóteles, 251
- Bergson, Henri, 109, 122, 148, 177,
208, 253, 255, 263, 267, 282, 297
- Boutroux, Émile, 161, 255
- Braga, Teófilo, 135
- Branco, Camilo Castelo, 158
- Bruno, Sampaio, 84, 109, 158
- Calino, 166
- Calinon, 123
- Camões, 81, 256-257, 311
- Carnot, 170
- Carnot-Clausius, 170
- Casimiro, Augusto, 97, 189
- Coelho, Adolfo, 243-244
- Comte, Augusto, 108, 117, 130, 143,
145, 162-165, 188, 272, 285, 294,
304
- Cortesão, Jaime, 214
- Costa, Afonso, 227
- Cournot, Antoine, 285
- Couturat, Luís, 221
- Cuvier, Georges, 108
- Darwin, Charles, 90, 174, 196
- Descartes, 143, 199
- Deus, João de, 81
- Duhem, Pierre-Maurice, 142, 253
- Durkheim, Émile, 280
- Eleia, Zenão de, 250, 255, 267
- Engels, Friedrich, 96
- Espinosa, 252, 267
- Euclides, 286
- Fechner-Weber, 215
- Ferrer, Francisco, 84, 86-87, 100-101
- Fouillée, Alfred, 286
- Franklin, Benjamim, 299
- Galileu, 252
- Goethe, 224
- Guillaume, Charles Édouard, 248, 263
- Guyau, Jean-Marie, 128, 269
- Hadamard, Jacques, 282
- Haeckel, Ernst, 146, 166, 169
- Hamelin, Octave, 286
- Hannequin, Arthur, 144, 262
- Hartmann, Nicolai, 174-175, 185
- Hegel, 145, 208, 295
- Helmholtz, Herman, 168, 297
- Heraclito, 251
- Höfding, Harald, 197
- Hugo, Vitor, 83, 140, 215, 235, 297
- Ibsen, Henrik, 119
- James, William, 246, 255, 282
- Jaurès, Jean, 186, 191, 209, 266-268, 302
- Junqueiro, Guerra, 80-81, 158, 189,
217-218, 225, 311
- Kant, 143-144, 185, 208-209, 222, 252,
261, 264, 283, 295
- Kepler, Johann, 159, 252

- Lachelier, Jules, 223
 Laplace, Pierre, 144
 Lavoisier, 168
 Le Bon, Gustave, 128
 Le Dantec, Félix, 116, 131, 169
 Leibniz, 198, 267
- Mach, Ernst, 142, 253
 Magalhães, José de, 193, 244
 Mantegazza, Paolo, 95
 Martins, Augusto, 269
 Martins, Sousa, 214
 Matos, Júlio de, 148
 Mayer, Julius-Robert von, 168, 171
 Metchnikoff, Elijah, 91
 Mill, Stuart, 190
 Morral, 101
- Nakens, 100-102
 Newton, 83, 123, 160, 215, 266, 297
 Nietzsche, 119, 129, 162, 165-166, 174
 Nobre, António, 259
- Oliveira, António Correia de, 189
- Parménides, 178, 250
 Pascal, 215, 246, 270
 Pascoaes, Teixeira de, 135-136, 189, 301, 309-311
- Pimenta, Alfredo, 115, 157, 162-163, 167
 Platão, 185, 251, 310
 Poincaré, Henri, 122-123, 132, 142, 161, 169-171, 185, 221, 253, 255, 282, 285
- Quental, Antero de, 112, 158, 214-215, 311
- Ramón y Cajal, Santiago, 105
 Renouvier, Charles, 255
 Roberty, 145
 Rousseau, Jean-Jacques, 298
- Schopenhauer, 174-175, 185, 256, 302
 Shakespeare, 251, 297
 Sócrates, 251
 Spencer, Herbert, 121, 185
 Stallo, 142
 Stirner, Max, 162, 166
 Strindberg, August, 133
- Tarde, Gabriel, 193, 254, 280, 296
 Teles, Basílio, 301, 303
 Tolstoi, Leão, 190-191
- Vermorn, 145
 Vieira, Afonso Lopes, 189
- Zola, Émile, 254

ÍNDICE SISTEMÁTICO

- Acaso, 162
Acção, 168
Alma, 248
Amor, 82-83, 85, 95-96, 102-103, 112, 181, 203, 209, 211-212, 217, 223, 233, 236, 275
Analogia, 111, 114, 281
Anarquismo/Anarquia, 147-148, 162, 165
Animismo, 114, 201
Antinomias, 142
Atomismo, 142, 145-146
- Beleza, 204-205, 228, 234, 281
Bem, 82-83, 85, 173, 190-191, 216, 259, 302
Bergsonismo, 109-110, 185-186, 281-282
Bondade, 84, 190, 201
- Cartesianismo, 291, 303, 305
Casamento, 94
Catolicismo, 272-273, 302
Cepticismo, 196, 247, 269
Ciência, 80-82, 110, 120, 129-130, 146-147, 191, 195, 241, 272, 305
Cientismo, 229-230
Conhecimento, 261, 279
Consciência (absoluta, psicológica, pensante, livre), 82, 86, 176, 266
Contingência (das leis da natureza), 85, 161
Continuidade (física, moral), 122, 143-144, 221-222
- Cousa/Cousismo/Cousar, 212-213, 304-305
Criação, 135, 141, 160, 171, 182, 207-208, 222, 281, 310
Criacionismo (filosofia criacionista, filosofia da liberdade, pensamento criacionista, criacionismo moral...), 116, 174, 208, 230, 281, 302, 304
Cristianismo, 207, 209, 241, 311
Cristo, 83, 93
Cultura, 192-195, 198, 227, 231, 242-243
- Descontinuidade/Contiguidade, 122-123, 144, 148
Despotismo, 94-96, 177-179
Determinismo, 130-131, 155-156, 158-162, 171-172, 178-179, 192, 208, 222-223, 281, 286
Deus, 83, 89, 102-103, 117, 119, 126, 182, 191, 237-238, 248-249, 263-265, 267, 277-278, 310-311
Divórcio, 94
Dor, 83, 112, 180, 219, 265-267
- Educação (ensino, pedagogia...), 129, 192-195, 227-228, 231-232, 242
Empirismo/Sensualismo, 279, 304-305
Energia/Energetismo, 168-172, 248
Epifenomenismo, 153-154, 215
Escolástica (doutrina e ensino), 104, 229, 305

- Espaço, 248-249
Espírito, 103, 249
Espiritualismo, 151-154, 188
Estética/Arte, 83, 99, 110, 196, 241, 281
Eternidade, 82, 211-212
Evolução/Evolucionismo, 84-85, 94, 117, 126, 147, 171, 186-188
Excesso, 112-113, 207, 217, 229, 263, 304, 309-310
Êxtase, 92, 99, 174-175
- Família, 94-96
Fatalidade/Fatalismo, 158-159, 166, 281
Fé, 82
Fenômeno/Noumeno, 175, 185, 198, 208-209, 222, 261, 266
Filosofia, 282
Futuro, 118, 141, 156, 248-249
- Homem, 111-113, 121, 217, 248-249, 267, 276, 281
Humanidade, 80, 82-83, 85-86, 89
- Ideal, 80, 82-83, 85, 89-90, 93, 96, 113, 126, 136, 141, 179, 235, 241, 259, 263, 270
Ideia/Ideal/Idealismo, 118, 127, 151, 215, 259, 267, 269, 281, 303
Identidade (princípio de), 161, 286, 305
Igualdade, 132-133
Imortalidade, 236
Inconsciente, 175-176, 185
Incoordenável, 227, 240, 284
Indeterminismo, 172
Inércia, 248-249
Infinito (matemático, metafísico, moral), 81, 83, 154, 183, 185-187, 191, 198, 212, 216, 221-223, 276, 300, 302
Intelectualismo, 206-208, 215
Intuição/Intuicionismo, 222, 251, 279-283, 285-286, 306
Irracional, 240-241, 284, 299, 302
Irracionalismo, 206-208
- Justiça, 84, 258, 293, 299
- Lei, 85-86, 88, 94, 102, 236
Liberdade, 87-88, 90-91, 119, 127-128, 154-155, 159-160, 163, 182, 192, 207-209, 227, 248-249, 281
Luz, 82-83, 101, 181-182, 189, 218, 252, 292, 299
- Mal, 173, 175, 259, 301-303
Matéria, 102-103, 142-145, 169, 171, 281, 294, 298-299, 302, 311
Materialismo, 142-146, 153-154, 166-167, 169, 208, 229, 298-299
Máxima racionalização (princípio ou lei da), 279-280, 283, 286, 305
Mecanicismo/Mecanismo, 116, 146, 148, 151-152, 159, 177, 198, 208, 229, 263
Metafísica, 83, 102, 110, 120, 135, 174, 176, 182, 188-189, 227, 230, 251, 259, 266, 269, 279, 281, 294, 302, 310
Mistério, 92, 112, 180-186, 189, 204, 206, 212-213, 218, 270, 300
Misticismo, 136, 229
Mônada/Monadologia/Monadismo, 182, 248, 262, 265, 267, 281
Monismo, 146
Moral (consciência moral, pessoa moral, moralidade, vida moral), 85, 90-91, 102, 106, 120, 129, 156, 191, 222, 227
Moral cósmica, 82, 186, 278
Movimento, 89, 143, 172, 175, 213
Mulher, 94-96, 111-112, 132-134, 203-204
- Nada, 175, 261-262
Natureza/Naturalismo, 82, 85, 90, 181, 227, 251-252, 276-277, 293-298
Nirvana, 175
- Optimismo/Pessimismo, 173-176, 198, 235-236
- Padre (liberal/ideal), 81, 125-126, 227, 237-239
Paganismo, 136, 188-189, 207

- Panteísmo, 82, 98, 188-189, 267
 Passado, 248-249
 Pátria, 219-220
 Pensamento, 153, 168, 174
 Poesia/Poeta, 81, 97-98, 111, 130, 135-136, 140-141, 188-189, 212-213, 216, 218, 236, 248-249, 256, 259, 300-301, 309-313
 Positivismo, 143, 167, 187-188, 196, 208, 229, 294-295, 297-298
 Pragmatismo, 255, 296
 Presente, 248-249
 Progresso, 85, 88-91, 100, 141, 147-148, 192-193, 201, 227
 Queda, 175-176, 190-191
 Razão suficiente (princípio de), 222, 286, 305
 Razão/Racionalismo, 80, 82, 142, 222, 229-230, 279, 282, 305-306
 Real/Realidade/Realismo, 113, 135, 142-146, 175, 196-197, 215, 229-230, 254, 259, 267, 279, 293, 296, 299, 304-305
 Redenção, 112, 135, 175-176, 184-185, 276-277, 312-313
 Reformismo, 155-156
 Religião (fenómeno social e individual), 112-113, 187, 195-199, 201, 227-228, 241, 259, 272-273, 302, 312
 Religião da humanidade, 89, 126
 República, 148
 Revelação, 83, 89, 186, 197
 Santo, 85-86, 140, 191
 Saudade, 136, 204, 310-313
 Ser, 122, 135, 141, 145, 180-181, 186, 189, 222, 251, 266-267, 294, 296, 302
 Socialismo, 82, 166, 254
 Sociologia, 294, 296
 Solidariedade, 82, 86, 90
 Sonho, 92-93, 112, 135-136, 140, 174, 181, 205, 217, 219, 241
 Subconsciente, 153-154
 Subjectivo, 298
 Teleologia/Direcção/Direccionismo/Finalismo, 84, 175-179, 192, 222-223
 Teoria/Prática, 255
 Tempo (científico, psicológico), 122-123, 148, 171-172, 248-249
 Universo, 82-83, 85, 90, 93, 116-117, 123, 199, 248-249, 277, 312
 Verdade, 82, 117, 191, 216, 233, 273, 276, 281
 Vida, 80, 82-83, 90, 117, 140-141, 182, 186, 188-189, 218, 233, 235-239
 Vontade, 175-176

Acabou de imprimir-se
em Setembro de dois mil e quatro.

Edição n.º 1010594

www.incm.pt
E-mail: dco@incm.pt
E-mail Brasil: livraria.camoes@incm.com.br

De há muito era reconhecida a necessidade de uma edição crítica e integral da obra de Leonardo Coimbra (1883-1936) que recolhesse, cronologicamente ordenados, todos os seus livros e textos dispersos.

A tal tarefa em boa hora decidiu meter ombros o Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa, titular, por doação da família, da biblioteca pessoal e do espólio manuscrito do filósofo portuense, sob a coordenação geral do Prof. Doutor Ângelo Alves, reputado estudioso da obra leonardina.

Os dois tomos do primeiro volume da edição agora posta à disposição do público, numa co-edição do referido Centro Regional e da INCM, contêm, além do livro *O Criacionismo* (de cujo manuscrito original, embora incompleto, se pôde dispor), toda a obra dispersa publicada pelo grande pensador e mestre no período decorrido entre 1903 e 1912, precedida de uma extensa introdução geral, da responsabilidade do coordenador geral da edição, e de um prefácio da autoria do Prof. Doutor Manuel Cândido Pimentel, da Universidade Católica Portuguesa, de quem a INCM publicou recentemente o fundamental ensaio *A Ontologia Integral de Leonardo Coimbra* (2003).

ISBN 972-27-1334-5



9 789722 713344



UNIVERSIDADE CATÓLICA
PORTUGUESA



IMPRENSA NACIONAL
CASA DA MOEDA

NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO